

Barbara Hambly – Vencer o Dragão
Traduções E Revisões RS & RTS



Vencer o Dragão

Bárbara Hambly



Título original;

Dragonsbane

1985 by Barbara Hambly





Sinopse:

Quando o dragão Morkelabel ocupou a gruta de Ylterdun expulsando todos os gnomos. O jovem Gareth se atreveu a viajar para as distantes Terras de Inverno para buscar John Aversln. Vencedor do Dragão o único homem vivo que vários anos atrás matou um dragão. Em troca da promessa do rei para enviar ajuda para as Terras de inverno. Aversin aceitou tentar novamente a proeza quase impossível de vencer um dragão. Em seus esforços conta com a ajuda de sua companheira, Jenny, uma bruxa que conhecia suas limitações e que como Aversln, não era mais jovem. Mas a realidade não tem que ser igual ao que dizem as baladas. Os heróis são no fundo, seres humanos e desta vez, deverão enfrentar o dragão, mas também a si mesmos e as intrigas da corte decadente e o poder aparentemente ilimitado da feiticeira Zyerne que mantém o rei sob um feitiço e parece perseguí-los com fins misteriosos.



Pesquisa, tradução e disponibilização: Jo Slavic

1ª Revisão: Flávia Flores

Revisão final e formatação: Leniria Santos

Comentário da 1ª revisora: ADOREI O LIVRO - É PERFEITO

APRESENTAÇÃO:

Muitos leitores acreditam que a fantasia se dirige sempre a um público adolescente e quase infantil. Em muitos casos foi assim, e esse é o tipo de leitor que se dirigem algumas das obras emblemáticas do gênero. Por exemplo, O SENHOR DOS ANÉIS, do Tolkien, foi escrita pensando precisamente nos filhos do autor, e também parecem orientadas a um público adolescente-infantil tanto a conhecida Trilogia do Terramar de Úrsula K. O Guín como outros muitos dos mais famosos livros do gênero.

Mas existe uma fantasia escrita pensando nos adultos, embora sem dúvida possa interessar também aos adolescentes. Encontramos nela tema de maior relevância que a eterna luta esquemática entre o bem e o mal que alimenta muito da fantasia que não faz mais que copiar os esquemas do Tolkien, mas, ai, sem sua efetividade nem interesse. Exemplo disso são narrativas que falam da eterna luta entre tradição e renovação, do rol social atribuído às mulheres, do despertar da sexualidade, das dificuldades de viver a liberdade e praticá-la realmente e tantos outros temas que aparecem nas múltiplas e variadas novelas da série Darkover de Marión Zimmer Bradley, que nossos leitores já tiveram oportunidade de desfrutar nesta coleção.

Mas, felizmente para os leitores adultos interessados nos temas fantásticos, Bradley não está sozinha em seu empenho. Ao contrário de muitos novelistas que fazem mais que repetir incessantemente os esquemas clássicos da fantasia *tolkieniana*, Barbara Hambly obteve em poucos anos uma grande reputação entre todo tipo de público graças a sua visão adulta da temática fantástica que, junto a sua evidente qualidade literária, levou-lhe a converter-se em uma das melhores novelistas da nova fantasia norte-americana.

VENCER O DRAGÃO é uma novela fantástica em que encontramos o clássico enfrentamento contra os dragões em um mundo medieval de estrutura feudal, no que a magia é um elemento essencial. Na novela se encontram todos os elementos que, em mãos menos hábeis

que as da Barbara Hambly, teriam se convertido na enésima cópia do trilhado modelo de Tolkien. Mas Hambly nos leva por um atalho adulto que não se detém ante o fato fantástico da mera existência dos dragões e seu caráter de ameaça à vida cotidiana. Desta vez, a escolha dos protagonistas e o tratamento do tema, sem renunciar à vertente aventureira, contribuem com certos ares de um curioso realismo, permitiu sorte nas expressões ao falar da literatura fantástica. Em VENCER AO DRAGÃO nos encontramos com personagens que não são de uma peça, que não são simplesmente estereótipos forjados em um molde, mas sim, pelo contrário, comportam-se como os seres humanos normais. Em seu caso, a luta para vencer ao dragão representa, em realidade, um enfrentamento consigo mesmo, quase um ajuste de contas pessoal em torno de suas expectativas na vida.

A narração começa quando o dragão Morkeleb, o Negro, ocupa a Gruta do Ylferdun, expulsando aos gnomos, e o jovem Gareth, levado por seu idealismo e ingenuidade, atreve-se a viajar às longínquas Terras de Inverno para procurar o John Aversin, Vencedor de Dragões, o único homem vivo que, vários anos atrás, tinha matado a um dragão. Em troca da promessa do rei de enviar ajuda às Terras de Inverno, Aversin aceitará tentar de novo a façanha quase impossível de vencer um dragão. Em seu empenho contará com a ajuda de sua companheira, Jenny, uma feiticeira pouco perita que conhece suas limitações e que, como Aversin, já não é jovem.

Como se pode ver, a anedota argumental goteja classicismo, mas o que surpreende com Barbara Hambly é sua capacidade para usar as convenções estabelecidas de forma muito pouco convencional, tal e como apontava certeiraamente Paren Miller no laudatório comentário sobre VENCER AO DRAGÃO que publicou na revista Locus. Assim, a novela destaca por sua brilhante narração de aventuras (emotivas e muito bem relatadas por certo) e certo tom entre irônico e reflexivo ao que não é alheia a profundidade da caracterização psicológica dos personagens centrais, em particular a maga Jenny.

Mas, ali, A realidade não tem por que ser igual às narradas situações que vive o jovem Gareth. Os heróis são, no fundo, seres humanos e, desta vez, deverão enfrentar o dragão, mas também a si mesmos, às intrigas de uma corte decadente e ao poder aparentemente ilimitado da maga Zyerne, que mantém ao rei sob um feitiço e parece perseguir misteriosos fins.

Por tudo isso VENCER AO DRAGÃO destaca por um tratamento amadurecido e escassamente convencional de uns temas que já são tradicionais na fantasia: a magia decadente, os gnomos expulsos de seus domínios, a avareza de um dragão pelo ouro, etc. Mas o interesse especial da novela reside neste original ponto de vista, para o qual o empenho de vencer ao dragão se converte na imperiosa necessidade dos protagonistas de triunfar sobre si mesmos.

O conjunto compõe uma brilhante novela que, em minha opinião, constitui a melhor apresentação na Espanha de uma das grandes novelistas da nova fantasia. Pelo que já li até agora, Hambly é uma autora brilhante que reúne uma grande qualidade literária e uma grande habilidade

narrativa com um certo e original ponto de vista em torno de temas talvez trilhados, mas que, em suas mãos, resultam sempre novos e sugestivos. Em breve prazo, NOVA fantasia incluirá também outros títulos desta autora, como AS SENHORAS DO MANDRYGIN, em que aborda com grande segurança e interesse o tema não menos clássico das mulheres guerreiras, a versão feminina do clássico heróico de Conan, mas, de novo, com registros inesperados e de grande atrativo. Mas isso será tema de outro comentário em um grande futuro próximo.

Já para terminar, alguns comentários sobre certas decisões que se tomaram em relação à tradução. O título original da novela é DRAGONSBANE que deve ser «o vencedor de dragões». Quisemos eliminar explicitamente o gênero no título da novela e por isso «vencedor de dragões» se converteu em VENCER O DRAGÃO. A razão é que, em inglês, DRAGONSBANE não indica o gênero de quem vence o dragão e nos pareceu adequado manter sua indefinição. Tal e como indica a tradutora, Margara Auerbach, em realidade John Aversin, o protagonista masculino, foi o «vencedor» do dragão em mais de um sentido, mas também é Jenny a que vence e, de novo, em mais de um sentido. Em minha opinião, a protagonista da novela é realmente Jenny e por isso defendi essa que poderia considerar uma ligeira modificação do título original em inglês. Em realidade não é mais que uma exagerada vontade de ser fiel ao sentido original, já que sempre foi nosso costume respeitar ao máximo a tradução literal dos títulos.

Em troca é de minha responsabilidade o não ter querido aceitar outra interessante sugestão da tradutora. Como constatará o leitor, os toponímicos e alguns outros nomes descritivos de animais ou personagens secundários (como «Terras de Inverno», «Ladeira dos curtidores», «Arruaceiro», «Dama Guerreira», etc.), foram quase sempre traduzidos porque parece importante descrever com isso seu sentido e fazê-lo explícito ao leitor em castelhano. Mas não me atrevi a fazer o mesmo com o sobrenome da protagonista que preferi manter em sua forma original, Waynest, sem utilizar a proposição «Caça Liberdade» da tradutora. Em realidade, em palavras da própria Margara Auerbach:

O sobrenome Waynest representa o conflito essencial que descreve a novela: Jenny está tratando de escolher entre o vôo, a liberdade, a magia (Way), e o lar, o amor, entrega-a a outros (nest). A adaptação que se fez desse nome quer cuidar não do sentido das palavras, mas do sentido geral desse contraste que Hambly trata como o conflito principal de qualquer mulher.

Com essa contraposição pessoal entre o próprio caminho (Way) centrado na magia, e o lar ou ninho (nest), descreve-se realmente ao personagem, e daí a sugestão do Auerbach em torno de «Caça Liberdade» que recolhe a intenção que, supostamente, quis dar a autora Barbara Hambly a seu personagem.

Mas minha pessoal aversão a traduzir os nomes dos personagens principais é muito forte para aceitar a sugestão, acertada talvez, da tradutora. Acredito que contando aqui as razões e o porquê de dita decisão é melhor (e mais ágil) manter o breve nome original (de só duas sílabas) em lugar de utilizar uma tradução que se faz indevidamente muito mais larga (quatro sílabas). Aceito por isso toda a responsabilidade e espero que, com esta nota, as possíveis intenções da autora possam ser também apreciadas pelo leitor.

E nada mais, só afirmar que nas páginas que seguem tem o leitor a seu alcance uma das melhores cria novelas de fantasia da década dos oitenta. Vocês mesmos podem comprová-lo.

MIQUEL BARCELÓ

Para Allan

1

Freqüentemente os bandidos espreitavam entre as ruínas da antiga cidade na encruzilhada. Essa manhã Jenny Waynest calculou que havia três deles.

Já não estava segura de que fora coisa de magia, talvez fosse simplesmente a habilidade, o instinto do habitante dos bosques para detectar o perigo, esse instinto que desenvolvia qualquer que tivesse chegado a adulto nas Terras de Inverno. Mas quando puxou as rédeas ao chegar aos primeiros muros em ruínas, onde sabia que ainda a ocultava a mescla de névoa outonal e penumbra matutina sob as árvores mais frondosas da selva advertiram imediatamente que as bostas de cavalo na argila úmida do caminho estavam frescas, livres da geada que ficava ao redor das folhas. Notou também o silêncio nas ruínas frente a ela: não se ouvia nem o sussurro de um coelho por entre a relva que cobria a colina que tinha ocupado a velha igreja, consagrada aos Doze Deuses que amavam os antigos reis. Pareceu-lhe cheirar a fumaça de um fogo escondido perto das

ruínas da estalagem da encruzilhada, mas as pessoas honestas teriam se aproximado diretamente, deixando pegadas nas poças de orvalho que cobriam a mata virgem aos arredores. Lua, a égua branca de Jenny, levantou as largas orelhas ao cheirar outros animais e Jenny lhe murmurou algo para que guardasse silêncio enquanto lhe alisava a desordenada crina contra o pescoço. Tinha estado procurando esses sinais antes que aparecessem.

Ficou imóvel no manto protetor da névoa e a sombra, como uma perdiz que se funde com os tons marrons do bosque.

Era um pouco como uma perdiz, escura, pequena e quase invisível nos apagados e fortuitos tecidos a quadros do norte; uma mulher robusta, forte como as raízes dos brejos nos descampados. Depois de um momento de silêncio, teceu a magia em uma corda de névoa e a projetou sobre o caminho para as ruínas da cidade sem nome.

Era algo que tinha feito desde menina, antes que o velho mago errante Caerdinn lhe ensinasse os caminhos do poder. Tinha trinta e sete anos e sempre tinha vivido nas Terras de Inverno. Conhecia o aroma do perigo. Deveria ouvir o despertar dos últimos pássaros de outono, melros e tordos, no retorcido matagal marrom de hera que ocultava pela metade as paredes da velha estalagem, mas estavam calados. Ao cabo de um momento, sentiu o aroma dos cavalos e o fedor sujo e agudo dos homens.

Certamente haveria um bandido nas ruínas da velha torre que dava aos caminhos do sul e do leste, parte das defesas da cidade, abandonada dos tempos em que a prosperidade da lei do rei lhe tinha dado algo que defender. Sempre se escondiam ali. Adivinhou que havia outro sobre as paredes da velha estalagem. Depois de uns instantes sentiu ao terceiro, que vigiava o cruzamento de caminhos do matagal amarelo de um alerce¹ desmantelado. A magia lhe trouxe o vapor de suas almas, antigas ambições e lembranças já convertidas em carniça, lembranças de uma violação ou um assassinato muito queridos que tinham dado um fulgor momentâneo de glória a vidas que se reduziam a dar e receber dor física. Jenny tinha passado toda a vida nas Terras de Inverno e sabia que esses homens não podiam evitar ser o que eram; teria que deixar de lado o ódio e a piedade que sentia por eles para poder trançar os feitiços que queria em suas mentes.

Concentrou-se mais. Pinçou com sensatez esse conjunto de lembranças, sussurrando a umas cabeças embotadas o cansaço de uma larga vigília. A menos que urdisse cuidadosamente cada ilusão e cada Limite, veriam-na quando se movesse. Logo, afrouxou a alabarda² em sua capa

¹ Também chamado **Cypress Patagônia** ou **Lahuen**. É uma árvore protegida por lei chilena, que não permite a exploração madeireira

² A **alabarda** é uma antiga arma composta por uma longa haste. A haste é rematada por uma peça pontiaguda, de ferro, que por sua vez é atravessada por uma lâmina em forma de meia-lua (similar à de um machado). É considerada a arma de infantaria mais eficaz contra invasores em fortificações e muralhas. Era por excelência a arma usada pelos guardas de castelos e palácios e ainda hoje aparece como o padrão em unidades militares históricas, mantidas para fins decorativos, com suas fardas e armaduras de época.

sobre os arreios, apertou um pouco mais a jaqueta de pele de cordeiro sobre os ombros e com um movimento quase invisível indicou a Lua que avançasse para as ruínas.

O homem da torre nunca chegou a vê-la. Através das folhas de tons vermelhos e castanhos de uma rede de espinheiros, Jenny vislumbrou dois cavalos atados detrás de uma parede caída, perto da estalagem: seu fôlego formava fumaças brancas no frio da alvorada; um momento depois, viu o bandido agachado detrás da parede destruída, um homem robusto com velhas calças gordurentas. Tinha estado vigiando o caminho, mas de repente ficou de pé e amaldiçoou. Olhou para baixo e começou a arranhá-la fundo das calças com força, muito irritado, mas não surpreso. Não viu Jenny quando passou por seu lado como um fantasma. O terceiro bandido sentado sobre seu pangaré entre uma esquina de paredes destruídas e uma linha de desiguais álamos brancos, olhava fixo para diante, perdido nos sonhos que tinha lhe enviado.

Jenny estava justo diante dele quando a voz de um moço gritou de abaixo, do caminho para o sul:

— Cuidado!

Tirou a alabarda de sua capa enquanto o bandido despertava com uma sacudida. Viu-a e soltou uma maldição. Jenny percebeu o som de cascos sobre o caminho que subia para ela: o outro viajante, pensou com raiva e amargura, cujo aviso bem intencionado tinha tirado o homem de sua sonolência. Enquanto o bandido se precipitava sobre ela, chegou a ver um jovem saindo da névoa ao galope, com a intenção evidente de resgatá-la.

O bandido ia armado com uma espada curta, mas a atacou com a parte detrás para derrubá-la do cavalo sem feri-la e poder logo violá-la. Ela o driblou com a alabarda para que baixasse a arma e logo afundou a larga lâmina nele. Apertou as pernas ao redor de Lua para receber o golpe quando a arma penetrou no ventre do bandido. O couro era duro; mas não havia metal debaixo. Tirou a lâmina enquanto o homem se dobrava sobre ela, gritando com as mãos crispadas; os cavalos saltaram inquietos com o aroma do sangue quente derramado. Antes que o homem caísse ao caminho enlodado, Jenny já tinha feito girar seu cavalo e ia ajudar o cavaleiro errante, preso em uma batalha suja, desesperada, com o bandido que tinha estado escondido detrás da parede exterior em ruínas.

O homem que tinha querido resgatá-la lutava contra a comprida capa de veludo cor rubi, presa na manga trabalhada de sua espada grande e adornada. Seu cavalo estava evidentemente melhor treinado e mais acostumado à batalha que ele: as manobras desse grande potro baio eram a única razão pela qual o moço ainda não tinha morrido. O bandido, que tinha montado em seu cavalo apenas quando o moço deu seu grito de alarme. Tinha-o arrastado de novo para os bosques de aveleiras que cresciam ao longo das pedras caídas da parede interior, e no momento em que Jenny impulsionava a Lua para a briga, a capa larga do moço se enganchou nos ramos baixos e tirou seu dono de forma vergonhosa dos arreios quando o cavalo voltou a girar.

Jenny usou seu braço como ponto de apoio de um pêndulo e levantou a lâmina da alabarda para o braço do bandido que sustentava a espada. O homem fez girar seu cavalo para enfrentar-la. Jenny viu em um segundo esses olhos, próximos um do outro como os de um porco, sob a borda de um casco de ferro sujo. Ouvia detrás os gritos do primeiro atacante. Evidentemente, seu inimigo também os ouvia, porque se agachou para evitar o primeiro golpe e deu uma bofetada na cara de Lua para fazê-la retroceder; logo, passou correndo junto a Jenny e saiu pelo caminho. Não queria lutar contra uma arma mais poderosa que a sua nem esperar ao companheiro que o tinha feito antes.

Ouviu-se um rangido breve nos bosques do brejo quando o homem que tinha estado escondido na torre fugiu entre as névoas que se desfaziam, e logo silêncio e os soluços ásperos e úmidos do bandido moribundo.

Jenny desmontou com rapidez. O jovem cavalheiro lutava ainda nos matagais como um arminho em uma bolsa, meio estrangulado por sua capa adornada e suja. Jenny usou o gancho de sua alabarda para lhe tirar a espada da mão, logo se aproximou para desenredar as dobras de veludo. Ele a golpeou com as mãos, como um homem que trata de golpear um enxame de vespas. Logo, pareceu vê-la pela primeira vez e se deteve, olhando-a com olhos grandes, cinzas, de míope.

Depois de um momento de silêncio, surpreso, limpou a garganta e desenganchou a cadeia de ouro e rubis que mantinha a capa debaixo de seu queixo.

—Er... Obrigado, senhora. —Suspirou com voz um pouco afogada e ficou de pé. Embora Jenny estivesse acostumada que as pessoas fossem mais altas que ela, o jovem parecia mais alto do que o normal —. Eu..., mm...

Tinha a pele tão loira e fina como o cabelo, que apesar de sua juventude começava a ficar ralo. Não podia ter mais de dezoito anos e seu acanhamento natural tinha aumentado pelo menos dez vezes ante a difícil tarefa de ter que agradecer por sua vida a quem tinha tentado defender galantemente.

—Minha mais profunda gratidão — disse, e fez uma elegante reverência do tipo Cisne Moribundo, que ela não tinha visto nas Terras de Inverno desde que os nobres reis partiram seguindo aos exércitos reais em sua retirada—. Sou Gareth do Magloshaldon, um viajante errante nestas terras e desejo lhes estender minhas humildes expressões de...

Jenny meneou a cabeça e o fez calar com uma mão levantada.

—Espere aqui. —E se afastou.

O moço a seguiu, curioso.

O primeiro bandido que a tinha atacado ainda jazia no barro argiloso do caminho. O sangue tinha convertido o barro em um montão de ranhuras vermelhas, salpicado de vísceras rasgadas; o aroma era terrível. O homem ainda grunhia fracamente. Contra a palidez mate da manhã nebulosa, o vermelho escarlate do sangue parecia horrendamente brilhante.

Jenny suspirou: de repente se sentia fria e cansada e suja, vendo o que tinha feito e sabendo o que ainda tinha que fazer. Ajoelhou-se junto ao homem moribundo e recolheu de novo a seu redor a quietude de sua magia. Deu-se conta de que Gareth se aproximava, as botas vadeando com ruído através da trepadeira molhada de orvalho com um ritmo rápido que se quebrou quando tropeçou sobre sua espada. De repente se sentiu furiosa; ele era quem tinha provocado todo isso. Sem esse grito, ela e o pobre e vicioso bruto moribundo teriam seguido cada um seu caminho...

E sem dúvida o homem teria metade Gareth depois de que ela se partiu. E também a outros viajantes.

Fazia muito que tinha deixado de tentar separar o mal do bem, o débito presente do condicional futuro. Se havia um esquema, uma ordem em todas as coisas, já tinha deixado de pensar que era suficientemente simples como para que ela pudesse entendê-lo. E, entretanto, sentia sua alma suja enquanto punha as mãos sobre as têmporas gordurentas, pegajosas do moribundo e riscava as runas corretas enquanto murmurava os feitiços de morte. Notou como a vida se ia desse corpo e sua boca se encheu da bÍlis do desprezo e o ódio para si mesmo.

Detrás dela, Gareth murmurou:

—Você..., ele..., está morto.

Ela ficou de pé, enquanto se sacudia o pó das saias.

—Não podia deixá-lo para as raposas e as doninhas-replicou, enquanto começava a afastar-se. Ouvia já aos pequenos animais de carniça: reuniam-se sobre o bordo de terra, por cima do corte nebuloso do caminho, atraídos pelo aroma do sangue, e esperavam impacientem a que o assassino abandonasse sua presa. A voz de Jenny era brusca: sempre tinha odiado os feitiços de morte. Tinha crescido em uma terra sem lei e tinha matado o primeiro homem aos quatorze anos, e logo a seis mais, sem contar os moribundos aos que tinha ajudado a abandonar a vida como única curadora e parteira das Montanhas Cinza ao mar. Nunca lhe parecia fácil.

Queria afastar-se desse lugar, mas MacGareth pôs uma mão sobre seu braço e a olhou, logo ao cadáver com uma espécie de fascinação nauseabunda. Nunca tinha visto a morte, pensou ela. Ao menos não desta forma crua e primitiva. O veludo verde pêra de seu espartilho manchado pela viagem, o trabalho em ouro de suas botas, o bordado apertado de sua camisa franzida e as cristas elaboradas e ligeiras de seu cabelo de pontas verdes proclamavam que pertencia à corte. Todas as coisas, inclusive a morte, faziam-se sem dúvida com certo estilo no lugar de onde vinha.

Engoliu seco de repente.

—É... É uma bruxa...

Um extremo da boca de Jenny se moveu apenas. Disse:

—Sim.

Separou-se dela com medo, logo vacilou e se apoiou em uma árvore jovem para sustentá-lo. Jenny viu então que entre as navalhadas decorativas da manga do espartilho tinha uma abertura mais feia e a camisa que se via por debaixo estava úmida e escura.

—Estarei bem — protestou ele com voz débil quando viu que se aproximava para sustentá-lo—. Apenas necessito... — Fez um esforço em vão para liberar-se da mão que lhe tendia e caminhar. Os olhos míopes olhavam com esforço os redemoinhos de folhas soltas, profundos até o joelho, que cobriam o caminho.

—O que precisa é sentar. —Levou-o até um marco quebrado e o obrigou a sentar-se e lhe desabotoou os broches de diamante que mantinham a manga contra o corpo do espartilho. A ferida não parecia profunda, mas sangrava muito. Jenny soltou as tiras de couro que sujeitavam sua cabeça negra para fazer um torniquete. Ele se queixou e ofegou e tratou de desatá-lo enquanto ela arrancava uma tira da bainha do vestido para usá-la como vendagem. Golpeou-lhe os dedos como a um menino. Ao cabo de um momento, tratou de levantar-se.

—Tenho que encontrar...

—Eu os encontrarei — disse Jenny com firmeza, que já sabia o que ele estava procurando. Terminou de lhe enfaixar a ferida e foi até os arbustos de aveleiras nos que tinham lutado Gareth e o bandido. A luz geada do dia se refletia com força entre as folhas. Encontrou os óculos, dobrados e retorcidos, com o fundo de um das lentes redondos decorado com uma ruptura em forma de estrela. Tirou-lhes o pó e a umidade e os colocou.

—Agora — disse, enquanto Gareth tratava de ficar os com as mãos trementes de debilidade e espanto— é necessário que alguém olhe esse braço. Posso te levar...

—Senhora, não tenho tempo. —Olhou-a, piscando um pouco para defender do brilho cada vez maior do céu—. Estou em meio de uma busca, uma busca da maior importância.

—É o suficientemente importante para que te arrisque a perder o braço se a ferida gangrenar?

Como se algo assim não pudesse lhe passar e ela só necessitasse um pinga de inteligência para dar-se conta, continuou, ansioso e decidido:

—Estarei bem, seguro. Procuro lorde Aversin, Vencedor de Dragões, barão do Alyn e senhor de Wyr, o maior dos cavaleiros que tenham cavalgado pelas Terras de Inverno. Ouviu falar dele por aqui? Alto como um anjo, formoso como uma canção... Sua fama chegou até o sul como se pulveriza a água das inundações na primavera, o mais nobre dos cavaleiros... Tenho que chegar ao Alyn antes que seja muito tarde.

Jenny suspirou, exasperada.

—Exatamente — disse —. É Alyn aonde vou levar-te.

Os olhos míopes lhe saltavam das órbitas e a boca lhe abriu com assombro.

—A Alyn? Sêrio? Está perto daqui?

—É o lugar mais próximo em que podemos ver esse braço — disse ela —. Pode montar?

Embora tivesse estado morrendo, pensou Jenny, divertida, o moço teria saltado sobre seus pés como o fez.

—Sim, é obvio. Eu..., conhecem lorde Aversin, então?

Ficou calada por um momento. Logo, disse com suavidade:

—Sim, sim. Conheço-o.

Reuniu os cavalos, a alta e branca Lua e o grande potro baio, cujo nome, segundo Gareth, era Martelo de Batalha. A pesar do cansaço e a dor da ferida mal enfaixada, Gareth avançou para lhe oferecer uma ajuda totalmente desnecessária para montar. Enquanto subiam sobre as ladeiras rochosas e rasgadas para evitar o cadáver do bandido nas lacunas fedorentas de barro, Gareth perguntou:

—Se..., se for uma feiticeira, minha senhora, por que não brigou com magia em lugar de usar uma arma? Não sei talvez lhes atirar fogo ou convertê-los em rãs ou deixá-los cegos?

Tinha-os deixado cegos de certo modo, pensou Jenny com amargura, ao menos até que ele gritou.

Mas disse somente:

—Porque não posso...

—Por razões de honra? —perguntou ele duvidoso—. Porque há situações às que a honra não se aplica...

—Não. —Ela o olhou de esguelha através da surpreendente mata de cabelo solto—. É só que minha magia não é tão poderosa.

E apressou a égua para entrar sob as sombras vaporosas dos ramos pendentes, nuas, da selva.

Inclusive depois de todos esses anos admiti-lo, ainda lhe oprimia a garganta quando o dizia. Tinha aceitado sua falta de beleza, mas nunca a falta de jeito na única coisa que sempre tinha desejado. O que podia fazer era fingir que o aceitava, como agora.

No mesmo nível chão, a névoa se enroscava ao redor dos cascos dos cavalos; através dos vapores úmidos, as raízes das árvores saíam das bordas do caminho como braços de cadáveres ao meio enterrados. O ar era denso e cheirava a terra e de vez em quando, dos bosques, por cima deles chegava um rangido furtivo de folhas mortas, como se as árvores estivessem tramando algo na névoa.

—Viram-no..., viram-no matar o dragão? —perguntou Gareth, depois de cavalgar em silêncio durante uns minutos—. Contariam-me isso? Aversin é o único Vencedor de Dragões vivo o único homem que tenha matado a um dragão. Há canções sobre ele em todas as partes, sobre sua coragem e suas nobres façanhas... Esse é meu passatempo, canções, quero dizer, criar baladas sobre os Vencedores de Dragões, como Selkythar o Branco em tempos do reinado da Ennyta o Bom

e Antara Dama Guerreira e seu irmão durante as Guerras de Família. Dizem que seu irmão matou... —Pela forma em que se deteve, Jenny adivinhou que tivesse seguido falando dos grandes Vencedores de Dragões do passado durante horas, mas era evidente que alguém lhe havia dito que não aborrecesse as pessoas com esse tema—. Sempre quis ver isso..., um verdadeiro Vencedor de Dragões, um combate glorioso. A fama de Aversin deve cobri-lo como um manto de ouro.

E para surpresa de Jenny, começou a cantar com voz de tenor, suave e oscilante:

Cavalgando na ladeira, brilhante
Como a chama da luz do sol dourada e ardente;
Com a espada de aço forte na mão,
Rápidos como o vento sobre a terra os cascos,
Alto como um anjo, forte como um potro,
Firme como um deus, brilhante como o canto...

À sombra do dragão, as moças choravam,
Pálidas como margaridas na escuridão guardadas.
—Reconheço-o de longe: alto sem par,
Suas plumas tão brilhantes como a raiva do mar
—disse-lhe ela a sua irmã—, não tema nada...

Jenny desviou a vista. Sentia que algo se revolia dentro de sua mente ao pensar no Dragão Dourado de Wyr.

Recordava-o como se tivesse acontecido ontem e em realidade, apesar de que já tinham transcorrido dez anos do alto resplendor de ouro no céu desacordado do norte, do mergulho de fogo e sombra, dos moços e moças gritando sobre o chão que se movia em Grande Toby. Sabia que eram lembranças que deveriam ter estado tintos só de horror; sabia que deveria haver sentido só alegria pela morte do dragão. Mas o gosto de uma pena e uma desolação sem nome voltava para ela, mais forte que o horror, desde esses dias, com o aroma metálico do sangue do dragão e a canção que parecia tremer no ar comovido...

O coração lhe oprimia. Disse com frieza:

—Em primeiro lugar, dos dois meninos que se levou o dragão, John só conseguiu salvar com vida ao moço. Acredito que a menina morreu pelos aromas e os gases do ninho do dragão. Era difícil dizê-lo pelo estado do corpo. E se não tivesse estado morta, tampouco teria tido forças para fazer discursos sobre o aspecto de John, inclusive no caso de que John tivesse chegado realmente galopando pela colina, coisa que não fez, com toda lógica.

—Ah, não? —Quase podia ouvir como se quebrava uma imagem na mente do moço.

—Claro que não. Se o tivesse feito, teria morrido imediatamente.

—Então, como...?

—Da única forma que lhe ocorreu para lutar contra um pouco tão grande e tão bem armado. Fez-me fabricar o veneno mais poderoso que conhecesse e empapou os arpões nele.

—Veneno? —Uma baixaza semelhante rasgava o coração de Gareth, isso era evidente—. Arpões? Sem espada?

Jenny meneou a cabeça, sem saber se sentia-se divertida pela expressão de desilusão do moço, exasperada pela forma em que falava do que para ela e centenas de outros tinha sido uma época de horrores de pesadelo e insônia, ou compassiva como uma irmã maior pela inocência de alguém que acreditava que se podia levantar uma lâmina de metal de um metro contra oito metros de morte, fogo e escamas venenosas.

—Não — disse somente—. John subiu pelo saliente do barranco no que tinha aninhado o dragão. Não era uma cova, além disso, não há covas tão grandes nestas colinas. Golpeou-lhe as primeiras asas para que não pudesse voar e cair sobre ele por cima. Usou arpões envenenados para fazê-lo mais lento, mas o rematou com uma tocha.

—Uma tocha? —exclamou Gareth, totalmente surpreso—. Ê..., é o mais horrível que ouvi em minha vida. Onde está a glória em algo assim? Onde está a honra? Ê como machucar ao oponente em um duelo para deixá-lo inválido! Ê fazer armadilha!

—Não estava em um duelo — assinalou Jenny—. Se um dragão voar, o homem está perdido.

—Mas não é honorável! —insistiu o moço com paixão, como se com isso o houvesse dito tudo.

—Talvez se tivesse estado brigando com um homem que o tivesse desafiado com honra..., coisa que John não tem feito nunca. Até quando briga com bandidos é conveniente atacar pelas costas se eles forem mais. Como único representante da lei do rei nestas terras, eles sempre são mais que ele. Um dragão mede mais de seis metros e pode matar a um homem com um só golpe de cauda. Você mesmo disse —adicionou ela com um sorriso— que há situações nas que a honra não pode se ter em conta.

—Mas isso é diferente! —disse o moço com pena e guardou um silêncio desiludido.

O chão se elevava sob os cascos dos cavalos; as paredes do túnel de névoa através do qual cavalgavam começavam a terminar-se. Mais à frente, podiam-se ver vagamente as formas chapeadas das colinas redondas. Quando saíram de entre as árvores, os ventos caíram sobre eles e limpavam as névoas e cheiraram as roupas e as caras como cães bem treinados. Jenny tirou o cabelo dos olhos e fitou o rosto de Gareth que examinava os descampados ao seu redor. Era uma cara cheia de surpresa, desilusão e curiosidade, como se nunca tivesse esperado encontrar o seu herói nesse mundo triste sem rastros, esse mundo de musgo, água e pedra.

Quanto Jenny, esse mundo deserto a comovia estranhamente. O descampado se estendia centenas de quilômetros ao norte para as bordas congeladas do oceano; conhecia cada um das curvas dessa paisagem de granito, cada turbera³ negra e cada terreno baixo onde cresciam os brejos nos breves verões; tinha seguido os rastros de lebres, raposas e ratos de campo durante três décadas de neves de inverno. O velho Caerdinn, meio louco por inclinar-se sobre os livros e lendas dos dias dos reis, recordava o tempo em que estes tinham retirado suas tropas e seu amparo das Terras de Inverno para brigar em guerras pela soberania do sul; zangou-se com Jenny quando ela falou da beleza que via nessas extensões selvagens, chapeadas, de rocha e vento. Mas às vezes, a amargura de Caerdinn se agitava na própria Jenny quando trabalhava para salvar a vida de um menino da aldeia cuja enfermidade estava além de seu diminuto poder e não havia nada em nenhum livro que tivesse lido que pudesse lhe dizer como fazê-lo, ou quando os Bandidos do Gelo chegavam deslizando-se pelas geleiras nos invernos brutais e queimavam os celeiros por todos os lados e matavam o gado que só podia alimentar-se com a pouca palha que havia nesses celeiros. Entretanto, essa mesma falta de poder lhe tinha ensinado a desfrutar das pequenas alegrias e as belezas duras, e dos esquemas simples, eternos da vida e a morte. Não era algo que pudesse explicar; nem ao Caerdinn, nem a esse moço, nem a ninguém.

Finalmente, disse com suavidade:

—John nunca teria atacado o dragão, Gareth, se o animal não o tivesse forçado a fazê-lo. Mas como barão de Alyn, como senhor de Wyr, é o único homem nas Terras de Inverno treinado para as artes da guerra. Por isso é o senhor. Brigou contra o dragão como tivesse brigado contra um lobo, brigou contra uma praga que estava fazendo mal ao seu povo. Não tinha alternativa.

—Mas um dragão não é praga! —protestou Gareth—. É o desafio mais honorável e maior à valentia de um verdadeiro cavaleiro. Certamente está equivocada! Não pode ter brigado só por dever. Não é possível!

Em sua voz havia tanto desejo de acreditar que Jenny o olhou por cima do ombro, curiosa.

—Não — aceitou —. Um dragão não é uma praga. E esse era verdadeiramente formoso. —A voz lhe abrandou com a lembrança, apesar da neblina horrenda de morte e medo de seu esplendor anguloso, raro —. Não era dourado, como fala sua canção, mas sim de uma cor quase âmbar, que ia para o castanho ao longo de seu lombo e para o marfim em seu ventre. Os desenhos das escamas sobre seus flancos eram como o bordado de lantejoulas de um par de sandálias; como um arco-íris bordado, tudo em sombras de púrpura e azul. A cabeça era como uma flor; os olhos e as faces rodeados de escamas como cintas de cores e com antenas como as de um caranguejo, adornadas com borlas de gemas. Matá-lo foi um açougue.

³ Um tipo de pantanal ácido em que a matéria orgânica acumulada é na forma de turba. Turbeiras são geralmente produzidas nas bacias, lagos, geleiras preenchidos com material vegetal decomposto.

Rodearam o ombro de um penhasco. Abaixo, como uma ruptura na paisagem fria de granito, estendia-se uma linha quebrada de campos castanhos onde as névoas jaziam como travessas de lã suja sobre o resto da colheita. Um pouco mais afastado havia um casario, desordenado e sujo sob o manto azulado da fumaça de madeira e o aroma do lugar vagava sobre os ventos congelados: o perfume de sabão fervendo; um fedor quase invisível a desperdícios humanos e animais; a doçura podre, nauseabunda da cerveja que fermenta. O latido dos cães saiu a recebê-los como tangido de sinos no ar. Em meio de tudo havia uma torre grossa, obviamente resto de uma fortificação maior.

—Não — disse Jenny com suavidade—, o dragão era uma criatura formosa, Gareth. Mas também era a menina que ele levou a seu ninho e que matou. Tinha quinze anos..., John não quis que seus pais vissem os restos.

Bateu contra os flancos de Lua e começou a descer pelo caminho de argila úmida.

—Esta é a aldeia onde vocês vivem? —perguntou Gareth quando se aproximaram dos muros.

Jenny negou com a cabeça enquanto tratava de tirar de sua mente o matagal amargo e confuso das lembranças da morte do dragão.

—Minha casa está a uns nove quilômetros daqui, em Colina Gelada. Vivo sozinha. Minha magia não é grande; necessito silêncio e solidão para estudá-la. — E adicionou com dor —: Embora não tenho nenhum dos dois. Sou parteira e curadora de todas as terras de lorde Aversin.

—Chegaremos logo a suas terras?

O moço tinha a voz insegura e Jenny o olhou preocupada e viu quão pálido parecia e como o suor corria pelas bochechas afundadas levemente douradas apesar do frio.

—Estas são as terras de lorde Aversin.

Levantou a cabeça para olhá-la, assustado.

—Estas? — Olhou a seu redor os campos lamacentos os camponeses que se gritavam uns aos outros enquanto recolhiam a última colheita de grão, as águas cobertas de gelo do fosso que rodeava o aterro de escombros e as manchas das pedras da parede meio ruídas —. Então, esta é uma das aldeias de lorde Aversin?

—Isto — disse Jenny com tranquilidade enquanto os cascos dos cavalos retumbavam no vazio da madeira da ponte elevadiça— é Alyn.

A cidade que bulia dentro da cortina do muro... —um muro construído pelo avô do senhor desse momento, o velho James Cabeça de Ferro, como medida temporária de segurança— era de uma pobreza infinita. Através do arco que ficava abaixo da quadrada casa de guarda se viam casas amontoadas em desordem ao redor do muro do forte, como se esse edifício maior as tivesse

semeado. O forte estava construído com pedras e escombros sobre os alicerces do muro exterior baixo, coberto com palha dos juncos do rio e decaído pela idade. Da janela da torre, a velha Peg, a guardiã, tirou a cabeça e suas largas tranças castanhas manchadas de cinza penduraram como fragmentos de uma corda e se dirigiu a Jenny:

—Tem sorte — disse no tom profundo e baixo da fala do norte —. Meu senhor voltou ontem à noite depois de percorrer os territórios. Está por aqui.

—Não estava..., não estava falando de lorde Aversin? —murmurou Gareth, escandalizado.

As sobrelhas de meia lua de Jenny se curvaram para cima.

—É o único senhor que temos.

—Ah. —Ele piscou, tratando de fazer outro ajuste mental—. Percorrendo os territórios?

— Territórios de suas terras. Faz patrulhas quase todos os dias, ele e homens voluntários das tropas. —Jenny viu como a cara de Gareth se derrubava e adicionou com amabilidade—: Nisso consiste ser um senhor.

—Não é verdade! — disse Gareth—. Ser um senhor é cavalheirismo e honra e... — Mas ela já tinha cavalgado adiante, fora da escuridão negra da passagem da porta e para a luz fria do sol na praça.

Apesar do ruído e das murmurações, Jenny sempre tinha gostado da aldeia de Alyn. Tinha sido seu lar de infância; a casinha de pedra em que tinha nascido e onde ainda viviam sua irmã e seu cunhado — embora o marido de sua irmã não quisesse que lhe recordassem que eram parentes — ainda estava no fundo da rua, contra o muro. Talvez essa gente trabalhadora, com suas pequenas vidas limitadas pelo ritmo das estações, olhava-a com temor, mas ela conhecia suas vidas só um pouco menos intimamente do que conhecia a sua própria. Não havia uma só casa na aldeia em que não tivesse assistido a uma mulher em um parto ou atendido a um doente ou brigado contra a morte em uma das mil formas que tomava nas Terras de Inverno; conhecia-os, a todos eles e às formas largas e intrincadas de suas dores e alegrias. Enquanto os cavalos chapinhavam pelo barro e pela água estancada para o centro da praça, viu como Gareth olhava a seu redor com desalento mal dissimulado, os porcos e galinhas que compartilhavam de forma amistosa o lugar fedorento com bandos de meninos gritalhães. Uma rajada de vento sacudiu a fumaça da forja sobre suas cabeças, e com ele chegou uma onda leve de calor e um fragmento da canção obscena do Muffle, o ferreiro; em um terreno próximo a roupa pendurada se balançou com ruído, e em outro, Deshy Werville, cujo bebê de três meses tinha vindo ao mundo pelas mãos de Jenny, ordenhava uma de suas amadas vacas, colocada pela metade na porta de sua choça. Jenny viu como o olhar desgostado de Gareth se detinha no templo meio ruído, com suas imagens primitivas e torpes dos Doze Deuses, quase indistinguíveis um do outro na penumbra, e logo passava à cruz redonda da Terra e o Céu esculpida nas pedras de tantas chaminés da aldeia. As costas do moço se esticaram um pouco ante essa evidência de paganismo, e seu lábio superior

pareceu alargar-se ao ver o chiqueiro construído junto a um dos muros do templo e o par de porquinhos vestidos de couro e tecido quadriculado, que se recostavam contra as madeiras da cerca, conversando e fazendo intrigas.

—Claro que os porcos vêem o clima — dizia um deles, enquanto estirava um pau num ataque baixo para arranhar o lombo do porco com uma enorme pelagem negra que repousava dentro do chiqueiro —. Está em *Sobre a granja* de Clivy, mas também os vi fazê-lo. E são muito, mas muito inteligentes, mais que os cães. Minha tia Mary, recorda a Mary? Estava acostumada a treiná-los desde que eram pequenos e tinha um, branco, que lhe buscava os sapatos.

—Ah, sim? —disse o segundo porquinho, enquanto coçava a cabeça. Jenny se deteve seu lado; Gareth esperava impaciente junto a ela.

—Sim. —O homem mais alto lançou beijos à porca que levantou a cabeça para lhe responder com um grunhido profundo de afeto infinito—. Diz nas *Seleções* do Polyborus que os Velhos Cultos adoravam ao porco e não como um demônio, como falava o padre Hiero, mas sim como à Deusa Lua. —Empurrou os óculos de armação de aço um pouco mais acima na ponta de seu largo nariz, um gesto curiosamente profissional para um homem afundado até os joelhos na sujeira de chiqueiro.

—Sério? —perguntou o outro com interesse—. Agora que me diz isso, esta boa porca, quando era jovem e brilhosa, claro tinha descoberto como abrir a porta e saía a procurar... Ah! — Fez uma reverência rápida ao ver o Jenny e ao furioso Gareth sentados em silêncio sobre suas monturas.

O mais alto deu a volta. Quando os olhos castanhos que havia detrás das lentes se encontraram com os de Jenny, perderam sua habitual expressão de retração e acanhamento e se fundiram de repente em um brilho travesso. O homem era de estatura mediana, pouco atrativo, peludo e sem barbear, embainhado em sua desalinhada roupa de couro escuro, com o velho espartilho de pele de lobo sustentado por pedaços de metal e tiras de cadeia para proteger as juntas..., depois de dez anos, perguntou-se Jenny, o que havia nele que ainda a enchia de uma alegria tão absurda?

—Jen. —Sorriu e lhe estendeu as mãos.

Ela tomou e se deslizou dos arreios da égua branca para seus braços, enquanto Gareth olhava com desaprovação, impaciente por continuar com sua busca.

—John — disse ela e se voltou para o moço—, Gareth do Magloshaldon..., apresento-o lorde John Aversin, o Vencedor de Dragões de Alyn.

Por um instante, Gareth ficou absolutamente mudo. Permaneceu sentado durante um momento, olhando, atônito e confundido como se o tivessem golpeado na cabeça; logo desmontou com tanto apuro que teve que agarrar o braço machucado com um gemido. Era como se em todas suas fantasias alimentadas pelas canções, em todos seus sonhos de conhecer o Vencedor de

Dragões, nunca lhe tivesse ocorrido que seu herói estaria de pé, para não dizer afundado até os tornozelos no barro, junto ao chiqueiro do povo. Seu rosto era prova evidente de que, embora medisse mais de um metro oitenta e devia ser mais alto do que qualquer um que conhecesse, nunca tinha ligado isso com o fato de que a menos que seu herói fora um gigante, certamente era mais baixo que ele. E as baladas, pensou Jenny, tampouco mencionavam as lentes.

Gareth seguia sem falar. Aversin, que interpretava seu silêncio e o olhar que havia em seu rosto com sua exatidão diabólica de sempre, disse-lhe:

—Mostraria minhas feridas da luta com o dragão para te demonstrar que sou Aversin, mas estão em um lugar que não se pode exibir em público.

A cortesia de Gareth devia valer um império — e também o estoicismo⁴ especial dos homens da corte, supunha Jenny — para que inclusive sob a impressão mais forte de sua vida e a dor do braço ferido, pudesse fazer uma reverência muito acreditável como saudação. Quando se endireitou de novo, ajustou-se a capa com uma espécie de orgulho machucado, empurrou os óculos torcidos um pouco mais sobre a ponte de seu nariz e disse em uma voz que tremia, mas tinha uma firmeza interior inegável:

—Lorde Aversin, Vencedor de Dragões, cavalguei até aqui do sul com uma mensagem para você do rei, Uriens de Belmarie. —Essas palavras pareceram lhe dar forças e voltou para a sonoridade heráldica das baladas com suas espadas de ouro e suas plumas brilhantes, apesar do aroma do chiqueiro e a chuva leve e fria que tinha começado a cair—. Lorde Aversin, fui enviado para lhes levar ao sul. Chegou um dragão que destrói a cidade dos gnomos na Gruta do Ylferdun; agora está ali, a vinte quilômetros de Bel, a cidade do rei. Este lhes roga que vades matar o dragão antes que destrua toda a região.

O moço se endireitou ao ficar livre de sua missão, com um aspecto de serenidade nobre de mártir em sua cara, muito parecido a alguém tirado de uma balada, pensou Jenny. Logo, como todo bom mensageiro de canções, derrubou-se sem conhecimento e caiu sobre o barro líquido, cheio de esterco.

⁴ O **estoicismo** é uma doutrina filosófica que afirma que todo o universo é corpóreo e governado por um Logos divino (noção que os estóicos tomam de Heráclito e desenvolvem). O **estoicismo** propõe viver de acordo com a lei racional da natureza e aconselha a indiferença (*apatheia*) em relação a tudo que é externo ao ser. O homem sábio obedece à lei natural reconhecendo-se como uma peça na grande ordem e propósito do universo.

A chuva golpeava monótona e sem interrupção sobre as paredes da torre ruída de Forte Alyn. A única habitação de hóspedes do forte nunca tinha sido muito luminosa e embora era só meia tarde, Jenny fez aparecer uma bola opaca de luz mágica azulada para iluminar a mesa em que tinha estendido o conteúdo de sua bolsa de remédios; o resto do pequeno cubículo estava em penumbra pelas cortinas de escuridão.

Na cama, Gareth dormia intranquilo. O ar tinha um aroma doce graças aos fantasmas das fragrâncias de ervas trituradas e secas já fazia muito tempo. A luz mágica fazia sombras finas, granuladas ao redor das múmias dissecadas das raízes e as vagens pulverizadas nos círculos que Jenny tinha esboçado. Lentamente, runa por runa, trabalhou sobre elas nos feitiços de cura, cada um com seu próprio Limite para impedir uma cura muito rápida que pudesse fazer mal ao corpo em geral; os dedos riscavam pacientemente os signos, a mente conjurava as qualidades do universo particular de cada um, como fios separados de uma música não ouvida. dizia-se que os grandes magos podiam ver o poder das runas que teciam brilhando como fogo frio no ar sobre os pós de cura e sentir o toque desse poder como uma luz de plasma saindo das pontas dos dedos.

Depois de anos de meditação silenciosa, Jenny tinha chegado a aceitar que para ela, a magia era uma profundidade e uma quietude, mais que o brilho em movimento que sentiam os grandes. Era algo com o que nunca se reconciliaria de tudo, mas ao menos essa atitude de aceitação lhe impedia de sentir o ressentimento que bloquearia os poucos poderes que realmente tinha. Dentro de seus limites estreitos, sabia que trabalhava bem.

A chave da magia é magia, dizia Caerdinn. Para ser mago, terá que sê-lo. Não há tempo para outra coisa se a gente quer chegar ao limite de seu poder.

Assim que ela ficou na casa de pedra da Colina Geada depois da morte de Caerdinn, estudando seus livros e medindo as estrelas, meditando no círculo meio ruído das velhas pedras que se elevavam sobre o topo da colina lá encima. Com o passar dos anos, seus poderes tinham crescido com a meditação e o estudo, embora nunca até alcançar os do professor. Era uma vida que a tinha deixado satisfeita. Não tinha desejado outra coisa que a luta paciente por aumentar seus poderes, enquanto curava a outros quando podia e observava a chegada e a partida das estações.

Logo, tinha chegado John.

Os feitiços se acabaram. Durante um tempo, houve silêncio no ar como se cada tijolo do lar e cada sombra dos madeiros, a fragrância do fogo de madeira de macieira e o tinido gutural da chuva se preservaram em âmbar durante milhares de anos. Jenny pôs os poderes dos feitiços em uma tigela e elevou a vista. Gareth a observava com medo da escuridão da cama acortinada.

Ela ficou de pé. Quando se aproximou do moço, este retrocedeu a cara pálida cheia de severidade e desprezo:

—É seu amante!

Jenny se deteve o ouvir o ódio nessa voz débil. Logo disse:

—Sim. Mas não é teu assunto.

Ele desviou a vista, tremendo e ainda adormecido.

— É igual a ela — murmurou com debilidade—. Igual a Zyerne...

Ela se adiantou de novo. Não sabia se tinha ouvido bem...

—Quem?

—Apanhaste-o com seus feitiços..., afundaste-o no barro — murmurou o moço e soluçou com a febre. Ignorou a repulsão que sentia para ele e se aproximou do seu lado, preocupada, para lhe tocar as mãos e o rosto. Depois de um momento, ele deixou de opor sua débil resistência e voltou a cair no sonho. Não tinha a pele nem quente nem fria em excesso; o pulso era firme e forte, mas ainda se retorceu e murmurou algo —. Nunca, nunca... Feitiços..., dominaste-lhe com feitiços... Obrigaste-lhe a amar com sua magia... —As pálpebras lhe fecharam.

Jenny suspirou e se endireitou, olhando a cara ruborizada e inquieta.

—Oxalá tivesse usado meus feitiços com ele... —murmurou—. Então poderia nos liberar aos dois se tivesse a coragem necessária...

Sacudiu as mãos na saia e desceu pela estreita escuridão das escadas da torre.

Encontrou John em seu estúdio, uma habitação bastante grande, embora lotada de livros. Em sua maioria, eram volumes antigos, abandonados no forte pelos exércitos que partiram ou recuperados dos porões dos quartéis do sul, completamente queimados pela guerra. Comidos pelos ratos, negros de mofo, ilegíveis pelas manchas de umidade, cobriam cada prateleira do labirinto de placas de madeira que abrangia duas paredes e logo caíam como lixo sobre a larga mesa de carvalho até o chão nos cantos. Viam-se páginas de notas entre as folhas e sobre as tampas; tinham sido copiadas por John nas noites de inverno. Entre elas, ao azar, viam-se as ferramentas de um escriba: punções e plumas, facas e tinteiros, pedra-pome e outras coisas estranhas: tubos e tenazes de metal, níveis e prumos, pêndulos e espelhos ustórios, ímãs, cascas de ovos, pedaços de rocha, flores secas e um relógio médio desarmado. Uma rede vasta de elevador de carga e polias ocupava as vigas de um rincão e centenas de velas pela metade se amontoavam em cada um das

prateleiras e sobre o batente. A habitação era um ninho de urraca⁵, ladra de conhecimentos, a casa de um incompetente para quem o universo era uma grande loja de brinquedos de objetos estranhos e curiosos. Sobre a lareira, como um pinheiro gigante de ferro, pendurava a ponta da cauda do dragão de Wyr, meio metro de comprimento e vinte e dois centímetros de largura, coberto de escamas marfim, agudos.

John estava junto à janela, e, através de um vidro grosso instalado sobre um bastidor muito usado e arrumado, olhava para o norte as terras desertas, onde se fundiam com o céu machucado e meio derrubado. Tinha a mão apertada contra suas costelas onde a chuva fazia pulsar os ossos que tinha destroçado a ponta da cauda do dragão.

Embora o couro suave de cervo das botas de Jenny não fazia som algum sobre a pedra áspera do chão, John levantou a vista quando ela entrou no quarto. Seus olhos a saudaram com um sorriso, mas ela só reclinou o ombro contra a pedra que sustentava a porta e perguntou:

— E então?

Ele olhou para o teto, para onde estava deitado Gareth.

—O que? De nosso pequeno herói e seu dragão? —Um sorriso tremeu nos extremos de sua boca magra, sensível, logo desapareceu como a rápida luz do sol em um dia nublado—. Matei a um dragão, Jenny, e quase acaba comigo. Se me prova com a idéia de que façam mais formosas baladas sobre mim, acredito que deixarei passar a oportunidade.

O alívio e a lembrança súbita da balada de Gareth a fizeram rir enquanto entrava na habitação. A luz esbranquiçada das janelas se enganchava em cada uma das gretas das mangas de couro de John. Adiantou-se para ela e se inclinou para lhe beijar os lábios.

—Nosso herói não terá feito o caminho só desde Bel?

Jenny meneou a cabeça.

—Disse-me que tomou um navio do sul até o Eldsbouch e logo cavalgou para o leste.

—E tem sorte de ter chegado tão longe — assinalou John e a beijou de novo, agarrando-a pelos quadris com mãos calorosas —. Os porcos estiveram inquietos todo o dia, levavam partes de palha na boca. Voltei ontem após percorrer os territórios pela forma em que se comportavam os corvos sobre Colinas da Retama. Faltam duas semanas, mas me parece que esta vai ser a primeira tormenta de inverno. As rochas do Eldsbouch comem os navios. Sabe? Dotys diz no tomo três de suas Histórias..., ou é nessa parte do tomo cinco que encontramos no Ember?..., Ou no Clivy?..., que houve um quebra-mar, ou porto para embarcações no litoral nos dias dos reis. Era uma das maravilhas do mundo, diz Dotys..., ou Clivy, mas não posso encontrar em nenhuma parte uma menção de como se construiu. Um dia destes penso levar um bote lá e ver o que posso encontrar na boca do porto, sob a água...

⁵ É uma ave que possui um comportamento extremamente inteligente e astuto. São atraídas por coisas que brilham e em seus ninhos já foi encontrado até mesmo jóias, por isso seus ninhos são conhecidos como guarda-tesouros.

Jenny tremeu porque sabia que John era capaz de levar a cabo essa investigação. Ainda não tinha esquecido seus experimentos com canos de água nem a casa de pedra que ele tinha feito voar em pedaços depois de ler, em uma história qualquer, que os gnomos usavam pólvora para cavar túneis em suas Grutas.

Houve uma comoção súbita na escada da torre e vozes trementes que discutiam:

—Claro que é! —

E logo:

—me solte!

Seguiu um rumor de luta e um momento depois um menino robusto, ruivo de uns quatro anos entrou como um estalo na habitação em um redemoinho de tecido xadrez e pele de ovelha imunda, seguido imediatamente por um moço magro, de cabelo escuro, de uns oito. Jenny sorriu e estendeu as mãos para eles. Os meninos se jogaram contra ela; mãos pequenas, sujas, aferraram-se com delícia a seu cabelo, sua camisa e as mangas de sua bata, e sentiu de novo a onda de alegria ridícula, ilógica que subia por seu corpo quando estava com eles.

—E como estão meus pequenos bárbaros? —perguntou em uma voz indiferente que não enganou a nenhum dos dois.

—Bem..., estamos bem, mamãe — disse o maior, obstinado à cor azul desbotada da saia de sua mãe —. Eu me levei bem. Adric não.

—claro que sim — replicou o mais jovem, a quem John tinha levantado em braços—. Papai teve que bater em Ian.

—Ah, sim? — Ela sorriu aos olhos azuis de seu filho maior, olhos de pestanas pesadas e inclinados como os de John, mas de uma cor tão azul celeste como os de Jenny —. Sem dúvida o merecia.

—Pegou-lhe com um chicote grande — esclareceu Adric, miserável por seu próprio conto —. Cem vezes.

—Sério? —Ela olhou John com uma expressão de pergunta não muito curiosa no rosto—. Todo de um puxão ou descansou um momento?

—De uma vez— replicou John com tranquilidade—. E não me pediu piedade, nem sequer uma vez.

—Bom menino. — Ela acariciou o cabelo negro e duro do Ian, e ele se retorceu e riu satisfeito ante a solene mentira.

Os moços tinham aceitado fazia já muito tempo o fato de que Jenny não vivesse no forte, como faziam as mães de outros meninos; o Senhor do Forte e a Maga de Colina Geada não tinham por que comportar-se como outros adultos. Como cachorrinhos que toleram a vigilância de um criador de cães, os moços desdobravam um afeto obrigado para a estóica tia de John, Jane, que os cuidava e, segundo ela, mantinha-os longe dos problemas quando John estava cuidando das terras

e Jenny vivia longe em sua própria casa na colina, perseguindo as solidões de sua arte. Mas era ao pai quem reconheciam como autoridade e sua mãe, como fonte de amor.

Tinham começado a contar a Jenny, em um dueto excitado e não muito coerente, como tinham apanhado uma raposa quando se voltaram para ouvir a porta sendo aberta com violência. Gareth estava ali, pálido e cansado, mas vestido com suas próprias roupas de novo; as bandagens lhe faziam uma corcunda pouco elegante sob a manga da camisa de reposto. Tinha tirado o par de óculos inteiros de sua bagagem; detrás das lentes grossas, os olhos estavam cheios de desgosto, amargura e desilusão ao olhar para Jenny e a seus filhos. Era como se o fato de que John e ela fossem amantes, o fato de que lhe tivesse dado a ele dois filhos, não só tivesse diminuído seu antigo herói a seus olhos, mas também transformado Jenny em única responsável por todas as outras desilusões que tinha encontrado nas Terras de Inverno.

Os garotos sentiram sua desaprovação. A mandíbula lutadora e pequena de Adric começou a adiantar-se em uma versão de John em miniatura. Mas Ian, mais sensível, só fez um gesto a seu irmão com os olhos e os dois partiram silenciosamente. John olhou como saíam; logo seus olhos se voltaram, curiosos, para Gareth. Mas só disse:

—Assim está vivo, não?

Um pouco tremente Gareth replicou:

— Sim. Obrigado... —voltou-se para o Jenny com uma amabilidade forçada que nenhum ódio podia arrancar de sua alma de cortesia—. Obrigado por me ajudar. — Deu um passo para a habitação e se deteve de novo, olhando o vazio a sua frente, como se visse o lugar pela primeira vez. Não era um pouco tirado de uma balada, pensou Jenny, divertida. Mas claro, nenhuma canção podia preparar a ninguém para o encontro com John.

— um pouco desordenado e repleto — confessou John—. Meu pai estava acostumado a guardar no depósito os livros que tinham deixado no forte com o grão da colheita; os ratos comeram quase tudo antes que eu comesse a ler. Pensei que aqui estariam mais seguros.

—Bom... —disse Gareth, médio perdido—. Seu..., suponho...

—Meu pai era um velho duro — seguiu John, em tom de conversação intransigente, enquanto parava frente a lareira e estendia as mãos para o fogo —. Se não tivesse sido pelo velho Caerdinn, que ia e vinha pelo forte quando eu era menino, não teria passado do alfabeto. Para papai não interessava as coisas escritas..., encontrei a metade de um ato do *Doador do fogo* do Luciardo pregada nas paredes do armário em que meu avô guardava a roupa de inverno. Teria-lhe apedrejado a tumba; estava furioso porque é uma obra que já não se encontra. Deus sabe o que fizeram com o resto; usaram-na para acender o forno, suponho. O que salvamos não é muito: os tomos três e quatro das *Histórias* de Dotys; a maior parte das *Seleções* do Polyborus e sua *Jurisprudência*; o *Elucidus Lapidarus*; Sobre a *Granja* de Clivy completo, valha o que valha porque não é muito útil. Não acredito que Clivy fora granjeiro, nem que se incomodou em falar com algum.

Diz que alguém pode saber se vier uma tormenta tomando medidas às nuvens e suas sombras, mas as avós dos povos dizem que se pode fazer com apenas olhar as abelhas. E quando fala a respeito da forma em que copulam os porcos...

—Advirto-te, Gareth —disse Jenny com um sorriso— John é uma enciclopédia andante em tudo o que se refira a contos de velhas, rimas de avós, citações de qualquer autor clássico que possa conseguir, e trivialidades arrancadas dos esconderijos mais longínquos da terra vazia... Se respirar, faz sabendo o que pode acontecer. Mas ignora o que é cozinhar.

—Sei cozinhar — espetou John com um sorriso.

Gareth, que ainda olhava a seu redor totalmente surpreso ante a habitação abarrotada, não disse nada, mas sua cara estreita era um estudo de ginástica mental. Tratava desesperadamente de ajustar o catálogo convencional de perfeições das baladas à realidade de um engenheiro aficcionado, com óculos, e que colecionava sabedoria popular sobre os porcos.

—Assim — seguiu John em voz amistosa — nos diga algo desse seu dragão, Gareth de Magloshaldon, e por que o rei enviou um moço de sua idade para trazer sua mensagem quando tem guerreiros e cavaleiros que poderiam fazer esse trabalho.

—Bom... — Por um momento Gareth pareceu totalmente surpreso. Os mensageiros das baladas nunca precisavam mostrar seus créditos — Exato. Esse é o problema. Não tem tantos guerreiros nem cavaleiros, nem gente da que possa prescindir. E eu vim porque sabia onde lhes buscar, pelas baladas.

Tirou da bolsa de seu cinturão um selo de ouro. As facetas brilharam em um arranque de luz amarela. Jenny viu uma coroa esculpida nele, debaixo de doze estrelas. John o olhou em silêncio durante um momento, logo inclinou a cabeça e se levou o anel aos lábios em uma reverência arcaica.

Jenny o olhou em silêncio. O rei era o rei, pensou. Fazia já quase cem anos que tinha tirado suas tropas do norte, deixando-o em mãos dos bárbaros e o caos nas terras sem lei. E, entretanto, John seguia considerando-se súdito do rei.

Era algo que ela não podia entender..., nem a lealdade de John para o rei cujas leis ainda lutava por manter, nem o sentimento pelo qual Caerdinn se considerava amargamente traído por esses mesmos reis. Para Jenny, o rei era o regente de outra terra, de outro momento no tempo... Ela era cidadã só nas Terras de Inverno.

Pequeno e resplandecente, o ouro oval do anel brilhou quando Gareth o pôs sobre a mesa como uma testemunha de tudo o que se havia dito.

—Deu-me isso quando me enviou para lhes buscar — disse —. Os campeões do rei partiram para vencer o dragão, e nenhum deles retornou. Ninguém em nosso reino matou a um dragão..., nem sequer viram a um de perto e não sabem como matá-lo. E nada nos diz como fazê-lo. Eu sei que é assim porque procurei: era o único que podia fazer. Sei que não sou um cavaleiro, nem um

campeão... —A voz lhe tremeu um pouco ao admiti-lo e sua formalidade se quebrou durante um momento—. Sei que não sou bom esportista. Mas estudei todas as baladas e todas suas variantes, e nenhuma diz muito sobre como se faz realmente para matar um dragão. Precisamos um Vencedor de Dragões — terminou indefeso —. Precisamos a alguém que saiba o que faz. Precisamos sua ajuda.

—E nós precisamos a sua. —O timbre leve da voz brumosa de Aversin tomou de repente a dureza de uma rocha—. Precisamos sua ajuda a cem anos, desde que esta parte do reino, do rio Selvagem para o norte, ficou inerte e deserto frente ao ataque dos ladrões e os lobos e os Bandidos do Gelo e coisas ainda piores, coisas que não sabemos como confrontar: diabos dos pântanos e Murmuradores e quão maus percorrem as noites dos bosques, males que vivem do sangue e a alma dos vivos. Pensou nisso seu rei? É um pouco tarde para que comece a nos pedir favores.

O moço o olhou atônito.

—Mas o dragão...

—A merda seu dragão! Seu rei tem centenas de cavaleiros e minha gente tem somente a mim. —A luz passou através das lentes de seus óculos em um relâmpago de ouro quando apoiou seus ombros contra as pedras enegrecidas da chaminé; a ponta da cauda do dragão pendurava como o mal sobre sua cabeça—. Os gnomos nunca têm uma só entrada a suas Grutas. Os cavaleiros de seu rei, não poderiam fazer que os gnomos sobreviventes os guiassem por uma segunda entrada para poder atacar a essa coisa por trás?

—Ummm... —Evidentemente surpreso pela forma prática e anti-heróica da sugestão, Gareth gaguejou—. Não acredito que pudessem. A entrada traseira à Gruta está na fortaleza de Halnath. O Senhor de Halnath, Policarpio, o sobrinho do rei, levantou-se contra o monarca não muito antes que viesse o dragão. A cidadela está sitiada.

Em silêncio, em um canto da lareira para onde se retirou Jenny ouviu a mudança súbita na voz do moço, como o som de um alicerce débil que cede à tensão. Levantou a vista e viu a proeminente pomo do Adão de Gareth mover-se ao engolir a saliva.

Havia alguma outra ferida ali, disse-se, uma lembrança que ainda doía quando o tocavam.

—Essa..., essa é uma das razões pelas que não podiam vir os campeões do rei. Não é só o dragão, já vêm. —inclinou-se para diante, com tom de súplica—. Todo o reino está em perigo pelo dragão e pelos rebeldes. A Gruta tem túneis que chegam até o pé da Parede de Nast, a grande cadeia de montanhas que divide as terras baixas de Belmarie dos pântanos do nordeste. Das portas principais da Gruta se vê a cidadela de Halnath, sobre um escarpado ao outro lado da montanha, com a cidade e a universidade debaixo. Os gnomos do Ylferdun foram nossos aliados contra os rebeldes, mas agora a maior parte deles se passou ao bando de Halnath. Todo o reino está dividido. Devem vir! Enquanto o dragão esteja no Ylferdun, não podemos defender bem os

caminhos das montanhas contra os rebeldes, nem enviar reposições aos sitiadores. Os campeões do rei se foram... — Engoliu saliva outra vez, a voz tensa com as lembranças—. Os homens que trouxeram de volta os corpos disseram que a maioria nem sequer pôde tirar a espada.

—Ora! —Aversin desviou a vista; a irritação e a pena torciam sua boca sensível—. Qualquer imbecil que queira tirar a espada contra um dragão...

—Mas não sabiam! Só podiam guiar-se pelas canções!

Aversin não disse nada; mas a julgar pelos lábios apertados e o brilho de seu nariz, seus pensamentos não eram agradáveis. Jenny olhou o fogo e ouviu o silêncio de John e algo como a sombra fria de uma nuvem passageira cruzou sobre seu coração.

Quase contra sua vontade, viu como se formavam imagens no âmbar fundido do coração do fogo. Reconheceu o céu cor inverno sobre o terreno baixo; as folhas queimadas e quebradiças de pastos envenenados, finas como arranhões de agulhas; John, de pé sobre a borda, a ponta barbada de aço de um arpão em uma mão enluvada, uma tocha brilhando em seu cinto. Algo se movia no terreno baixo, um tapete vivo de facas de ouro.

Mais claro que os fantasmas agudos, pequenos do passado, ela sentiu a lembrança retorcida e selvagem do medo quando o viu saltar.

Naquela época tinham sido amantes durante menos de um ano, ainda conscientes até o delírio do corpo um do outro. Quando John procurou o ninho do dragão, Jenny foi consciente, sobre tudo, da fragilidade da carne e o osso, medidos contra o aço e fogo.

Fechou os olhos; quando os abriu de novo, as imagens de seda tinham desaparecido. Apertou os lábios com força, obrigando-se a escutar sem falar, sabendo que não era nem podia ser assunto dele. Não podia lhe dizer que não fosse — nem agora nem antes — como ele não podia lhe dizer que deixasse a casa de pedra em Colina Gelada e abandonasse sua busca para vir ao forte a cozinhar suas comidas e criar a seus filhos.

John estava dizendo:

—me conte algo sobre o dragão.

—Significa que virão? —A ansiedade antecipada na voz de Gareth fez que Jenny tivesse vontades de levantar-se e lhe puxar as orelhas.

—Significa que quero saber algo sobre ele. —O Vencedor de Dragões deu a volta à mesa e se deixou cair em uma das grandes cadeiras esculpidas da habitação, enquanto deslizava outra para Gareth com um empurrão de sua bota —. Quanto faz que atacou?

—Chegou de noite, faz duas semanas. Eu embarquei três dias depois, do porto do Claekith debaixo da cidade de Bel. O navio nos espera em Eldsbouch.

—Duvido-o. —John se arranhou o largo nariz com um dedo indicador cheio de cicatrizes—. Se seus marinheiros forem inteligentes, terão dado meia volta faz dois dias em busca de um porto seguro. Vêm as tormentas. Eldsbouch não tem amparo.

—Mas disseram que ficariam! —protestou Gareth, indignado—. Paguei-lhes!

—O ouro não lhes servirá mais que para levar seus ossos ao fundo da enseada — assinalou John.

Gareth se deixou cair de novo na cadeira, impressionado e com o coração ferido por essa traição final.

—Não podem ter partido... —Houve um momento de silêncio enquanto John olhava as mãos. Sem levantar os olhos do fogo, Jenny disse com suavidade:

—Não estão aí, Gareth. Vejo o mar e está negro de tormentas; vejo o velho porto de Eldsbouch, o rio cinza que corre através das casas amontoadas; vejo os pescadores levando os barcos com rapidez à sombra dos velhos cais e as pedras brilhando sob a chuva. Ali não há navios, Gareth...

—Está equivocada — disse ele, desesperado—. Tem que está-lo. —voltou-se por volta de John— Levar-nos-á semanas para voltar se viajarmos por terra...

—Nos? —disse John com suavidade e Gareth avermelhou e o olhou com medo como se lhe tivesse largado um insulto mortal. Depois de um momento, John continuou—: Que tamanho tem esse teu dragão?

Gareth engoliu saliva de novo e suspirou, trememente.

—Enorme — disse com voz monótona.

—Quanto?

Gareth duvidou. Como a maioria das pessoas, não tinha olho para o tamanho relativo.

—Deve ter uns trinta metros de comprimento. Dizem que a sombra de suas asas cobria todo o vale da Gruta.

—Quem o diz? —perguntou John, trocando de posição na cadeira e pondo um joelho sobre os leões marinhos em cópula que formavam o lugar onde estava apoiando o braço—. Pensava que tinha chegado de noite e comeu a todos os que se aproximaram de dia.

—Bom... —Gareth gaguejou em muitos rumores de terceira mão.

—Alguma vez o viram no chão?

Gareth avermelhou e meneou a cabeça.

—É muito difícil julgar o tamanho das coisas no ar — disse John com amabilidade, enquanto voltava a colocar os óculos—. O dragão que matei aqui parecia ter trinta metros no ar, quando o vi baixar pela primeira vez sobre a vila de Grande Toby. Logo resultou que media oito metros de cauda a cabeça. —De novo um sorriso rápido iluminou sua cara geralmente inexpressiva—. Isso me vem de ser um naturalista. O primeiro que fizemos, Jenny e eu, quando pude me pôr de pé de novo depois de matá-lo foi ir até lá com facas para ver como parecia esse inseto, enfim, o que ficava dele...

—Poderia ser maior, verdade? —perguntou Gareth. Parecia um pouco preocupado, como se pensasse que um dragão de oito metros era algo pobre, pensou Jenny com amargura—. Quero dizer, na variante de Greenhythe da Luta do Vencedor de Dragões Selkythar e o Verme do Bosque Imperteng, diz que o Verme media dezoito metros com asas que poderiam matar a um batalhão inteiro.

—Alguém o mediu?

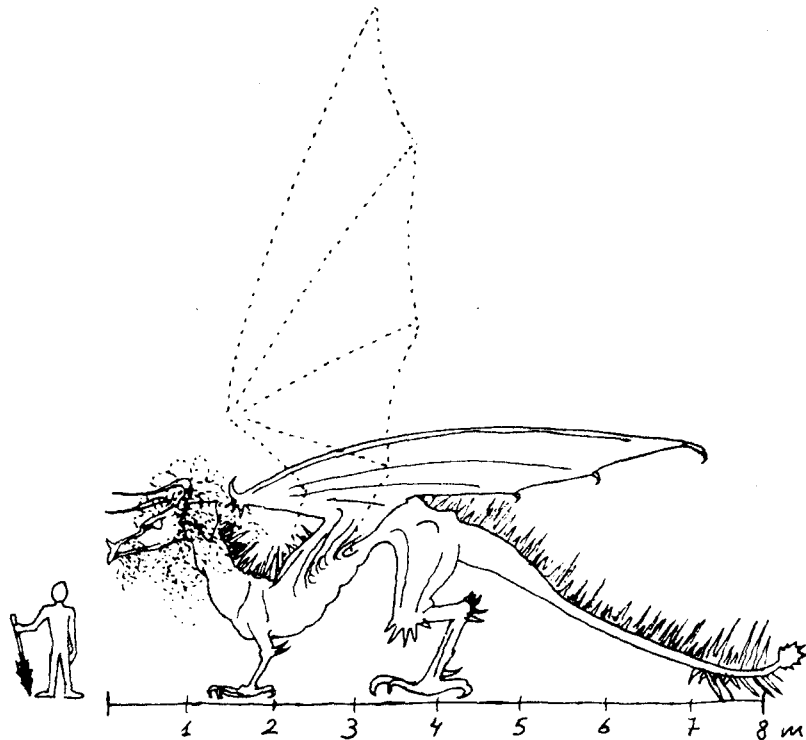
—Bom, certamente. Exceto..., agora que o penso, de acordo com essa variante, quando Selkythar o feriu de morte, o dragão caiu ao rio Selvagem; e em uma versão tardia de Belmarie diz que caiu ao mar. Assim não vejo como puderam havê-lo medido.

—Assim que o do dragão de dezoito metros é a medida que lhe pôs alguém à grandeza de Selkythar. —John se reclinou em sua cadeira e suas mãos seguiram sem dar-se conta dos desenhos enlouquecidos, as formas mescladas das criaturas do *Livro das Bestas*. O banho de ouro já muito velho ainda se mantinha nas gretas e tremeu agora com o brilho opaco das faíscas perdidas do fogo— Oito metros não parecem muitos, mas essa coisa está aí e cospe fogo. Sabe que sua carne se decompõe apenas quando morrem? É como se seu próprio fogo os consumisse, como a todo o resto.

—Cospem fogo? —Gareth franziu o cenho—. As canções dizem que é o fôlego.

Aversin meneou a cabeça.

—É como se o cuspissem, é fogo líquido e se acende em quase coisa que toque. Esse é o truque para brigar contra um dragão, sabe? Pôr-te tão perto que não possa cuspir por medo a queimar-se ele mesmo e ao mesmo tempo conseguir que não te pise ou te corte em pedaços com suas escamas. As escamas têm o fio de uma navalha, e podem as levantar como um peixe.



Escala e estrutura de um dragão (das notas de John Aversin)

1) A estrutura das crinas e as puas nas juntas é mais larga do que aparece no desenho. Um escudo de osso se estende do extremo inferior do crânio por debaixo da pele para proteger a nuca.

2) O Dragão Dourado de Wyr media aproximadamente oito metros, dos quais quatro pertenciam à cauda. diz-se que há dragões que medem mais de quinze metros.

—Não o tinha ouvido nunca — suspirou Gareth. A curiosidade e o assombro abrandaram no momento a carapaça de dignidade e orgulho ofendidos.

—Bom, a pena é que provavelmente, os campeões do rei tampouco sabiam. Deus sabe que eu tampouco sabia quando fui contra o dragão na garganta. Não havia nada sobre isso em nenhum livro..., Dotys e Clivy e todos eles. Só algumas velhas canções dos antigos que mencionavam dragões..., ou vermes, como os chamavam, e não ajudavam muito. Coisas como:

Serpente pela cabeça;
Pelo pescoço, cavalo.

Dragão pelo nome;

Pelas patas, galo.

»Ou o que tinha Polyborus em suas *Seleções* sobre que certos povos acreditavam que se a gente plantava ao redor da casa, semente de amor, essas coisas rasteiras com flores como trompetistas púrpuras, os dragões não se aproximavam. Jen e eu usamos algo dessa sabedoria popular. Jen pôs um veneno da semente de amor em meus arpões porque era óbvio que nenhuma espada poderia passar essas escamas. E realmente o veneno o fez mais lento. Mas não sei o suficiente sobre essas coisas, não tudo o que quisesse.

—Não. —Jenny tirou por fim os olhos do coração latente do fogo e pôs a bochecha contra a mão sobre seus joelhos recolhidos e levantados e olhou aos dois homens, cada um a um lado da mesa cheia de livros. Falou com suavidade, quase para si mesmo—. Não sabemos de onde vêm, nem onde se reproduzem; não sabemos por que, de todos os animais da Terra, só eles têm seis membros em lugar de quatro...

—«*Os vermes, da carne; os carunchos, do trigo; os dragões, das estrelas em um céu vazio*» - citou John - Isso está em *De fantasmas do Terens*. Ou do Caerdinn: «*Salva a um dragão, faça-o seu escravo.*» Ou a razão pelo que dizem que um nunca deve olhar aos olhos de um dragão..., e te digo Gar, eu me cuidei muito de fazê-lo. Não sabemos sequer as coisas simples, como por que a magia e a ilusão não os afetam; por que Jen não podia invocar a imagem do dragão em sua jóia, ou usar um feitiço ou para que não a notasse..., não sabemos nada.

—Nada - disse Jenny brandamente—, exceto como morrem, assassinados por homens que sabem tão pouco deles como nós.

John percebeu a estranha tristeza que impregnava sua voz, porque ela sentiu que a olhava preocupado, curioso. Mas Jenny apartou a vista, sem saber a resposta à pergunta dele.

Depois de um momento, John suspirou e disse Gareth:

—É conhecimento que se perdeu em todos estes anos, como o *Doador do fogo* de Luciardo e como conseguiram construir um quebra-mar frente à boca do porto no Eldsbouch, conhecimento que se perdeu e talvez nunca se recupere.

Ficou de pé e começou a dar voltas, inquieto, pela habitação; os reflexos cinza brilhantes da janela tremeram sobre os punções⁶ e os restos de notas e o bronze do punho da adaga e das fivelas da capa.

—Estamos vivendo em um mundo em decadência, Gar; as coisas desaparecem dia após dia. Até você, lá no sul em Bel..., até você perde o reino pouco a pouco: as Terras de Inverno se vão numa direção e os rebeldes lhe tiram os pântanos na outra. Está perdendo o que tinha sem sequer sabê-lo, e todo o tempo, o conhecimento se perde pelas costuras entreabertas, como a comida em uma bolsa suja, porque não há tempo nem vontades de cuidá-lo. Eu nunca teria matado o dragão,

⁶ Um **punção** é um bastão de metal com uma ponta moldada, em uma de suas extremidades, e uma superfície plana, na outra, que é geralmente golpeada por um martelo. Punções são geralmente usados para perfurar ou fazer uma impressão da ponta em uma peça em que se trabalha.

Gar, nunca o teria massacrado dessa forma quando não sabemos nada dele... E era formoso, talvez a coisa mais formosa que eu tenha visto, cada um de suas cores perfeita como o entardecer, como um campo de cevada nessa luz especial das tardes do verão.

—Mas devem... Devem matar o nosso! —de repente a voz de Gareth estava cheia de angústia.

—Brigar contra ele e matá-lo são duas coisas diferentes. —John se separou da janela, com a cabeça inclinada um pouco para um lado e olhou a cara ansiosa do moço—. E ainda não hei dito que aceite fazer o primeiro, isso sem falar de cumprir com o segundo.

—Mas têm que fazê-lo. —A voz de Gareth era um murmúrio de desespero—. É nossa única esperança.

—Sou? —perguntou o Vencedor de Dragões com suavidade—. Sou a única esperança destes aldeãos no inverno que vem, contra os lobos e os bandidos. Por essa razão matei a criatura mais perfeita que já vi e o que fiz foi um ato sujo, asqueroso, cortei-a em pedaços com uma tocha... Foi porque era a única esperança desta gente que briguei com esse dragão e quase perco a pele na luta. Só sou um homem, Gareth.

—Não! —insistiu com desespero—. É o Vencedor de Dragões, o único Vencedor de Dragões. —ficou de pé e alguma luta interna se mostrou em seus rasgos leves, a respiração rápida como se estivesse fazendo um esforço—. O rei... —engoliu saliva—. O rei me disse que aceitasse os termos que vocês quisessem para lhes levar ao sul. Se vierem... —Com esforço conseguiu pôr voz firme—. Se vierem, enviaremos tropas de novo para proteger as terras do norte, para defendê-las dos Bandidos do Gelo; enviaremos livros e estudiosos para que tragam o conhecimento de novo a esta gente. Juro-o. —Agarrou o selo do rei e o sustentou na mão trêmula e a luz fria do dia brilhou esbranquiçada sobre seu rosto—. Em nome do rei, juro-o.

Mas Jenny, que olhava o rosto pálido do moço enquanto ele falava, viu que Gareth esquivava o olhar de John.

De noite, a chuva aumentou: o vento a arrojava como ondas contra as paredes do forte. Tia Jane trouxe um jantar frio de carne, queijo e cerveja que Gareth comeu com o ar de quem cumpre com seu dever. Jenny, sentada com as pernas cruzadas em um canto perto da lareira, tirou a harpa e experimentou com as cravelhas que a afinavam enquanto os homens falavam dos caminhos que levavam ao sul e da morte do Dragão Dourado de Wyr.

—Isso tampouco é como nas canções — disse Gareth, com os cotovelos ossudos apoiados sobre as notas de John esparramadas sobre a mesa—. Nas canções os dragões são todo de cor cinza, tétricos. Mas este é negro, todo negro exceto os abajures de prata de seus olhos.

—Negro - repetiu John com calma e olhou Jenny—. Você tinha uma velha lista, não é, amor?

Ela assentiu; suas mãos descansavam das manobras delicadas sobre as cravelhas⁷ da harpa.

—Caerdinn me fez memorizar velhas listas - explicou Gareth—. Disse o significado de algumas..., mas não desta. Talvez ele tampouco soubesse. Era uma lista de nomes e cores... — Fechou os olhos e repetiu a lista; a voz repetia o sonsonete do velho mago com o eco de dúzias de vozes, recitadas ao longo dos anos—. «Teltrevir, heliotrópio; Centhwevir é azul malha com ouro; Astirith é rosado e negro; só Morkeleb, negro como a noite...» A lista segue, havia dúzias de nomes, se é que são nomes. —Jenny encolheu os ombros e uniu os dedos sobre a borda da harpa—. Mas John me diz que o velho dragão que vagava pelas bordas do lago Wevir, conforme dizem era azul como a água e todo marcado no lombo com desenhos em ouro para poder afundarem-se na superfície do lago no verão e roubar ovelhas das margens.

—Sim! —Gareth quase saltou de sua cadeira com entusiasmo ao reconhecer o conto— E o mataram Amasse Dama guerreira e seu irmão Darthis Vencedor de Dragões na última parte do reinado do Yvain o Bem-amado, que foi... —deteve-se outra vez, envergonhado de repente—. É um conto popular - terminou vermelho de vergonha.

Jenny dissimulou o sorriso que lhe tinha causado a brusca efervescência do moço.

—Também havia notas para a harpa, não eram canções em realidade. Ele me assobiava isso uma e outra vez, até que as tocava igual.

Colocou a harpa no ombro, um instrumento pequeno que tinha sido de Caerdinn, embora ele não a tocasse; a madeira estava escura, quase negra com a idade. À luz do sol, parecia totalmente lisa, sem adornos, mas quando o reflexo do fogo dançava sobre ela, como agora, viam-se às vezes os círculos do ar e o mar, riscados sobre ela em ouro esvaído. Com cuidado tocou de ouvido esse estranho, doce som entrelaçado, às vezes só duas ou três notas, às vezes uma seqüência como uma toada truncada. Eram individuais quanto à forma em que giravam e dirigiam o tempo, quase familiares e preocupantes por isso, como essas coisas que alguém recorda da infância; e enquanto as tocava, Jenny repetia os nomes: Teltrevir, heliotrópio; Centhwevir é azul malha com ouro... Era parte do conhecimento perdido, como o da busca fragmentária de John, como a busca de uma urraca, essa busca que ele levava a cabo no pouco tempo que lhe deixavam livre as exigências brutais das Terras de Inverno. Notas e palavras careciam de sentido agora, como um verso em uma balada perdida, ou umas poucas páginas soltas da tragédia de um deus exilado usadas para que o vento não entrasse por um vidro quebrado..., ecos de canções que não voltariam a ouvir-se.

A partir dessas notas, as mãos de Jenny seguiram movendo-se sem planejar, como seus pensamentos passageiros. Desenhou toada ou fragmentos de bailes e danças, lentos e manchados

⁷ **Cravelha** é uma peça metálica ou de madeira que em certos instrumentos de corda permite controlar a tensão aplicada a cada corda, retesando-a ou afrouxando-a, fazendo com que seja atingida a afinação ideal

com a sombra de uma dor inevitável que esperava na oculta escuridão do futuro. Movia-se através deles para as canções antigas que levavam em suas cadências o ritmo atemporal do oceano; penas que tiravam o coração do corpo, ou alegrias que chamavam a alma como o brilho distante de bandeiras de estrelas nas noites do verão. Um pouco depois, John tirou de um buraco junto à lareira, uma flauta de lata como as que usam os meninos para jogar nas ruas e uniu essa música brilhante, leve, a dela e a música dançou ao redor da beleza sombria da harpa como um menino de milhares de anos de idade.

A música respondeu à música, e se uniram em um círculo encantado que desvaneceu por um tempo a rede estranha de medo e dor e fogo do dragão no coração de Jenny. Passasse o que acontecesse, isso era o que eram e o que tinham nesse momento. Ela jogou para trás às escuras ondas de seu cabelo e viu o tremor brilhante dos olhos de Aversin detrás dos grossos óculos, enquanto a flauta tirava a harpa de sua tristeza e a levava para danças tão selvagens como os ventos em tempos de colheita. Ao avançar à tarde, o povo do forte se dirigiu ao estudo e se uniu a eles. Sentaram-se onde puderam sobre o chão ou perto da lareira ou nos batentes profundos das janelas: tia Jane e a prima Dilly e outros da vasta tribo dos parentes femininos de John que viviam no forte; Ian e Adric; o gordo e jovial Muffle, o ferreiro; tudo era parte dos esquemas da vida nas Terras de Inverno, tão aborrecida de fora, mas em realidade complexa e bem tecida como seus tecidos xadrezes. E Gareth se sentou entre eles, incômodo como um louro brilhante e sulino em meio de um bando de gralhas. Olhava a seu redor com um desgosto assombrado, a inquietação da luz vermelha do fogo que fazia brilhar momentaneamente o montão poeirento e desordenado de livros velhos, pedras e experimentos químicos e refulgia nos olhos dos meninos e fazia espelhos de âmbar nos dos cães enquanto pensava Jenny e se perguntava, como uma busca tão gloriosa como a sua podia ter terminado em um lugar como esse.

E de vez em quando Jenny via como seus olhos se voltavam para John. Havia neles não só ansiedade, mas também uma espécie de medo nervoso, como se perseguisse a culpa terrível de algo que tinha feito ou algo que sabia que devia fazer.

—Irá? —perguntou Jenny com suavidade, já chegara a noite, enquanto jazia no ninho quente de peles de urso e colchas tecidas, com o cabelo escuro estendido como os restos de um naufrágio sobre o peito e braço de John.

—Se mato esse dragão para ele, o rei terá que escutar - disse John em tom razoável—. Se responder sua chamada, tenho que ser seu súdito e se o for, se o formos, como rei, deve-nos a proteção de suas tropas. Se não for seu súdito... —Fez uma pausa enquanto pensava no que diriam suas palavras seguintes sobre a Lei do Reino pela que tinha brigado durante tanto tempo. Suspirou e deixou a idéia sem expressar.

Durante um momento, só o grunhido do vento acima na torre e o repico da chuva nas paredes quebraram o silêncio. Mas embora não tivesse sido capaz de ver na escuridão, como um gato, Jenny teria sabido que John não dormia. Tinha todos os músculos tensos, e lhe inquietava saber o perto que tinha estado do limite entre a vida e a morte quando brigou contra o Dragão Dourado de Wyr. Sob suas costas, a mão de Jenny ainda podia sentir os limites duros e rugosos da cicatriz.

—Jenny — disse ele por fim—, meu pai me contou que seu pai podia conseguir entre quatrocentos e quinhentos homens para as tropas quando vinham os Bandidos do Gelo. Liberavam duras batalhas na margem do oceano do norte e partiam a quebrar os refúgios dos reis bandidos que estavam acostumados a atacar os caminhos do leste. Quando esse grupo de bandoleiros atacou o Caminho do oeste Longínquo faz dois anos, recorda quantos homens conseguimos entre o prefeito de caminho, o prefeito do Toby e eu? Menos de cem e perdemos doze nesse combate.

Enquanto meneava a cabeça, o brilho longínquo do lar ao outro lado do pequeno santuário do dormitório apanhou um fio de vermelho do arbusto de cabelo de John, comprido até os ombros.

—Jen, não podemos seguir assim. Sabe. Estamos-nos debilitando dia a dia. As terras da lei do rei, a lei que faz que os fortes não possam escravizar aos fracos, estão se desvanecendo. Cada vez que uma granja desaparece atacada pelos lobos ou os bandoleiros ou os Bandidos do Gelo, é um escudo menos na parede. Cada vez que uma família se dá por vencida e vai ao sul para entrar na servidão, sempre que chegarem, claro, os que ficamos somos mais débeis. E a lei mesma se desvanece, porque há cada vez menos gente que saiba por que existe essa lei. Dá-te conta de que só porque li uns quantos livros de Dotys e as páginas da *Jurisprudência* de Polyborus que encontrei entupidas nos cantos da torre me chamam estudioso, sábio? Necessitamos a ajuda do rei, Jen, se não queremos estar nos comendo uns aos outros em uma geração. Posso comprar essa ajuda.

—Com o que? —perguntou Jenny com suavidade—. A carne de seus ossos? Se o dragão te matar, o que vai passar com sua gente?

Por debaixo de sua bochecha sentiu que o ombro dele se movia.

—Poderia morrer a mãos dos bandidos ou os lobos a semana que vem..., se formos a isso, poderia cair do velho Osprey e me romper o pescoço. —E quando ela riu, divertida apesar de tudo, ele adicionou em voz ofendida—: É exatamente o que aconteceu com meu pai.

—Seu pai teve a estúpida idéia de cavalgar bêbado. —Ela sorriu um pouco apesar de si mesmo—. Pergunto-me o que tivesse pensado ele de nosso jovem herói.

John riu na escuridão.

—O teria comido no café da manhã. —depois de dezessete anos, dez deles com Jenny, John tinha conseguido tolerar o homem a quem cresceu odiando. Agora, aproximou-se dela e a beijou. Quando falou de novo, a voz era tranqüila—. Tenho que fazê-lo, Jen. Voltarei logo.

Uma rajada de vento particularmente forte açoitou os velhos ossos da torre e Jenny colocou sobre seus ombros nus as suaves colchas e peles. Um mês, calculou; talvez um pouco mais. Daria-lhe uma oportunidade para pôr em dia descuidadas meditações, seguir os estudos que tinha deixado tão de lado para vir ao forte e estar com ele e com os meninos.

Para ser mago, terá que ser mago, havia dito Caerdinn. *A magia é a única chave da magia*. Sabia que não era a feiticeira que ele tinha sido, inclusive quando o viu pela primeira vez, quando ele tinha oitenta e ela era uma garota feia, fraca e desventurada de quatorze anos. Às vezes se perguntava se isso se devia ao fato de que ele era tão velho, porque estava tão ao final de suas forças quando chegou a lhe ensinar, a última de suas discípulas, ou simplesmente, porque ela não era boa. Acordada na escuridão, escutando o vento ou a grandeza terrível do descampado, que era pior, às vezes admitia a verdade ante si mesmo: o que dava a John, o que tirava o chapéu dando mais e mais a esses dois meninos que dormiam um em braços do outro como cachorrinhos, acima, tirava-o da força de seu poder.

Tudo o que tinha para dividir entre a magia e o amor era tempo. Em uns poucos anos, teria quarenta. Durante dez anos tinha dispersado seu tempo, semeando-o aos quatro ventos como um graneiro no sol do verão, em lugar de guardá-lo e derrubá-lo na meditação e a magia. Moveu a cabeça sobre o ombro de John e o calor da velha amizade se aninhou na tensão do braço dele ao seu redor. Se o tivesse deixado, perguntou-se seria tão poderosa como Caerdinn? Poderosa como às vezes sentia que podia ser quando meditava entre as pedras de sua colina solitária?

Teria esse tempo agora, com a mente concentrada, sem distrações, tempo para trabalhar e estudar. A neve estaria bem alta quando John retornasse.

Caso retornasse.

A sombra do dragão de Wyr pareceu cobri-la de novo, tampando o céu quando caía como um falcão sobre o chão da pista do baile de outono em Grande Toby. O batimento desenfreado de seu coração voltou para sua garganta, como no momento em que John tratou de alcançar o uivo aterrorizado dos meninos que se cobriam no centro do ninho. O aroma metálico do fogo cuspidado parecia lhe queimar de novo o nariz, os gritos faziam ecos em seus ouvidos...

Oito metros havia dito John. Isso queria dizer que do alto do ombro do dragão até o solo era a altura do ombro de um homem enquanto que as ancas tinham a metade de altura, sustentadas por todo esse peso e essa força e essa velocidade.

E de repente, sem razão aparente, recordou o brilho furtivo nos olhos de Gareth.

Depois de um comprido momento de silêncio, disse:

—John?

—Sim, amor.

—Quero ir contigo, quando for ao sul.

Sentiu a tensão súbita nos músculos do corpo tendido a seu lado. Passou quase um minuto antes que ele respondesse, e ouviu em sua voz a luta entre o que queria e o que acreditava melhor.

—Há dito que seria um mau inverno, amor. Parece-me que um de nós dois deveria estar aqui.

Tinha razão e ela sabia. Até o cabelo de seus gatos era mais espesso esse outono. Fazia um mês se preocupou ao ver como se foram os pássaros, cedo e com rapidez, ansiosos por estar longe. Os sinais falavam de fome e da nevasca, e depois, viriam os ataques dos bárbaros desde mar do norte, torturados de gelo.

E, entretanto..., entretanto... Era essa a debilidade de uma mulher que não quer que a separem do homem que ama, ou era algo mais? Caerdinn haveria dito que o amor confundia os instintos de um mago.

—Acredito que devo ir contigo.

—Acredita que não posso arrumar isso com o dragão sozinho? —Sua voz estava cheia de indignação fingida.

—Sim - disse Jenny com sinceridade e sentiu que as costelas dele vibravam de risada—. Não sei em que circunstâncias vais enfrentar com ele - continuou—. E há mais.

A voz dele soou pensativa, mas não surpreendida na escuridão.

—Também te dá essa impressão, verdade?

Havia algo que as pessoas tendiam a passar por cima com respeito a John. Detrás de sua fachada de bárbaro amistoso, detrás de sua fascinação frívola pelo conhecimento popular, as canções antigas e o modo em que se fabricavam os relógios, havia uma mente ágil e uma sensibilidade quase feminina ante as matizes das situações e sua relação. Não lhe escapava nada.

—Nosso herói falou de rebelião e de traição no sul - disse ela—. O dragão arruinará a colheita e a situação piorará quando subir o preço do pão. Acredito que necessita a alguém em quem pode confiar.

—Eu também pensei nisso - replicou ele com suavidade—. Mas, o que te faz pensar que não possa confiar no Gar? Duvido que me traia porque a mercadoria não era como dizia a propaganda.

Jenny rodou sobre seus cotovelos e o cabelo negro caiu como uma corrente sobre seu peito.

—Não — disse com lentidão, e tratou de pensar no que lhe incomodava do ansioso moço fraco que tinha resgatado nas ruínas da velha cidade. Finalmente, disse — Meu instinto me diz que no fundo podemos confiar nele. Mas está mentindo a respeito de algo. Não sei o que. Acredito que deveria ir contigo ao sul.

John sorriu e a apertou contra ele de novo.

—A última vez que fui contra seus instintos, depois lamentei - disse—. Sinto-me esmigalhado porque posso cheirar que haverá perigo aqui este inverno. Mas acredito que tem razão. Não entendo por que o rei deu sua palavra e seu selo a alguém como nosso jovem herói, que

pelo que parece nunca tem feito outra coisa exceto colecionar baladas, e não a um guerreiro renomado.

Mas se o rei deu sua palavra para nos ajudar, então seria um parvo se não aceitasse a possibilidade de dar a minha. O fato mesmo de que só nós dois estejamos, Jen, demonstra o quão perto da escuridão que está essa terra. Além disso - adicionou com a voz preocupada de repente—tem que vir.

Com a cabeça concentrada em seus maus pressentimentos, em imagens ameaçadoras sem nome, Jenny se voltou com rapidez.

—por quê? O que acontece?

—Necessitamos de alguém que cozinhe.

Com a agilidade de um gato, Jenny subiu sobre ele e o afogou com o travesseiro enquanto ria. Brigaram, rindo, e a luta se transformou em sexo. Mais tarde, agradavelmente extenuados, ela murmurou:

—Faz-me rir nos momentos mais estranhos.

Ele a beijou e dormiu, mas Jenny não passou das fronteiras inquietas do cochilo. Viu-se de novo de pé sobre a margem do barranco, com o calor que vinha debaixo lhe golpeando o rosto, o veneno ardendo em seus pulmões. Nos vapores que corriam mais abaixo, a grande forma ainda se movia, levantando as asas rasgadas ou tratando de atacar com os cotos de suas patas dianteiras à pequena figura que se apertava como um pássaro carpinteiro exausto sobre seu pescoço, com uma tocha nas mãos cheias de ampolas. Viu que John se movia mecanicamente, meio asfixiado pelas fumaças e débil pela perda de sangue que brilhava na pegajosa na armadura. O pequeno riacho no barranco ia cheio e vermelho pelo sangue do dragão; pedaços de carne o obstruíam; as pedras estavam negras pelo fogo. O dragão seguia levantando a cabeça úmida e tratando de morder a John; até em seu sonho, Jenny sentia vibrar o ar com uma música que ficava além de sua mente e de seus ouvidos.

A canção se fez mais forte e seu sonho mais profundo. Viu de novo contra a escuridão de um céu de veludo o disco ardente e branco de uma lua cheia, seu próprio presságio de poder, e frente a ela, o brilho sedoso e prateado de umas asas membranosas.

Despertou a altas horas da noite. A chuva golpeava contra as paredes do forte, uma corrente furiosa na escuridão. Junto a ela dormia John, e viu no negrume que tinha notado essa manhã à luz do dia: que apesar de seus trinta e quatro anos, os cabelos brancos já apareciam em seu encaracolado cabelo castanho.

Um pensamento cruzou sua mente. Rechaçou-o com firmeza e com a mesma firmeza voltou. Não era um pensamento diurno, a não ser o murmúrio que vem só nas horas escuras, depois de sonhos inquietos. *Não seja tola*, disse-se a si mesma; *cada vez que o tem feito, arrependeste-te*.

Mas a idéia, a tentação, não queria desaparecer.

Finalmente se levantou com cuidado para não despertar ao homem que dormia junto a ela. Envolheu-se na velha bata xadrez de John e saiu do dormitório. O solo gasto parecia gelo suave sob seus pés pequenos e nus.

A sala de estudos estava ainda mais escura que o dormitório, o fogo não era mais que uma linha brilhante de cor rosada sobre um banco de neve cinza. A sombra passou como a mão de um fantasma sobre a forma curvada da harpa e tremeu em uma lasca de brilho leve sobre o bordo da flauta. No final da sala, Jenny levantou uma pesada cortina e passou a uma pequena habitação, quase um nicho na parede grossa do forte. Não muito mais larga que sua janela, de dia era fresca e luminosa, mas agora o vidro pesado como o olho de um boi estava negro como a tinta e a luz de magia que convocou sobre sua cabeça brilhou fria sobre a chuva torrencial do exterior.

O fulgor fosforescente da habitação riscou a forma de uma mesa estreita e três pequenas prateleiras. Sustentavam coisas que tinham pertencido à mãe de John, essa feiticeira de olhos frios, ou a Caerdinn. Coisas simples: umas tigelas, uma raiz de forma estranha, uns poucos cristais como fragmentos de estrelas sujas enviados ali para sua reparação. Jenny ajustou a bata e tirou uma tigela de cerâmica de seu lugar, era tão velho que os desenhos que alguma vez adornaram sua superfície tinham desaparecido fazia já muito sob as mãos dos magos. Afundou-o no recipiente de pedra com água que havia em um canto e o colocou sobre a mesa. Logo, aproximou uma cadeira alta, de pernas magras.

Ficou um momento sentada ali, olhando a água. Reflexos de fogo dançavam na superfície negra; à medida que compassava sua respiração Jenny se fez consciente de cada som das rajadas de chuva contra as paredes da torre, até a gota menor nos beirais. A toalha gasta era como o vidro frio entre seus dedos; sentia o fôlego frio contra seus próprios lábios. Durante uns momentos, foi consciente dos pequenos movimentos e borbulhas no reflexo da superfície interna da tigela; logo se afundou mais, olhando as cores que pareciam girar nas profundidades infinitas. Parecia mover-se para a escuridão absoluta, e a água era como tinta, opaca; não lhe dava nada.

Uma névoa cinza girou nas profundidades, logo se clareou como se o vento a tivesse levado e Jenny viu a escuridão em um lugar vasto, tocada pelos pontos estrelados da luz das velas. Um lugar aberto de pedras negras jazia frente a ela, suave como água estancada; havia um bosque ao redor, não de árvores, mas sim de colunas de pedra. Algumas eram magras como a seda, outras mais grossas que o mais velho dos carvalhos, e sobre elas se uniam como as sombras dos bailarinos sobre uma pista aberta. Embora a imagem fosse silenciosa, ela podia sentir o ritmo que seguiam acima, gnomos, os braços largos roçando o chão ao agachar-se; as enormes jubas loiras apanhavam os raios da luz do fogo como um pôr-do-sol vista através de uma cortina de fumaça. Dançavam ao redor de um altar de pedra disforme as lentas danças proibidas aos olhos dos filhos dos homens.

O sonho trocou. Jenny viu uma desolação de ruínas quebradas e chamuscadas sob o flanco escuro de uma montanha coberta de árvores. O céu da noite se arqueava sobre ela, sem vento e tão formoso que o coração lhe doía ao vê-lo. A lua de cera era como uma moeda brilhante; sua luz tocava com frios dedos brancos o chão quebrado da praça vazia sob a colina onde Jenny estava de pé, olhando os ossos abandonados que fumegavam em lacunas de barro quente. Algo brilhou um segundo na sombra aveludada da montanha e Jenny viu o dragão. A luz das estrelas refulgia como o azeite sobre os flancos negros, magros; o comprimento dessas asas enormes se estendeu um momento como os braços de um esqueleto para abraçar o rosto duro da lua. A música parecia vagar na noite, uma fileira de notas como uma toada truncada, e por um instante o coração de Jenny saltou para essa beleza perigosa, calada, quieta, solitária e cheia de graça na magia secreta de seu vôo silencioso.

Então, viu outra cena à luz baixa de um fogo que morria. Pareceu-lhe que era o mesmo lugar, sobre uma colina olhando a desolação da cidade destruída frente às portas da Gruta. Era o momento frio em que baixa a maré, umas horas antes do amanhecer. John estava junto ao fogo, e o sangue negro lhe brotava das gretas rasgadas da armadura. A cara era uma massa de feridas sob uma capa de sujeira e suor; estava sozinho e o fogo se estava apagando. Sua luz brilhou com um resto de vermelho nos elos quebrados de sua cota de malha e relampejou sobre a palma aberta e suja de uma mão ulcerada. O fogo morreu e por um momento só a luz das estrelas brilhou sobre o atoleiro de sangue e delineou a forma de seu nariz e seus lábios contra a escuridão.

Jenny estava de novo clandestinamente, no lugar em que tinham dançado os gnomos. Agora estava vazio, mas os silenciosos ocos e subterrâneos pareciam cheios de um murmúrio, um som sem forma, como se a pedra do altar sussurrasse para si mesmo na escuridão.

Logo, viu só as pequenas gretas no verniz da tigela, e a superfície escura e oleosa da água. A luz da magia tinha desaparecido fazia já muito e agora lhe doía a cabeça como sempre que lhe pedia muito de seu poder. Sentia o corpo frio até os ossos, mas sabia que por um tempo estaria muito cansada para mover-se. Olhou frente a ela à escuridão, escutando o repico firme da chuva que lhe machucava a alma e desejou não ter feito o que acabava de fazer.

Toda adivinhação é arriscada, disse-se, e a água é a mais perigosa de todas. Não havia razão para acreditar que o que tinha visto aconteceria realmente.

O repetiu uma e outra vez, mas não lhe ajudou. Um momento depois, baixou a cabeça, apoiou-a sobre as mãos e chorou.

Partiram dois dias depois e cavalgaram para o sul através de um redemoinho de vento e água.

Em tempos dos reis, o Grande Caminho do Norte se estendeu desde Bel para o norte como uma serpente de pedra cinza, através do vale do rio Selvagem e das terras de granjas e bosques de Wyr, unindo a capital sulina com a fronteira norte e protegendo as minas de prata do Tralchet. Mas as minas se esgotaram e os reis começaram a discutir com seus irmãos e primos pelo poder no sul. As tropas que guardavam os fortes das Terras de Inverno se retirar-se em ordem..., temporalmente, diziam, para unir-se às forças de um ou outro dos rivais. Nunca retornaram. A serpente cinza de pedra estava desintegrando lentamente, como uma pele velha de víbora; os homens tinham quebrado suas pedras para fortalecer as paredes das casas e proteger as dos ataques de bandidos e bárbaros; suas sarjetas estavam afogadas sob décadas de lixo e até seus alicerces, quebrados pela pressão das raízes das árvores da selva de Wyr. As Terras de Inverno a tinham destruído como destruíam tudo.

Viajar para o sul sobre o que ficava do caminho era lento, porque com as tormentas de outono os riachos do gelo das colinas cresciam até converter-se em correntes de dentes brancos e os terrenos baixos cheios de árvores, ficavam reduzidas a pântanos úmidos, sem nome. Sob a força do vento, Gareth já não podia insistir com a idéia de que o navio que o havia trazido para o norte ainda os estaria esperando em Eldsbouch para levá-los ao sul com relativa comodidade e rapidez, mas Jenny suspeitava que ainda sentia em seu coração que assim deveria ter sido e a culpava a ela do que tinha passado, sem lógica alguma.

Cavalgaram em silêncio a maior parte do tempo. Às vezes, quando se detinham, coisa que faziam com frequência para que John explorasse as rochas quedas ou os nós espessos de bosques que ficavam a diante, Jenny olhava para o moço e o via observar a seu redor, em uma espécie de dor assombrada, a desolação pela que cavalgavam: os pequenos vales desertos com suas linhas de muros quebrados cheios de brotos e novelo; as velhas pedras que marcavam os limites, disformes e derretidas, igual a bonecos de neve na primavera; e os pântanos fedorentos ou os altos penhascos nus com suas poucas árvores retorcidas, bolas gigantes de agáricos⁸ que penduravam misteriosamente de seus ramos nus contra um céu triste. Era uma terra que já não recordava a lei

⁸ Agárico é um cogumelo que nasce nos troncos de árvores velhas ou cortadas, conhecido também como urupê.

nem a prosperidade da vida ordenada, e às vezes Jenny via Gareth lutar com a incompreensão do que John queria comprar com sua vida.

Mas pelo geral, era óbvio que Gareth se sentia mal quando se detinham.

—Nunca chegaremos com este ritmo — se queixou quando John saiu detrás de um cinzento matagal de brejos secos que cobria os flancos baixos de um promontório que ocultava o caminho. Antes tinha havido ali uma torre de observação, mas agora se reduzia a um círculo de ruínas carcomidas sobre o topo da colina. John tinha subido a costa para inspecioná-la e ver o caminho mais adiante e agora sacudia o barro e a umidade da capa —. Faz vinte dias que veio o dragão — adicionou Gareth ressentidamente—. Pode ter acontecido algo.

—Pode ter acontecido um dia depois de sua partida, herói — assinalou John, saltando sobre os arreios de seu cavalo sobressalente, chamado *Vaca* —. E se não revisarmos tudo com cuidado e estarmos alerta, não chegaremos nunca.

Mas o áspero olhar que o moço lançou às costas de John, quando este se afastou a cavalo, disse a Jenny, mais claro que qualquer palavra, que embora Gareth não pudesse questionar essa afirmação, tão pouco acreditava.

Nessa noite acamparam entre os abedules⁹ desiguais no acidentado campo em que os vales davam espaço às velhas espessuras dos bosques de Wyr. Quando acamparam e ataram as mulas e cavalos, Jenny se moveu com cuidado pelos limites da clareira, um lugar aberto no limite da ribeira alta de um riacho cuja ruidosa corrente se fundia com o som marinho do vento entre as árvores. Jenny tocou a casca das árvores e o caule empapado de bolotas, as avelãs e as folhas que se apodreciam sob seus pés, enquanto riscava sobre eles signos que só os magos podiam ver, signos que esconderiam o acampamento dos que pudessem se aproximar. Ao olhar de novo para a luz tremente e amarela do fogo novo, viu Gareth agachado junto às chamas, tremendo em sua capa molhada, e o viu desventurado e muito desamparado.

Seus lábios cheios, quadrados, estavam apertados e juntos. Desde que sabia que ela era a amante de seu antigo herói, quase não lhe tinha falado. Seu ressentimento ao ver que John a incluía na expedição ainda era óbvio, igual a sua hipótese muda de que ela se incluiu por um desejo de meter-se em tudo e de não perder de vista o seu amante. Mas Gareth estava sozinho em uma terra estranha, e era evidente que nunca havia se afastado da comodidade de sua casa; estava sozinho e desiludido, e aterrorizado pelo que encontraria ao voltar.

Jenny suspirou e cruzou a clareira até ele.

O moço a olhou com receio quando ela procurou no bolso de sua jaqueta e tirou um pedaço comprido de cristal defumado com cadeia que tinha usado Caerdinn para pendurar ao redor de seu pescoço.

⁹ Planta

—Não posso ver o dragão - disse—, mas se me diz o nome de seu pai ou algo sobre sua casa em Bel, ao menos poderei conjurar suas imagens e te dizer se estão bem.

Gareth virou o rosto.

—Não - disse. Logo, depois de um momento, adicionou a desgosto—: Obrigado de todos os modos.

Jenny cruzou os braços e o olhou por um momento sob a luz alaranjada do fogo. Ele se afundou um pouco mais em sua manchada capa carmesim e não quis olhá-la nos olhos.

—É porque acredita que não posso fazê-lo? —perguntou por fim—. Ou porque não quer que um mago te ajude?

Não respondeu, embora seu lábio inferior se abrisse um pouco no meio. Com um suspiro de exasperação, Jenny se afastou dele e foi para John, que estava de pé perto do vulto de pacotes coberto de peles azeitadas, olhando a escuridão dos bosques.

Deu meia volta quando a ouviu aproximar-se, e os raios perdidos da luz do fogo arrojaram faíscas de cor laranja sujo sobre o metal de seu espartilho remendado.

—Quer uma atadura para seu nariz? —perguntou-lhe, como se ela tivesse tratado de acariciar a um furão e tivesse recebido uma dentada em troca. Ela riu com vontades.

—Antes não me punha reparos - disse mais ferida do que acreditava pela inimizade do moço.

John a rodeou com seu braço e a apertou contra ele.

—sente-se cansado, isso é tudo - disse com naturalidade—. E já que é totalmente impossível que enganou a si mesmo sobre seus sonhos, é óbvio que deve ter sido um de nós, não? —inclinou-se para beijá-la, a mão firme contra a nuca sob o anel enrolado de sua trança. Mais à frente, entre os abedules fantasmas, os arbustos rangiam com força; um momento depois um rangido mais suave, mais firme, murmurou algo nos ramos nus por cima de sua cabeça. Jenny cheirou a chuva quase antes de sentir suas gotas leves sobre o rosto.

Detrás dela, ouviu Gareth amaldiçoar. Um momento depois, o moço se unia a eles atravessando a clareira e limpando as gotas de suas lentes; o cabelo, em mechas murchas contra as têmporas.

—Parece que nos superamos - disse sombrio—. Escolhemos um lugar precioso para acampar..., lástima que não haja refúgio. Há uma cova sob o corte da ribeira do rio.

—Sobre o limite da enchente? —perguntou John, com um brilho travesso nos olhos.

—Sim - disse Gareth à defensiva—. Ao menos, não está muito abaixo na ribeira.

—Suficientemente grande para colocar os cavalos, caso precisemos levá-los até lá abaixo?

O moço se arrepiou.

—Posso ir ver.

—Não - disse Jenny. Gareth abriu a boca para protestar por essa arbitrariedade, mas ela o cortou —. Coloquei feitiços de guarda e proteção ao redor deste acampamento..., não acredito que seja bom que os atravessemos. Já é quase de noite...

—Mas vamos nos molhar.

—estive molhado durante dias, herói - assinalou John com alegre brutalidade—. Ao menos aqui sabemos que estamos a salvo pelo lado do riacho..., a menos, claro, que transborde a ribeira. —Jogou um olhar para Jenny, que estava ainda no círculo de seu braço; ela também era consciente do olhar sombrio de Gareth—. O que tem que esse feitiço de proteção, amor?

Ela meneou a cabeça.

—Não sei - disse—. Às vezes os feitiços servem contra os Murmuradores, às vezes não. Não sei por que..., se for por algo dos Murmuradores ou é algo nos próprios feitiços. —Ou porque, disse-se a si mesma, seus poderes não eram o suficientemente fortes para fazer um feitiço verdadeiro contra eles.

—Murmuradores? —perguntou Gareth, incrédulo.

—uma espécie de diabo vampiro - disse John, com um tom de irritação na voz—. Não importa agora. Só fique dentro do acampamento.

—Nem sequer posso ir procurar refúgio? Não irei longe.

—Se sair do acampamento, alguma vez poderá voltar - lhe ladrou John—. Se estiver tão ansioso por não perder tempo nesta viagem, merda, suponho que não quererá que passemos os próximos três dias procurando seu corpo, verdade? Vamos, Jen, se não quer fazer o jantar, farei eu...

—Já o faço eu, já o faço - aceitou Jenny com uma pressa que não era brincadeira, não de tudo ao menos. Enquanto foram de novo para o fogo quente e protetor, ela voltou a olhar para Gareth, ainda de pé no limite do círculo de feitiços que brilhava levemente. Com sua vaidade ferida pelas últimas palavras, o moço levantou uma pedra e a jogou com fúria contra a escuridão úmida, que murmurou e rangeu e logo voltou para ritmo incessante da chuva.

Depois disso, deixaram as terras pregadas de colinas rochosas e riachos rasos e entraram nos restos tenebrosos da grande selva de Wyr. Aqui os carvalhos imensos e os espinheiros se apertavam contra o caminho, atacando os rostos dos viajantes com ramos pendentes e ásperos e musgo úmido, e os cascos dos cavalos com raízes acidentadas e rajadas molhadas de folhas mortas. O vigamento negro de ramos nus só deixava passar uma fração da pálida luz do sol, mas a chuva seguia gotejando entre eles com um ritmo interminável, triste nos matagais de samambaias e aveleiras mortas. O solo era pior, úmido e instável, ou alagado em pântanos de água chapeada em que se elevavam as árvores, afundados até a altura do joelho e apodrecendo-se lentamente; e

Aversin viu que os pântanos do sul se expandiam de novo. Em muitos lugares, o caminho estava coberto, bloqueado com árvores cansadas, e o trabalho de limpá-lo ou fazer um atalho entre os arbustos ao redor desses obstáculos os deixava gelados e exaustos. Até para Jenny, acostumada às durezas da vida nas Terras de Inverno, era exaustivo, e tão mais porque não havia descanso; deitava-se moída de noite e despertava moída no cinza pálido dos primeiros começos para reatar a viagem.

Era fácil imaginar o que significava a viagem para Gareth. À medida que se sentia mais e mais cansado, seu humor piorava e se queixava com amargura cada vez que se detinham.

—E agora o que estamos procurando? —perguntou uma tarde quando John ordenou a quinta parada em três horas e armado com seu pesado arco de caça desmontou e se desvaneceu no vigamento espesso de aveleiras e sarças juntas no caminho.

Tinha chovido quase toda a tarde e o moço se deixou cair em desespero sobre o lombo de Estúpido Ruano, um dos cavalos de refresco que haviam trazido do forte. Na outra montaria, que agora estava Jenny, John lhe tinha posto o nome do Ruano Más Estúpido, um nome que era muito apropriado, infelizmente. Jenny suspeitava que, nos piores momentos, Gareth a culpava até pela baixa qualidade dos cavalos do forte. A chuva tinha cessado, mas o vento frio ainda os mordida através da malha de suas roupas; e ainda sim uma rajada sacudia os ramos por cima de suas cabeças e os salpicava com a chuva que tinha ficado nelas e às vezes com uma folha empapada de carvalho que baixava como um morcego morto.

—Está procurando o perigo. —Jenny também escutava, os nervos esticados, procurando o silêncio que pendurava como fôlego retido entre as árvores amontoadas, escuras.

—Não o encontrou a última vez, não? —Gareth pôs suas mãos enluvadas sob sua capa para esquentá-las e tremeu. Logo olhou para cima com ostentação, procurando o pouco que ficava do céu, calculando a hora e logo recordando os dias que levavam de caminho. Ela cheirou o medo sob seu sarcasmo—. Ou a vez anterior..., é obvio.

—E por sorte - replicou ela—. Acredito que entende muito pouco os perigos das Terras de Inverno.

Gareth sufocou um grito e seu olhar ficou fixo. Jenny seguiu os olhos para a forma escura de Aversin; os quadros da capa faziam John quase invisível na escuridão das árvores. Com um movimento único e lento, tinha levantado o arco e colocado a flecha, mas ainda não tinha disparado.

Jenny seguiu a trajetória da flecha para a fonte do perigo.

Apenas visível entre as árvores, um pequeno velhinho magro se inclinava com a dor da artrose para procurar lenha no interior seco de um tronco podre. Sua esposa, também fraca, velha e andrajosa, com o cabelo fino e branco pendurando murcho sobre os ombros estreitos, sustentava uma cesta de palha para receber a madeira caída. Gareth deixou escapar um grito de horror.

—Não!

Aversin moveu a cabeça. A velha, alertada, levantou a vista e deu um alarido agudo, deixou cair a cesta e escondeu a cara entre as mãos. O pacote de madeira seca caiu ao chão pantanoso a seus pés. O velho a agarrou no braço e os dois começaram a fugir torpemente para a selva mais profunda, soluçando e cobrindo-a cabeça com os braços como se pensassem que era possível deter uma flecha de guerra com um escudo de carne tão leve.

Aversin baixou o arco e deixou que seus alvos escapassem ilesos para a úmida espessura.

Gareth ofegava.

—ia matá-los! A esses pobres velhos...

Jenny assentiu enquanto John voltava para caminho.

—Sim. —Ela compreendia a razão, mas, como quando tinha matado o bandido moribundo nas ruínas da velha cidade, sentia-se suja.

—Isso é tudo o que ides dizer? —enfureceu-se Gareth, horrorizado—. Que sim? Os teria matado a sangue frio...

—Eram Meewinks, Gar - disse John com voz tranqüila—. A única coisa que a gente pode fazer com um Meewink é matá-lo.

—Não me importa como os chamem! —gritou Gar—. Eram velhos e inofensivos! A única coisa que faziam era juntar lenha!

Uma linha pequena, reta, apareceu entre as sobrancelhas vermelhas de John, que esfregou os olhos. Gareth, pensou Jenny, não era o único que se estava cansando da viagem.

—Não sei como os chamam no lugar de onde vem - disse Aversin, cansado—. Sua gente estava acostumada ter granjas no vale do rio Selvagem. São...

—John. —Jenny lhe tocou o ombro. Tinha seguido a conversação só levianamente; seus sentidos e seu poder se pulverizavam pelos bosques úmidos e cheirava o perigo na luz que se desvanecia. O perigo parecia lhe caminhar pela pele, um movimento suave, como de chapinho, nos claros alagados do bosque para o norte, um rangido leve que silenciava os ruídos inquietos e pequenos das raposas e os castores—. Deveriam ir. A luz já se vai. Não recorde bem esta parte dos bosques, mas sei que nos falta bastante para encontrar um lugar onde acampar.

—O que acontece? —A voz de John, como a sua, converteu-se em um sussurro.

Ela meneou a cabeça.

—Talvez nada. Mas acredito que devemos ir.

—por quê? —gemeu Gareth—. O que passa? Faz três dias que fogem de suas próprias sombras.

—Correto - aceitou John e havia um tom perigoso em sua voz tranqüila—. Pensaste no que poderia passar se sua sombra te alcançasse? Agora monta e vamos em silêncio.

Era quase noite fechada quando acamparam porque, como Jenny, Aversin estava nervoso e levou um momento para encontrar um lugar que seu julgamento de homem dos bosques considerasse relativamente seguro. Jenny não quis um porque não gostou da forma em que se aproximavam as árvores escuras; John vetou outro porque o riacho não se via do lugar onde estava o fogo. Jenny estava faminta e cansada, mas os instintos das Terras de Inverno lhe diziam que deviam seguir movendo-se até encontrarem um lugar fácil para se defender, embora não sabia contra o que teria que lutar.

Quando Aversin rechaçou um terceiro lugar, uma clareira quase circular com um riacho pequeno, afogado entre as samambaias, o humor faminto e desesperado de Gareth estalou.

—O que tem de mau este? —perguntou, desmontando e recostando-se contra o flanco do Estúpido Ruano para esquentar—. Pode-se agarrar água sem deixar de ver o fogo e é maior que o outro lugar.

O desgosto brilhou como o fulgor de um aço desenbainhado na voz de John.

—Eu não gosto.

—Bom, mas por que, em nome do Sarmendes?

Aversin olhou a seu redor da clareira e meneou a cabeça. As nuvens se abriram o suficiente para deixar penetrar uma luz lavada da lua que brilhava sobre seus óculos, sobre as gotas de chuva em seu cabelo quando empurrou o capuz para trás e sobre o extremo de seu largo nariz.

—Eu não gosto. Isso é tudo.

—Bom, se não poderem dizer por que, que lugar quer?

—O que eu quizer - replicou o Vencedor de Dragões com sua exatidão devastadora de sempre— e não ter a meu lado um mucoso todo vestido de seda que me diz que um lugar é seguro porque quer seu jantar.

Como essa era obviamente a primeira preocupação de Gareth, o moço explorou.

—Essa não é a razão! Acredito que vivestes como um lobo durante tanto tempo que já não confia em nada. Não vou andar pelos bosques toda a noite só por que...

—De acordo - disse Aversin, amargamente—. Então por mim pode ficar aqui, merda.

—De acordo! Adiante, me abandonem! Ides! Vais matar-me se trato de lhes seguir e escutam ranger os matagais?

—Talvez.

—John! —A voz fria, grave de Jenny cortou as próximas palavras—. Quanto mais podemos viajar sem luzes de algum tipo? As nuvens voltam. Não vai chover, mas não poderá ver nem a um metro de distância em duas horas.

—Você poderia - assinalou. Ele também sentia, pensou ela, essa sensação crescente que tinha começado lá longe atrás, no caminho; o sentimento inquietante de que os vigiavam.

—Sim - aceitou ela com tranqüilidade—. Mas não tenho sua experiência nos bosques. E conheço esta parte do caminho..., não há nenhum lugar melhor adiante. Tampouco eu gosto disto, mas não estou segura de que ficar aqui não seja mais seguro que mostrar nossa posição viajando com luzes, inclusive uma luz mágica muito leve. E até isso poderia não nos mostrar os sinais de perigo.

John olhou a seu redor nos bosques escuros, agora visíveis apenas na penumbra fria. O vento movia os ramos nus que se entrelaçavam sobre suas cabeças, e em algum lugar frente a eles na clareira, Jenny ouvia o murmúrio das samambaias e a voz rápida do riacho alimentado pela chuva. *Nenhum sinal de perigo*, pensou ela. Por que então inconscientemente olhava com sua visão periférica...? Por que preparava-se todo o tempo para escapar?

Aversin disse com calma.

—É muito bom.

Gareth estalou:

—Primeiro vocês não gostam e logo dizem que é muito bom...

—De todas as maneiras, eles conhecem todos os lugares para acampar - replicou Jenny com suavidade por cima das palavras de Gar.

Furioso, Gareth cuspiu:

—Quem?

—Os Meewinks, estúpido - ladrou John em resposta.

Gareth levantou as mãos.

—Ah, bom Querem dizer que não lhes atrevem a acampar aqui porque têm medo de que um velhinho e uma velhinha lhes ataquem?

—E outros cinqüenta de seus amigos, sim - replicou John—. E uma só palavra mais, herói, e vais ver como te estampo contra uma árvore.

Fora de suas montarias, Gareth lhe respondeu com raiva:

—De acordo! Provem o quando sagaz é golpeando a alguém que não está de acordo com você! Se tiverem medo de que lhes ataquem uma tropa de velhos de só um metro e vinte...

Ele nunca tinha visto Aversin mover-se daquele modo. O Vencedor de Dragões talvez não tivesse o aspecto de um herói, pensou Jenny, mas certamente sim os reflexos de um. Gareth ofegou quando uma capa e um espartilho o levantaram do chão e Jenny se aproximou para agarrar o braço agudo e poderoso. Com uma suavidade tão definitiva como o passo de um assassino, disse:

—te cale! E deixa-o ir.

—Não há nenhum abismo próximo? —Mas ela sentiu como o momento de raiva de John ia passando. Depois de uma pausa o Vencedor de Dragões o empurrou, quase derrubou Gareth, afastando o de si—. De acordo. —detrás de sua raiva, parecia envergonhado—. Graças ao nosso herói, agora é muito tarde para seguir adiante. Jen pode fazer algo com este lugar? Encantá-lo?

Jenny pensou durante um segundo, tratando de analisar seu medo.

—Não contra os Meewinks, não - replicou por fim. E adicionou, com acidez—: Certamente lhes rastreamos por suas vozes, cavalheiros.

—Não fui eu que...

—Não perguntei quem foi. —Tomou as rédeas dos cavalos e as mulas e os levou para a clareira, ansiosa por formar o acampamento e rodeá-lo com os feitiços de guarda antes que os vissem desde fora. Gareth, um pouco envergonhado por seu estalo, seguiu-a cabisbaixo, olhando a clareira ao seu redor.

Com a voz de querer fazer esquecer algo com o método de comportar-se como se nunca tivesse havido um desacordo, perguntou:

—Este terreno baixo é bom para o fogo?

A irritação rangeu na voz de Aversin.

—Nada de fogo. Esta noite temos um acampamento frio..., e você fará o primeiro guarda herói.

Gareth bufou, protestando por essa mudança arbitrária. Desde que tinham deixado o forte, Gareth sempre tinha feito a última guarda, *o guarda do amanhecer*, porque no final de um dia inteiro sobre o cavalo, apenas o que queria fazer era deitar-se e dormir; Jenny sempre tinha feito a segunda e John, habituado aos costumes dos lobos que caçam ao começo da noite, a primeira. O moço começou a dizer algo.

—Mas eu... —E Jenny deu meia volta para olhá-los na penumbra sombria.

—Se qualquer dos dois diz uma só palavra mais, deixarei-o mudo com um feitiço.

John se submeteu em seguida. Gareth começou a falar de novo, logo pensou melhor. Jenny tirou a corda de segurança do lombo da mula Clivy e a pendurou em uma árvore jovem. Na metade adicionou:

—Embora Deus saiba que isso não poderia lhes fazer mais estúpidos do que já são.

Durante tudo o jantar escasso de carne seca, massa de grão fria e maçãs, Gareth guardou um silêncio ostensivo. Jenny quase não o notou e John, ao vê-la preocupada, apenas lhe falou porque não queria incomodar sua concentração. Ela não estava segura do quanto perigo sentia nos bosques que os rodeavam..., não estava segura de quanto o que sentia era parte de seu próprio cansaço. Mas pôs toda sua concentração, todas suas habilidades no círculo encantado que tinha formado ao redor do acampamento essa noite; feitiços de guarda que fariam que seu acampamento não pudesse ver-se do exterior, que fariam desviar o olho de qualquer um que não estivesse dentro do círculo. Não ajudariam muito contra os Meewinks, que sabiam onde estava a clareira, mas talvez lhes conseguiria um atraso para obter um pouco de tempo. A estes, adicionou feitiços contra outros perigos, feitiços que lhe tinha ensinado Caerdinn contra os diabos vampiros e os Murmuradores que vagavam pelos bosques de Wyr, feitiços de cuja eficácia duvidava em segredo

porque sabia que às vezes falhavam, mas os melhores, quão únicos conhecia por ela mesma ou por boca de qualquer outra pessoa a que tivesse falado.

Suspeitava fazia já muito tempo, que as Linhagens de magia estavam desaparecendo e que cada geração tinha um pouco menos de ensino da magia que tinha chegado dos tempos antigos. Os tempos anteriores à unificação de todo o oeste sob o governo do Reino de Belmarie e sob a adoração brilhante dos Doze Deuses. Caerdinn tinha sido um dos maiores da Linhagem de Herne, mas quando ela o conheceu aos quatorze anos, já estava muito velho, débil e um pouco louco. Tinha-lhe ensinado, tinha-lhe treinado nos segredos da Linhagem, passados de professor a discípulo durante uma dúzia de gerações. Mas desde sua morte, tinha descoberto dois casos nos que o conhecimento de seu professor era errôneo e tinha ouvido feitiços dos parentes da Linhagem, os discípulos dos discípulos do professor do Caerdinn, Spaeth Guardião do Céu, que Caerdinn não se preocupou em lhe ensinar ou que talvez nem sequer conhecesse.

Essa noite dormiu inquieta, com o corpo exausto e preocupada com formas estranhas que pareciam penetrar para dentro das gretas de seus sonhos. Sentia-se capaz de ouvir o murmúrio e o assobio dos diabos vampiros enquanto passavam de árvore em árvore nos bosques pantanosos através do riacho e logo, por debaixo dos ramos, o suspiro suave dos Murmuradores na escuridão do outro lado da barreira de feitiços. Por duas vezes, arrancou-se com dor da escuridão do sonho que queria absorvê-la, pressentindo um perigo, mas nas duas vezes viu Gareth sentado contra uma pilha de pacotes, cabeceando na escuridão nebulosa.

A terceira vez que despertou Gareth não estava.

O que lhe tinha despertado era um sonho; o sonho de uma mulher de pé, escondida entre as árvores. Tinha um véu, como as mulheres do sul; a ponta do véu era como uma manta de flores pulverizada sobre seus cachos escuros. Sua risada suave soava como campainhas de prata, mas havia uma nota áspera nela, como se não risse nunca a não ser que sentisse o prazer de ter ganhado algo. Estendia umas mãos magras, pequenas, e murmurava o nome de Gareth.

As folhas e a sujeira estavam pisoteadas no lugar em que o moço tinha cruzado as linhas trementes dos círculos de amparo. Jenny se sentou, sacudindo a trança grossa de seu cabelo e tocou John para despertá-lo. Conjurou a luz mágica e iluminou o acampamento quieto, silencioso e brilhou nos olhos dos cavalos acordados. O barulho do riacho se ouvia no silêncio.

Como John, Jenny tinha dormido sem despir-se. Estirou a mão para seu casaco de pele de ovelha, a capa, as botas e o cinturão que jaziam em um vulto ao lado das mantas, e tirou de seu bolso o pequeno cristal adivinhatório e o pôs contra a luz mágica enquanto John começava a colocar as botas e o gibão¹⁰ de pele de lobo sem dizer uma só palavra.

Dos quatro elementos, a terra de leitura e adivinhação, quer dizer, o cristal, era o mais fácil e o mais exato, embora antes tenha que enfeitiçar o cristal. O fogo não necessitava preparação

¹⁰ Vestidura antiga que cobria os homens desde o pescoço até a cintura, espécie de casaco curto que se vestia sobre a camisa

alguma, mas mostrava o que queria, não o que alguém estava procurando; a água podia mostrar tanto o futuro como o passado, mas era uma notória mentirosa. Só os maiores magos podiam ler o vento.

O coração do cristal do Caerdinn estava escuro. Ela aquietou seus medos pela segurança de Gareth, acalmou sua mente enquanto invocava as imagens; estas brilharam sobre as facetas, como se estivessem refletidas desde outro lugar. Viu uma habitação de pedra, muito, muito pequena, com a arquitetura de um lugar meio fundo no chão; os únicos móveis eram uma cama e uma espécie de mesa formada por um bloco de pedra que se projetava da parede. Havia uma capa molhada sobre a mesa, com um atoleiro de água a meio secar ao seu redor..., erva daninha do pântano se aferravam a ela como vermes escuros, ao lado havia uma espada larga muito adornada e sobre a capa, um par de óculos. As lentes redondas refletiram as faíscas da luz amarela e gordurenta do abajur quando se abriu a porta.

Alguém no corredor tinha o abajur em alto. A luz mostrava formas pequenas, encurvadas, amontoadas no vestibulo mais à frente. Jovens e velhos, homens e mulheres, talvez uns quarenta, com caras brancas, caídas, cheias de verrugas e olhos redondos como os dos peixes. Os primeiros eram o velho e a velha, os Meewinks que John quase tinha matado esta tarde.

O velho tinha uma corda; a mulher, uma grande faca de açougueiro.

A casa dos Meewinks estava onde a terra era baixa, sobre uma colina por cima de um lodaçal sobre cuja superfície projetava suas sombras às árvores podres como cadáveres em decomposição. Chata e quadrada era maior do que parecia e detrás dela as paredes mostravam uma parte meio enterrada. Apesar do frio, o ar era fétido pelo aroma do pescado podre e Jenny apertou com força os dentes contra uma sensação de náusea que a dominou ao ver o lugar. Odiava aos Meewinks desde que sabia o que eram.

John se deslizou do lombo do manchado cavalo de guerra, Osprey, e atou a rédea de Martelo de Batalha sobre o ramo de uma árvore jovem. Tinha a cara tensa com uma mescla de ódio e asco sob a escuridão chuvosa. Duas vezes já, famílias de Meewinks tinham tratado de instalar-se perto de Forte Alyn; as duas vezes, John apenas soube, e reuniu a pouca tropa que tinha e queimou suas casas para afugentá-los. Tinha matado a alguns em cada ocasião, mas não tinha homens suficientes para persegui-los através das terras selvagens e erradicá-los por completo. Jenny sabia que ainda tinha pesadelos sobre o que tinha encontrado em suas adegas.

Ele murmurou:

—Escuta. —E Jenny assentiu. Da casa, podia ouvir um leve rumor de vozes, ensurdecidas como se estivessem quase clandestinamente, agudas e chorosas como o latido das bestas. Jenny deslizou sua alabarda do pomo dos arreios de Lua e murmurou algo aos três cavalos para que guardassem silêncio. Estendeu sobre eles os feitiços de guarda, para que o olho fortuito não os visse, ou pensasse que era outra coisa: um matagal de aveleira, ou a sombra estranha de uma

árvore. Esses mesmos feitiços eram os que tinham impedido que Gareth encontrasse de novo o caminho ao acampamento uma vez que um Murmurador o tinha afastado dele e Jenny sabia.

John pôs seus óculos em um bolso interno.

—Correto - murmurou—. Você tira o Gar..., eu lhes cobrirei.

Jenny assentiu fria por dentro, como quando esvaziava sua mente para fazer magia além de seus poderes; endureceu-se para o que sabia que vinha. Quando cruzaram o pátio sujo e a gritaria estranha e surda na casa se fez mais forte, John a beijou e se voltou para afundar sua bota na portinha da casa.

Passaram pela porta como bandidos que entram para roubar o inferno. Um aroma quente, úmido golpeou a Jenny na cara quando atravessou a soleira depois dos calcanhares de John, o fedor fétido da sujeira em que viviam os Meewinks e do pescado podre que comiam. Sobre tudo, o aroma agudo, brilhante como o do sangue recém derramado. O ruído era um pandemônio de gritos chorosos; depois da escuridão de fora, até o brilho fumegante do fogo no lar, desproporcionalmente grande, parecia cegar. Muitos corpos se uniam como em um enxame em uma multidão ao redor da pequena porta que ficava do outro lado da habitação; de vez em quando o fulgor agudo da luz brilhava sobre as facas que empunhavam quase todas essas mãos pequenas.

Gareth estava apoiado contra a porta em meio a multidão. Evidentemente tinha brigado para chegar até ali, mas sabia que se baixava ao espaço aberto da grande habitação, rodeariam-no. Tinha o braço esquerdo envolto em colchas manchadas e sujas como escudo protetor, na mão direita tinha o cinturão e usava a fivela para golpear as caras dos Meewinks ao seu redor. Tinha o rosto coberto de sangue das dentadas e as navalhadas...; mesclada com suor, corria para baixo e lhe manchava de carmesim a camisa como se lhe tivessem talhado o pescoço. Os olhos cinza e nus estavam abertos em um olhar alagado desse horror nauseabundo dos pesadelos.

Os Meewinks que o rodeavam tagarelavam como almas condenadas. Talvez houvesse uns cinqüenta, todos armados com suas facas de aço ou de concha¹¹ afiada. Quando entraram na casa, Jenny viu como um deles se arrastava e dava uma navalhada em Gareth no joelho. O moço tinha as costelas rasgadas por uma dúzia desses intentos e as botas pegajosas com riachos de sangue; deu uma pesada em seu atacante na cara, fazendo-o rodar uns dois passos entre a multidão. Era a mulher velha que John quase tinha matado no bosque.

Sem dizer nenhuma palavra, John se jogou contra a multidão fedorenta e enfurecida. Jenny saltou atrás dele, lhe guardando as costas; sangue do primeiro giro da espada dele a salpicou no rosto e ao redor deles, o ruído se elevou como o fragor de uma tormenta no mar. Os Meewinks eram um povo pequeno, embora alguns dos homens eram tão altos como Jenny; ela sentia que a alma lhe rangia por dentro quando cortava as caras brancas, brandas, de gente não maior que um menino e arrojava a ponta pesada da alabarda contra esses pequenos estômagos e os via cair,

¹¹ Arma feita da carapaça da tartaruga

vomitando, ofegando, afogando-se. Mas havia tantos... Colocou a saia xadrez à altura dos joelhos para brigar e sentiu mãos que as aferravam e tiravam delas. Um homem agarrou uma grande faca de açougueiro dentre as coisas que havia sobre a mesa e tratou de atacá-la para deixá-la inválida. A folha da alabarda se afundou sobre a bochecha e lhe abriu a cara até o outro lado da mandíbula. O grito rasgou ainda mais o corte. O aroma do sangue cobria tudo.

Pareceu que só lhe levava uns segundos para cruzar a habitação.

—Gareth! —uivou Jenny, mas ele quis golpeá-la com o cinto. Era o suficientemente baixa para ser uma Meewink e ele tinha perdido os óculos. Levantou a alabarda; o cinturão se enganchou ao redor da folha e ela o arrancou das mãos—. Sou Jenny! —gritou enquanto os golpes da espada de John seguiam caindo a seu redor. John os defendia enquanto os salpicava com gotas voláteis de sangue coagulado. Jenny agarrou o pulso ossudo do moço e o arrastou pelos degraus por volta da habitação—. Agora, corre!

—Mas não podemos... —começou ele, olhando de novo para John e ela o empurrou com violência para a porta. Depois do que pareceu ser uma luta momentânea com um desejo de não parecer um covarde abandonando os seus salvadores, Gareth correu. Passaram a mesa e nesse momento, Gareth tomou um gancho e o fez girar contra as caras gordinhas, pálidas que os rodeavam e contra as mãozinhas com suas facas afiadas. Havia três Meewinks apostados na porta, mas todos se afastaram gritando frente à força da arma de Jenny. Detrás dela, a maga ouvia a cacofonia que subia ao redor de John crescendo; sabia que eles eram mais, e seu desejo de voltar e brigar pulsava dela como uma corda molhada. Apenas pôde obrigar-se a abrir a porta com fúria e arrastar Gareth à carreira através da clareira que havia frente à casa.

Gareth se deteve, aterrorizado.

—Onde estão os cavalos? Como vamos A...?

Apesar de sua baixa estatura, Jenny era forte; o empurrão quase fez cair Gareth.

—Não faça perguntas!

Já havia algumas formas pequenas, encurvadas que corriam na escuridão dos bosques. A lama que havia sob seus pés penetrou nas botas de Jenny quando empurrou Gareth para frente onde ela, ao menos, via os três cavalos, e ouviu o tragar saliva de Gareth quando se aproximaram o suficiente para que os feitiços perdessem sua eficácia.

Enquanto o moço subia como podia no lombo de Martelo de Batalha, Jenny se jogou sobre Lua, agarrou as rédeas do Osprey e voltou para a casa pulverizando a lama ao seu redor como se tivesse derrubado um prato de aveia. Levantou a voz para poder gritar por cima do clamor interior da casa e chamou:

—John!

Um momento depois, uma confusão de figuras emergiu através da porta baixa, como uma manada de lobos tratando de derrubar a um urso. O brilho branco da luz mágica mostrou a

espada de Aversin ensangüentada até a manga, a cara rasgada e coberta de seu próprio sangue e da de seus atacantes, o fôlego brotando como um jorro de vapor de sua boca. Havia Meewinks pendurando em seus braços e em seu cinturão, tratando de romper e morder o couro de suas botas.

Com um grito de batalha como o de uma gaivota, Jenny cavalcou para eles, fazendo girar sua alabarda como uma foice. Os Meewinks se afastaram, assobiando e rangendo os dentes, e John se livrou dos últimos e se jogou nos arreios de Osprey. Um pequeno menino Meewink correu atrás dele e se aferrou no couro do estribo e tratou de cortá-lo na virilha com a pequena faca de concha; John fez girar seu braço para baixo e alcançou ao menino nas têmporas estreitas com as pontas de seu bracelete; jogou-o longe, como tivesse feito com um rato.

Jenny deu meia volta a seu cavalo com violência e voltou para onde Gareth ainda se aferrava aos arreios de Martelo de Batalha na borda da clareira. Com a precisão dos cavaleiros de um circo, Jenny e John se dividiram para tomar as rédeas do potro, um de cada lado, e com Gareth entre os dois, afundaram-se na noite.

—Preparado. —Aversin afundou um dedo em um atoleiro de água e deixou cair uma gota sobre a frigideira de ferro em equilíbrio sobre o fogo. Satisfeito, fez uma torta com a massa de cereal e a deixou cair em seu lugar. Logo, olhou Gareth, que estava tratando de não chorar enquanto Jenny lhe punha uma mescla de ervas sobre as feridas—. Agora pode dizer que viu Aversin, Vencedor de Dragões, correr como o diabo para fugir de um grupo de velhos de um metro e vinte. —Suas mãos feridas e enfaixadas fizeram outra torta e a cor cinza do amanhecer brilhou em seus óculos enquanto sorria.

—Perseguirão-nos? —perguntou Gareth com voz débil.

—Duvido-o. —John levantou um floco de massa de cereal das pontas de seus braceletes—. Já têm bastante com seus próprios mortos. Isso os manterá alimentados por um tempo.

O moço engoliu seco, enojado, embora agora que tinha visto os instrumentos que havia sobre a mesa da casa dos Meewinks, já não tinha dúvidas do que teriam feito com ele.

Depois do resgate, Jenny tinha insistido que trocassem o acampamento longe da densa escuridão dos bosques. O amanhecer os tinha encontrado em um terreno relativamente aberto sobre as margens disforme de um pântano, onde grandes extensões de água geada refletiam um céu resistente entre os toques negros de mil armas. Jenny tinha trabalhado, congelada, esgotada, para pôr seus feitiços ao redor do acampamento, logo tinha dedicado os conteúdos de sua bolsa de remédios, deixando que John fizesse o café da manhã, contra seu bom julgamento. Gareth tinha procurado em sua bagagem os óculos retorcidos e danificados que tinham sobrevivido à fuga nas ruínas do norte, e agora penduravam disformes sobre a ponta de seu nariz.

—Sempre foram pequenos - continuou John, enquanto se aproximava do montão de pacotes onde estava sentado o moço e deixava que Jenny lhe enfaixasse os joelhos cortados—. Depois de que as tropas do rei deixaram as Terras de Inverno, os bandidos assaltavam sempre suas aldeias e lhes roubavam toda a comida que tinham. Nunca puderam contra um homem armado, mas uma aldeia inteira podia derrubar a um, ou melhor, ainda, esperar que dormisse e atacá-lo quando estava sonhando. Nos tempos de fome, o cavalo de um bandido podia manter a toda uma aldeia durante uma semana. Suponho que começaram pelos cavalos.

Gareth engoliu seco de novo e pareceu que ia vomitar.

John pôs suas mãos sobre o cinturão tachonado de metal.

—Geralmente atacam justo antes do amanhecer, quando o sonho é mais profundo, por isso quis trocar os guardas, para ser o que os enfrentaria, e não você. Foi um Murmurador o que te tirou do acampamento verdade?

—Sim..., suponho que sim. —O moço olhou o chão e uma sombra cruzou sua cara fraca—. Não sei. Foi algo... —Jenny percebeu um estremecimento.

—Eu os vi uma vez ou dois em minha guarda... Jen?

—Uma vez. —Jenny o disse brevemente. Odiava a memória das sombras que choravam na escuridão.

—Tomam qualquer forma - disse John, sentado no chão junto a ela, com os braços ao redor dos joelhos—. Uma noite um inclusive tomou a forma de Jen, apesar de que ela estava deitada ao meu lado... Diz Polyborus em suas *Seleções*, ou talvez é essa meia assinatura do Terencio em *De fantasmas*, que lêem seus sonhos e tomam as formas que vêem neles. Pelo Terencio? Ou Polyborus? Ou talvez seja no Clivy, embora seja um pouco muito exato para o Clivy..., tenho a impressão de que eram muito mais estranhos que agora, sejam o que sejam.

—Não sei - disse Gareth com voz tranqüila—. Devem ter sido estranhos, porque eu nunca ouvi falar deles, ou dos Meewinks. Depois de que isso... Atraíra-me para o bosque, atacou-me. Corri, mas não pude encontrar o acampamento de novo. Corri e corri..., e logo vi a luz dessa casa... —ficou calado e tremeu.

Jenny terminou de enfaixar o joelho de Gareth. As feridas não eram profundas, mas, como as da cara e as das mãos de John, estavam feitas com maldade, não só os cortes de faca, mas também os rasgões pequenos, como meias luas dos dentes humanos. Ela também os tinha e a experiência lhe tinha ensinado que essas feridas eram mais sujas que as flechas envenenadas. Pelo resto, doía-lhe todo o corpo, sentia-o paralisado com os músculos duros e a fadiga geral da batalha, algo que supunha que as baladas de Gareth se esqueciam de mencionar como resultado inevitável do combate físico. Sentia-se fria por dentro também, como quando trabalhava os feitiços da morte, algo que nunca se mencionava nas baladas, onde toda morte se realizava com uma confiança nobre e serena. Essa noite tinha tomado vistas de menos quatro seres humanos, seres

humanos apesar de ter nascido e haver-se criado em uma tribo canibal; tinha deixado inválidos a outros que morreriam quando lhes infectassem as feridas nessa atmosfera de decadência fétida, ou seriam assassinados por seus irmãos.

Para sobreviver nas Terras de Inverno, Jenny se tinha convertido em uma assassina competente. Mas quanto mais estudava e se transformava em curadora, quanto mais aprendia da magia e da vida da qual surgia a magia, mais odiava o que fazia. Vivia nas Terras de Inverno e tinha visto o que o fazia a morte aos que a prodigalizavam sem pensá-lo muito.

As águas cinza do pântano começaram a brilhar com a luz remota do amanhecer além das nuvens. Com o movimento suave de milhares de asas, os gansos selvagens se levantaram de seus ninhos negros de espadaña¹² e procuraram de novo os caminhos do céu sem cor. Jenny suspirou, esgotada até a medula. Sabia que não podiam permitir-se descansar, sabia que não haveria descanso até que cruzassem o grande rio Selvagem e entrassem nas terras de Belmarie.

Gareth falou de novo, com tranquilidade.

—Aversin..., lorde John..., lamento-o. Não tinha entendido nada das Terras de Inverno. — Levantou a vista, os olhos cinza cansados e infelizes detrás dos óculos quebrados—. E não tinha entendido nada sobre você. Eu vos..., odiava-lhes porque não foram o que..., o que eu tinha pensado que deviam ser...

—Sim, dei-me conta - disse John com um breve sorriso—. Mas o que sentia sobre mim não era real. O que era real era ver que estivesse a salvo em uma terra que não conhecia. E quanto a não ser o que esperava... Bom, só sabe o que sabe, e o único que sabia eram essas canções. Quero dizer, é como com o Polyborus e Clivy e os outros. Eu sei que os ursos não nascem sem forma, que não é certo que suas mães os esculpem com a língua, como diz Clivy, porque vi filhotes de urso recém-nascidos. Mas pelo que sei, talvez os leões sim nasçam mortos, embora pessoalmente não me parecesse provável.

—Não - disse Gareth—. Meu pai tinha uma leoa, como mascote, quando eu era muito pequeno. Seus filhotes nasceram vivos, como gatinhos grandes. Tinham manchas.

—Sério? —Aversin estava realmente agradecido por esse novo fragmento de sabedoria que adicionaria à obstruída habitação de sua mente—. Não digo que os Vencedores de Dragões não sejam heróicos, porque Selkythar e Antara Dama Guerreira e os outros talvez o foram, e talvez o tenham feito com espadas e em armadura dourada e plumas. Só sei que eu não o sou. Se tivesse podido escolher, nunca me teria aproximado desse maldito dragão, mas ninguém me perguntou se queria ou não. —Sorriu e adicionou—: Lamento te haver desiludido.

Gareth lhe sorriu também.

¹² Nome comum de diversas plantas herbáceas da família das tifáceas, de 1,50 a 3 m de altura, com as folhas em forma de quase uma espada e com talo largo.

—Suponho que alguma vez tinha que chover no dia de meu aniversário - disse, um pouco tímido de novo. Logo duvidou como se brigasse contra algum obstáculo interior—. Aversin escute - gaguejou. Logo, tossiu quando o vento trocou e a fumaça voou para eles.

—Pelo Deus de minha avó, são as tortas, merda! —John amaldiçoou e correu para o fogo, com um pé atrás do outro—. Jen, não é minha culpa...

—Sim, é. —Jenny se aproximou caminhando mais tranqüila para lhe ajudar a levantar os últimos restos miseráveis da frigideira e os jogou nas águas do pântano com um som leitoso—. Não deveria te feito o café da manhã. Agora vai e atende aos cavalos e me deixe cozinhar, que para isso me trouxe. —Levantou a tigela de comida. Embora tivesse a cara firme em uma expressão severa, o toque de seus olhos nos de John foi como um beijo.

4

Nos dias seguintes, Jenny notou a interesse mudança de atitude de Gareth para eles. Em geral, parecia voltar para a amizade confiada que lhe tinha demonstrado depois que ela o resgatou dos bandidos entre as ruínas, antes que soubesse que era a amante de seu herói, mas não era exatamente o mesmo. Essa atitude alternava com um nervosismo crescente e com silêncios estranhos e tensos nas conversações. Tinha mentido a respeito de algo no forte, pensava Jenny, agora o lamentava..., mas não o suficiente para confessar a verdade.

Fosse qual fosse a verdade, ela sentiu que tinha estado muito perto de sabê-la no dia seguinte ao resgate dos Meewinks. John se tinha adiantado para explorar a ruínosa ponte de pedra que cruzava a corrente do rio Serpente, deixando-os solos com os cavalos e mulas de refresco no silêncio profundo dos bosques de inverno.

—São reais os Murmuradores? —perguntou com suavidade, olhando sobre seu ombro como se temesse voltar a ter a visão da noite anterior materializando-se na realidade do dia das névoas que se deslizavam entre as árvores.

—O suficientemente reais para matar um homem - disse Jenny— podem afastá-lo de seus amigos. Bebem sangue, por isso devem ter suficiente matéria para necessitar alimento, mas, além disso, ninguém sabe muito sobre eles. Escapou por pouco.

—Sei - murmurou ele, olhando as mãos com a cara envergonhada. Estavam nuas e machucadas pelo frio..., tinha perdido suas luvas, sua capa e sua espada em casa dos Meewinks.

Jenny suspeitava que mais adiante, no inverno, os Meewinks as ferveriam e se comeriam o couro. Uma das velhas capas xadrez de John estava envolta sobre o gibão emprestado ao moço. Com o cabelo fino coberto de fina umidade que caía sobre os cristais de seus óculos quebrados, parecia-se muito pouco ao jovem nobre que tinha chegado ao forte.

—Jenny - disse titubeando—, obrigado..., é a segunda vez..., obrigado por me salvar a vida. A..., lamento haver levado tudo como o fiz com você. É só que... —Sua voz se deteve incerto...

—Suspeito —disse Jenny com amabilidade— que tomou por alguém que conhece.

As bochechas do moço avermelharam. O vento gemeu entre as árvores nuas e ele se assustou e logo se voltou para ela com um suspiro.

—A verdade é que me salvaram a vida arriscando a sua e eu pus em perigo a de ambos da forma mais estúpida. Não deveria ter acreditado nos Meewinks. Nunca deveria ter abandonado o acampamento. Mas...

Jenny sorriu e meneou a cabeça. A chuva tinha cessado e ela se tornou a tirar o capuz e agora o vento jogava com seus cabelos; com um toque dos calcanhares, apurou de novo a Ruano Mais Estúpido e todo o grupo se moveu pelo caminho.

—É difícil —disse ela— não acreditar nas ilusões dos Murmuradores. Embora saibamos que esses que vemos não podem estar aí fora do círculo encantado gritando nosso nome, há uma parte de nós que precisa ir com eles.

—O que..., que formas lhes viram tomar? —perguntou Gareth em voz baixa.

A lembrança era má e passou um momento antes que Jenny respondesse. Logo, disse:

—a de meus filhos, Ian e Adric. —A visão tinha sido tão real que inclusive depois de ter conjurado suas imagens no cristal de Caerdinn para assegurar-se de que estavam a salvo no forte, os temores de Jenny por eles não se acalmaram de tudo em sua mente. Depois de pensar um momento, seguiu falando—. É estranho. Tomam a forma que mais inquieta ao que os vê; conhecem não só nossos amores, mas também nossas culpas e nossos desejos.

Gareth se encolheu ao ouvir isso e desviou o olhar. Seguiram cavalgando em silêncio durante uns momentos. Logo, o moço disse:

—Como sabem?

Ela negou com a cabeça.

—Talvez realmente leiam os sonhos. Talvez só sejam espelhos e, como tais, não têm idéia do que refletem. Os feitiços que lhes jogamos não têm força porque eles não conhecem sua essência.

O franziu o cenho, curioso.

—Seu o que?

—Sua essência, seu ser interior. —Ela se deteve sobre o começo de uma baixada do caminho, brusca, alagada, em que a água jazia entre as árvores como uma serpente brilhante—. Quem é Gareth de Magloshaldon?

Assustou-se para ouvir a pergunta, e durante um instante, ela viu o medo e a culpa em seus olhos cinza. O moço gaguejou:

—Eu..., eu sou Gareth de..., de Magloshaldon. É uma província de Belmarie...

Os olhos dela procuraram os do menino e mantiveram o olhar sob as sombras cinza das árvores.

—E se não fosse dessa província, ainda seria Gareth?

—Bom..., sim, claro... Eu...

—E se não fosse Gareth? —pressionou ela, mantendo o olhar e a mente dele apanhadas nas suas—. Ainda seria você? Se estivesse inválido, ou fosse velho..., se te transformasse em leproso, ou perdesse sua masculinidade..., quem seria então?

—Não sei...

—Sim que sabe.

—Basta! —Ele tratou de desviar a vista e não pôde. Seu controle sobre ele se estreitou e procurou em sua mente, mostrando-lhe com seus olhos: um caleidoscópio vivo de imagens emprestadas de milhares de baladas, ardendo com os desejos físicos incontidos da adolescência; feridas abertas deixadas por alguma traição amarga e sobre tudo, a escuridão sombria de uma culpa e um medo quase intoleráveis.

Jenny procurou nessa escuridão..., as mentiras que Gareth havia dito a John no forte e alguma culpa ainda maior por detrás. Um crime verdadeiro ou só algo que lhe parecia um crime? Perguntou-se Jenny. Gareth gritou de novo:

—Basta! —Ela ouviu o desespero e o terror em sua voz; durante um momento, através dos olhos de Gareth, viu a si mesma, olhos azuis sem piedade em uma cara como uma bigorna branca de osso entre os riachos escuros do cabelo. Recordou o momento em que Caerdinn lhe tinha feito o mesmo e lhe deixou ir com rapidez. Ele deu meia volta e cobriu a cara. Todo o corpo lhe tremia de terror e de surpresa.

Depois de um momento, Jenny disse com suavidade:

—Lamento-o. Mas esse é o coração da magia, a forma que funcionam todos os feitiços..., com a essência, com o nome verdadeiro. É verdade com respeito aos Murmuradores e também com

respeito aos magos maiores. —Estalou a língua para apurar aos cavalos e seguiram adiante outra vez. Os cascos se afundavam com um som úmido no barro cor chá. Ela acrescentou—: Tudo o que pode fazer é perguntar a ti mesmo se for razoável que isso que vê esteja aí nos bosques, te chamando.

—Mas disso se trata justamente - disse Gareth—. Era razoável. Zyerne... —deteve-se.

—Zyerne? —Era o nome que ele tinha murmurado em seus sonhos no forte, enquanto se afastava, com horror, das mãos de Jenny que o buscavam para curá-lo.

—A dama Zyerne - disse ele, titubeando—. A..., a amante do rei. —Sob a capa movediça de chuva e barro, sua cara era de uma cor vermelha forte. Jenny recordou seu sonho estranho e nebuloso de uma mulher de cabelo escuro e sua risada de campainhas de cristal.

—E a amas?

Gareth avermelhou ainda mais. Em uma voz tensa e dura repetiu:

—É a amante do rei.

E eu sou a amante de John, pensou Jenny, que tinha dado conta de repente de onde vinha a raiva que havia sentido o moço contra ela.

—De todos os modos - seguiu Gareth depois de um minuto—, todos estamos apaixonados por ela. É..., é a primeira dama da corte, a mais formosa... Escrevemos sonetos sobre sua beleza...

—Ela te ama? —perguntou Jenny, e Gareth ficou calado enquanto se concentrava em fazer que seu cavalo avançasse sobre o barro para cima por um pendente rochoso.

Finalmente disse:

—Não..., não sei. Às vezes, acredito... —Logo meneou a cabeça—. Assusta-me - admitiu—. E, além disso, é..., é uma feiticeira.

—Sim - disse Jenny com suavidade—. O supus pelo que disse no forte. Você tinha medo de que eu fosse como ela.

Olhou-a horrorizado, como se o tivesse apanhado em uma falta social terrível.

—Mas não, não o são. Ela é tão formosa... —E se interrompeu, ruborizado e ansioso, e Jenny riu.

—Não se preocupe. Faz muito que aprendi para que servia o espelho.

—Mas você é formosa — insistiu ele—. Quer dizer, «formosa» não é a palavra exata...

—Não — sorriu Jenny—. E acredito que «feia» é a palavra que está procurando.

Gareth meneou a cabeça, teimoso: sua honestidade lhe proibia chamá-la formosa e sua inexperiência o fazia impossível expressar o que realmente sentia.

—A beleza..., a beleza não tem nada que ver com tudo isto - disse finalmente—. E ela não é como você: apesar de sua beleza, é ardilosa e dura e não lhe importa nada que não seja aumentar seus poderes.

—Então é como eu - disse Jenny—. Porque eu sou ardilosa, hábil em meus conhecimentos, tal como são, e me chamaram dura desde que era menina e preferia ficar olhando a chama de uma vela até que vinham as imagens e não brincar em casa como as outras meninas. E quanto ao resto... —Suspirou—. A chave da magia é magia. Para ser mago terá que sê-lo. Meu velho professor estava acostumado a me dizer isso. A busca dos poderes se leva tudo o que tem se quer ser grande..., e não deixa nem tempo nem energia para nada mais. Nascemos com as sementes do poder em nós e queremos ser o que somos com uma fome insaciável. O conhecimento..., o poder..., saber a canção que cantam as estrelas; centrar todas as forças da criação em uma runa desenhada no ar..., nunca podemos deixar de lado todo isso. É a matéria da solidão, Gareth.

Cavalgaram em silêncio por um tempo. Os bosques eram ferro e estanho ao seu redor, manchados aqui e lá com o óxido do ano que morria. Na luz leve, Gareth parecia maior que quando tinham começado a viagem, porque tinha perdido peso e a falta de sonho tinha deixado lagos permanentes de fuligem sob seus olhos. Finalmente, voltou-se de novo para ela e lhe perguntou:

—E amam os que nasceram para ser magos?

Jenny suspirou de novo...

—Dizem que a esposa de um mago é uma viúva. Uma mulher que dá luz ao filho de um mago deve recordar que ele deixará que ela o crie sozinha se seus poderes o chamarem a outros lugares. Por essa razão nenhum sacerdote quer fazer a cerimônia para os que nasceram magos e nenhum flautista quer tocar nos ritos. E seria um ato de crueldade para uma feiticeira ser mãe dos filhos de um homem.

Olhou-a, surpreso por suas palavras e pela frieza de sua voz; falava como se o assunto não tivesse nada que ver com ela.

Ela continuou, com o olhar fixo adiante, no caminho escondido pela metade sob o lodaçal de trepadeiras entrelaçadas.

—A uma feiticeira sempre importará mais o estudo de seus poderes que seus filhos ou que qualquer homem. Deixará a seus filhos por completo, ou chegará a odiá-los por lhe roubar o tempo que necessita para meditar, estudar, crescer em sua arte. Sabia que a mãe de John era uma feiticeira?

Gareth a olhou, impressionado.

—Era chamán dos Bandidos do Gelo; o pai de John a capturou em uma batalha. Suas baladas não dizem nada sobre isso?

Ele meneou a cabeça, sem dizer nada.

—Nada...; em realidade, na variante de Greenhythe da balada de Aversin e o Verme Dourado de Wyr, descreve-se como saudou sua mãe na sala de recepção dela antes de partir para a luta com o dragão..., mas, agora que o penso, há uma cena muito parecida na balada do Greenhythe sobre o Vencedor de Dragões Selkythar e em uma das variantes tardias de Halnath

sobre a Canção de Antara Dama Guerreira. Pensei que era algo que faziam os Vencedores de Dragões.

Um sorriso tocou os lábios de Jenny, logo desapareceu.

—Ela foi minha primeira professora no poder, quando eu tinha seis anos. Diziam dela o que você pensou de mim, que tinha enfeitado ao seu senhor para que a amasse, que o tinha enredado em seu comprido cabelo. Eu também acreditei de menina..., até que vi como lutava pela liberdade que ele não queria lhe dar. Quando a conheci, já tinha dado a luz aos filhos desse homem; mas quando John tinha cinco anos, se foi em meio aos ventos impetuosos de uma tormenta de gelo, ela e o velho lobo de olhos congelados que era seu companheiro. Nunca voltaram para as Terras de Inverno. E eu...

Houve um comprido silencio quebrado só pelo ruído suave dos cascos no caminho, o tamborilar da chuva e o estalo ocasional dos cascos da mula Clivy sobre o barro quando estirava muito a mão ao caminhar. Quando Jenny continuou, sua voz era baixa, como se falasse sobre tudo para si mesma.

—Ele me pediu que desse a luz a seus filhos, porque queria filhos e queria que esses filhos fossem meus também. Sabia que nunca viveria com ele como sua esposa, que nunca dedicaria meu tempo a sua comodidade e a de seus filhos. Eu sabia também. —Suspirou—. A leoa tem seus filhotes e logo volta para a caça. Acreditei que eu poderia fazer o mesmo. Toda minha vida me chamaram dura de coração..., oxalá o fora. Não pensei que ia amá-los assim.

Através das árvores, apareceram ante a vista dos cavaleiros as torres ruinosas da ponte do rio Serpente. A água rugia alta e amarela entre os arcos derrubados. Frente a eles havia uma figura escura sobre um cavalo no caminho sombrio; seus óculos brilhavam como círculos de gelo sujo na luz fria do dia, sinal de que o caminho estava livre.

Essa noite acamparam fora da cidade nas ruínas de Ember, que tinha sido uma vez a capital da província de Wyr. Já não ficava nada dela, exceto um montículo de erosão de pedra, cheios de abedules e arces jovens e os restos dos muros de amparo. Jenny a conhecia dos tempos em que ela e Caerdinn tinham ido procurar livros nos cantos enterrados. O lhe tinha pegado então, recordava-o, quando ela falou da beleza das linhas esqueléticas de pedra que cruzavam a capa escura da terra em aro.

Quando chegou o crepúsculo, montaram o acampamento fora dos muros. Jenny reuniu casca de abedules, que queimava bem, para usar como lenha e procurou água do riacho que passava perto. Gareth a viu vir e deixou suas próprias tarefas para unir-se a ela.

—Jenny - começou e ela levantou a vista.

—Sim?

Fez uma pausa, como um nadador nu no limite de uma lacuna muito fria, logo obviamente perdeu o valor.

—Enfim..., há alguma razão pela que não acampamos nas ruínas da cidade?

Isso não era o que tinha estado a ponto de dizer, e era evidente, mas ela voltou a olhar os ossos brancos da cidade, envoltos em sombra e parras.

—Sim.

A voz dele baixou.

—Há..., há algo nessas ruínas?

Os extremos da boca de Jenny se torceram um pouco.

—Não que eu saiba. Mas toda a cidade está enterrada sob a maior extensão de hera venenosa deste lado das Montanhas Cinzas. Assim e tudo - disse, enquanto se ajoelhava junto ao monte de madeira seca que tinha conseguido reunir e acomodava a casca dos abedules debaixo deste—, pus feitiços de amparo ao redor do acampamento, assim trata de não ir.

Baixou um pouco a cabeça ante essa brincadeira amável e avermelhou.

Ela adicionou, com um pouco de curiosidade:

—Inclusive se esta dama Zyerne da que falas é uma feiticeira..., inclusive se te ama, nunca teria vindo aqui do sul. Sabe? Os magos só se transformam em pássaros nas baladas, porque trocar sua essência para a essência de outra forma de vida, é uma mudança de forma em realidade, além de ser perigoso, requer uma enorme quantidade de poder. Não é algo que se faça de qualquer jeito. Quando os magos viajam, fazem-no sobre seus dois pés.

—Mas... —A frente de Gareth se enrugou. Agora que tinha decidido ser o campeão de Jenny, não queria reconhecer que houvesse algo que ela não pudesse fazer—. Mas a dama Zyerne o faz constantemente. Vi-a fazê-lo.

Jenny se parou de mexer nos troncos secos, e foi tomada por uma pontada súbita de ciúmes quentes, ciúmes que acreditava ter deixado de sentir fazia já muito, o ciúmes amargos da juventude para os que eram mais hábeis que ela. Tinha trabalhado toda sua vida para livrar-se deles, sabendo que lhe impediam de aprender dos que eram mais poderosos. E foi essa idéia a que lhe fez dizer-se, um momento depois, que não devia impressionar-se quando lhe contavam algo sobre a forma em que outros usavam o poder.

Entretanto, no fundo de sua mente, podia ouvir o velho Caerdinn falando dos perigos de tomar uma essência estranha, inclusive se a gente tinha o poder necessário para realizar a transformação e do poder que podia ter essa outra forma sobre a mente de todos, menos a dos mais poderosos.

—Deve ser uma maga muito poderosa então - disse, lutando contra sua própria inveja. Com um toque de sua mente, chamou o fogo na lenha e este brilhou com calor sob a madeira. Até essa pequena magia lhe mordida, como uma agulha esquecida pelo descuido de alguém em um vestido,

com o reflexo amargo da pequenez de seu poder—. Que formas lhe viu tomar? —deu-se conta enquanto falava, esperava que ele dissesse que em realidade não tinha visto nenhuma forma e que era só um rumor.

—Uma vez um gato — disse ele—. E outra, um pássaro, uma andorinha. E tomou outras formas em..., sonhos que tive. É estranho — seguiu um pouco apressado—. Nas baladas não lhe dão muita importância. Mas é horrendo, uma mulher a que... —tropeçou com a voz, quase como se tivesse mordido algum verbo e que substituiu, retorcendo-se e estragando-se, transformando-se em uma besta. E logo, a besta me olhou com os olhos dela.

Dobrou-se com as pernas cruzadas junto ao fogo enquanto Jenny punha a frigideira de ferro sobre as brasas e começava a mesclar a comida para as omeletes. Jenny lhe perguntou:

—Ela é a razão pela qual o rei te enviou ao norte, para nos buscar? Veio para escapar dela?

Gareth desviou a cara. Depois de um momento, assentiu:

—Não quero..., não quero trair ao rei. —As palavras pareciam estranhas quando falou—. Mas às vezes sinto que meu destino é fazê-lo. E não sei o que fazer. Policarpio a odiava - continuou depois de uns instantes nos que pôde ouvi-la voz de John que amaldiçoava alegremente às mulas Clivy e Vaca enquanto descarregava o resto dos pacotes—. O Senhor de Halnath, o rebelde. Sempre me advertiu que me separasse dela. E odiava a influência que ela tinha sobre o rei.

—Por isso se rebelou?

—Talvez tivesse algo que ver. Não sei. —Gareth jogou com um pedaço de comida que tinha ficado na tigela, o gesto triste e desesperado—. O..., ele tratou de assassinar ao rei e..., e ao herdeiro do trono, o filho do rei. Policarpio é o seguinte na linha de sucessão, o sobrinho do rei. Cresceu no palácio como uma espécie de filho depois de que seu pai se foi. Estendeu um cabo sobre uma cerca no campo de caça em uma manhã de névoa quando pensou que ninguém o veria até que fora muito tarde. —A voz lhe quebrou um pouco quando adicionou—: Eu fui o que o viu fazê-lo.

Jenny jogou um olhar a essa cara fraca, quebrada pela escuridão e a luz das chamas em um mosaico primitivo de sombras e planos.

—Você o queria bem, verdade?

Ele conseguiu assentir:

—Acredito que era meu melhor amigo, mais que qualquer outro na corte. A gente..., a pessoas de nossa idade ali..., Policarpio é cinco anos maior que eu, riam de mim porque coleciono baladas e porque sou torpe e não vejo nada sem meus óculos; também riam dele porque seu pai foi executado por traição e porque é um filósofo. Muitos dos Senhores o são. É pela universidade de Halnath..., geralmente são ateus e causam problemas. Seu pai, que se casou com a irmã do rei, era ateu. Mas Policarpio sempre foi como um filho para o rei. —tirou da testa as mechas leves, úmidas do cabelo e terminou em uma voz estrangulada—. Até quando o vi fazê-lo, não podia acreditá-lo.

—E o denunciou?

O fôlego de Gareth escapou em um suspiro defensivo.

—O que podia fazer?

Era isso o que lhes tinha escondido? Perguntou-se Jenny. O fato de que o reino mesmo estava dividido pela ameaça de uma guerra civil, como as Guerras de Família que tinham feito retirar as tropas do rei das Terras de Inverno fazia um tempo? Tinha tido medo de que se John sabia que havia uma possibilidade de que o rei lhe negasse as forças que necessitava, não aceitasse fazer a viagem?

Ou havia algo mais?

Já era escuro. Jenny tirou as omeletes do fogo e as pôs em um prato de madeira enquanto cozinhava porco salgado e feijões. Enquanto Gareth falava, John lhes tinha unido e escutava pela metade o que diziam enquanto com a outra parte de sua atenção vigiava os bosques que os rodeavam.

Enquanto comiam, Gareth continuou:

—De todos os modos, Policarpio conseguiu sair da cidade antes que o buscassem. As tropas do rei o esperavam no caminho de Halnath, mas acreditam que foi pela Gruta e os gnomos o levou a cidadela. Logo eles..., os gnomos, fecharam a porta que leva da Gruta à cidadela e disseram que não iam se misturar nos assuntos dos homens. Não deixam passar às tropas do rei através da Gruta para tomar a cidadela pelo outro lado, mas tampouco permitem sair por esse lado aos rebeldes nem lhes vendem comida. Disse-se algo de que usaram pólvora para fechar os túneis desde Halnath. Mas logo, chegou o dragão.

—E o que passou então? —perguntou John.

—Quando apareceu o dragão, Policarpio abriu as portas que dão para a Gruta na cidadela e deixou que os gnomos se refugassem ali. Ao menos, muitos deles o fizeram, embora Zyerne diga que eles estavam com o Senhor de Halnath desde o começo. E ela deve sabê-lo..., criou-se na Gruta.

—Ah, sim? —John atirou um dos ossos de porco ao fogo e limpou os dedos em um pedaço de omelete de cereal—. Pareceu-me que esse nome soava ao idioma dos gnomos.

Gareth assentiu.

—Os gnomos estavam acostumados a tomar muitos filhos dos homens como aprendizes na Gruta, geralmente meninos de Grutas, a cidade que fica, ou ficava, no vale frente às Grandes Portas da Gruta mesmo, onde se fazia o fundido do ouro e o comércio de comestíveis. Não o tem feito no último ano, em realidade, no ano passado proibiram a entrada à Gruta aos filhos dos homens.

—Sim? —perguntou John, curioso—. E por quê?

Gareth se encolheu de ombros.

—Não sei. São criaturas estranhas e traiçoeiras. Zyerne diz que nunca se pode saber o que estão planejando.

Quando a noite se fez mais profunda, Jenny deixou os homens junto ao fogo e caminhou em silêncio nos limites do acampamento, controlando os círculos encantados que o defendiam contra os diabos de sangue, os Murmuradores e os fantasmas tristes que percorriam as ruínas da velha cidade. Sentou-se sobre o que tinha sido um marco, justo um pouco mais à frente do limite do círculo de luz de fogo e se afundou na meditação que tinha descuidado já por algumas noites.

Não era a primeira vez que a tinha descuidado..., era totalmente consciente das noites em que a tinha deixado de lado por estar no forte com o John e seus filhos. Se não tivesse descuidado, se não tivesse descuidado a busca do poder, teria sido tão poderosa como essa Zyerne que podia trocar de forma como um capricho a mais? Os mandamentos de Caerdinn contra da mudança de forma voltaram para sua mente, mas se perguntou se não era só sua inveja que falava de seu próprio ódio do poder de outro. Caerdinn era velho então e não havia ninguém mais nas Terras de Inverno a quem ela pudesse ir para educar-se depois da morte do professor. Como John, ela era uma erudita privada da substância da erudição: como as pessoas da aldeia de Alyn, estivessem limitadas pelo destino que a tinha plantado nesse chão pedregoso.

Contra as cintas amarelas das chamas, via o corpo de John que se balançava quando fazia gestos ao narrar Gareth alguma história incrível de sua vasta coleção de contos sobre as Terras de Inverno e sua gente. O bandido mais gordo das Terras de Inverno? Perguntou-se ela. Ou uma a respeito de sua incrível tia Mattie? Ocorreu-lhe pela primeira vez que era por ela, tanto como por sua gente, que John tinha aceitado a missão do rei, pelas coisas que ela nunca tinha tido, e pelos filhos.

Isso não vale sua vida! Pensou com desespero. Posso-me arrumar muito bem com o que tenho! Mas as ruínas silenciosas de Ember se burlavam dela, os ossos nus velados pela escuridão, e a parte repousada de seu coração lhe murmurou que era ele quem devia escolher e não ela. Ela só podia fazer o que estava fazendo: escolher a sua vez e abandonar seus estudos para cavalgar com ele. O rei tinha enviado sua ordem e sua promessa, e John obedeceria ao rei.

Cinco dias ao sul de Ember, as terras se abriram uma vez mais. Os bosques deixaram passo às ladeiras largas, chatas, pluviais que levavam para baixo, ao Selvagem, o limite norte das terras de Belmarie. Era um país deserto, mas sem a desolação encantada das Terras de Inverno; havia granjas ali, como pequenas fortalezas rodeadas de paredes e o caminho estava ao menos um pouco seco. Aqui encontraram pela primeira vez a outros viajantes, mercados que foram ao norte e ao leste, com notícias e rumores da capital: da ameaça do dragão que assolava a região e da inquietação social em Bel pelo alto preço do grão.

—E tem sentido, não lhes parece? —disse um pequeno mercador com cara de raposa acompanhado de uma caravana de mulas carregadas—. Com o dragão arruinando a colheita e o grão que se apodrece nos campos; sim, e os gnomos que se refugiaram em Bel, se guardam o grão e o tiram da boca das pessoas honesta com seu ouro mal adquirido.

—Mal adquirido? —perguntou John, curioso—. As minas são deles, eles o fundiram, não é certo? —Jenny que queria notícias, mas não queria irritar o portador, deu-lhe uma patada em segredo na tibia.

O mercador cuspiu na sarjeta junto ao caminho e se esfregou a barba vermelha salpicada de pelos brancos.

—Isso não lhes dá direito de comprar grão e tirar-lhe de quem o precisa - disse—. E se diz que estão comercializando livremente com seus irmãos em Halnath..., sim, e que eles e o Senhor seqüestraram o herdeiro do rei, seu único filho, para tomá-lo por refém.

—Poderiam havê-lo feito? —perguntou John.

—claro que sim. Esse Senhor é um mago, não é certo? E os gnomos nunca foram boas pessoas, sempre causaram problemas e rebeliões na capital...

—Problemas? Rebeliões? —protestou Gareth—. Mas se os gnomos tiverem sido nossos aliados desde tempos imemoriais! Nunca houve problemas entre nós.

O homem afinou os olhos, com receio. Mas Gareth só grunhiu.

—Isso mesmo demonstra o que digo. São uns insetos traiçoeiros. —Sacudiu a rédea da mula e seguiu seu caminho.

Não muito depois, cruzaram com um grupo de gnomos que viajavam juntos, rodeados de guardas para proteger-se, com sua riqueza empilhada em carros e carruagens. Olharam John com olhos preocupados, míopes, cor âmbar ou azul claro sob sobranceiras baixas, largas e responderam sem vontades suas perguntas sobre a situação no sul.

—O dragão? Sim, segue em Ylferdun, e nenhum dos homens que enviou o rei o tirou dali. — O gnomo líder jogava com a ponta suave de pele de suas luvas e os ventos leves moviam a seda de seus vestidos estranhos. Detrás dele, os guardas da cavalgada olhavam aos desconhecidos com o rosto manchado de suspeita, como se temessem um ataque incluso de um grupo tão pequeno—. Quanto a nós, pelo coração da Gruta, já tivemos bastante da caridade dos filhos dos homens que nos cobram quatro vezes o preço corrente por uma habitação que os serventes desprezariam e por comida para ratos. —A voz, aguda e leve como a de todos os gnomos, estava cheia de amargura com o suco do ódio que se devolve ao ódio—. Sem o ouro que se tirou da Gruta, sua cidade nunca teria sido construída e, entretanto, não há um só homem que nos dirija a palavra nas ruas, salvo para nos insultar. Dizem na cidade agora que estamos planejando algo com nossos parentes que fugiram pelos caminhos do outro lado da Gruta para a cidadela de Halnath. Pela Pedra, são mentiras; mas agora todos acreditam nessas mentiras em Bel.

Dos carros e as carruagens e as liteiras com cortinas se levantou um murmúrio de raiva, a raiva dos que nunca antes se hão sentido impotentes. Jenny, sentada em silencio sobre Lua, deu-se conta de que era a primeira vez que tinha visto os gnomos à luz do dia. Esses olhos, largos e quase sem cor, estavam mal preparados para o brilho; o ouvido que podia distinguir os murmúrios dos morcegos das covas devia sentir-se torturado pelo clamor das cidades dos homens.

Aversin perguntou:

—E o rei?

—O rei? —A voz de apito do gnomo se encheu de amargura e todo seu corpo inclinado tremeu com a dor crua da humilhação—. Ao rei lhe importamos como a um rabanete. Com toda nossa riqueza encerrada na Gruta, com o dragão sentado sobre ela, temos muito pouco com que comercializar... apenas promessas e a cada dia que passa essas promessas compram menos em uma cidade em que o pão é caro. E tudo isso, enquanto a puta do rei se senta com a cabeça dele sobre a saia e envenena sua mente como tudo o que toca..., como envenenou o mesmo coração da Gruta.

Junto a ela, Jenny ouviu o gemido do fôlego retido de Gareth e viu a raiva que brilhava em seus olhos de moço, mas ele não disse nada. Quando ela o interrogou com o olhar, Gareth desviou a sua, envergonhado.

Enquanto os gnomos se afundavam de novo na névoa, John assinalou:

—Soa como um verdadeiro ninho de víboras. Realmente te parece que esse Senhor poderia ter seqüestrado ao filho do rei?

—Não — disse Gareth em uma voz de causar pena, enquanto os cavalos seguiam adiante para o navio, invisível nas terras desce para o sul—. Não pode ter deixado a cidadela. Não é mago..., só filósofo e ateu. Eu..., não me preocupo com o filho do rei. —olhou as mãos e a expressão que havia em seu rosto era a que Jenny tinha visto no acampamento fora de Ember naquela noite, uma luta para reunir valores—. Escutem — disse tremendo—. Tenho que...

—Gar - disse John com calma e o moço se assustou como se o tivessem queimado. Havia um brilho irônico nos olhos castanhos de John e um fio como de pederneira estilhaçado em sua voz—. O rei não me terá lhe enviado para me procurar por acaso, por uma razão distinta do dragão, verdade?

—Não — disse Gareth sem olhá-lo aos olhos, a voz débil—. Não..., não o fez.

—Não fez o que?

Gareth engoliu seco; a cara pálida, de repente muito tensa.

—Ele..., ele não me enviou a você para outra coisa. Quero dizer...

—Porque — seguiu John nessa voz tranqüila—, se o rei me enviou seu selo para me colocar no resgate desse filho dele ou lhe ajudar contra esse Senhor de Halnath de que me falam, ou para entrar em seus entendimentos com os gnomos, tenho coisas melhores que fazer. Há problemas

reais, não só dinheiro e poder em minhas terras e o inverno que se aproxima não parece muito bom. Posso arriscar minha vida contra o dragão pelo amparo do rei pelas Terras de Inverno, mas se houver algo mais nisto...

—Não! —Gareth lhe aferrou o braço com desespero, um medo terrível em sua cara, como se pensasse que com algo mais de provocação, o Vencedor de Dragões daria a volta ali mesmo e cavalgaria de volta a Wyr.

E talvez, pensou Jenny, recordando sua visão na tigela de água, talvez fosse melhor que o fizesse.

—Aversin, não é assim. Estão aqui para matar ao dragão, porque é o único Vencedor de Dragões com vida. Essa é a única razão pela que lhes busquei, juro-o. Juro-o! Não lhes preocupem com a política..., e todo isso. —Seus olhos míopes e cinzas rogavam a Aversin que lhe acreditasse, mas havia neles um desespero que não poderia ter surto nunca da inocência.

O olhar de John manteve no moço por um comprido momento, estudando-o. Logo disse:

—Confio em ti, herói.

Em um silêncio triste, Gareth apertou os calcanhares sobre os flancos de Martelo de Batalha e o grande cavalo se adiantou. A capa xadrez emprestada que usava o moço os fundiu muito em breve até convertê-los em uma forma escura, recortada nas névoas sem cor. John, que cavalgava um pouco mais atrás, deteve o cavalo para ficar ao mesmo tempo de Jenny, que tinha observado a conversação em um silêncio pensativo.

—Talvez seja uma sorte que esteja comigo, amor.

Ela olhou Gareth, logo John e logo depois de novo ao moço. Em algum lugar, grasnou um corvo como a voz dessa terra melancólica.

—Não acredito que queira nos fazer dano - disse ela com suavidade.

—Isso não quer dizer que não seja capaz de nos fazer matar.

A névoa se fez mais espessa quando se aproximaram do rio, até que se moveram através de um mundo gelado e branco onde o único som era o rangido do couro dos arneses¹³, o estalo dos cascos sobre o barro, o canto leve dos bocados dos cavalos e o bate-papo sussurado do vento entre as espadañas bicudas que cresciam nas sarjetas alagadas. Nesse cinza cheio de água, cada pedra ou árvore solitária surgia silencioso e escuro, como um coisa estranha. Mais em todo o resto, Jenny sentia o peso do silêncio de Gareth, seu medo e seu horror e sua culpa. John também o sentia, ela sabia; olhava o moço alto com a extremidade do olho e ouvia o silêncio das terras vazias como um homem que espera uma emboscada. Quando a noite obscureceu o ar, Jenny conjurou

¹³ Arreios dos cavalos

uma bola azul de luz mágica para lhes iluminar os pés, mas as paredes suaves, opalescentes da névoa, devolviam-lhes a luz e os deixavam quase tão cegos como antes.

—Jen. —John puxou as rédeas com a cabeça torcida para ouvir algo - O ouve?

—Ouvir o que? —murmurou Gareth, que se aproximava deles no topo da ladeira que descia para o manto dançante de névoa.

Jenny pulverizou com força seus sentidos através das nuvens cor duna e sentiu tanto como ouviu a voz apurada do rio abaixo. Havia outros sons, ensurdecidos e alterados pela névoa, mas inconfundíveis.

—Sim — disse com calma; o fôlego, uma nuvem branca no ar cru—. Vozes, cavalos, um grupo inteiro do outro lado.

John olhou de esguelha Gareth.

—Poderiam estar esperando o navio - disse—, se tivessem algo que fazer nas terras vazias do oeste do rio agora, ao cair da noite.

Gareth não disse nada, mas tinha a cara branca e tensa. Depois de um momento, John falou brandamente a Vaca e o grande cavalo peludo se adiantou de novo pela ladeira para o navio através da parede úmida e fria de vapores.

Jenny deixou que a luz mágica se desvanecesse quando John golpeou na porta da casa baixa de pedra do homem que dirigia o navio para cruzar o rio. Ela e Gareth ficaram atrás enquanto John e o barqueiro negociavam o preço por cruzar três pessoas, seis cavalos e duas mulas.

—Um *penique* por pé - disse o barqueiro, e seus olhos escuros de esquilo voavam de um a outro com o interesse agudo de um que vê passar o mundo pela soleira de sua casa—. Mas aqui haverá jantar e um lugar para passar a noite. Está-se fazendo tarde e há sopa de pescado.

—Podemos adiantar uns quilômetros antes que seja noite fechada e, além disso - adicionou John, com um brilho estranho nos olhos enquanto olhava de novo ao silêncio Gareth—, talvez alguém nos esteja esperando do outro lado.

—Ah. —A boca larga do homem se fechou como uma armadilha—. Assim sois vós os que estão esperando esses de lá. Ouvi-os faz um momento, mas não chamaram, assim que fiquei perto da lareira onde faz um pouco mais de calor.

Levantou a tocha e colocou com esforço sua jaqueta pesada de tecido xadrez. Logo, guiou-os até a rampa enquanto Jenny os seguia detrás em silêncio, procurando em sua bolsa as moedas para pagar.

O grande cavalo *Martelo de Batalha* tinha viajado ao norte com Gareth em um navio e, de todos os modos, considerava que deter-se ante algo era ter péssimas maneiras e nunca o fazia; nem Lua, nem Osprey nem nenhum dos dois cavalos de reserva tinha tais qualificações, com exceção de Vaca, que teria cruzado uma ponte de facas e sangue em seu passo fleumático de

sempre. Jenny teve que murmurar e acariciar as orelhas muito momento antes que qualquer um deles consentisse em pôr um pé sobre a grande balsa. O barqueiro assegurou a porta na cauda da balsa e fixou a tocha sobre o poste na popa; logo se dedicou a fazer girar o guincho que levava a plataforma larga, chata através da seda opaca do rio. A única tocha despedia um brilho de luz lanzuda e amarelada sobre a fumaça resistente da névoa; de vez em quando, sobre no limite do brilho, Jenny via como se partiam as águas castanhas ao redor de uma raiz morta ou um ramo que se projetava da corrente como a mão de um afogado.

Desde algum lugar além das águas, ouvia o rangido do metal sobre o metal, o bufo suave de um cavalo e as vozes de alguns homens. Gareth seguia sem dizer nada, mas ela sentia que se lhe punha uma mão em cima, descobriria que estava tremendo, como uma corda antes de romper-se. John chegou lentamente até ela e seus dedos se trançaram, quentes e fortes, nos da maga. Seus óculos brilharam brandamente à luz da tocha enquanto passava o limite de sua enorme capa sobre os ombros dela e a abraçava.

—John — disse Gareth em voz baixa—, tenho..., tenho algo que lhes dizer.

Apagado, chegou outro som através da névoa, a risada de uma mulher como tangidos de pequenas campanitas de prata. Gareth se encolheu e John, com um brilho perigoso em seus olhos preguiçosos, disse:

—Pareceu-me que o faria.

—Aversin - gaguejou Gareth e se deteve. Logo, forçou-se a seguir em um ataque—. Aversin, Jenny, escutem. Lamento-o. Menti-lhes, trai-lhes, mas não pude evitá-lo; não tinha alternativa. Lamento-o.

—Ah - disse John com suavidade—. Assim houve algo que esqueceu mencionar quando deixamos o forte?

Gareth seguiu falando, mas não pôde olhá-lo nos olhos.

—queria dizer isso antes, mas..., mas não pude. Tive medo de que queriam voltar e..., e não podia lhes deixar voltar. Necessitamos-lhes, realmente.

—Para estar falando sempre de honra e coragem - disse Aversin e havia um fio feio em sua voz tranqüila—, não mostraste muito de nenhuma das duas coisas, verdade?

Gareth levantou a cabeça e o olhou.

—Não - disse—. Já..., já me dei conta. Pensei que estava bem lhes enganar por uma boa causa..., quero dizer, tinha que fazer que viessem.

—De acordo — disse John—. Qual é a verdade?

Jenny olhou das caras dos dois homens para a borda longínqua, que se via agora apenas como uma mancha escura e umas poucas luzes que se moviam como vaga-lumes na bruma. Uma nuvem apenas um pouco mais escura mais à frente devia ser os bosques de Belmarie. Jenny tocou o cotovelo bicudo de John para lhe advertir, e ele olhou com rapidez nessa direção. Havia

movimento ali, formas que esperavam a balsa. O cavalo Martelo de Batalha levantou a cabeça e relinchou e chegou um relincho como resposta do outro lado da água. Os olhos do Vencedor de Dragões voltaram para Gareth e logo pôs as mãos sobre o pomo da espada.

Gareth respirou fundo.

—A verdade é que o rei não enviou por você — disse—. Na realidade, ele me proibiu que fosse para lhes buscar. Disse que era uma busca absurda, porque provavelmente vocês nem sequer existiam e no caso de que fossem mais que uma lenda, certamente teriam morrido nas mãos de outro dragão fazia anos. Disse que não queria que eu arriscasse minha vida caçando fantasmas. Mas..., mas eu tinha que lhes encontrar. Sabia que ele não ia enviar a outro. E você é o único Vencedor de Dragões, como diziam as baladas... — Gaguejou duvidoso—. Só que então eu não sabia que as coisas não eram como nas baladas. Mas sabia que tinham que existir. E sabia que necessitávamos de alguém. Não podia ficar quieto e deixar que o dragão seguisse aterrorizando às pessoas. Tinha que ir e lhes buscar. E quando lhes encontrei, tinha que lhes trazer...

—depois de decidir que você sabe mais que eu sobre as necessidades de minha gente e minha escolha no assunto? —A cara de John nunca mostrava muito, mas sua voz tinha algo nela, como a cauda de um escorpião.

Gareth retrocedeu ante esse ataque, como uma chicotada.

—Pensei..., pensei nisso estes últimos dias — disse com suavidade. Voltou a levantar a vista, a cara pálida com a agonia da vergonha. —Mas não podia lhes deixar voltar. E terão sua recompensa. Juro que a tenham.

—E como vais obter? —O tom de John era agudo pelo desgosto. As pranchas rangeram sob os pés deles quando a balsa tocou o leito do rio. Luzes como as dos pântanos estalaram e se aproximaram deles através da névoa—. Com um mago na corte, não lhes terá levado muito tempo saber quem tinha roubado o selo do rei, nem quando voltaria para Belmarie. Suponho que esse comitê de boas-vindas - disse e fez um gesto para as formas escuras que chegavam pela bruma — está aqui para te prender por traição.

—Não - disse Gareth em uma voz vencida—. São meus amigos da corte.

Como se tivessem atravessado uma porta, as formas se fizeram visíveis de repente: a luz da tocha dançou sobre o brilho duro do cetim, acariciou o sonho mais suave do veludo e tocou os limites da ponta engomada e a névoa de nuvens dos véus das mulheres, salpicados com o fogo ardente das jóias. À frente do grupo havia uma moça magra, de cabelo escuro vestida em seda cor âmbar, cujos olhos, dourados como o mel com um toque de cinza, procuraram os de Gareth e fizeram que o moço avermelhasse. Um homem lhe sustentava a capa, uma capa de veludo com borda de arminho; outro, sua caixa dourada para guardar perfumes. Ela ria um som que era ao mesmo tempo prateado e rouco, como o eco de um sonho inquieto.

Só podia ser Zyerne.

John olhou de novo para Gareth, com uma pergunta nos olhos.

—Esse selo que me mostrou era real - disse—. O vi nos velhos documentos, até os pequenos desenhos dos flancos. Tomam o roubo com muita tranquilidade, não te parece?

Tomou a brida de Vaca e o levou através da prancha curta, forçando os outros animais a segui-lo. Quando puseram um pé na borda, todos os cortesãos liderados por Zyerne fizeram um uníssono e elaborada saudação da Fênix que Renasce, tocando com os joelhos o barro pegajoso com aroma de pescado, em sinal de respeito.

—Em realidade, não - admitiu Gareth com o rosto aceso—. Tecnicamente não foi roubo. O rei é meu pai. Sou o herdeiro perdido.

5

—Esse é seu Vencedor de Dragões, não é?

Para ouvir a voz de Zyerne, Jenny se deteve nas sombras azuladas do vestíbulo da casa de caça da feiticeira. Da penumbra onde estava, no pequeno hall mais à frente do vestíbulo brilhava como um cenário iluminado; o fulgor rosado do vestido de Zyerne, os brancos e violetas do espartilho, as mangas e o capuz de Gareth e os rosados e negros dos tapetes sob os pés pareciam arder como os matizes dos vitrais na luz do abajur cor âmbar. O instinto das Terras de Inverno mantinha Jenny nas sombras. Ninguém a viu.

Zyerne levantou a pequena taça de cristal e vidro para um dos abajures sobre o suporte da chaminé, admirando os reflexos vermelho sangue do licor que havia dentro. Sorriu travessa.

—Devo dizer que prefiro a versão da balada.

Sentado em uma das cadeiras de marfim com pernas banhadas de ouro, do outro lado da mesa baixa para tomar vinho, Gareth parecia infeliz e confuso. As covinhas ao lado dos lábios rosados e cheios de Zyerne se acentuaram e ela levantou uma ponta dos véus de encaixe das

bochechas. Pentes de prender cabelos de cristal e sardônica brilharam em seu cabelo escuro quando inclinou a cabeça.

Quando viu que Gareth não respondia, seu sorriso se ampliou um pouco mais e se moveu com graça sinuosa até que ficou de pé, o suficientemente perto dele para envolvê-lo na aura leve de seu perfume. A luz do abajur saltava como uma estrela em explosão das facetas de cristal da taça de Gareth com o tremor involuntário da mão do moço.

—Nem sequer vais agradecer-me que tenha vindo te buscar e te ofereça a hospitalidade de minha casa? —perguntou-lhe Zyerne com um tom de voz cheio de brincadeira.

Como sabia que estava ciumenta dos poderes de Zyerne, Jenny tinha forçado a não sentir nada exceto surpresa ante sua juventude ao conhecê-la na balsa. Parecia não superar os vinte anos, embora se um fazia conta —e Jenny não pôde deixar das fazer embora a maldade de sua reação a incomodasse— devia ter pelo menos vinte e seis. Onde havia ciúmes, não podia haver aprendizagem, disse-se a si mesma; e de todos os modos, devia ser justa com essa moça.

Mas agora sentiu que a raiva se movia nela. A proximidade de Zyerne e a mão que deixava cair com tal ingênua intimidade sobre o ombro de Gareth de modo que um pouco menos que um centímetro de seu dedo tocasse a pele do pescoço do moço por cima das pontas da roupa, não podiam ser outra coisa que tentações calculadas. Por isso lhe havia dito na viagem - por cada linha tensa de sua cara e seu corpo nesse momento—, Jenny sabia que ele estava brigando com todas suas forças contra seu próprio desejo pela amante de seu pai. A julgar por sua expressão à luz do abajur, os esforços de Gareth para resistir divertiam muito a Zyerne.

—Senhora..., senhora Jenny?

Jenny voltou a cabeça com rapidez ante essa voz cheia de indecisão. A escada da casa estava envolta em um elaborado esculpido de pedra; entre as inquietantes sombras distinguiu a forma de uma moça de uns dezesseis anos. Só um pouco mais alta que Jenny, era como uma boneca esquisitamente vestida, o cabelo arrumado em algo que era um exagero do penteado elaborado de Zyerne e tingido como uma mecha branca e púrpura.

A moça fez uma reverência.

—Meu nome é Trey, Trey Clerlock. —Olhou nervosa às duas silhuetas recortadas no hall iluminado, logo depois de novo às escadas como se temesse que algum dos outros convidados de Zyerne baixasse por ali e a escutasse. — Por favor, não lhes levem a mal, mas vim lhes oferecer um vestido emprestado para o jantar, se quiser.

Jenny olhou seu próprio vestido, lã rústica com uma confecção como se fora de seda, com bordados em vermelho e azul. Para respeitar o costume que dizia que nenhuma mulher na alta sociedade devia ver-se com o cabelo descoberto, pôs-se o véu de seda branca que John havia lhe trazido do leste. Nas Terras de Inverno, teria estado vestida como uma rainha.

—Importa tanto?

Trey parecia tão envergonhada como lhe permitiam anos de lições de comportamento.

—Não deveria — disse com franqueza—, a mim realmente não importa, mas..., mas alguns na corte podem ser muito cruéis, sobre tudo com coisas como ir vestido corretamente. Lamento-o — adicionou com rapidez, enquanto se ruborizava ao sair da escuridão quadriculada da escada. Jenny viu que levava nos braços um pacote de cetim negro e prateado e uma massa larga de névoas transparentes como véu; o véu se arrastava pelo chão e suas lentejoulas apanhavam faíscas perdidas de luz.

Jenny duvidou. Em geral, as convenções da boa sociedade lhe eram indiferentes, e de todos os modos seu trabalho lhe deixava pouco tempo para elas. Como sabia que viria a corte real, havia trazido o melhor vestido que tinha, seu único vestido de etiqueta em realidade e sabia que estaria passado de moda. Não lhe tinha preocupado o que pensariam outros quando o usasse.

Mas do momento em que tinha descido da balsa essa mesma tarde, havia sentido que caminhava entre abismos que não estavam assinalados no atalho. Zyerne e sua pequena banda de cortesãos tinham sido toda graça e boas maneiras, mas tinha percebido a brincadeira oculta em uma linguagem de sobranceiras e olhares. Tinha-a enfurecido e também a tinha deixado preocupada. Recordava-lhe muito a forma em que a tratavam outros meninos na aldeia quando era menina. Mas a menina que havia nela ainda estava o suficientemente viva para sentir medo dessa atitude.

A risada doce de Zyerne soou em todo o vestibulo.

—Juro que esse tipo estava procurando por toda parte esse aparelho para tirar as botas quando cruzou a soleira. Não sabia se lhe oferecia uma habitação com uma cama ou uma formosa pilha de juncos cômodos no chão..., já sabem que uma anfitriã deve fazer seus hóspedes se sentirem em casa.

Durante um momento, a desconfiança natural de Jenny lhe fez pensar que talvez o fato mesmo de lhe emprestar um vestido era parte de um plano para fazê-la passar por ridícula. Mas os olhos azuis e preocupados de Trey não escondiam outra coisa que preocupação por ela..., um pouco por si mesma, se por acaso a descobriam no ato de arruinar a diversão dos outros. Jenny pensou um momento em desafiá-los, logo descartou a idéia...: fosse qual fosse a gratificação que isso lhe daria, não valia a pena brigar por ela. Tinham-na criado nas Terras de Inverno e todos os instintos que possuía lhe murmuravam que devia esconder-se se confundindo com as cores mais comuns.

Estendeu as mãos para receber as braçadas escorregadias de cetim.

—Pode se trocar no quarto que está debaixo das escadas — lhe ofereceu Trey, com alívio nos olhos—. Suas habitações estão muito longe.

—E minha casa ainda mais — assinalou Jenny, a mão sobre o trinco da porta escondida—. Então enviaste por este vestido especialmente?

Trey a olhou com surpresa genuína.

—Não, não. Quando Zyerne soube que Gareth retornava, disse-nos que viríamos aqui para lhe dar um jantar de boas-vindas: meu irmão Sérvio e eu, a Formosa Isolda, Gaspar de Walfrith e Merriwyn de Calcelargo e todos outros. Sempre trago dois ou três vestidos diferentes. Ou seja, faz dois dias não tinha me decidido que poria hoje.

Estava falando absolutamente a sério e assim Jenny conteve seu sorriso.

—É um pouco comprido — continuou a moça—, mas pensei que pareciam suas cores. Aqui no sul só os serventes levam marrom.

—Ah. —Jenny tocou as dobras de seu vestido que pareciam ter um tom canela no brilho que vinha dos abajures do hall—. Obrigado, Trey, muito obrigado... E Trey..., poderia te pedir um favor mais?

—Claro — disse a moça com generosidade—. Se posso ajudar...

—Não, acredito que posso arrumar isso... John..., o senhor Aversin..., descera em uns momentos. —Fez uma pausa, pensando no veludo um pouco velho, mas totalmente decente e marrom do espartilho e a capa de interior de John. Mas era algo que ela não podia remediar e meneou a cabeça—.Diga-lhe que me espere, se quiser.

A habitação debaixo das escadas era pequena, mas estava cheia de evidências de trocados urgentes e de entrevistas românticas ainda mais urgentes. Enquanto se trocava, Jenny ouvia como os cortesãos se reuniam no vestibulo para esperar a chamada para jantar. De vez em quando, conseguia ouvir algo do ruído surdo dos serventes no refeitório além do hall; serventes que punham as seis toalhas e capas inferiores tão necessárias, segundo Gareth, para levar a cabo um jantar perfeito; de vez em quando uma garçonne ria e o mordomo a repreendia. Mais perto, havia vozes suaves que passavam intrigas e brincadeiras:

—... Bom, na realidade, o que se pode dizer de alguém que ainda usa essas horríveis surripas franzidas..., e está tão orgulhosa delas, além disso...

—Sim, mas a plena luz do dia? E no exterior? E com seu marido?...

—Bom, na realidade é um complô dos gnomos...

—Ouvindo a brincadeira sobre por que os gnomos têm o nariz chato?

Mais perto ainda riu uma voz de homem e logo perguntou:

—Gareth, está seguro de que é o homem correto? Quero dizer, não te terá equivocado de direção e haverá trazido para outro?

—Bom... —Gareth parecia dividido entre sua lealdade aos seus amigos e seu horror às brincadeiras—. Suponho que pode chamá-lo um pouco bárbaro, Sérvio...

—um pouco! —O tal Sérvio riu com força—. É como dizer que o dragão causou «uns poucos» problemas ou que o velho Policarpio tratou de te matar «um pouco». E vais levá-lo a corte? Papai estará realmente satisfeito...

—Gareth? —de repente havia preocupação na voz de Zyerne—. Pediu-lhe seus créditos, verdade? Seu certificado como membro da Liga de Vencedores de Dragões. Prova de Morte...

—Testemunhos de Donzelas Resgatadas — adicionou Sérvio—. Ou é uma de suas donzelas resgatadas essa que vem com ele?

Por cima de sua cabeça, Jenny sentiu, mais que ouviu, um passo leve que descendia pelas escadas. Era o passo de um homem ao que tinham educado para desconfiar, para cuidar-se. Deteve-se, como o dela um pouco antes, justo antes do lugar ao que chegava a luz do hall. Enquanto se apressava a colocar as duras anáguas, Jenny sentia o silêncio nas sombras entristecidas da escada trabalhada.

—Claro! —dizia Sérvio com a voz de um homem que compreendeu tudo de repente—. Tem que levá-la com ele a todos os lados porque ninguém nas Terras de Inverno pode ler um Testemunho escrito... Parece-se com o sistema de troca, sabem?...

—Bom — ronronou outra voz de mulher—, se me perguntarem , ela não é uma donzela muito donzela que digamos...

Zyerne riu, com maldade zombadora.

—Talvez não fosse um dragão muito dragão...

—Deve ter pelo menos trinta anos — adicionou alguém mais.

—Vamos, querida — desafiou em brincadeira Zyerne—. Não sejamos malvados. Esse resgate foi faz muito tempo.

Na risada geral, Jenny não esteve segura, mas lhe pareceu que ouvia que os passos que havia sobre sua cabeça se detinham e retrocediam sem ruído.

—Eu acredito que se esse Vencedor de teus Dragões —continuou Zyerne— ia arrastar a uma mulher até aqui, ao menos podia ter escolhido uma bonita, em lugar de alguém que parece um gnomo..., uma coisinha com todo esse cabelo. Quase nem necessita um véu para ser modesta.

—Provavelmente por isso não o usa.

—Se for ser caridoso, querido...

—Ela não... —começou a voz de Gareth, indignada.

—Ai, Gareth, não tome tudo tão a sério - se burlou a risada de Zyerne—. É tão aborrecido e além te provoca rugas. Isso. Sorri. Em realidade, tudo é uma brincadeira..., um homem que não pode tolerar umas brincadeiras está a só um passo de pecados muito mais sérios, como comer a salada com o garfo de pescado. Digo, crie que...?

Com as mãos trementes de uma irritação estranha e fria, Jenny arrumou os véus. O roce da gaze engomada já disparava um novo ataque de irritação nela, fúria contra eles e esse mesmo sentimento de vergonha que havia sentido antes. Os esquemas das relações humanas lhe interessavam, e esse, inclusive através de uma rede de artificialidade e malícia, explicava muito

sobre Gareth. Mas o infantil do assunto sufocou sua raiva, e finalmente conseguiu sair sem ruído de seu esconderijo e estar de pé entre eles vários minutos antes que algum notasse sua presença.

Tinham acendido abajures no vestibulo. Em meio da pequena multidão de cortesãos admiradores, Zyerne parecia brilhar mágica, sob um pó de renda e diamantes.

—Digo-te —estava dizendo— que não importa o ouro que lhe tenha devotado Gareth ao nobre Vencedor de Dragões como recompensa, podemos lhe oferecer algo mais. Mostraremos-lhe algumas das maravilhas da civilização. O que lhes parece? Ele mata nosso dragão e nós lhe ensinamos como comer com garfo?

Houve uma grande gargalhada geral. Jenny notou que Trey se unia a outros, mas sem entusiasmo. O homem parado junto a ela devia ser seu irmão Sérvio, supunha; tinha a mesma graça de ossos finos de sua irmã, coroada por cabelo loiro com um cacho que baixava até o pescoço nas pontas, tingido de azul. Junto a sua magreza e sua elegância, Gareth se via como um bandido, muito grande e totalmente desconjurado, e sem dúvida se sentia assim; sua expressão era de profunda desdita e vergonha.

Talvez fosse só porque não estava usando seus óculos - sem dúvida não estavam de moda - mas olhava ao seu redor, os trabalhos deliciosos esculpido nas vigas, o brilho familiar da seda e a ponta engomada tocadas pela luz dos abajures e as caras de seus amigos com uma confusão cheia de cansaço, como se tudo isso se transformara em algo que desconhecia por completo.

Nesse momento, Sérvio estava falando com voz sonora:

—E este Vencedor de teus Dragões é tão grande como Pilar Sedosos, o Magnífico, que matou ao Dragão de Raias Púrpura e Carmesim, nos Bosques Dourados nos tempos antigos do reino do Potpourri, o Bem Dotado..., ou foi Mordedor de Rolos, o Torpe? Por favor, me dê algo de sua sabedoria, Príncipe...

Mas antes que o pobre Gareth pudesse responder, Zyerne disse de repente:

—Queridos meus! —E chegou correndo até Jenny com as mãos brancas estendidas das pontas de suas mangas. O sorriso que havia em seu rosto era tão doce e tão sincero como se estivesse dando as boas-vindas a um amigo íntimo que não via desde muito tempo - Querida senhora Jenny, me perdoem por não lhe ver antes! Está graciosa! Vejo que a caridosa Trey lhe emprestou seu vestido negro e prata? Que bondosa de sua parte...

Soou um sino no refeitório e os trovadores da galeria começaram a tocar. Zyerne tomou Jenny pelo braço e a levou na frente dos convidados..., primeiro as mulheres, logo os homens, segundo os costumes do sul, para a mesa de jantar. Jenny jogou um olhar rápido ao vestibulo, esperando ver o John, mas sabia que ele não estaria ali. Uma dor lhe cruzou o estômago ao pensar que teria que viver todo isso sozinha.

Junto a ela, a voz melódica seguiu falando.

—Ah, sim, você também é maga, não é certo? Sabem que eu tive muito boa preparação, mas é o tipo de coisa que sempre me veio por instinto. Deve me dizer algo sobre a forma em que usa seus poderes como meio de vida. Alguma vez tive que fazê-lo, sabem?... —Como punções nas costas, Jenny sentiu os sorrisos encobertos dos que caminhavam detrás dela em procissão.

Entretanto, e justamente porque eram deliberadas, Jenny descobriu que as graças da jovem tinham perdido todo poder de machucá-la. Punham-na menos nervosa que a tentação em que Zyerne tratava de afundar Gareth. Tinha esperado arrogância, porque era o primeiro dos pecados dos que nascem com magia em seu coração e Jenny sabia que ela mesma tendia a cometer esse pecado tanto como qualquer outro mago e sentia um enorme poder dentro de Zyerne. Mas sua condescendência era uma maldade de menina, o truque de alguém que se sente inseguro.

Por que razão poderia sentir-se insegura alguém como Zyerne? Perguntou-se.

Quando tomaram os lugares ao redor da mesa, os olhos de Jenny passaram lentamente por essa paisagem e a viu como uma selva de inverno com toalhas brancas, gelo como cristais nos candelabros adornados com jóias. Cada prato estava gravado com desenhos de ouro sobre prata e envolto por uma dúzia de pequenos garfos e colheres, a harmonia complicada da etiqueta; todos esses jovens cortesãos em seu veludo perfumado e pontas engomadas eram claramente escravos de Zyerne, cada um interessado um pouco mais em dialogar com ela embora fora um segundo, que em fazê-lo com qualquer dos outros. Tudo nessa delicada casa de caça estava desenhado para dizer seu nome, dos delicados “zes” e “ues” esculpidos e unidos nos cantos do teto até o bronze delicado da deusa com chifres do amor, Hartemgarbes, esculpida a imagem e semelhança de Zyerne em seu nicho perto da porta. Até a música delicada de oboés e realejos na galeria era uma proclama, uma forma de dizer a vozes que Zyerne tinha só o mais delicioso e que não toleraria outra coisa.

Por que então o medo detrás da malícia?

Jenny se voltou a olhar a Zyerne com curiosidade clínica, perguntando-se sobre a forma que teria tomado sua vida. Os olhos de Zyerne se cruzaram com os dela e descobriram uma expressão de curiosidade tranqüila e até um pouco compassiva. Durante um segundo, as órbitas douradas se afinaram e o desprezo e a raiva e a irritação se agitaram em suas profundidades. Logo voltou o doce sorriso e Zyerne perguntou:

—Querida, não provastes nada da comida. Usam garfos no norte?

Houve uma brusca comoção na porta de arcos do vestibulo. Um dos trovadores na galeria, impressionado, fez um grasnido totalmente equivocado com sua flauta; os outros ficaram calados.

—Bom... —disse a voz de Aversin, e todas as cabeças ao longo da mesa brilhante se voltaram como o ruído de um prato que cai—. Sempre tarde.

Entrou no brilho de cera da luz do vestibulo com um ruído metálico e leve da cota da malha e ficou de pé olhando a seu redor, os espelhos brilhantes de suas lentes como duas luas bordoadas

de aço. Tinha trocado de roupa e pôs de novo o couro negro e usado da viagem, o gibão de pele de lobo com seus pedaços de malha e placa de metal cravejado e as calças escuras de couro e as botas gastas. Tinha o tecido xadrez sobre o ombro como uma capa, suja de barro e enrugada e sem brilho e havia um mundo de malícia brilhante em seus olhos.

Gareth, no outro extremo da mesa, ficou vermelho de vergonha até a raiz do cabelo. Jenny só suspirou, fechou os olhos um momento, e pensou, resignada, *John*.

John entrou alegremente na habitação, inclinando-se com boa intenção imparcial frente quão cortesãos estavam na mesa, nenhum dos quais parecia capaz de emitir um só som. A maioria deles tinha estado esperando divertir-se com um primo do campo que tratava desastradamente de imitá-lo; poderia-se dizer que não estavam preparados para um bárbaro direto que obviamente não ia incomodar-se em tentá-lo.

Com uma inclinação de cabeça muito amistosa a sua anfitriã, John se acomodou em seu lugar do outro lado de Zyerne, que ficou rodeada por ele e por Jenny. Durante um momento, estudou a enorme bateria de talheres de ambos os lados de seu prato e logo, com limpeza e elegância perfeitas, dedicou-se a comer com os dedos.

Zyerne recuperou primeiro sua compostura. Com um sorriso de seda, levantou um garfo de pescado e o ofereceu.

—Só como sugestão, milord. Aqui fazemos as coisas de forma diferente.

Em algum lugar na mesa, uma das damas riu. Aversin olhou para Zyerne com uma expressão que falava abertamente de suspeita. Ela cravou um escalope com uma faca de pescado e o alcançou como demonstração e ele sorriu com seu melhor sorriso.

—Ah, assim são para isso — disse aliviado. Tirou o filete de carne dos dentes com os dedos e o mordeu com cuidado. Em um dialeto nortista seis vezes pior do que Jenny lhe tivesse ouvido usar em casa, adicionou—: E aqui estava eu pensando que tinha estado em suas terras apenas uma noite e já desafiavam a um duelo com uma arma desconhecida, e nada menos que a maga local, além disso. Preocuparam-me muitíssimo.

Do outro lado de John, Sérvio Clerlock quase se afoga com sua sopa, e John o golpeou nas costas para ajudá-lo.

—Sabem? —continuou, fazendo um gesto com o garfo em uma mão e tirando outro pedaço de bife do prato com a outra —, descobrimos uma grande caixa destas coisas... Todas de distintos tamanhos, como estas daqui, estavam nas abóbadas do forte o dia em que tomamos um banho para o casamento de minha prima. Não tínhamos nem idéia do que eram, nem sequer o padre Firo, o padre Firo é nosso sacerdote, mas a vez seguinte que os bandidos baixaram a nos atacar das colinas, pusemos todo o grupo nas molas de suspensão em lugar das pedras e as disparamos. Matamos a um imediatamente e outros dois saíram correndo pelos pântanos com essas coisas bicudas cravadas nas costas...

—Dou-me conta - disse Zyerne com suavidade, enquanto risos dissimulados corriam ao redor da mesa— de que o casamento de sua prima deve ter sido importante se tomaram um banho.

—Ah, sim. —Para alguém cuja expressão usual era de alerta tranqüila, Aversin tinha um sorriso deslumbrante—. Casava-se com esse tipo do sul...

Provavelmente, pensou Jenny, era a primeira vez que alguém tinha conseguido roubar a cena de Zyerne e pelo brilho que se via nos olhos da maga, era evidente que o assunto não a agradava. Mas os cortesãos, em meio de suas risadas, aproximavam-se do círculo do encanto engenhoso e quente de Aversin; seu barbarismo exagerado desarmou suas brincadeiras e seu conto incrível sobre as núpcias fictícias de sua prima os reduziu a soluços de risada muito pouco dignos. Jenny tinha suficiente motivos para desfrutar do desconforto de Zyerne — tinha sido ela, depois de tudo, que se burlou de Gareth por não ser capaz de aceitar uma brincadeira— mas confinou sua atenção a seu prato. Se John estava tomando o trabalho de atrair o fogo dos outros para que ela pudesse terminar sua comida em paz, o menos que podia fazer era não deixar que seus esforços fossem totalmente em vão.

A seu lado, Trey lhe disse em voz baixa:

—Não parece terrivelmente feroz. Tinha imaginado isso diferente pelas baladas de Gareth. Duro e bom moço, como as estátuas do deus Sarmendes. Mas, - adicionou, tirando a carne de um caracol com uma colher especialmente desenhada para lhe mostrar Jenny como fazê-lo — Suponho que tivesse sido um aborrecimento terrível para você cavalgar todo o caminho das Terras de Inverno com alguém que se passa todo o tempo *«vigiaando o firmamento imenso com seus olhos abertos de águia»*, como diz a canção.

Apesar das olhadas desaprovadoras de Zyerne, o bom moço Sérvio enxugava lágrimas de risada, embora com grande cuidado com a maquiagem. Até os serventes estavam tendo problemas para manter fixa na cara a expressão correta de impassibilidade enquanto levavam perus reais assados e resplandecentes com todas suas plumas e fumegantes pratos inundados em nata.

—... assim que o noivo ficou a procurar uma dessas coisas de madeira como a que têm em minha habitação —seguia John—, mas como não pôde encontrar uma, pendurou a roupa sobre o manequim para a armadura e embora não o criam a prima Kat despertou de noite e começou a atacar o manequim com uma espada acreditando que era um bandido...

Terei que confiar no John, pensou Jenny: se não podia impressioná-los em seu próprio terreno, o da corte, tampouco trataria de fazê-lo no terreno das baladas de Gareth. Todos tinham sucumbido ao diabo da malícia de Aversin, o diabo que a tinha atraído desde o primeiro momento em que se encontraram como adultos. Ele tinha usado o exagero para defender-se de seu desprezo, mas o fato de que o tivesse obtido fazia que Jenny tivesse uma opinião um pouco melhor desses cortesãos de Zyerne.

Terminou sua comida em silêncio e nenhum deles a viu partir.

—Jenny, espere. —Uma figura alta se desprende do conjunto das formas brilhantes do hall e se apressou pelo vestíbulo para alcançá-la, tropeçando em uma banqueta no meio do caminho.

Jenny se deteve na sombra envolvente das persianas da escada. Do hall já chegava o som da música, não as notas dos músicos pagos desta vez, eram as canções complexas desenhadas para demonstrar a habilidade dos cortesãos. Saber tocar música, conforme parecia, era a marca de um nobre; a música do clavicórdio¹⁴ e do dobro¹⁵ doce se fundiam em um contraponto como de encaixe e dali surgiam logo os temas como caras familiares pela metade que se divisam de repente entre uma multidão. Sobre as harmonias elaboradas, ela ouviu a toada alegre, impertinente da flauta de John que seguia a melodia de ouvido e sorriu. Se os Doze Deuses do Cosmos baixassem à terra, teriam que trabalhar muito para desconcertar John.

—Jenny..., eu..., lamento-o. —Gareth ofegava um pouco pela precipitação. Havia tornado a por os óculos quebrados; a quebradura no final do cristal direito brilhava como uma estrela—. Não sabia que seria assim. Pensei..., ele é um Vencedor de Dragões...

Ela estava de pé uns poucos degraus mais acima do lance; estendeu a mão e lhe tocou o rosto, quase ao mesmo nível da sua.

—Recorda quando o conheceu?

Ele se ruborizou de vergonha. No hall iluminado, o couro e a capa xadrez de John o faziam parecer um cão mestiço em meio de um bando de cachorros no cio. Estava examinando com enorme interesse um realejo em forma de alaúde enquanto a ruiva formosa Isolda de Greenhythe contava a última aquisição de sua coleção interminável de brincadeiras escatológicas sobre os gnomos. Todos riram menos John, que estava muito interessado no instrumento musical que tinha na mão para dar-se conta de nada; Jenny viu que a boca de Gareth se torcia com algo entre a raiva e a dor confusa. Tinha ido ao norte em busca de um sonho, pensou ela; agora não tinha nem aquilo que tinha procurado nem o que tinha pensado que encontraria ao voltar.

—Não deveria ter deixado que se brincassem com você dessa forma —disse depois de um momento—. Não pensei que Zyerne...

Interrompeu-se, incapaz de seguir. Ela viu como a amargura e uma desilusão pior que a que lhe tinha dado John ao aparecer entre os porcos em Alyn endurecia a boca do moço. Provavelmente, nunca tinha visto Zyerne atuando com essa maldade ridícula, pensou Jenny; ou talvez só a tinha visto no contexto do mundo que ela mesma tinha criado, um mundo que ele tampouco nunca tinha saído.

Gareth respirou fundo e continuou:

¹⁴ é um instrumento musical conhecido desde a antigüidade. Toca-se com os dedos por meio de teclas. O clavicórdio possui uma propriedade única, nessa família de instrumentos, que é a de permitir diferentes nuances de toque. A desvantagem é que isso reduz a potência sonora, limitando seu uso apenas a ambientes pequenos e, basicamente, para ser executado solo.

¹⁵ Seu som único, metálico se assemelha muito ao de uma viola ou de uma craviola.

—Sei que deveria lhes haver defendido de alguma forma, mas..., mas não sabia como... — Estendeu as mãos, impotente. Com a primeira expressão de humor ante si mesmo que Jenny lhe tivesse escutado, adicionou—: Sabe? Nas baladas é tão fácil resgatar a alguém. Quero dizer, se a gente é derrotado, ao menos pode morrer com honra e não ter que sofrer que todos lhe riam na cara durante as três semanas seguintes.

Jenny riu e estendeu a mão para lhe tocar o braço. Na penumbra, os rasgos de Gareth eram só um limite dourado ao longo da bochecha fraca e os círculos gêmeos das lentes estava opaco com os reflexos do abajur que brilhavam sobre umas poucas mechas de seu cabelo, vermelhos como o fogo, e formavam uma luz bicuda ao longo de seu pescoço.

—Não se preocupe por isso. —Sorriu—. Como matar dragões, é uma arte especial.

—Escute — disse Gareth—. A..., lamento lhes haver enganado. Não o teria feito se soubesse que seria assim. Mas Zyerne enviou um mensageiro a meu pai..., já está a caminho de Bel e está preparando uma habitação de hóspedes para vós no palácio. Estarei com vocês quando lhes apresentem ao rei e sei que quererá aceitar os termos... —deteve-se, como se recordasse suas últimas mentiras sortas com a mesma segurança—. Quero dizer, realmente sei desta vez. Da chegada do dragão, houve uma grande recompensa para quem o matasse, mais que o pagamento de um destacamento durante todo um ano. Tem que escutar John.

Jenny apoiou um ombro contra o esculpido poste da escada; as faíscas da luz do abajur refletido se filtravam através das persianas e pareciam ouro em seu vestido negro e prata.

—É tão importante para ti?

Ele assentiu. Até com as ombreiras de moda de seu espartilho branco e violeta, seus ombros estreitos pareciam inclinados pelo cansaço e a derrota.

—Não disse a verdade no forte - disse com voz repousada—. Mas disse que sei que não sou um guerreiro nem um cavaleiro andante e sei que não sou bom nos jogos. E não sou tão estúpido para acreditar que o dragão não me mataria em um segundo se fosse atacar o..., sei que todos aqui riem quando falo de honra e cavalheirismo e dos deveres de um cavaleiro e você e John também... Mas isso é o que faz de John o barão das Terras de Inverno e não só um bandido mais, não é certo? Não tinha por que matar esse primeiro dragão. —O moço fez um gesto cansado, encolheu-se de ombros e fragmentos de luz voaram ao longo das raias brancas de suas mangas cortadas para os diamantes de seus punhos—. Não podia ficar com os braços cruzados. Tinha que tentá-lo, inclusive se o fazia mal.

Jenny sentiu que nunca antes o tinha querido tanto. Disse:

—Se realmente o tivesse feito mal, não estaríamos aqui.

Subiu lentamente as escadas e cruzou a galeria que separava o resto da casa do vestibulo. Como a escada, estava encerrada em uma grade de pedra esculpida com formas de trepadeiras e árvores, e as sombras tremiam como arlequins inquietos sobre seu vestido e seu cabelo. Sentiu-se

cansada e fria de haver-se mantido inteira durante toda a noite...; as brincadeiras ardilosas e a malícia da corte de Zyerne a tinham machucado mais do que queria admitir. Tinha-lhes lástima, um pouco, mas não tinha a pele dura de John.

Ela e John tinham a menor das habitações no final dessa ala do edifício; Gareth, a maior, justo ao lado. Como todo o resto na casa de Zyerne estava muito bem decorado. As vermelhas cortinas adamascadas da cama e os abajures de alabastro estavam desenhados como um cenário para a beleza de Zyerne e uma prova de seu poder para obter que o rei lhe desse o que queria. Com razão, pensou Jenny, Gareth desconfiava de todas as feiticeiras que tivessem poder sobre o coração de um líder...

Ao deixar atrás o ruído da galeria e voltar-se para o corredor, notou o roce duro de sua roupa emprestada sobre a madeira esculpida do piso e, com seu velho instinto de silêncio, recolheu-se as pesadas saias e as levantou. Frente a ela a luz do abajur de uma porta entreaberta formava um trapezóide dourado de brilho através da escuridão. Zyerne, e Jenny sabia, não estava abaixo com os outros, e se sentiu inquieta e incômoda ante a idéia de encontrar-se com essa menina formosa, malcriada, poderosa, especialmente aqui em sua própria casa onde tinha o poder absoluto. Assim, Jenny passou frente à porta aberta em uma nuvem de ilusão; e embora se detivesse nas sombras o que viu sob a luz, permaneceu invisível.

Teria sido assim, pensou depois, inclusive se não se colocasse nos feitiços que desviavam as olhadas fortuitas. Zyerne estava sentada em uma ilha de brilho; o reflexo de um abajur de noite acariciava o dourado de sua cadeira de ébano; estava tão quieta que nem sequer as sombras de pontas douradas de seus véus de encaixe se moviam sob seu vestido. Tinha as mãos sobre a cara de Sêrvio Clerlock, ajoelhado a seus pés, e a imobilidade era tal que nem sequer se via o brilho das safiras no cabelo do homem; só ardiam com força com um único reflexo. Embora ele tivesse a cara voltada para cima, seus olhos estavam fechados; era a cara contorsionada, intensa de um homem que sente um êxtase tão imenso que quase se transformou em dor.

A habitação respirava magia e o peso desta era um brilho lhe cintilante no ar. Como maga, Jenny podia senti-la, cheirava-a como a incenso; mas era um incenso carregado de podridão. Afastou-se uns passos, enojada. Embora as mãos de Zyerne sobre a cara de Sêrvio era o único contato entre os dois corpos, Jenny teve a sensação de ter visto algo obscuro. Os olhos de Zyerne estavam fechados, franzia o cenho infantil em uma leve concentração; o sorriso que curvava seus lábios era de satisfação emocional e física, como uma mulher depois de um ato sexual.

Não de amor, pensou Jenny, enquanto se afastava da cena movendo-se de novo sem som pelo corredor, mas sim de certa forma privada de saciedade.

Jenny se sentou durante um comprido momento no batente da janela escura de sua habitação e pensou em Zyerne. A lua se levantou salpicando as pontas nuas das árvores sobre o tapete branco de névoas que se arrastava pelo chão; ouviu que os relógios davam a hora no andar

debaixo e ouviu o ruído das vozes e das risadas. A lua estava em quarto crescente e havia algo nisso que preocupava Jenny, embora no momento não soubesse o que era. Ao fim de um momento, ouviu que a porta se abria brandamente atrás dela e se voltou para ver a silhueta de John contra a luz tênue do abajur que ardia no corredor. Seu reflexo arrojou uma chuva de faíscas metálicas de sua roupa e pôs um luzes difusas sobre a lã rústica de sua capa. O disse com voz suave à escuridão:

—Jen?

—Estou aqui.

A luz da lua brilhou sobre seus óculos. Ela se moveu um pouco; as sombras em barras das janelas sobre seu vestido negro e prateado a faziam quase invisível. Ele chegou com cuidado pelo terreno pouco familiar do chão, as mãos e a cara como manchas pálidas contra sua roupa escura.

—Deus - disse ele aborrecido enquanto tirava a capa—. Vir aqui e arriscar meus ossos para matar um dragão e terminar me fazendo de palhaço para um grupo de meninos. —sentou-se sobre a borda da cama com cortinas e trabalhou com as fivelas pesadas de seu gibão.

—Gareth te há dito algo?

Os óculos brilharam de novo quando ele assentiu.

—E?

John se encolheu de ombros.

—Não estranho que seja um caipira aleijado e torpe com menos sentido comum que os arbustos de minha prima Dilly. No meio em que se move... E realmente se arriscou para me buscar, tenho que reconhecê-lo. —A voz de John se converteu em murmúrio quando se agachou para tirar as botas—. Embora aposto todo o ouro do dragão contra maçãs verdes que não tinha nem idéia de quão perigoso ia ser. Deus sabe o que eu teria feito por ter estado em seus sapatos, tão desesperado por ajudar e sabendo que não tem nenhuma oportunidade contra o dragão se o fizer ele mesmo. — Pôs as botas no chão e se sentou de novo —. Entretanto, já que viemos até aqui, seria parvo se não falasse com o rei e visse o que me oferece, embora esteja seguro de que vamos ter que enfrentar a Zyerne em qualquer trato que façamos com ele.

Inclusive enquanto se fazia de palhaço, pensou Jenny, enquanto tirava os pentes de prender dos cabelos e deixava que seu véu de moda caísse no chão, John não perdia nada do que acontecia seu redor. A seda engomada parecia fria sob seus dedos pela proximidade da janela, como o cabelo quando desenrolou num espiral pesado e o deixou golpear seco contra seus ombros ossudos, meio nus. Finalmente disse:

—Quando Gareth me falou pela primeira vez dela, senti-me ciumenta, odiei-a sem havê-la visto sequer. Era tudo o que eu sempre quis, John: gênio, tempo e beleza —adicionou enquanto se dava conta de que isso último também importava—. Tinha medo de que ainda fosse isso.

—Não sei amor. —John ficou de pé, descalço, de calças e com a camisa enrugada, e foi até a janela onde ela estava—. Não me soa muito ao que você é. —Tinha as mãos cálidas através dos cetins duros, frios da roupa emprestada, quando recolheu o peso renegrido do cabelo de Jenny e o dividiu em colunas que se deslizaram através de seus dedos—. Não sei nada da magia dela, porque não nasci mago, mas sei que é cruel pelo prazer de sê-lo, não nas coisas grandes que fariam que se notasse, a não ser nas pequenas e sei o que faz que outros o sejam, ensina-lhes com o exemplo e a brincadeira a ser tão cruel como ela. Eu açoitaria a Ian se tratasse a um hóspede como ela tratou a ti. E agora entendo o que queria dizer esse gnomo que encontramos no caminho quando disse que envenena tudo que toca. Mas é só uma amante, isso é tudo o que é. E quanto a sua beleza... —encolheu-se de ombros—. Se eu tivesse um pouco mais de engenho para a forma, também seria formoso.

Sem querer Jenny riu e se recostou nos braços de Aversin.

Mas logo, na escuridão da cama rodeada de cortinas, voltou para sua mente a lembrança de Zyerne. Viu-a de novo com Sérvio na aura rosada da luz do abajur e sentiu o peso e a força da magia que tinha preenchido a habitação como o silêncio sólido que se levanta antes do trovão. Era só a magnitude do poder o que lhe assustava? Perguntou-se. Ou tinha sido a sensação de que havia algo sujo nele, como o gosto do leite azedo? Ou era só o verme de sua inveja ante as artes maiores de uma mulher mais jovem que ela?

John havia dito que não soava ao que era Jenny, mas ela sabia que estava equivocado. Ela era assim, era a parte de si mesma que estava tratando de combater, a menina de quatorze anos ainda enterrada em sua alma, chorando com raiva esgotada e amarga quando as chuvas que tinha conjurado seu professor não se dispersavam ante seus feitiços adolescentes. Tinha odiado a Caerdinn por ser mais forte que ela. E embora depois de compridos anos cuidando desse velho irascível, o ódio se transformou em afeto, nunca tinha esquecido que era capaz de odiar. Tanto, pensou com ironia, como era capaz de lhe fazer os feitiços da morte a um homem indefeso, como fizesse com o bandido moribundo nas ruínas da velha cidade; tanto como era capaz de deixar a um homem e a dois meninos que a queriam bem para ir atrás do poder que desejava.

Teria sido capaz de entender o que vi esta noite se tivesse dedicado todo meu coração, todo meu tempo, ao estudo da magia? Teria um poder como esse... Enorme como uma tormenta reunida entre minhas mãos?

Através das janelas, além das cortinas partidas da cama, via o olho frio e branco da lua. Sua luz, quebrada pelo batente, pulverizava-se como os espinhos de uma cauda de peixe sobre o cetim negro e branco do vestido que tinha usado e sobre o respeitável traje marrom que não pôs John. Tocava a cama e destacava quão feridas cruzavam o braço nu de John, brilhava sobre a palma aberta de sua mão e delineava a forma de seu nariz e seus lábios contra a escuridão. De repente, a visão na tigela cheia de água voltou para ela, uma sombra gelada em seu coração.

Seria capaz de salvá-lo, se fosse mais poderosa? Perguntou-se. Se tivesse dedicado seu tempo só a seus poderes, em lugar de dividi-lo entre eles e John? Era isso, em realidade, o que tinha deixado de lado sem preocupar-se: a capacidade para salvá-lo?

Em algum lugar, rangeu uma porta. Jenny respirou lentamente para escutar, ouviu um som quase imperceptível de pés nus junto a sua porta e a vibração surda de um homem que golpeava a parede.

Deslizou-se fora dos lençóis sedosos e colocou a camisa. Envolveu-se no primeiro objeto que encontrou, a capa de John, e cruzou com rapidez a escuridão da habitação para a porta.

—Gar?

Estava de pé a uns metros dela, abstraído e muito jovem em sua camisola. Os olhos cinza olhavam para diante, sem os óculos, e o cabelo fino estava esmagado e enredado por apoiá-lo no travesseiro. Assustou-se ao som da voz de Jenny e quase caiu, aferrando-se da parede para sustentar-se. Ela se deu conta então de que o tinha despertado.

—Gar, sou eu, Jenny. Está bem?

Tinha a respiração agitada do susto. Pôs-lhes uma mão sobre o braço para sustentá-lo e ele piscou com seus olhos míopes, olhando-a um momento. Logo, respirou fundo.

—Muito bem - disse tremente—. Estou bem, Jenny. Eu... —Olhou a seu redor e se passou uma mão tremente pelo cabelo—. Devo..., devo ter estado caminhando em sonhos de novo.

—Faz-o freqüentemente?

Assentiu e se esfregou a cara.

—Quero dizer... Não no norte, mas às vezes aqui, sim. É que sonhava... —Fez uma pausa, tratando de recordar—. Zyerne...

—Zyerne?

A cor alagou de repente a cara pálida.

—Nada - murmurou e evitou os olhos de Jenny—. Quero dizer..., não me lembro.

Jenny o deixou a salvo na soleira escura de sua habitação e logo ficou de pé um momento no corredor, ouvindo os sons pequenos das cortinas das camas e os lençóis quando ele os puxou para voltar a dormir. Não sabia quão tarde era. A casa estava silenciosa a seu redor, sentiu os aromas das velas que já se apagaram fazia muito, do vinho derramado e o residuo mau ventilado da paixão, agora opaco e fedorento. Em toda extensão do corredor, as habitações estavam às escuras, todas menos uma, uma que tinha a porta entreaberta. O brilho leve de um sozinho abajur de noite brilhava por dentro, e sua luz jazia sobre o manto sedoso do chão como uma estrada de ouro luminoso.

6

—Terá que lhes escutar. —Gareth se inclinou sobre o batente de uma de altas janelas que se elevavam na parede sul da Galeria do Rei, e o brilho da pálida luz do sol se refletia sobre as jóias passadas de moda que levava—. Acabo de ouvir que ontem à noite o dragão destruiu a caravana que levava fornecimentos às tropas que sitiavam Halnath. Mais de quinhentos quilos de farinha e açúcar e carnes destruídas..., cavalos e bois mortos ou perdidos, os corpos dos guardas queimados e irreconhecíveis.

Arrumou-se, nervoso, as dobras elaboradas de seus mantos de cerimônia e espiou com seu olhar míope Jenny e John, que compartilhavam um banco esculpido de ébano engravado de malaquita. Devido às exigências da etiqueta da corte, o costume formal se petrificou em uma moda que estava uns cento e cinquenta anos atrás, e como resultado, todos os cortesãos e peticionários que se reuniam na extensa habitação pareciam perfeitos personagens de uma festa de máscaras. Jenny reparou que John não estava disposto a fazer o bárbaro em couro e capa xadrez na presença do rei embora ainda persistia nessa atitude entre os jovens cortesãos que o rodeavam de admiração.

Gareth tinha arrumado as mantas de cetim azul e nata de John..., o trabalho de uma ajuda da câmara¹⁶. Sérvio Clerclock se ofereceu a fazê-lo, mas havia regras rígidas de alfaiataria a respeito conforme acreditava Jenny; Sérvio teria sido muito capaz de arrumar os elaborados vestidos de uma forma ridícula, sabendo que o Vencedor de Dragões seria incapaz de ver a diferença.

Sérvio estava entre enquanto os cortesãos esperavam a chegada do rei. Jenny o via, mais à frente na Galeria do Rei, de pé em uma das barras inclinadas de luz pálida e platinada. Como sempre, seu vestido era mais impressionante que o de qualquer de outros homens presente; seus mantos eram um milagre de complexos e dobras e elegância estudada, tão espessos de bordados que brilhavam como as costas de uma víbora; suas mangas floridas, de uma moda de seis gerações

¹⁶ Quarto de uso privado ou restringido especialmente aos réus e papas

atrás, eram exatas até o milímetro quanto ao comprimento e o caimento. Até tinha pintado a cara à maneira arcaica e formal, coisa que alguns cortesãos preferiam antes que as aplicações modernas de rouge e álcool nos olhos. John tinha negado absolutamente por nada ter haver com nenhum dos dois estilos. As cores acentuavam a palidez do rosto do jovem Clerlock, embora parecesse melhor, notou Jenny, que no dia anterior no caminho da casa de Zyerne até Bel..., menos carcomido e exausto.

Olhava ao seu redor com nervosismo e ansiedade, procurando a alguém, provavelmente a Zyerne. Apesar do mal que tinha estado no dia anterior, tinha sido sempre o primeiro em atender Zyerne; cavalgou para seu lado e lhe sustentou a vara, a caixa de perfumes e as rédeas de seu cavalo quando desmontava. E não tinha conseguido muito agradecimento, por certo, pensou Jenny. Zyerne tinha passado o dia tratando de apaixonar Gareth, que não lhe respondia.

Não era que Gareth fora imune aos encantos da maga. Desde sempre, Jenny tinha a estranha sensação de que podia observá-lo tudo por seu desejo, com tranquilidade, como se estivesse olhando um grupo de esquilos em uma jaula. Os cortesãos não o notavam, assim pôde ver que Zyerne se burlava deliberadamente dos sentidos de Gareth com cada roce, com cada sorriso. Amam os que nascem magos? Tinha-lhe perguntado ele uma vez, lá na tristeza das Terras de Inverno. Evidentemente tinha chegado a sua própria conclusão sobre a questão de que Zyerne o amava ou não, ou se ele amava a Zyerne. Mas Jenny sabia muito bem que o amor e o desejo são duas coisas diferentes, sobre tudo para um moço de dezoito anos. Sob seu ar de inocência e paquera, Zyerne era uma mulher perita nas artes de manipular as paixões dos homens.

Por quê? Perguntou-se Jenny, olhando o perfil torpe do moço contra as sombras suaves de cobalto da galeria. Pelo prazer de vê-lo debater-se por não trair o seu pai? Para usar sua culpa para controlá-lo e logo, algum dia, acusá-lo ante o rei gritando «violação»?

Houve um movimento geral na galeria, como o vento no trigo seco. No extremo do salão, umas vozes murmuraram:

—O rei! O rei!

Gareth ficou de pé como pôde e controlou rapidamente as dobras de seus mantos. John também se levantou enquanto encaixava os óculos anacrônicos sobre a ponte do nariz. Agarrou a mão de Jenny e seguiu mais lentamente Gareth que se apressava para a linha de cortesãos que estava formando-se no centro do salão.

No outro extremo, as portas se abriram para dentro. O camareiro do rei, Badegamus passou por elas, corpulento, rosado e maior, adornado com um libré de carmesim e ouro que cegava os olhos com seu esplendor.

—Damas, cavaleiros..., o rei.

Com o braço contra o de Gareth, Jenny sentiu o tremor de nervosismo do moço. Depois de tudo, tinha roubado o selo de seu pai e tinha desobedecido a suas ordens..., e já não era tão

descuidado como os personagens das baladas com respeito às possíveis conseqüências de seus atos. Sentiu que estava tenso preparado para adiantar-se e executar a saudação correta com sua reverência, como faziam já outros na fila, e receber o reconhecimento de seu pai e um convite para uma entrevista em privado.

A cabeça do rei se elevava sobre todas as demais, mais alto incluso que a de seu filho. Jenny podia ver que tinha o cabelo tão loiro como o de Gareth, mas muito mais grosso, um ouro quente de cevada que estava começando a empalidecer e a parecer-se com a cor da palha. Como o murmúrio firme das ondas na borda do mar, as vozes repetiam:

—Meu senhor..., meu senhor...

A mente de Jenny voltou um segundo as Terras de Inverno. Supunha que lógico teria sido sentir ressentimento contra os reis que tinham retirado suas tropas e abandonado as terras, ou temor e respeito ao ver finalmente a fonte da lei por cuja defesa John estava disposto a morrer. Mas não sentia nenhuma das duas coisas. Sabia que esse homem, Uriens de Bel, não tinha nada que ver nem com a retirada daquelas tropas nem com a confecção da Lei; era só o herdeiro dos homens que o tinham feito.

Como Gareth antes de ter viajado às Terras de Inverno, não tinha outra noção dessas coisas a que lhe tinham dado os tutores e essa, sem dúvida, tinha-a esquecido em seguida.

O rei se aproximou, assentindo com a cabeça para aquele homem ou aquela mulher, o gesto que indicava que falaria com eles em privado, e Jenny sentiu uma distância vasta entre ela e esse homem alto de roupas reais cor carmesim. Sua única aliança era com as Terras de Inverno e com os homens e mulheres que viviam ali, com um povo e uma terra que conhecia. Era John o que sentia a aliança antiga do vassalo; John, que tinha jurado dar a esse homem sua espada, sua vida e sua devoção.

De todos os modos, à medida que o rei se aproximava, Jenny sentiu a tensão, tangível como uma cor no ar. Havia olhos que os notavam, dissimulados; os jovens cortesãos esperavam o encontro entre o rei e seu filho errante.

Gareth se adiantou e as bordas de seu manto cortados como as folhas de um carvalho, reuniram-se a seu redor como uma capa entre o dedo maior e o anular de sua mão direita. Com uma graça surpreendente, inclinou sua forma fraca e larga em uma reverência do tipo Sarmendes em esplendor, perfeita como só podia fazê-la um Herdeiro, e, além disso, só ante o monarca.

—Meu senhor.

O rei Uriens II de Belmarie, Suzerain das Marchas, Alto Senhor de Wyr, Nast e as Sete Ilhas, olhou a seu filho um momento com olhos vazios, sem cor, abertos em uma cara frágil, vazia. Logo, sem uma palavra, voltou-se para aceitar as saudações do próximo cortesão.

O silêncio na galeria teria podido fazer saltar a pintura das madeiras. Como veneno negro sobre água podre, estendeu-se de um extremo a outro do salão. As vozes dos poucos peticionários

que ficavam ouviram mais e mais claras, como se fossem gritos; a porta dourada de bronze que se fechou depois da figura do rei que passava a sua sala de audiências pareceu um trovão longínquo. Jenny sentiu que os olhos de todos olhavam para qualquer lado menos para eles, e logo se olhavam em segredo uns aos outros e sentiu a cara de Gareth, tão branca como seu pescoço.

Uma voz suave disse detrás deles:

—Por favor, não te zangue com ele, Gareth.

Zyerne estava ali, vestida em uma seda cor ameixa tão escura que era quase negra, uma seda cremosa e rosada sobre as mangas que se arrastavam pelo chão. Seus olhos cor caramelada estavam cheios de preocupação.

—Agarrou seu selo, sabe? E foi sem permissão.

John abriu a boca.

—um pouco forte o golpe, entretanto, não lhes parece? Quero dizer, aí está o dragão como sempre enquanto nós esperamos que nos dê permissão para partir.

Os lábios de Zyerne se esticaram um pouco, logo se afrouxou de novo. No extremo mais próximo da Galeria do Rei, abriu-se uma pequena porta e apareceu o camareiro do rei Badegamus, que chamou o primeiro dos peticionários a quem o rei tinha concedido uma audiência.

—Em realidade, não há perigo para nós. O dragão ficou nas granjas que estão ao pé da Parede de Nast.

—Ah - disse John com voz pormenorizada—. Isso faz que tudo esteja bem, verdade? E isso é o que contam aos granjeiros que sobreviveram ao dragão, conforme dizem?

O brilho da raiva nos olhos de mel foi mais forte essa vez, como se ninguém lhe tivesse falado assim jamais, ou ao menos, pensou Jenny que observava em silêncio junto John, não em muito tempo. Com um esforço visível, Zyerne se controlou e disse com o ar de alguém que desafia a um menino:

—Devem entender. Há outras preocupações muito mais urgentes para o rei.

—Mais urgentes que um dragão sentado a sua porta? —perguntou Gareth, enfurecido.

Ela estalou em uma risada muito doce.

—Não há necessidade de fazer uma rixa de mercado por isso, sabe? Já lhe disse isso antes, querido, não vale as rugas que te causa.

Ele retirou a cabeça de seu toque brincalhão.

—Rugas! Estamos falando de gente que morre!

—te cale, Gareth - disse lentamente Sêrvio Clerlock, que se aproximava com frouxidão para eles—. Está-te pondo tão resmungão como o velho Policarpio.

Debaixo da maquiagem, sua cara parecia ainda mais lavada perto do fulgor brilhante de Zyerne.

—Não deveria lhes tirar esses pobres granjeiros o único sal que têm suas aborrecidas vistas...

—Sal... —começou Gareth, e Zyerne lhe retorceu a mão em brincadeira.

—Não me diga que vais pôr te aborrecido e altruísta conosco. Não sabe como dormiríamos. —Sorriu—. E te direi algo mais - adicionou com seriedade—, não faça nada que possam zangar-se mais a seu pai. Seja paciente..., e trata de entender.

Pela comprida galeria voltava o camareiro do rei Badegamus, já a meio caminho, passando junto do pequeno grupo de gnomos que se sentavam, em uma ilha de solidão, à sombra de um dos arcos ornamentais acanalados que se elevavam junto a este parede. Quando passou o camareiro do rei, um deles se levantou em um murmúrio sedoso de roupas estranhas, voláteis, com as mechas nebulosas de seu cabelo branco como o leite fluando ao redor de suas costas encurvadas. Gareth tinha falado com Jenny um momento antes: Azwyl Cartus Herands, chamado Dromar pelos filhos dos homens, que tinham pouca paciência com a língua dos gnomos, embaixador fazia já muito tempo do senhor da Gruta na Corte de Bel. Badegamus o viu e se deteve, logo olhou rapidamente para Zyerne. Ela meneou a cabeça. Badegamus voltou à cara e passou junto aos gnomos sem vê-los.

—voltam-se atrevidos - disse a maga com suavidade—. Enviar representantes aqui quando brigam do lado dos traidores de Halnath.

—Bom, não podem evitá-lo, não lhes parece? A saída posterior da Gruta dá à cidadela - assinalou John.

—Poderiam ter aberto as portas da cidadela para as tropas do rei.

John arranhou o lateral do largo nariz.

—Bom, como sou um bárbaro e tudo isso, não sei como se fazem as coisas nos países civilizados - disse—. No norte, temos uma palavra para um homem a quem lhe deu refúgio quando fugia.

Durante um instante, Zyerne ficou em silêncio; seu poder e sua irritação pareciam ranger no ar. Logo, voltou a estalar sua risada de pérolas e prata.

—Juro-lhes, Vencedor de Dragões, que têm uma forma bem inocente e refrescante de ver as coisas. Fazem-me sentir uma anciã. —apartou-se uma mecha de cabelo da bochecha enquanto falava; parecia tão doce e boa como uma jovem de vinte anos—. Venham. Vamos escapulir desta estupidez e cavalgar pelos escarpados junto ao mar, Vem, Gareth? —Pôs a mão na do moço de um modo tal que ele não podia rechaçá-la sem ser grosseiro..., Jenny viu como a cara dele avermelhava ligeiramente pelo roce—. E você, bárbaro meu? Já sabem que o rei não lhes verá hoje.

—Seja como for - disse John com voz tranqüila—. Ficarei aqui no caso de mudar de idéia.

Sérvio riu com voz metálica.

—Esse é o espírito que ganhou o reino!

—Sim - disse John em uma voz neutra e voltou para banco lavrado em que tinha estado com Jenny, seguro em sua reputação estabelecida de bárbaro excêntrico.

Gareth retirou a mão de Zyerne e se sentou perto; os mantos lhe enredaram no braço da cadeira, adornado com a cara de um leão.

—Acredito que eu também fico - disse com tanta dignidade como pôde enquanto desenredava a roupa do móvel. Sérvio riu de novo.

—Acredito que nosso príncipe esteve muito tempo no norte.

Zyerne franziu o nariz, como se fora uma brincadeira de gosto duvidoso.

—Vate, Sérvio. —Sorriu—. Tenho que falar com rei. Vou mais tarde. — Reuniu suas saias e se afastou para as portas de bronze do hall do rei; as opalas que havia em seus véus pareciam gotas de orvalho caindo sobre um pimpolho de macieira quando passou junto às bandas pálidas da luz da janela. Quando chegou ao grupo de gnomos, o velho Dromar se levantou de novo e caminhou para ela com o ar de alguém que recobra ânimos para um encontro odiado, mas necessário, mas ela desviou o olhar e apressou o passo de modo que, para interceptá-la, ele teria que correr sobre suas pernas curtas e torcidas. E não ia conseguir, ficou olhando-a um momento, com a raiva ardendo em seus olhos pálidos cor âmbar.

—Não entendo - disse Gareth muito depois, quando os três passeavam pelas ruas estreitas do bairro repleto de pessoas do mercado e do porto—. Ela disse que pai estava zangado, sim..., mas ele sabia quem trazia comigo. E deve saber algo do último ataque do dragão. —Saltou sobre a água fedorenta da boca-de-lobo para evitar um trio de marinheiros que saía tropeçando de um dos botequins que se abriam sobre a rua empedrada e quase se engancha sobre sua própria capa.

Quando Badegamus anunciou à galeria quase vazia que o rei já não veria ninguém esse dia, John e Jenny levaram Gareth, furioso, surpreso, à casa de hóspedes que lhes tinham atribuído em um dos lugares mais afastados de palácio. Ali se trocaram a roupa emprestada da corte e John anunciou sua decisão de passar o resto da tarde na cidade, procurando gnomos.

—Gnomos? —disse Gareth, surpreso.

—Bom, se não ocorreu a ninguém mais, me ocorre que se tiver que brigar com esse dragãozinho, vou ter que conhecer o traçado das cavernas. —Com uma habilidade surpreendente, liberou-se das intrincadas dobras de seus mantos e tirou a cabeça do tecido de dupla face como uma má erva selvagem e emaranhada—. E como não parece correto dirigir-se a eles na corte...

—Mas se estão conspirando! —protestou Gareth. Fez uma pausa enquanto procurava um lugar para atirar o molho de colares e anéis passados de moda entre a alta pilha de livros, arpões e conteúdos da bolsa medicinal de Jenny sobre a mesa—. Falar-lhes na corte é um suicídio! E além não ides brigar com ele na Gruta, verdade? Quero dizer... —Quase não chegou a conter-se para

não assinalar que em todas as baladas os Vencedores de Dragões tinham matado a seus inimigos frente às guaridas, não nelas.

—Se o atacar fora e chega a voar, é o fim — replicou John, como se estivesse falando da estratégia do Backgammon—. E embora me passasse pela cabeça que estamos em meio de uma teia de complôs, a ninguém convém que o dragão siga na Gruta. O resto do assunto é minha coisa. Agora, vais guiar-nos, ou vais deixar ir pela rua e perguntar a quem seja onde podemos encontrar aos gnomos?

Para surpresa de Jenny e talvez um pouco para a sua própria, Gareth ofereceu seus serviços como guia.

—me fale de Zyerne, Gar - disse Jenny, pondo as mãos bem para dentro dos bolsos de sua jaqueta enquanto caminhava—. Quem é? Quem foi seu professor? Em que Linhagem estava?

—Professor? —Gareth obviamente alguma vez tinha pensado nisso antes—. Linhagem?

—Se for maga, alguém deve lhe haver ensinado. —Jenny olhou o moço que se elevava junto a ela enquanto davam uma volta para evitar um grupo de transeuntes que se amontoavam ao redor de uns malabaristas da rua. Detrás deles, junto a um lugar com uma fonte, um homem gordo com a pele escura dos sulistas tinha instalado um posto de comida e uivava sua mercadoria entre nuvens de vapor que perfumavam o ar cru, nebuloso por metros ao seu redor.

—Há dez ou doze Linhas importantes que levam o nome dos magos que as fundaram. Havia mais, mas algumas decaíram e morreram. Meu professor Caerdinn, e, portanto eu e outros discípulos deles, ou seu próprio professor Spaeth, e outros alunos do Spaeth, estamos todos na Linha de Herne. Para um mago, saber que estou na Linha do Herne diz..., ah, muitas coisas sobre meu poder e minha atitude para com o poder, sobre o tipo de feitiços que conheço, e sobre o tipo de feitiços que não usarei nunca.

—Sério? —perguntou Gareth fascinado—. Não sabia nada disso. Acreditava que a magia era só algo..., bom algo com o que se nasce.

—Igual o talento para a arte —disse Jenny—. Mas sem uma boa aprendizagem, nunca se chega à plenitude; sem o tempo necessário dedicado ao estudo da magia, sem a luta necessária... —deteve-se, com um sorriso irônico para si mesmo—. Tudo poder tem que pagar-se —continuou depois de um momento—. E tudo poder deve sair de alguma parte, tem que ter sido passado por algum outro.

Era difícil para Jenny falar de seu poder; além da confusão de, seu coração, havia muito em todo o assunto que os que não tinham nascido magos não podiam entender. Em toda sua vida, só se tinha encontrado com uma pessoa que a entendesse, e nesse momento, essa pessoa estava junto do posto de comida, manchando a capa com açúcar.

Jenny suspirou e se deteve para esperá-lo no extremo da praça. Ali a pavimentação estava escorregadia pelo ar do mar e o lixo; o vento cheirava a pescado e, como todas as coisas da cidade

de Bel, à força intoxicante e indômita do mar. Era uma praça típica das centenas de bairros populosos do mercado e o porto de Bel, rodeada em três lados e meio por cortiços altos, desvencilhados e dominado pelas pedras velhas de uma torre cinza de ardósia em forma de relógio em cujos pés havia um altar descuidado que continha uma imagem maltratada do Quis, o enigmático Senhor do Tempo. No centro da praça havia uma fonte de granito de base ampla e borde carcomidos. O tempo havia tornado suaves e brancas suas pedras por cima e as tinha sujado por debaixo com o musgo negro esverdeado que parecia crescer em todas as partes no ar úmido da cidade. As mulheres foram ali para procurar água e fofocar, as saias levantadas quase até as coxas, mas as caras cobertas com modéstia com véus de lã tosca atados em nós sob o cabelo para impedir que pendurassem frente às mãos.

Entre as massas de estuque¹⁷ e cores gritantes do mercado, a exótica forma de vestir de John não tinha despertado muita curiosidade. As ruas levantadas de pedra estavam cheias de viajantes de todo o reino e todas as terras do sul: marinheiros com as cabeças raspadas e barbas como as dos coqueiros; camelôs da província jardim de Istmark com roupa passada de moda, pomposa, com véus para homens e mulheres; cambistas de moeda com gabardina negra; prostitutas pintadas de cima abaixo e atores, malabaristas, exterminadores de ratos, ladrões de carteira, inválidos e vagabundos. Umas poucas mulheres olharam com desprezo a cabeça sem cobrir de Jenny e ela se sentiu zangada consigo mesma pela raiva que lhe dava.

Perguntou Gareth:

—O que sabe de Zyerne? Do que era aprendiz na Gruta?

Gareth se encolheu de ombros.

—Não sei. Diria-lhe que aprendia algo nos Lugares de Cura. Aí é onde se supõe que está o maior poder da Gruta..., entre os que curam. As pessoas estavam acostumadas viajar durante dias para que as atendessem ali e sei que a maioria dos magos tinha conexão com eles.

Jenny assentiu. Até no norte isolado e longínquo, entre os filhos dos homens que não sabiam virtualmente nada dos costumes dos gnomos, Caerdinn tinha falado com respeito do poder que jazia nos Lugares de Cura no coração da Gruta do Ylferdun.

Do outro lado da praça apareceu uma procissão de sacerdotes de Kantirith, Deus do Mar, caminhando com as cabeças escondidas nos capuzes cerimoniais para que não os distraísse nenhuma visão suja. O gemido ritual das flautas não sossegava seus cânticos recitados em murmúrios. Como em todas as cerimônias dos Doze Deuses, tanto as palavras como a música das flautas tinha sido fixada em dias já esquecidos; as palavras não tinham sentido, a música era algo totalmente distinto ao que se ouvia na corte ou em qualquer outro lugar.

¹⁷ Estuque é uma massa branca ou policroma composta de cal, areia fina, pó de mármore e gesso, usada em variados tipos de ornatos relevados, em muros exteriores, interiores ou tectos.

—E quando veio Zyerne para Bel? —seguiu Jenny, quando a procissão de murmúrios terminou de passar.

Os músculos da mandíbula do moço se esticaram.

—depois de que morreu minha mãe — disse com tom monocórdio—. Sim... Suponho que me zanguei com meu pai. Nesse momento, não entendia a forma que Zyerne podia atrair às pessoas, às vezes contra sua vontade. —Pôs sua atenção em alisar as rugas de sua manga durante um momento e logo suspirou—. Suponho que necessitava a alguém. Não fui muito bom com ele depois da morte de mamãe.

Jenny não disse nada e deixou que falasse ou calasse seu desejo. Do outro lado da praça chegava outra procissão religiosa, um dos cultos do sul que se reproduziam como coelhos no mercado; homens e mulheres de pele escura batiam palmas e cantavam enquanto sacerdotes fracos, andróginos, sacudiam seu cabelo comprido até a cintura e dançavam para o pequeno ídolo que levavam no meio sobre um altar de calicó¹⁸ lustroso e rosado. Os sacerdotes de Kantirith pareceram afundar-se um pouco mais dentro de seus capuzes protetores e o gemido das flautas aumentou. Gareth olhou aos recém chegados com olhos de desaprovação e Jenny recordou que o rei de Bel também era Pontífice Máximo do culto oficial; não havia dúvida de que Gareth tinha sido criado na mais cuidadosa ortodoxia.

Mas o alvoroço lhes dava a ilusão de privacidade. Por isso à multidão concernia, podiam ter estado sozinhos; e depois de um momento, Gareth voltou a falar.

—Foi um acidente de caça — explicou—. Papai e eu caçávamos embora ultimamente deixou de fazê-lo. Mamãe odiava a caça, mas amava a meu pai e lhe acompanhava se ele o pedia. Ria dela e fazia brincadeiras sobre sua covardia, mas na realidade não estava brincando. Não podia tolerar os covardes. Ela o seguia até terrenos muito difíceis, obstinada em seus arreios de mulher e tratando de manter-se com o grupo; quando tudo terminava, ele a abraçava e ria e lhe perguntava se não valia a pena que tivesse reunido coragem..., coisas assim. Ela o fez sempre, que eu me recorde. Estava acostumado a mentir e lhe dizer que começava a aprender a desfrutá-lo; mas quando eu tinha uns quatro anos, a lembrança em seu traje de caça, era de veludo cor pêssego com pele cinza, lembro-me bem, justo antes de partir, vomitando pelo medo que tinha.

—Parece ter sido uma mulher valente - disse Jenny com calma.

O olhar de Gareth caiu sobre ela, logo se desviou de novo.

—Não foi realmente culpa de papai - continuou depois de um momento—. Mas quando passou, ele se sentiu culpado. O cavalo desabou com ela sobre umas rochas..., nos arreios de mulher não se pode cair com agilidade. Morreu quatro ou cinco dias depois. Isso foi faz cinco anos. Eu... — segurou as palavras engasgadas na garganta —. Não fui muito bom com ele depois disso.

¹⁸ É um tecido de algodão normalmente estampado por uma cara com cores vivas. É originário da Índia, onde se fabrica desde o século 11.

Ajustou os óculos em um gesto incômodo e pouco convincente que tratava de ocultar as lágrimas e as enxugar na manga.

—Agora que volto a pensar nisso, acredito que se ela tivesse sido mais valente, teria tido a coragem de lhe dizer que não queria ir, a coragem de arriscar-se a agüentar suas brincadeiras. Talvez dela tirei essa coragem —adicionou com o brilho tímido de um sorriso—. Talvez devesse ter me dado conta de que eu não podia culpar a meu pai tanto como ele se culpava a si mesmo..., de que não podia lhe dizer nada que não se houvesse dito a si mesmo. —Encolheu os ombros ossudos—. Agora o entendo. Mas quando tinha treze anos, não entendia nada. E quando o fiz, tinha passado muito tempo e já não podia lhe dizer nada. E então apareceu Zyerne.

Os sacerdotes de Kantirith se foram lentamente por uma rua torcida entre dois edifícios meio inclinados, como bêbados. Os meninos que se detiveram para olhar a procissão continuaram com seus jogos; John voltou a caminhar com cuidado através das figuras de musgo e espinhos de pescado dos paralelepípedos, detendo-se cada passo para admirar uma nova maravilha: um reparador de cadeiras que trabalhava sobre as pedras da vereda ou os atores dentro de um pequeno teatro, gesticulando enquanto um anunciador gritava da porta parte do argumento aos transeuntes. Jenny pensou divertida que John nunca aprenderia a comportar-se como o herói de lenda que era.

—Deve ter sido duro para ti - disse ela.

Gareth suspirou.

—Era mais fácil faz uns anos - admitiu—. Então podia odiar com clareza. Logo, durante um tempo, nem..., nem sequer pude fazer isso. —Voltou a avermelhar—. E agora...

Houve um brilho de comoção na praça, como o ruído de uma briga de cães; uma voz aguda e zombadora de mulher gritou:

—Putá! —Jenny voltou a cabeça bruscamente.

Mas não se referiam a ela e sua falta de véus. Uma pequena mulher gnomo, com a cauda suave de seu cabelo como uma nuvem de damasco na luz pálida do sol, aproximava-se, hesitante, para a fonte. Levava as calças negras de seda levantadas sobre os joelhos para não molhá-los com os atoleiros da rua suja, e a túnica branca com as mangas de bordados flutuantes cuidadosamente arrumados que proclamava que estava vivendo em uma pobreza estranha a seu nascimento. Fez uma pausa, olhando a seu redor com os olhos quase fechados pela luz muito forte do dia; logo seus passos seguiram para a fonte; as mãos pequenas, redondas aferravam nervosas a asa do balde que levava como uma perita.

Ouviu-se outro grito.

— Viestes visitar os bairros baixos, senhora? Cansada de estar sentada sobre todo esse grão que têm escondido? Muito avarenta para tomar serventes?

A mulher se deteve de novo, agitando a cabeça de um lado para outro como se procurasse a seus perseguidores, meio cega pela claridade do ar livre. Alguém a golpeou com um pedaço de excremento de cão no braço. Ela saltou assustada, e seus pés pequenos, abrigados em sapatos de couro suave, escorregaram sobre as desiguais pedras úmidas. Soltou o balde ao cair e logo o buscou apoiar nas mãos e joelhos. Uma das mulheres da fonte, com a aprovação sorridente de seus vizinhos, o pôs fora de seu alcance com um chute.

—Isto ensinará a não guardar o pão que tirou da boca de gente honesta!

A mulher gnomo procurou com rapidez a seu redor. Uma mulher gorda, murcha que tinha sido a mais escandalosa nas intrigas ao redor da fonte deu um chute no balde para afastá-lo das mãos que o buscavam.

—E a não conspirar contra o rei!

A mulher gnomo se levantou sobre seus joelhos, olhando ao seu redor e um dos meninos saiu da multidão que se reunia pouco a pouco e lhe puxou as largas mechas de cabelo. Ela se voltou, tratando de apanhá-lo, mas o menino desapareceu. Outro retomou o jogo e saltou logo longe da mesma forma, muito entusiasmados com a diversão para dar-se conta de John.

No primeiro sinal de problemas, o Vencedor de Dragões se virou para o homem que tinha ao lado, um habitante do leste, tatuado de azul e vestido com um avental de ferreiro, e lhe tinha dado os três emparedados¹⁹ que tinha nas mãos.

—Segura para mim? —Logo caminhou entre a multidão com rapidez em uma linha de educação *«perdão, me perdoem»* a tempo para apanhar o segundo menino que tinha saltado para seguir com a brincadeira que tinha começado o primeiro.

Gareth teria podido dizer que o seguia. Os cortesãos de Zyerne não eram os únicos a quem enganava o aspecto de inocente bonachão que tinha John. O intrometido, pego totalmente por surpresa por atrás, não teve tempo de gritar antes de terminar nas águas da fonte. Um mergulho forte molhou a todas as mulheres que descansavam nos degraus e a quase todos os folgazões aos arredores. Quando o moço saiu à superfície, cuspidando e ofegando, Aversin se voltou para levantar o balde e disse em tom amistoso:

—Suas maneiras são tão sujas como sua roupa..., surpreende-me que sua mãe te deixe sair assim. Agora estará um pouco mais limpo, não te parece?

Encheu o balde e se voltou para o homem que lhe sustentava os sanduíches. Durante um instante, Jenny pensou que o ferreiro os jogaria na fonte, mas John lhe sorriu, brilhante como o sol sobre a folha de uma faca e de repente o homem pôs os sanduíches sobre sua mão estendida. No fundo da multidão, uma mulher gritou:

—Asqueroso protetor de gnomos!

¹⁹ Em espanhol *Emparedados* é o nome que se dá a um sanduíche de fatias de carne com pão – não há uma tradução certa para o português, mas poderia se referir como sanduíche de carne.

—Obrigado. —John sorriu ainda com sua cara cheia de uma amizade cálida como o cobre—. Lamento ter jogado lixo na fonte. —Equilibrou os sanduíches na mão, desceu os poucos degraus que havia para a rua e caminhou junto à mulher gnomo através do lugar para a boca do beco, pelo mesmo caminho que ela tinha chegado. Jenny, correndo atrás dele com Gareth lhe pisando os calcanhares, notou que ninguém lhes aproximava muito.

—John, é incorrigível - lhe disse com severidade—. Estão bem? —Isto último ia dirigido à mulher gnomo, que se apressava sobre suas pernas torcidas, curtas, seguindo a sombra do Vencedor de Dragões para proteger-se.

Ela olhou Jenny com olhos débeis, incolores.

—Sim, sim. Obrigado. Nunca devi... Sempre saímos de noite à fonte ou enviamos à moça que trabalha se necessitarmos água de dia. Mas se foi. —A grande boca se franziu com o gosto de uma lembrança desagradável.

—Claro que se foi se era como esses - fez notar John, assinalando com o dedo para a praça. Detrás deles, a multidão se aproximava, ameaçadora, gritando.

—Traidores! Monopolizadores! Ingratos! —E outras coisas piores. Alguém jogou uma cabeça de pescado que golpeou a saia de Jenny e gritou algo sobre uma puta velha e seus dois acompanhantes; Jenny sentiu que as pontas da raiva se elevavam ao longo de suas costas. Outros retomaram o tema. Ela se zangou tanto que os insultou, mas em seu coração sabia que não podia lhes desejar nada pior que ser o que já eram.

—Querem um sanduíche? —ofereceu John com encanto e a dama gnomo tomou um com mãos trementes.

Gareth, vermelho de vergonha, não disse nada.

—Menos mal que as frutas e as verduras estão um pouco caras hoje em dia para atirá-las, não? É aqui? —disse John em meio de um bocado cheio de açúcar.

A gnomo baixou a cabeça com rapidez e entrou nas sombras de uma grande casa meio ruída encerrada entre dois edifícios de cinco pisos de casas para alugar, com a parede posterior diretamente sobre as águas estancadas e sujas de um canal podre. As janelas estavam fechadas com força e o estuque arruinado, escrito com desenhos obscenos e sujo salpicado de barro e bosta. Desde cada uma das janelas, Jenny sentiu olhos pequenos, fracos que espiavam com medo e angústia.

A porta se abriu de dentro. A gnomo agarrou o balde e saltou dentro como uma toupeira assustada para sua toca. John pôs uma mão rápida sobre os painéis podres de madeira para que não fechassem em sua cara, logo se apoiou com toda sua força na porta, estava decidido a não deixá-lo passar e tinha os músculos prodigiosos dos gnomos.

—Esperem! —rogou John, enquanto seus pés se escorregavam sobre o mármore do degrau—. Necessito sua ajuda! Sou John Aversin..., venho do norte para me ocupar desse seu

dragão, mas não posso fazê-lo sem sua ajuda. —Apoiou seu ombro na abertura estreita que era quão único ficava—. Por favor.

A pressão do outro lado da porta se relaxou tão bruscamente que John caiu para dentro por sua própria inércia. Da escuridão, uma voz suave, aguda, como a de um menino disse na Alta Linguagem arcaica que usavam os gnomos na corte:

—Venhais, vós, outros. Não lhes faz nenhum bem que lhes vejam assim na soleira da casa dos gnomos.

John e Gareth entraram piscando contra a escuridão, mas Jenny, com sua visão de maga, viu imediatamente que o gnomo que os tinha deixado acontecer era o velho Bromar, o embaixador ante a corte do rei.

Atrás dele, o salão inferior da casa se estendia para as sombras densas. Uma vez tinha sido fastuoso no estilo severo fazia cem anos: a velha casa nobre, adivinhou ela, sobre cuja terra rodeada de paredes se erigiram logo os cortiços do bairro. Em alguns lugares ainda podiam ver os afrescos podres sobre as paredes manchadas; e a vastidão do salão falava de móveis graciosos que já fazia muito tinham sido cortados para fazer lenha e de um descuido aristocrático quanto ao custo da lenha para esquentar os ambientes. O lugar era como uma cova, agora, tenebroso e úmido; as janelas muradas deixavam entrar apenas umas linhas de luz aquosa que destacava os pilares curtos e os mosaicos secos. Sobre a curva graciosa da velha escada, aberta e antiquada, Jenny viu movimento na galeria. Estava cheia de gnomos que olhavam preocupados aos intrusos do mundo hostil dos homens.

Na penumbra, a voz suave, infantil disse:

—Seu nome não é desconhecido entre nós, grande John Aversin.

—Bom, isso deixa tudo mais fácil — admitiu John, limpando-as mãos do pó e olhando a cabeça redonda do gnomo que estava de pé frente a ele e os olhos agudos, pálidos, sob a cauda suave de cabelo nevado—. Incomodaria-me um pouco explicar tudo, embora acredite que Gar, aqui ao lado, poderia lhes cantar as baladas.

Um sorriso leve jogou na boca do gnomo..., a primeira em muito tempo, suspeitava Jenny, enquanto Dromar estudava a realidade incongruente e antejuda que se escondia atrás do fulgor das lendas.

—É o primeiro — fez notar, enquanto os convidava a passar à caverna grande e fria da habitação; suas roupas de seda remendada murmuravam quando se movia—. Quantos enviou seu pai, príncipe Gareth? A quinze? A vinte? E nenhum deles veio aqui nem perguntou aos gnomos o que pudessem saber da chegada do dragão..., a nós, que o vimos melhor que outro.

Gareth parecia desconcertado.

—É que..., enfim..., a raiva do rei...

—E de quem é a culpa, Herdeiro de Uriens, quando deixaram correr o rumor de que acabamos contigo?

Houve um silêncio incômodo e Gareth se ruborizou baixo esse olhar frio, presumido. Logo, inclinou a cabeça e disse com a voz tensa:

—Lamento-o, Dromar. Nunca pensei em..., no que poderia dizer, ou em quem levaria a culpa se eu desaparecesse. Realmente não soube... Fiz sem pensar..., parece que obrei sem pensar todo o tempo.

O velho gnomo suspirou.

—Assim é. —Cruzou as mãos frente ao nó complicado de seu cinturão; os olhos dourados estudaram Gareth em silêncio por um instante. Logo assentiu, e disse—: Bom, é melhor que tenha tropeçado com seus próprios pés fazendo o bem e não que te tenha sentado sobre suas mãos e não fazer nada, Gareth de Magloshaldon. Outra vez o fará melhor. —voltou-se e fez um gesto para o extremo interno da habitação em sombras, onde se podia ver uma mesa de madeira negra na penumbra, uma mesa de não mais de trinta centímetros de altura, rodeada de almofadões rasgados e remendados acomodados no chão à maneira dos gnomos—. Venham, sentem-se. O que é que quer saber, senhor Vencedor de Dragões, sobre a chegada do dragão à Gruta?

—O tamanho do inseto - disse John com rapidez enquanto se acomodavam sobre os joelhos ao redor da mesa—. Até agora só ouvi rumores e histórias. Alguém o mediu com exatidão?

Junto a Jenny, ouviu-se a voz aguda, suave da mulher gnomo.

—A ponta de sua anca está no nível com o friso esculpido sobre os pilares dos dois lados do arco da porta que leva da Sala do Mercado até a Grande Passagem e logo para a Gruta. Isso são três metros e meio nas medidas humanas.

Houve um momento de silêncio enquanto Jenny digeriria o sentido dessa informação. Logo, disse:

—Se as proporções forem as mesmas, isso faz que seja de uns doze metros.

—Sim - disse Dromar—. A Sala do Mercado, a primeira caverna da Gruta, que fica justo detrás das Grandes Levas que levam a mundo exterior mede quarenta e cinco metros das Portas até as portas interiores que dão a Grande Passagem e estão ao fundo. O dragão era um terço desse comprimento aproximadamente.

John uniu as mãos sobre a mesa frente a ele. Embora sua cara seguisse sem expressão, Jenny detectou o ritmo levemente trocado de seu fôlego. Doze metros era cinquenta por cento maiores que o dragão que quase o tinha matado em Wyr, e este tinha todos os esconderijos escuros da Gruta para esconder-se.

—Têm um mapa da Gruta?

O velho gnomo pareceu ofendido, como se John lhe tivesse perguntado quanto custava passar a noite com sua filha. Logo, sua cara se obscureceu com raiva teimada.

—Esse conhecimento está proibido aos filhos dos homens.

—depois de tudo o que lhes têm feito aqui - disse John com paciência—, não lhes culpo por não querer me dar os segredos da Gruta; mas tenho que sabê-lo. Não posso atacar a esse monstro de frente. Não posso brigar cara a cara contra um pouco tão grande. Preciso ter alguma idéia do lugar onde está vivendo.

—Está no Templo de Sarmendes, no primeiro nível da Gruta. —Dromar falava sem vontades, os olhos pálidos estreitos com a suspeita velha de uma raça menor, mais débil, que foi arrastada do submundo das covas fazem milhares e milhares de anos por seus primos de pernas largas, sedentos de sangue—. Está justo frente a Grande Passagem que começa nas Portas. O Senhor da Luz foi amado pelos homens que viviam na Gruta..., os embaixadores do rei e suas casas, e os que foram aprendizes entre os meus. Seu Templo está perto da superfície, porque aos filhos dos homens não gostam de penetrar muito longe nos ossos da terra. O peso da pedra os põe nervosos; a escuridão os molesta. O dragão está ali. Ali tem seu ouro.

—Há uma forma de entrar por trás? —perguntou John - Através das habitações dos sacerdotes ou do tesouro?

—Não — disse Dromar, mas a pequena mulher gnomo disse:

—Sim, mas nunca encontrará o caminho, Vencedor de Dragões.

—Pela Pedra! —O velho gnomo girou para encará-la com a raiva ardendo em seus olhos—te Cale, Mab! Os segredos da Gruta não são para os de sua classe. —Olhou de soslaio para Jenny e adicionou—: Nem para a dela.

John levantou a mão para pedir silêncio.

—por que não posso encontrar o caminho?

Mab meneou a cabeça. Desde atrás de umas sobrancelhas altas, seus olhos azuis quase sem cor o olharam, amáveis, um pouco tristes.

—O caminho passa pelos bairros baixos - disse com bobeira—. As cavernas e túneis são um labirinto que nós podemos aprender em doze ou quatorze anos de infância. Mas inclusive se queríamos lhes dizer onde devem passar, um passo equivocado lhes condenaria à morte por fome e à loucura que cai sobre os homens na escuridão clandestinamente. Nós enchemos a escuridão de abajures, mas agora estão apagadas.

—Podem fazer um mapa, então? —E, quando os dois gnomos o olharam com os segredos teimados em seus olhos, exclamou—: Maldição, eu não posso fazê-lo sem sua ajuda. Lamento que tenha que ser assim, mas ou confiam em mim ou perdem a Gruta para sempre; e essas são suas duas únicas alternativas...

As sobrancelhas largas, frisadas, do Dromar se afundaram ainda mais sob a curva de seu nariz.

—Assim seja então - disse.

Mas a senhora Mab deu a volta, resignada, e começou a levantar-se. Os olhos do embaixador brilharam.

—Não! Pela Pedra, não é suficiente que os filhos dos homens tratem de roubar os segredos da Gruta? Devemos dá-los assim, sem disfarces?

—te cale - disse Mab com um sorriso torcido—. Este Vencedor de Dragões terá suficientes problemas com a fera e nem lhe ocorrerá ir medindo na escuridão para procurar outros.

—Um mapa que se desenha pode roubar-se! —insistiu Dromar—. Pela Pedra que jaz no coração da Gruta...

Mab ficou de pé com tranquilidade, sacudiu os vestidos de seda cheia de emplastos e foi até a estante que enchia um canto da habitação em penumbras. Voltou com uma pluma e várias folhas de papiro usadas e enrugadas na mão.

—Esses que você teme que roubem o mapa já conhecem o caminho do coração da Gruta - assinalou com amabilidade—. Se este cavaleiro bárbaro cavalgou todo o caminho das Terras de Inverno para ser nosso campeão, seria ingrato por nossa parte não lhe oferecer um escudo.

—E ela? —Dromar estirou um dedo achatado, carregado de gemas polidas, passadas de moda, para Jenny—. Ela é maga. Que segurança tem de que não quererá rebuscar e espiar, nos tirar nossos segredos, voltá-los contra nós, corrompê-los, envenená-los como têm feito outros?

A mulher gnomo franziu o cenho olhando Jenny por um momento, a boca larga dobrada no pensamento. Logo, ajoelhou-se de novo frente a ela e empurrou os instrumentos de escritura para Dromar.

—Aí tem - disse—. Pode desenhar os mapas você mesmo e pôr o que quiser e tirar o que quiser.

—E a maga? —Havia suspeita e ódio na voz do gnomo e Jenny pensou que estava cansada de que tomassem por Zyerne.

—Ah — disse Mab, e se inclinou, agarrou as mãos pequenas, machucadas, às mãos morenas de Jenny entre as suas. Durante um comprido momento a olhou aos olhos. Como se os dedinhos frios, velhos que tomavam os dela movessem a capa adornada de seus sonhos, Jenny sentiu que mente da mulher gnomo explorava seus pensamentos como ela tinha feito com os de Gareth, procurando a forma de sua essência. Deu-se conta então de que Mab era uma maga, como ela.

O reflexo a fez ficar tensa. Mas Mab sorriu com amabilidade e lhe ofereceu as profundidades de sua própria mente e de sua alma, amáveis e claras como a água e obstinadas como a água também, essas profundidades que não tinham nada da amargura, o ressentimento e as dúvidas de Jenny se aninhavam nos cantos de seu próprio coração. Relaxou-se então, envergonhada como houvesse defendido a golpes de uma pergunta feita com amabilidade e sentiu que uma parte de

seus rancores se dissolvia com relação esse escrutínio sábio. Sentiu o poder da outra mulher, muito maior que o seu próprio, mas amável e quente como a luz do sol.

Quando Mab falou de novo, não se dirigiu ao Dromar a não ser a ela.

—Tem medo por ele - disse com suavidade—. E talvez tenha que tê-lo —Pôs uma mão redonda e pequena sobre o cabelo de Jenny—. Mas recorda que o dragão não é o maior dos males nesta terra, nem a morte quão pior pode lhe acontecer; nem a ele, nem a ti.

7

Na semana seguinte, Jenny voltou várias vezes a casa em ruínas no mercado. Duas vezes a acompanhou John, mas Aversin passava os dias na Galeria do Rei com Gareth, esperando um sinal de sua majestade. Logo, deixava passar as tardes com os jovens cortesãos desenfreados que rodeavam a Zyerne, fazendo-se de palhaço, e dirigindo o melhor que podia a lenta tortura de esperar um combate que podia lhe custar a vida. Tal como era John, não falava disso, mas Jenny sentia quando faziam amor e em seus silêncios quando estavam os dois sós e juntos, esse retorcimento gradual dos nervos que estava deixando-o realmente louco.

Ela evitava a corte e passava a maior parte do tempo na cidade ou na casa dos gnomos. Ia ali em silêncio, envolta em encantamentos que a ocultavam das pessoas da rua, porque, à medida que passavam os dias, sentia que a lava horrível do medo e ódio se pulverizava pelas ruas como uma névoa envenenada. No caminho para o mercado, passava pelos grandes botequins - o Ganso Ferido, o Rato Galante, a Ovelha na Lama— onde os desempregados, homens e mulheres que tinham vindo das granjas destruídas se reuniam todos os dias, em busca de umas poucas horas de trabalho. Os que necessitavam de mão-de-obra sabiam aonde encontrar gente que podia transladar móveis ou limpar estábulos por umas poucas moedas; mas com as tormentas de inverno, já sem navios e com o alto preço do pão que levava todo o dinheiro extra, havia cada vez menos gente que

pudesse pagar, inclusive moedas. Nenhum dos gnomos que ainda viviam na cidade - e havia muitos apesar dos sofrimentos— se atrevia a passar pela Ovelha na Lama depois do meio-dia, porque para essa hora os que estavam dentro abandonavam toda esperança de conseguir trabalho e concentravam a pouca energia que tinham em embebedar-se.

Assim Jenny se movia em um segredo sombrio, como se tivesse movido nas Terras sem lei de Inverno, para visitar a dama de Taseldwyn, a quem chamavam senhora Mab na linguagem dos homens.

Desde o começo, deu-se conta de que a gnomo era uma maga muito mais poderosa que ela. Mas, em lugar de ciúmes e ressentimento, só sentia alegria por ter encontrado a alguém que lhe ensinasse depois de tantos anos.

Em muitas coisas, Mab era uma professora voluntariosa embora a forma da magia dos gnomos era estranha para o Jenny, distinta, como o eram suas mentes. Não tinham Linhagem, mas pareciam transmitir seus poderes e conhecimentos inteiros de geração em geração de magos de alguma forma que Jenny não compreendia. Mab lhe falou dos feitiços de cura que tinham feito famosa a Gruta, das drogas que estavam agora encerradas ali embaixo, perdidas para os gnomos como o ouro do dragão, dos feitiços que podiam manter a alma, a essência da vida, na carne, dos feitiços mais perigosos pelos quais a alma de uma pessoa podia extrair-se em parte para fortalecer a vida desmoronada de outra. A mulher gnomo lhe ensinou outros feitiços da magia subterrânea - feitiços de cristal e pedra e escuridão em espiral—, cujo significado Jenny podia compreender só em parte. Só pôde memorizá-los para ver se logo, com meditação, habilidade e mais compreensão podia chegar a entendê-los. Mab também lhe falou dos segredos da terra, do movimento da água e de como pensavam as pedras; e falou dos reinos escuros da Gruta, cavernas debaixo de cavernas em uma sucessão interminável de glórias escondidas que nunca tinham visto a luz.

Uma vez, falou-lhe de Zyerne.

—Sim, foi aprendiz entre nós, os que curamos. —Suspirou e pôs a um lado o saltério²⁰ de três cordas sobre o que tinha mostrado Jenny os feitiços de canção de seu ofício—. Era uma garotinha vaidosa, vaidosa e malcriada. Tinha talento para a brincadeira mesmo nessa idade..., escutava aos Anciões, os grandes Curadores, que tinham mais poder do que ela nunca tivesse podido sonhar, assentia com essa sua cabecinha em sinal de respeito e logo imitava suas vozes para seus amigos na cidade das Grutas.

Jenny recordou o tangido de prata da risada da feiticeira naquele jantar e a forma em que tinha apressado seus passos para fazer que Dromar corresse atrás dela se queria lhe falar.

Era pela tarde. Apesar do frio, o grande salão da casa dos gnomos tinha o ar pesado, detido sob os grandes arcos e com o passar do piso quadriculado esvaídos dos corredores. Os ruídos da

²⁰ Instrumento musical de forma triangular com cordas tesas como lira que era tocada com dedos ou com paletas.

rua tinham estavam quietos como na hora do jantar, salvo o tängido das torres de relógios em toda a cidade e um solitário camelô que gritava suas mercadorias.

Mab meneou a cabeça, a voz baixa com as lembranças de outros tempos.

—Quería saber os segredos, como outras meninas querem doces..., queria o poder que esses segredos podiam lhe dar. Estudou os caminhos escondidos ao redor dos Lugares de Cura para poder deslizar-se por eles e espiar, oculta na escuridão. Todo poder deve pagar-se, mas ela tomou os segredos de outros maiores e os corrompeu, manchou-os..., envenenou-os como envenenou o mesmo coração da Gruta..., sim, claro que o envenenou!..., E voltou nossa força contra nós mesmos.

Jenny meneou a cabeça, sentida saudades.

—Dromar disse algo pelo estilo - recordou—. Mas como é possível corromper um feitiço? Podem manchar sua própria magia, porque dá cor a sua alma quando a forjam, mas não podem manchar a magia de outro. Não o entendo.

Mab a olhou de forma penetrante, como se de repente tivesse recordado que ela estava ali e que não pertencia ao povo dos gnomos.

—Não estaria bem que o entendesse - disse em sua voz suave, aguda—. São coisas que têm haver só com a magia dos gnomos. Não são dos seres humanos.

—Zyerne parece as haver convertido em humanas. —Jenny trocou seu peso nos calcanhares, para aliviar a pressão do chão de pedra, através do almofadão maltratado, sobre os joelhos—. Caso na realidade nos Lugares de Cura onde aprendeu as artes que a converteram na maga mais poderosa do reino.

—Ora! —disse a maga gnomos com desprezo—. Os Curadores da Gruta eram mais poderosos que ela..., pela Pedra, eu era mais poderosa...

—Eram? —disse Jenny, perplexa—. Sei que a maior parte dos Curadores da Gruta morreram quando chegou o dragão; pensei que nenhum dos que sobreviveram era suficientemente poderosa para desafiá-la. A magia dos gnomos é diferente dos feitiços dos homens, mas o poder é o poder. Como pode Zyerne ter diminuído o seu?

Mab só sacudiu a cabeça com fúria, e seu cabelo pálido golpeou a um lado e a outro, e logo disse:

—Isso são coisas de gnomos.

Durante esses dias, Jenny não viu muito Zyerne, mas a feiticeira estava sempre em sua mente. A influência de Zyerne permeava a corte com o aroma leve de seu perfume canela; Jenny a sentia quando estava dentro dos limites do palácio. A forma que Zyerne tivesse adquirido o poder ou o que tivesse feito com ele após não tinha importância: o que Jenny nunca esquecia era que seu poder era muito maior que o dela. Quando deixava de lado os livros de magia que John conseguia roubar da biblioteca do palácio para sentar-se com seu cristal encantado e olhar as pequenas

imagens mudas de seus filhos que pulavam perigosamente nos terrenos de neve do forte, sentia uma pontada de culpa. Zyerne era jovem, ao menos dez anos mais jovem que ela; seu poder brilhava como o sol. Jenny já não se sentia ciumenta e honestamente não podia estar zangada com Zyerne por ter o que ela não tinha, não enquanto não estivesse disposta a fazer o que devia para obtê-lo. Mas sentia inveja, isso sim, a inveja de um viajante que olha de fora o calor de uma habitação iluminada em uma noite muito fria.

Mas quando perguntava ao Mab sobre Zyerne — sobre os poderes que uma vez tinham sido menores que os do Mab e agora eram maiores; sobre a razão pela que os gnomos lhe tinham proibido entrar na Gruta— a pequena maga dizia com obstinação:

—Isso são coisas de gnomos. Não têm nada que ver com os homens.

Enquanto isso, John seguia adiante, favorito dos jovens da corte que riam de seu barbarismo extravagante e o chamavam selvagem domesticado, enquanto ele seguia falando da engenharia e os costumes de cópula dos porcos, ou citava autores clássicos em seu acento horrivelmente lento de nortista. E, entretanto, todas as manhãs, o rei passava a seu lado na galeria e voltava seus olhos apagados para não olhá-los e a etiqueta da corte impedia que Gareth lhe dirigisse a palavra.

—por que este atraso? —perguntou John quando ele e Gareth saíram dos pórticos arqueados da galeria à luz pálida, fria do sol no pátio deserto depois de outro dia inútil de espera. Jenny lhes uniu em silêncio. Vinha dos degraus do jardim deserto com a harpa na mão. Tinha estado tocando sobre as rochas por cima da paliçada do mar enquanto os esperava e observava as nuvens de chuva que corriam longe, sobre as águas. Era uma estação de ventos e de rajadas súbitas, e nessa estação, no norte, o clima se fazia frio e cheio de chuviscos, mas aqui, havia dias de sol alto e sem calor alternados com névoas e chuvas e ventania. Podia-se ver a lua, mate, branca, no céu azul do dia, afundando-se na parede de nuvens sobre o mar; Jenny se perguntou o que lhe preocupava sobre o avanço firme do astro para a meia lua. As roupas brilhantes de Zyerne e seus cortesãos se destacavam contra as cores pardas da terra quando passaram todos ao jardim, e Jenny ouviu a voz da maga levantada em uma imitação exata e mau intencionada da linguagem aguda dos gnomos. John continuou:

—É que está esperando que o dragão caia sobre a cidadela e lhe economize o trabalho do lugar?

Gareth negou com a cabeça.

—Não acredito. Sei que Policarpio tem catapultas para arrojear combustível nas torres mais altas. O dragão mantém a distância.

Apesar da traição do Senhor de Halnath, Jenny ouvia na voz do príncipe um sotaque de orgulho pelos atos de seu velho amigo.

A diferença de John, que tinha alugado um traje de corte fora das portas do palácio, em um negócio especializado para os petiçãoários do rei, Gareth tinha ao menos uma dúzia deles..., criminalmente caros, como todos os trajes de corte. O que usava hoje era verde e rosado e, à luz incerta da tarde, fazia que sua pele pálida se visse amarela.

John se ajustou os óculos sobre a ponte do nariz.

—Bom, digo-te que eu não gosto de muito a idéia de seguir saltando sobre meus calcanhares como um caçador de ratos, esperando a que o rei dita que quer meus serviços. Devo proteger a minha terra e a minha gente, e neste momento não estão conseguindo nada de mim nem do rei que deveria preocupar-se com eles.

Gareth tinha estado olhando ao jardim, ao grupinho amontado junto à estátua de mármore manchada de folhas do deus Kantirith como se não se desse conta de onde olhava. Agora voltou a cabeça com rapidez.

—Não podem ir - disse, com preocupação e medo em sua voz.

—E por que não?

O moço mordeu o lábio e não respondeu, mas seu olhar voltou para jardim, nervoso. Como se sentisse o toque desse olhar, Zyerne se voltou e lhe arrojou um beijo brincalhão e Gareth desviou a vista. Parecia cansado e angustiado e Jenny se perguntou de repente se ainda seguiria sonhando com Zyerne. O silêncio incômodo foi quebrado não por ele, mas sim pela voz aguda do Dromar.

—Milord Aversin... —O gnomo saiu à galeria e pestanejou com dor na luz do céu pálido e nublado. As palavras vinham lentamente, como se fossem pouco familiares aos seus lábios—. Por favor..., não vá.

John o olhou com firmeza.

—Tampouco lhes destacastes por seus gestos de bem-vinda e ajuda verdade?

O olhar do velho embaixador o desafiou.

—Risquei-te os mapas da Gruta. Pela Pedra, que mais pode desejar senhor?

—Mapas que não mintam — disse John com frieza—. Sabem tão bem como eu que os mapas que desenharam têm muitas seções em branco. E quando uni os mapas dos distintos níveis e as das rotas de acesso de um a outro, que me espantar que o lugar em branco não era o mesmo em todos. Não me interessam os segredos de sua maldita Gruta, mas não sei o que pode acontecer nem onde posso terminar jogando esconderijo na escuridão com o dragão, e eu gostaria de ter um mapa exato para fazê-lo.

Havia um rastro de irritação em sua voz tranqüila e um rastro de medo. Dromar ouviu os dois, porque o brilho de desafio morreu em seu rosto e olhou as mãos, obstinadas uma com outra sobre os nós de seu cinturão.

—Essa é uma questão que não tem nada que ver com o dragão, nada haver contigo, lorde — disse com voz repousada—. Os mapas são exatos..., juro-o pela Pedra no coração da Gruta. O que deixei fora é assunto dos gnomos e só deles..., é o verdadeiro secreto do coração da Gruta. Uma vez, um dos filhos dos homens espiou nesse coração e desde esse momento tivemos causas para lamentá-lo amargamente.

Levantou a cabeça de novo. Olhos pálidos e em sombras baixo povoadas sobranceiras nevadas.

—Rogo-te que confie em mim, Vencedor de Dragões. Vai contra nossos costumes pedir ajuda aos filhos dos homens. Mas você deve nos ajudar. Somos mineiros e comerciantes, não guerreiros e o que precisamos é um guerreiro. Dia após dia, mais e mais pessoas de nosso povo têm que deixar esta cidade. Se a cidadela cair, muitos de meu povo vão ser assassinados por rebeldes que lhes deram refúgio nesses muros e até lhes ofereceram o pão de suas rações. As tropas do rei não lhes deixariam abandonar a cidadela embora quisessem... , e me acredite, há muitos que o tentaram. Aqui em Bel, o preço do pão aumenta e logo morreremos de fome se é que não nos matam as multidões dos botequins. Em pouco tempo, seremos muito poucos para defender a Gruta embora possamos voltar a passar por suas portas.

Estendeu as mãos, pequenas como as de um menino e cheias de nós grotescos com a idade, pálidas e brancas contra as capas negras e suaves de suas mangas estranhamente cortadas.

—Se você não nos ajuda, quem o fará entre os filhos dos homens?

—Ah, vamos, Dromar, vá embora. — Limpa e doce como uma faca de prata, a voz de Zyerne interrompeu as últimas palavras do gnomo. A maga chegou subindo os degraus do jardim, leve como um pimpolho de amendoeira que flutuasse na brisa, os véus das bordas rosados jogados para trás pelo vento sobre as cascatas negras e intrincadas de seu cabelo—. Não é suficiente que trate de forçar ao rei a sofrer sua presença dia após dia sem que, além disso, incomode a esta pobre gente com política desconjurada e de estação? Os gnomos talvez sejam vulgares até o ponto de falar de negócios e tratar de encurralar os seus superiores na noite, mas aqui pensamos que uma vez que o dia se termina, é tempo de divertir-se. —Fez gestos para afastar um cão com suas mãos bem cuidadas e se zangou de impaciência—. Agora, vai embora - adicionou em tom de brincadeira—, ou chamarei os guardas.

O velho gnomo ficou ali por um instante, os olhos cravados nos dela, seu cabelo branco e nodoso como uma teia de aranha ao redor de sua cara enrugada no ar dos ventos do mar. Zyerne tinha uma expressão de obstinação infantil, como um menino mimado que exige que lhe deixem fazer o que quer. Mas Jenny, de pé atrás dela, viu a arrogância e o deleite que havia detrás de seu triunfo em cada linha, em cada músculo de suas costas magras. Não tinha dúvidas de que Zyerne chamaria os guardas se o gnomo não fosse embora.

Evidentemente, Dromar tampouco duvidava. Embaixador da corte de um monarca na de outro durante trinta anos, voltou-se e partiu ante a ordem da amante do rei. Jenny o viu afastar-se pelo atalho de pedras cinza e lavanda através do jardim, com Sérvio Clerlock, pálido e frágil, que imitava seus passos as suas costas.

Zyerne ignorou Jenny, como sempre, deslizou uma mão sobre o braço de Gareth e lhe sorriu.

—Velho traiçoeiro - fez notar—. Tenho que ver seu pai para o jantar dentro de uma hora, mas certamente há tempo para dar um passeio junto ao mar, não te parece? As chuvas não começarão até a hora da janta.

Pode dizê-lo com segurança, pensou Jenny; com seus feitiços, as nuvens vêm e vão como cachorrinhos no cio que esperam que lhes dêem de comer.

Com a mão ainda no braço de Gareth, Zyerne apoiou seu leve peso sobre a altura do moço e o levou para os degraus que davam ao jardim. Os cortesãos se dispersavam já e os atalhos estavam vazios sob as rajadas de vento que criavam redemoinhos de folhas fugitivas. Gareth jogou um olhar desesperado para John e Jenny que estavam de pé, juntos, na galeria, ela com a capa e a casaco de couro de ovelha do norte, e ele com os cetins ornamentados, azuis e natos da corte, os óculos pendurados no nariz. Jenny empurrou John com amabilidade.

—Vá com eles.

Ele a olhou com um meio sorriso.

—Assim que me promove de palhaço a um fuzil para defender da virtude de nosso herói?

—Não - disse Jenny, a voz baixa—. À guarda-costas de sua segurança. Não sei o que tem Zyerne, mas ele também o percebe. Vá com eles.

John suspirou e se inclinou para beijá-la.

—O rei terá que me pagar extra por isso. —Seu abraço foi como se a abraçasse um leão acetinado. Logo, John se foi. Baixou os degraus ao trote e os chamou em seu horrível dialeto do campo nortista enquanto o vento jogava com seus mantos e lhe dava o aspecto de uma grande orquídea no jardim cinza.

Em total, passou uma semana antes que o rei mandasse a chamar a seu filho.

—Perguntou-me onde tinha estado — disse Gareth com voz serena—. Perguntou-me por que não tinha apresentado antes. —voltou-se e golpeou com o punho contra o poste da cama, os dentes apertados para lutar contra as lágrimas de raiva e confusão—. Jenny, em todos estes dias, nem sequer me viu!

Voltou-se com raiva. A luz esvaída da tarde que caía sobre os painéis da janela cortados em forma de diamante, tocava com suavidade o cetim branco e cidra dos mantos da corte e brilhava,

vaidoso, nas velhas jóias redondas, sem facetas, de suas mãos. Tinha o cabelo cuidadosamente encaracolado para a audiência com seu pai e como correspondia à natureza de seu cabelo fino, pendurava perfeitamente reto de novo ao redor de seu rosto, exceto um ou dois cachos perdidos. Tornou a pôr os óculos depois da audiência, os óculos quebrados e torcidos, incongruentes em meio de todo o luxo; as lentes estavam salpicados da chuva fina que esfriava o vidro da janela.

—Não sei o que fazer - disse em uma voz estrangulada—. Disse..., disse que falaríamos sobre o dragão quando nos vissemos de novo. Não entendo o que acontece...

—Zyerne estava ali? —perguntou John. Estava sentado na escrivaninha comprida, que, como o resto do piso superior da casa de hóspedes que ocupavam ele e Jenny, estava cheio de livros. Depois de oito dias, toda a habitação parecia uma biblioteca saqueada; havia livros apoiados uns sobre outros, pontos marcados pelas páginas de notas de John, e objetos de distinto tipo, roupa ou outros livros, e em um caso uma adaga, introduzidos entre as folhas.

Gareth assentiu com dor.

—A metade das vezes que eu perguntava algo, era ela a que respondia. Jenny, poderia tê-lo sob algum tipo de feitiço?

Jenny começou a dizer:

—Possivelmente...

—claro que sim - disse John, que desceu de seu banquinho alto para reclinar a parte inferior das costas contra a escrivaninha —. E se não tivesse estado tão decidida a lhe fazer justiça a essa bruxa traiçoeira, Jen, teria-o notado faz uma semana. Adiante! —adicionou quando se ouviu um suave golpe na porta.

Esta se abriu o suficiente para que Trey Clerlock passasse a cabeça junto ao marco. Dvidou um momento; logo, quando John fez um gesto, entrou. Levava uma gaita de fole de madeira de pereira com estrelas de marfim pulverizadas sobre o corpo e o pescoço gordinhos e sobre as cavilhas. John resplandecia de prazer quando tomou entre as mãos. Jenny grunhiu.

—Não vais tocar essa coisa, não? Vais afugentar ao gado em quilômetros de distância, sabe?

—Claro que não - replicou John—. E, além disso, há um truque para que soe mais alto ou mais baixo...

—Sabe fazê-lo?

—Posso aprendê-lo. Obrigado, Trey, céu..., algumas pessoas não apreciam o som da boa música.

—Algumas pessoas não apreciam o som que faz um gato quando o esquartejam com um cano - replicou Jenny. Voltou-se para Gareth—. Zyerne pode havê-lo enfeitado, sim..., mas pelo que me conta sobre a fortaleza da vontade de seu pai e sua teimosia, surpreenderia-me que a influência de uma amante pudesse ser tão grande.

Gareth meneou a cabeça.

—Não é só isso - disse—. Não..., não sei como expressá-lo e não estou seguro, não posso estar seguro porque não levava os óculos na audiência, mas me pareceu que estava mais transparente que quando fui. É uma idéia tola. —Retrocedeu em seguida, vendo o gesto sentido saudades de Jenny.

—Não - disse Trey, inesperadamente. Os outros três a olharam e ela se ruborizou um pouco, como uma boneca grafite de carmim—. Não acredito que seja uma idéia tola. Acredito que é verdade e transparente é uma boa palavra porque acredito..., acredito que a Sérvio está acontecendo o mesmo.

—A Sérvio? —disse Jenny e a lembrança da cara do rei passou em um relâmpago por sua mente; o vazio e frágil que lhe tinha parecido e a forma em que, como Sérvio, a pintura de sua cara destacava até mais a brancura de cera que havia debaixo.

Trey se concentrou um momento em endireitar com cuidado a manga de seu punho esquerdo. Uma opala brilhou brandamente nos cachos de cores de seu cabelo quando levantou a vista.

—Pensei que era eu - disse em voz baixa—. Sei que tem a mão mais pesada e que está menos cômico em suas brincadeiras, como quando tem a mente em outra coisa. Mas sua mente não parece estar em outra coisa; simplesmente não está no que faz nestes dias. Está tão distraído como seu pai... —Olhou Jenny, implorante—. Mas para que quereria Zyerne enfeitiçar o meu irmão? Nunca lhe tem feito falta: sempre correu atrás dela. Foi um dos primeiros amigos que teve na corte. Ele..., ele a amava. Estava acostumado a sonhar com ela.

—Sonhar com ela como? —perguntou Gareth quase com violência.

Trey meneou a cabeça.

—Não queria dizer isso

—Caminhava em sonhos?

A surpresa nos olhos da moça respondeu a pergunta antes que ela falasse.

—Como sabia?

Fora tinha cessado o vento e a chuva; no comprido silêncio, podiam ouvir claramente as vozes dos guardas do palácio na corte debaixo das janelas: contavam uma história sobre um gnomo e uma prostituta da cidade. Até a luz castanha da tarde falhava um pouco e a habitação estava fria e cinza.

—Ainda sonha com ela, Gareth? —perguntou Jenny.

O moço ficou vermelho como se o tivessem queimado. Gaguejou, meneou a cabeça e disse finalmente:

—Não..., não a amo. Realmente não. Trato..., não quero estar a sós com ela. Mas... —Fez um gesto, indefeso, incapaz de dominar os sonhos que o traíam.

—Mas ela te chama - disse Jenny com suavidade—. Chamou-te essa primeira noite que estávamos na casa de caça. Tinha-o feito antes?

—Não..., não sei. —Parecia estremecido e decomposto e muito assustado como quando Jenny tinha escavado em sua mente, como se estivesse olhando coisas que não queria ver.

Trey, que tinha pegado um ramo do fogo e acendia os pequenos abajures de marfim nas extremidades do escritório de John, sacudiu sua vela, foi até o moço e o fez sentar junto a ela sobre a ponta da cama e suas cortinas. Finalmente, Gareth disse:

—Talvez. Faz uns meses, pediu-me que jantasse com ela e meu pai em sua ala do palácio. Não fui. Tinha medo de que papai se zangasse comigo por desprezá-la, mas mais tarde ele me disse algo que me fez duvidar de se sabia. Então, perguntei-me, pensei... —ruborizou-se ainda mais—. Ai foi quando pensei se ela não estaria apaixonada por mim.

—Vi amores como esses entre lobos e ovelhas, mas o romance tende a ser um pouco unilateral - fez notar John, arranhando-a nariz—. O que te impediu de ir?

—Policarpio. —Gareth jogou com as dobras de seus mantos que se iluminaram brandamente no lugar em que o ângulo do abajur passou pelas cortinas da cama—. Sempre estava dizendo que tomasse cuidado com ela. Descobriu o jantar e me convenceu de que não fosse.

—Bom, não sei muito sobre magia e tudo isso, mas assim como sonha, moço, diria que talvez te salvou a vida. —John se apoiou contra a borda da escrivaninha e passou os dedos em uma melodia silenciosa sobre as cavilhas da gaita de fole.

Gareth meneou a cabeça, inconformado:

—Mas por quê? Não passou nenhuma semana antes que tratasse de nos matar..., a mim e a meu pai, aos dois.

—Se é que era ele.

O moço o olhou, com o horror e a lenta compreensão pintados no rosto. Murmurou:

—Mas eu o vi...

—Se ela pôde tomar a forma de um gato ou um pássaro, tomar a forma do Senhor de Halnath não estaria fora de suas possibilidades, não é certo, Jen? —John olhou através da habitação para onde estava sentada, o braço sobre um joelho levantado, o queixo sobre o pulso.

—Não teria tomado seu ser verdadeiro - disse ela com voz suave—. Uma ilusão teria servido. A mudança de forma requer um poder enorme. Mas claro..., Zyerne tem um poder enorme. Não sei como o fez, mas tem lógica. Se Policarpio tinha começado a suspeitar de suas intenções para Gareth, isso o desacreditaria e o destruiria ao mesmo tempo. E ao te fazer testemunha, Gar, tirava-lhe toda possibilidade de te ajudar. Ela deve saber quão amarga é uma traição.

—Não - murmurou Gareth, enjoado, golpeado pelo horror do que tinha feito.

A voz de Trey era suave na calma.

—Mas o que quer Zyerne de Gareth? Entendo que queira dominar ao rei, porque se ele não a apoiasse, não é que não seria nada, mas não poderia viver como vive, isso é seguro. Mas por que Gareth também? E o que quer de Sérvio? Ele não pode lhe dar nada... Somos uma família pouco importante, sabem? Quero dizer, não temos poder político nem muito dinheiro. —Um sorriso de desconsolo passou por um extremo de seus lábios enquanto brincava com a ponta rosada de seu punho—. Tudo isto... Alguém deve cuidar as aparências, claro, e Sérvio está tratando de me casar bem. Mas em realidade não temos nada que Zyerne possa querer.

—E por que destruí-los? —perguntou Gareth; em sua voz havia uma preocupação desesperada por seu pai—. É que todos os feitiços fazem isso?

—Não - disse Jenny - Isso é o que me surpreende de todo o assunto... Nunca tinha ouvido falar de um feitiço de influência que possa esgotar o corpo da vítima enquanto retém a mente sob seu domínio. Mas tampouco tinha ouvido de nenhum que possa manter esse domínio da forma em que ela o faz com seu pai, Gareth; nem de um que dure tanto. Mas sua magia é a magia dos gnomos e não se parece com os feitiços dos homens. Talvez entre os segredos dos gnomos haja um que permite dominar a essência mesma de outro ser, que se enreda a seu redor como os brincos de uma trepadeira de campainhas que pode partir em dois os alicerces de uma casa de pedra. Mas então - seguiu, com a voz baixa—, é quase seguro que para ter esse tipo de controle sobre ele, antes teve que obter seu consentimento.

—Seu consentimento? —gritou Trey, horrorizada—. Mas como pode havê-lo aceito? Ele ou qualquer outro?

Jenny notou com interesse que Gareth não dizia nada. O moço tinha visto, embora fora brevemente, o espelho de sua alma no caminho do norte..., e, além disso, conhecia Zyerne.

—Para manipular tão profundamente a essência de outro - explicou Jenny—, a vítima sempre tem que dar seu consentimento. Zyerne é capaz de trocar de forma..., o princípio é o mesmo.

Trey meneou a cabeça.

—Não entendo.

Jenny suspirou e ficou de pé. Cruzou a habitação para onde estavam os dois jovens um junto ao outro. Pôs uma mão sobre o ombro da moça.

—Um mago que troca de forma pode trocar a essência de outro, como a sua própria. Isso requer um poder enorme..., e primeiro deve obter que a vítima esteja de acordo de alguma forma. A vítima pode resistir, a menos que o mago encontre um truque para fazê-la consentir, algum tipo de demônio interno..., uma parte da essência que quer ser trocada.

A escuridão cada vez maior do exterior fazia mais dourada a luz do abajur, da cor do mel, sobre a cara da moça. Sob as sombras das largas pestanas grossas, Jenny lia o medo e a fascinação, essa compreensão pela metade que era o primeiro murmúrio do consentimento.

—Acredito que resistiria se tratasse de te transformar em um cachorrinho no cio, no caso de que tivesse o poder necessário para fazê-lo. A muito pouco de submissão em sua alma, Trey Clerlock. Mas se te transformasse em um cavalo..., em uma potranca de um ano, acredito que obteria seu consentimento.

Trey desviou o olhar e escondeu a cara no ombro de Gareth, e o jovem pôs um braço protetor a seu redor tão bem como pôde, considerando que estava sentado sobre o limite de sua capa que se arrastava pelo chão.

—Esse é o poder da mudança de forma e o perigo - disse Jenny, a voz desce no silêncio da habitação—. Se te transformasse em uma potranca, Trey, sua essência seria a de um cavalo. Seus pensamentos seriam os de um cavalo; seu corpo, o corpo de uma égua; seus amores e desejos, os de um animal jovem, rápido. Talvez recordasse durante um tempo o que foi, mas não poderia encontrar o caminho de volta para isso. Acredito que seria feliz como uma potranca.

—Basta - murmurou Trey e se tampou os ouvidos. Gareth a abraçou com mais força. Jenny estava calada. Depois de um momento, a moça levantou a vista, os olhos escuros com as profundidades revoltas de seus sonhos—. O lamento - disse em voz baixa—. Não é de você de quem tenho medo. É de mim mesma.

—Sei - replicou Jenny com suavidade—. Mas entende agora? Entende o que pode ter feito com seu pai, Gareth? Às vezes é menos doloroso deixar de brigar e permitir que outra mente domine a tua. Quando Zyerne chegou a ter esse poder, não pôde contra ti porque não a deixou aproximá-lo suficiente. Odiava-a, e foi só um menino..., não podia te atrair como faz com os homens. Mas quando te voltou homem...

—Acredito que é imundo. —Esta vez era o turno de Trey de passar um braço protetor sobre os ombros acetinados de Gareth.

—Mas uma maneira muito boa de manter-se no poder - assinalou John enquanto apoiava o braço sobre a gaita de fole que descansava sobre seus joelhos.

—Ainda não estou segura de que seja isso o que tenha feito - disse Jenny—. E ainda não explica por que lhe tem feito o mesmo a Sérvio. Não posso sabê-lo com segurança até que não veja o rei, ou fale com ele...

—Mas pela Avó de Deus, céu, se nem sequer quer lhe falar com seu filho..., tão menos a ti ou a mim. —John fez uma pausa, enquanto escutava suas próprias palavras—. O qual pode ser uma boa razão para não querer falar comigo ou a ti, se formos a ele. —Seus olhos olharam Gareth agora—. Sabe, Gar? Quanto mais o penso, mais acredito que eu gostaria de lhe dizer umas palavras a seu papai.

No silêncio mortal que flutuava sobre os jardins, a descida de Gareth da parede soou como dois bois que copulam entre arbustos secos. Jenny franziu o cenho quando o moço baixou dando tombos nos últimos metros até a erva daninha; das sombras da hera sobre a parte superior da parede a seu lado, viu o brilho leve das lentes e ouviu o sussurro de uma voz:

—O único que te faltava era gritar *«as onze em ponto e sereno»*, herói!

Logo, houve um movimento leve na hera. Mais que ouvi-lo, sentiu John aterrissar no chão. Depois de controlar uma vez mais o jardim escuro, visível pela metade entre os ramos entretecidos das árvores nuas, Jenny se deslizou para unirem-se. Na escuridão, Gareth era uma sombra fraca de veludo cor óxido e quase não podia ver John porque o desenho infeliz de sua capa se fundia com as cores da noite.

—Aqui - murmurou Gareth, fazendo um gesto para o extremo do jardim onde ardia uma luz em um nicho entre dois arcos de trifólio. O brilho dessa luz ardia no pasto úmido como moedas jogadas por uma mão descuidada.

O moço começou a ficar à frente para guiar ao grupo, mas John lhe tocou o braço e suspirou:

—Acredito que será melhor que enviemos um explorador, se formos fazer um roubo. Percorrerei o muro; quando chegar, assobiarei uma vez como um curiango²¹. De acordo?

Gareth o agarrou a manga quando partia.

—E o que passa se assobio um curiango de verdade?

—Você crie? Nesta época do ano? —disse John e desapareceu como um gato na escuridão. Jenny o viu procurar o caminho entre as sombras quadriculadas dos jardins ornamentais e nus

²¹ Ave de pio agudo, noturna

que decoravam os três lados do pátio privado do rei; pela forma em que Gareth movia a cabeça, Jenny se deu conta de que o moço tinha perdido de vista John quase imediatamente.

Perto dos arcos, de repente, escorreu-se uma luz de abajur rosado sobre o marco de uns óculos, um brilho de puas e a silhueta breve de um reflexo sobre um nariz largo. Gareth, ao ver o John a salvo, começou a mover-se, mas Jenny puxou-o sem som para pô-lo a resguardo de novo: John ainda não tinha assobiado.

Um instante depois apareceu Zyerne no arco da porta.

Embora John estivesse a menos de dois metros dela, a feiticeira não o viu a princípio porque ele ficou tão quieto como uma serpente entre as folhas. A cara de Zyerne, iluminada pela luz cálida, cor adamascada, tinha o mesmo olhar sedado que tinha visto Jenny na habitação da planta alta na casa perto do rio Selvagem..., o olhar de satisfação profunda por algum prazer privado completo e absoluto. Agora, como então, esse olhar arrepiou a nuca de Jenny e a fez estremecer-se de medo.

Logo, Zyerne voltou a cabeça. Assustou-se ao ver o John tão quieto e tão perto; logo, sorriu.

—Bom, um bárbaro aventureiro. —Moveu o cabelo sem véus nem ataduras e algumas mechas ficaram apoiadas sobre suas bochechas, como um convite à carícia—. Um pouco tarde, parece-me, para fazer uma visita ao rei.

—Umas semanas tarde, pelo que ouvi. —Aversin se arranhou o nariz com deliberação—. Mas melhor tarde que nunca, como disse meu papai nas bodas de meu avô.

Zyerne riu um som doce e profundo. Junto a ela, Jenny sentiu tremer Gareth, como se essa risada sedutora lhe trouxesse lembranças de sonhos terríveis.

—E desrespeitoso, além disso. Enviou-lhes seu amante para ver se Uriens estava dominado por feitiços que não fossem sua própria estupidez e sua luxúria?

Jenny ouviu o assobio do fôlego de Gareth e sentiu a fúria do moço e seu horror para ouvir como essas palavras de desprezo caíam com tanta naturalidade dos lábios rosados. Jenny se perguntou por que ela não se surpreendia.

John se encolheu de ombros e disse com voz mansa:

—Não. Só que não sou bom para esperar.

—Ah. —O sorriso de Zyerne se ampliou preguiçosa. Parecia meio bêbada, mas não adormecida como os bêbados; brilhava como aquela primeira manhã na Galeria do Rei, tremente de vida e cheia da arrogância casual do bem-estar completo. O abajur destacava seu perfil em âmbar desde seu nicho de azulejos. Deu um passo para o John. Jenny sentiu de novo a garra do medo, como se John estivesse em perigo mortal sem sabê-lo—. O bárbaro que come com as mãos e sem dúvida faz o amor sem tirar as botas.

As mãos da maga tocaram os ombros dele com uma carícia, tomando a forma do músculo e o osso que havia debaixo do couro e a capa. Mas Aversin deu um passo para trás e pôs distância

entre os dois, em um movimento semelhante ao dela para afastar ao velho Dromar na galeria. Como Dromar, ela não quis esquecer seu orgulho tanto como para segui-lo.

—Sim, sim, minha falta de maneiras não me tira o sono - disse ele em um tom deliberadamente nortista—. Mas não foi para comer bem nem para fazer o amor que vim ao sul. Disseram-me que tinham um dragão por aqui, um dragão que matava gente...

Ela riu de novo, um som malvado e leve na noite.

—Terão sua oportunidade para matá-lo quando tudo esteja preparado. O conhecimento do momento exato é uma arte civilizada, bárbaro meu.

—Sim - aceitou a voz de John, do corte escuro de sua silhueta contra a luz dourada—. E tive montanhas de tempo para estudá-lo aqui junto com todas as outras artes civilizadas como a cortesia e a amabilidade para com os peticionários, por não falar da honra e de cumprir com a palavra que alguém dá a seu amante em vez de pegar-se a seu filho.

Houve talvez três pulsos humanos de silêncio antes que ela falasse. Jenny viu como suas costas se esticava; quando falou de novo, a voz, embora seguisse sendo doce, tinha uma nota distinta, como uma corda de harpa que se toma um pouco mais acima da nota correta.

—E o que lhes importa a você, John Aversin? Assim é como se fazem as coisas aqui no sul. Nenhuma dessas coisas interferirá com sua oportunidade de acessar a glória. Não é nada que deva lhes importar. Eu lhes direi quando devem partir. Escute-me, Aversin, e acredite. Conheço dragão. Vocês mataram um verme, não conheceu a Morkeleb, o Negro, o Dragão da Parede de Nast. É muito maior que o verme que matou antes, maior do que pode compreender.

—Isso o tinha adivinhado. —John se levantou os óculos; a luz rosada tremeu nas puas dos braceletes de seus braços como pontas de espada—. Suponho que terei que matá-lo como posso.

—Não. —O ácido queimou a doçura de sua voz como em um caramelo envenenado—. Não podem. Eu sei, embora você e essa puta sua não saibam. Pensam que não sei que esses asquerosos comilões de lixo, os gnomos, lhes mentiram? Que se negaram a lhes dar mapas verdadeiros da Gruta? Eu conheço a Gruta, John Aversin..., conheço cada túnel, cada passagem. Conheço o coração da Gruta. E conheço cada um dos encantamentos de ilusão e amparo e acreditem, necessitarão contra a fúria do dragão. Necessitarão minha ajuda, se querem triunfar..., necessitarão minha ajuda se querem sair desse combate com vida. Esperem, digo-lhes e terão essa ajuda; e depois lhes recompensarei além dos sonhos de avareza de qualquer homem com o que fique da Gruta.

John levantou a cabeça e a inclinou um pouco para um lado.

—Você recompensará isso?

No silêncio da noite que cheirava a mar, Jenny ouviu como o fôlego da outra mulher se detinha.

—Como é que pensam que será dividido o tesouro dos gnomos? —perguntou John—. Estão pensando em tomar a Gruta uma vez que o dragão desapareça de cena?

—Não — disse ela muito rápido—. Quero dizer..., certamente sabem que a insolência dos gnomos os levou a uma conspiração contra sua majestade? Já não é o povo forte que eram antes da chegada de Morkeleb. Os que não morreram estão divididos e débeis. Muitos deixaram a cidade, abandonaram todos seus direitos e saíram ganhando...

—Se me tratassem como vejo que os tratam a eles - assinalou John, inclinando um ombro contra os azulejos azuis e amarelos da galeria de arcos—, eu também iria.

—O merecem. —As palavras de Zyerne mordiam com veneno súbito—. Não me deixam... — deteve-se de repente e logo adicionou, mais racionalmente—: Sabem que estão aliados abertamente com os rebeldes de Halnath..., ou deveriam sabê-lo. Seria parvo matar o dragão antes de descobrir suas conspirações. Só lhes daria um lugar aonde fazerem-se fortes e um tesouro ao que voltar para seguir conspirando e traindo ao rei.

—Sei que o povo e o rei não ouviram outra coisa que esse conto de que os gnomos estão planejando complôs e traições - replicou Aversin em uma voz totalmente neutra, como se falasse do clima—. E pelo que ouço os gnomos da cidadela não tiveram muita escolha quanto a quem apoiar. O fato de que Gar se foi deve ter sido o mais conveniente para você; o rei, perturbado como estava, deve ter estado disposto a acreditar em algo. E suponho que seria uma tolice livrar do dragão antes que muitos dos gnomos tenham abandonado o reino... Ou se tenha encontrado uma boa razão para livrar-se dos que ficam para que não possam voltar a ocupar sua base de operações, sobre tudo porque há outro que quer esse lugar, quero dizer.

Houve um momento de silêncio, Jenny via como a luz se deslizava com rapidez sobre a manga de seda de Zyerne, no lugar em que a mão dela aferrava furiosa, deixando uma marca de rugas como o rastro de pensamentos invisíveis.

—São problemas de alta política, Vencedor de Dragões. Não é nada que vos importe depois de tudo. Digo-lhes, sede paciente e esperem até que lhes diga que chegou o momento de ir juntos à Gruta, você e eu. Prometo-lhes que não lhes roubarei essa morte.

Aproximou-se de novo a ele e os diamantes de suas mãos arrojaram espinhos de fogo contra as cores apagadas do couro e a capa de John.

—Não - disse Aversin, em voz baixa—. Nem ninguém lhes roubará a Gruta uma vez que eu tenha feito o trabalho sujo, o açougue por você. Vocês chamaram o dragão, não é certo?

—Não. —A palavra era frágil como um ramo que se quebra depois de uma geada—. Claro que não.

—Não, amorzinho? Então é uma sorte incrível para você que tenha chegado justo quando queriam uma base de poder longe do rei em caso de que se cansasse de você ou morrera; por não falar de todo esse ouro de merda.

Jenny sentiu o ardor da raiva da outra maga como uma explosão invisível através do jardim, enquanto Zyerne levantava a mão. A garganta de Jenny se fechou sobre um grito de medo e advertência; sabia que nunca tivesse podido mover-se a tempo para ajudar e que se tivesse chegado, não tivesse podido enfrentar-se à magia da jovem feiticeira; Aversin, com as costas contra a pedra do arco, só pôde colocar o braço frente aos olhos quando o fogo branco estalou nos dedos de Zyerne. O rangido no ar foi como o de um relâmpago; o brilho, tão branco que parecia bordejado de violeta, bateu sobre cada greta de rocha e cada mancha de musgo no chão e delineou cada pétala separada das rosas de inverno em um brilho pálido, da cor da cera. Logo, o ar se encheu de aroma de ozônio e as folhas chamuscadas.

Depois de um momento, John levantou a cara e a separou da segurança dos braços. Inclusive ao outro lado do jardim, Jenny via que estava tremendo; ela mesma tinha os joelhos tão fracos pela impressão e o medo que se teria cansado a não ser pelo terror ainda maior que sentia ante Zyerne; e amaldiçoou sua própria falta de poder. John, de pé frente para Zyerne, não se moveu.

Foi ela a que falou; a voz transbordava de triunfo.

—Ultrapassam-lhes, Vencedor de Dragões. Não sou essa prostituta suja e despenteada sua. A mim não podem me falar com impunidade. Sou uma verdadeira maga.

Aversin não disse nada, mas tirou com cuidado os óculos e limpou os olhos. Logo voltou a colocar em seu lugar e a olhou em silêncio sob a luz leve do abajur do jardim.

—Sou uma verdadeira maga - repetiu ela com suavidade. Estendeu as mãos para ele, os dedos pequenos lhe tocaram a manga e uma nota rouca se deslizou em sua voz suave—. E quem diz que nossa aliança deve ser tão truculenta, Vencedor de Dragões? Não têm por que passar seu tempo aqui ardendo de impaciência por partir. Posso fazer muito agradável sua espera.

Entretanto, quando os dedos delicados da maga tocaram a cara de John, ele tomou os pulsos frágeis e a empurrou até deixá-la a um braço de distância. Durante um instante ficaram ali, olhando-se um ao outro; o silêncio era absoluto a não ser pelo ritmo rápido das duas respirações. Os olhos dela estavam fixos nos de Aversin e procuravam em sua mente a chave do consentimento como Jenny a tinha procurado na de Gareth um pouco antes.

Logo, com uma maldição, Zyerne se soltou das mãos de Aversin.

—Bom - murmurou—. Essa cadela vermelha sua ao menos pode fazer bem seus estúpidos feitiços, não é certo? Tem que fazê-lo..., com o aspecto que tem. Mas me deixem lhes dizer isto, Vencedor de Dragões. Quando cavalgarem ao encontro do dragão, vocês gostem ou não, cavalgarão comigo, não com ela. Necessitarão minha ajuda e cavalgarão quando eu o diga, quando eu lhe diga ao rei que lhes dê permissão e não antes. Assim aprendam um pouco a arte civilizada da paciência, bárbaro meu..., porque sem minha ajuda, morrerão.

Afastou-se dele e ao passar sob o arco do abajur, estirou-se para agarrá-la. Nesse brilho de mel, sua cara parecia tão amável e inocente como a de uma menina de dezessete anos, sem marca alguma de raiva ou perversão, ambição ou desprezo. John ficou onde estava olhando-a partir. O suor se deslizava sobre seu rosto como uma névoa de diamantes; estava quieto, exceto quando se esfregava as queimaduras leves, agudas nas mãos.

Um momento depois, a janela que havia detrás dele se acendeu, suave, à vida. Através da tela imersão de heras e arbustos perfumados que tecia uma persiana de filigrana, Jenny viu algo da habitação que estava ao outro lado. Teve uma impressão de afrescos sobre as paredes, de floreiros caros de ouro e prata e do brilho dos bordados em fio dourado que cobriam as cortinas da cama. Havia um homem na cama, um homem que se movia, febril, em um sonho inquieto, o cabelo dourado descolorido, desacordado, em desordem sobre os travesseiros bordados. Tinha a cara afundada e sem vida, como a cara de um homem ao que beijou um vampiro.

—mereceria que fossem esta mesma noite! —enfureceu-se Gareth—. Que partissem para o norte e a deixassem ocupar-se só de seu próprio verme miserável, se realmente quer derrotá-lo...

Girou de repente e ficou a percorrer a pernadas a grande câmara da casa de hóspedes, tão furioso que apenas se podia balbuciar as palavras. Em sua raiva, parecia ter esquecido seu próprio medo de Zyerne e seu desejo de que o protegessem dela, parecia ter esquecido sua comprida viagem as Terras de Inverno e seu desespero por levá-lo a bom término. Desde seu assento junto à janela, Jenny o olhou de soslaio com o rosto aparentemente em calma e a mente a galope.

John levantou a vista. Tinha estado brincando com as cavilhas da gaita de fole.

—Não serviria de nada, herói - disse com voz tranqüila—. Não importa como chegou o dragão nem por que, o fato é que agora está aqui. Como disse Zyerne, as pessoas daqui não é meu assunto meu, mas não posso ir e deixá-los com o dragão. Inclusive se deixarmos de lado aos gnomos, terá que pensar na semente da primavera.

O moço se deteve em sua fúria e o olhou fixamente.

—Não é?

John se encolheu de ombros, os dedos inquietos sobre as cavilhas.

—A colheita já aconteceu - assinalou—. Se o dragão ainda está por aqui na primavera, não haverá grão que recolher e então, herói, verá o que é a fome nesta cidade.

Gareth não disse nada. Era algo que não tinha considerado, notou Jenny. Obviamente, nunca lhe tinha faltado comida.

—Além disso - continuou John—, a menos que os gnomos possam recuperar a Gruta com rapidez, Zyerne os destruirá aqui, como disse Dromar, e a seu amigo Policarpio na cidadela. Apesar das palavras do Dromar sobre nos manter longe do coração da Gruta, os gnomos têm feito o que

puderam por nós; e tal como eu o vejo, Policarpio te salvou a vida, ou ao menos te impediu de terminar como seu pai que está tão dominado pelos feitiços de Zyerne que não pode distinguir uma semana de outra. Não, terá que matar a esse dragão.

—Mas isso vou - discutiu Gareth—. Se matarem o dragão, ela poderá tomar a Gruta e logo a cidadela cairá porque poderão atacá-la do outro lado. —Olhou Jenny com preocupação—. Poderia ter chamado ao dragão ela mesma?

Jenny ficou calada e pensou no poder terrível que tinha sentido no jardim e nessa atmosfera pervertida, tremenda, na habitação iluminada pelo abajur na casa de Zyerne. Logo, disse:

—Não sei. É a primeira vez que sei que a magia dos seres humanos possa tocar a um dragão..., mas em realidade Zyerne tira seu poder da magia dos gnomos. Nunca ouvi falar de algo assim...

—Serpente pela cabeça; pelo pescoço, cavalo - repetiu John—. Poderia estar dominando ao dragão por seu nome? Conhece-o bem.

Jenny negou com a cabeça.

—Morkeleb é só o nome que lhe dão os homens, como quando chamam Dromar ao Azwyl Cartus Herands, e Mab ao Taseldwyn. Se ela tivesse seu verdadeiro nome, sua essência, poderia jogá-lo agora mesmo; e obviamente não pode, ou te teria matado no jardim faz um momento.

Acomodou a manta sobre os ombros, uma tecido sutil e brilhante de seda das Ilhas do Sul, e as massas espessas de seu cabelo descansaram sobre o tecido como uma segunda manta. A suas costas, o frio parecia sair da janela.

Gareth voltou a caminhar ida e volta, as mãos afundadas nos bolsos de suas velhas calças de couro de caça, as que colocou para ir espiar o rei.

—Mas não sabe seu nome, não é certo?

—Não - replicou Jenny—. E nesse caso... —Fez uma pausa e logo rechaçou a idéia.

—O que? —quis saber John, que tinha notado a dúvida em sua voz.

—Não - repetiu ela—. É inconcebível que a seu nível de poder não lhe tenham ensinado Limites. É o primeiro que aprendemos todos. —Nesse momento viu a cara de incompreensão de Gareth e explicou—: É o que me leva tanto tempo quando faço os feitiços. Terá que limitar o efeito de cada um. Se a gente chamar à chuva, deve especificar certa quantidade para não alagar a região. Se a gente fizer um feitiço de destruição para alguém ou algo, tem que pôr um Limite para que essa destruição não termine em uma catástrofe generalizada que barra todo o seu redor, incluindo a casa e os bens do mago. A magia é muito pródiga em seus efeitos. Os Limites são o primeiro que se acostuma a um novo mago.

—Inclusive entre os gnomos? —perguntou Gareth—. Disseram que sua magia é diferente.

—acostuma-se de forma diferente, transmite-se de outra maneira. Há coisas que me disse Mab que eu não entendo e coisas que se nega a me dizer sobre a forma que constrói seu poder. Mas é magia. Mab conhece Limites e pelo que me disse, suponho que são ainda mais importantes na noite clandestinamente. Estudou entre os gnomos, Zyerne tem que ter aprendido todo isso.

John atirou a cabeça para trás e riu realmente divertido.

—Uf! Deve estar pondo-a doente! —Riu de novo—. Imagine Jen. Quer livrar-se dos gnomos, assim traz uma maldição sobre eles, a pior que lhe tivesse podido ocorrer..., e consegue um dragão do que não pode livrar-se... É muito formoso!

—É «frivolíssimo»! —replicou Jenny.

—Com razão me arrojou esse fogo! Deve estar totalmente furiosa quando o pensa! —Os olhos de John dançavam sob suas sobrancelhas expressivas.

—Não é possível - insistiu Jenny, na voz fria que usava para chamar a seus filhos quando eles estavam jogando. Logo, disse mais seriamente—: Não pode ter chegado a ter esse grau de poder sem que lhe ensinassem, John. É impossível. Todo poder deve pagar-se de algum modo.

—Mas é o tipo de coisa que passaria se não se pagasse, não é certo?

Jenny não respondeu. Durante um comprido momento, cravou os olhos na forma escura dos edifícios, que se via através da janela sob as estrelas congeladas do outono.

—Não sei - disse finalmente, enquanto acariciava a borda do tecido —. Tem tanto poder. É inconcebível pensar que não pagou por ele de algum modo. A chave da magia é magia. Ela teve todo o tempo e todo o poder para estudá-la nesse tempo. E, entretanto... —deteve-se enquanto identificava por fim seus próprios sentimentos para o que fazia Zyerne e o que era—. Pensava que alguém que tivesse alcançado esse nível de poder seria diferente.

—Ah — disse John com suavidade. Através da habitação, os olhos dos dois se encontraram—. Mas não cria que o que ela tem feito com seu êxito trai sua luta, amor. Porque não é certo. Só traiu a dela mesma.

Jenny suspirou enquanto pensava uma vez mais na habilidade misteriosa de John para tocar o coração dos problemas, logo sorriu um pouco para si mesma. Trocaram um beijo em um olhar.

—Mas o que vamos fazer? —disse Gareth com calma—. Terá que destruir ao dragão; e se o destroem, jogam o jogo de Zyerne, põem-lhes em suas mãos.

Um sorriso cruzou o rosto de John, um relâmpago de adolescente com óculos que espiava desde detrás das barricadas complexas levantadas pela dureza das Terras de Inverno e a dominação amarga de seu pai. Jenny sentiu que os olhos de John a olhavam de novo..., o toque de uma grande sobrancelha avermelhada e a pergunta no olhar brilhante. Depois de dez anos, acostumaram-se a falar sem palavras.

Um tremor de medo passou pelo corpo de Jenny, embora soubesse que ele tinha razão. Depois de um instante, suspirou de novo e assentiu.

—Bem. —O sorriso travesso de John se ampliou, como a de um moço que vai fazer algo mau e se esfregou as palmas com rapidez. Logo se voltou para Gareth—. Faz a bagagem, herói. Esta noite vamos à Gruta.

9

—Alto.

Perplexos, Gareth e John se detiveram ambos ao lado de Jenny, montada sobre Lua, no meio do atalho cheio de folhas. Ao redor deles, as colinas da Parede de Nast estavam silenciosas, como mortas, salvo pelo fio de vento que percorria a ambos os lados do caminho, os troncos chamuscados do que alguma vez tinha sido um bosque; e pelo leve tangido do cobre quando Osprey mordida o freio e Clivy comia, prosaica, nos limites da sarjeta. Mais abaixo nas colinas os bosques estavam ainda inteiros, emudecidos pela chegada do inverno mais que pelo fogo; sob os troncos cinza chapeados dos abedules, havia muitos arbustos cor óxido. Onde se tinham detido, só havia um grupo de brotos frágeis, a ponto de cair com apenas um roçar das mãos. Meio escondidos na erva daninha perto dos paralelepípedos queimados do caminho se viam os ossos de fugitivos do primeiro ataque do dragão, mesclados com vasilhas sujas e as moedas de prata abandonadas na fuga. As moedas jaziam no barro. Ninguém tinha chegado tão perto da cidade em ruínas para recolhê-las.

Adiante, na luz débil do inverno, via-se o que ficava das primeiras casas de Grutas. Segundo Gareth, a cidade nunca tinha tido muros protetores. O caminho entrava na aldeia sob a torre do relógio.

Durante um comprido momento, Jenny ficou sentada em silêncio. Girava a cabeça de um lado e o outro. Nenhum dos homens lhe falou..., em realidade, desde que tinham escapado do palácio nas horas prévias à aurora, Jenny tinha notado cada vez mais o silêncio crescente de John. Agora o olhou, sentado e recolhido em si mesmo sobre seu cavalo Vaca e recordou uma vez mais as palavras de Zyerne quando dizia que sem sua ajuda nem ele nem Jenny poderiam enfrentar Morkeleb.

Sem dúvida, John também as recordava.

—Gareth — disse Jenny por fim, em um murmúrio—, há outro caminho para entrar na cidade? Algum lugar que esteja mais longe das Portas da Gruta?

Gareth franziu o cenho.

—por quê?

Jenny meneou a cabeça, não muito segura da razão pela que tinha falado. Mas algo lhe sussurrava como da outra vez, fazia já várias semanas, nas ruínas dessa cidade sem nome nas Terras de Inverno... Uma sensação de perigo iminente que a fazia procurar os signos da ameaça. Sob a tutela de Mab, Jenny tinha dado conta de que devia confiar em seu instinto e algo nela odiava aproximar-se desse relógio em ruínas para entrar na luz do sol, que baixava sobre o vale de Grutas.

Depois de pensar um momento, Gareth disse:

—O lugar mais afastado das Portas Grandes das Grutas é a Ladeira dos Curtidores. Está no final desse montão de arbustos que fecha a cidade a oeste, lá. Acredito que está mais ou menos a um quilômetro das Portas. A cidade não tem mais de..., do meio quilômetro de largura.

—Parece-te que podemos ver bem as Portas dali?

Confundido por essa pergunta estranha, Gareth assentiu.

—Estou acostumado, é alto e a maioria dos edifícios caíram depois do ataque. Mas se queremos ter uma boa vista das Portas, fica bastante afastado da torre do relógio, como podem ver...

—Não — murmurou Jenny—. Não acredito que possamos nos aproximar tanto.

A cabeça de John girou com violência para ouvi-la. Gareth gaguejou.

—Não pode..., não pode nos ouvir, verdade?

—Sim — disse Jenny, sem saber por que o dizia—. Não..., não é ouvido exatamente. Não sei. Mas sinto algo, nos limites de minha mente. Não acredito que saiba que estamos aqui, não ainda. Mas se nos aproximarmos mais, talvez... É um dragão velho, Gareth; deve sê-lo se seu nome está nas Linhas. Em um desses velhos livros da biblioteca do palácio diz que os dragões trocam sua pele e sua alma, que os jovens têm cores simples e brilhantes; os amadurecidos, mais complexos no desenho e os velhos se fazem mais e mais simples de novo à medida que seu poder cresce e se aprofunda. Morkeleb é negro. Não sei o que significa, mas eu não gosto do que acredito

que implica..., muito poder, muitos anos...; seus sentidos devem encher o vale de Grutas como a água estancada, sensíveis a menor onda.

—É óbvio que ouviu aos cavalheiros de seu pai, não? —adicionou John com cinismo.

Gareth parecia muito desventurado. Jenny impulsionou a sua égua brandamente e deu um passo ou duas mais para a torre do relógio enquanto estendia seus sentidos sobre todo o vale. Através das redes de ramos mortos por cima de sua cabeça se via a escuridão maciça dos escarpados da Parede de Nast que olhavam a oeste. Sua altura infinita se elevava como metal oxidado, manchada de púrpura onde se golpeavam as sombras; as grandes pedras brilhavam, brancas, sobre eles como colheitas de ossos quebrados. Sobre a linha do incêndio que tinha causado o dragão crescia a erva daninha nos flancos da montanha, ao redor dos escarpados, para cima pelas rochas cobertas de musgo das depressões deixadas pelas geleiras e os campos de neve. Os chifres tocados de gelo dos topos nus e partidos da Parede estavam agora velados pelas nuvens, mas além dos ombros dobrados da cadeia, para o leste, via-se um leve fio de fumaça que marcava a cidadela de Halnath e os campos dos sitiante a seu redor.

Debaixo dessa enorme parede de pedra e árvores jaziam os espaços abertos do vale: um grande poço de ar, um golfo cheio de luz solar pálida, brilhante..., e algo mais. A mente de Jenny o tocou brevemente e logo se afastou assustada dessa consciência viva que sentia lá longe, enroscada como uma serpente em seu ninho escuro.

Atrás dela, ouvia falar com Gareth.

—Mas o dragão que mataram no terreno baixo em Wyr não sabia que vinham. —Falava tão alto que os nervos de Jenny se retorciam e desejava fazê-lo calar—. Pôde chegar por detrás e atacá-lo por surpresa. Não vejo como...

—Eu tampouco, herói — cortou John com suavidade enquanto reunia as rédeas de Vaca em uma mão e as do cavalo de batalha, Osprey, na outra—. Mas se você estiver disposto a apostar sua vida que Jenny se equivoca, eu não. Nos leve a famosa Ladeira.

Na noite do dragão muitos se refugiaram nos edifícios da Ladeira dos Curtidores; seus ossos jaziam por toda parte entre as ruínas chamuscadas de pedras. Do espaço aberto frente ao lugar que tinham ocupado os depósitos, pôde-se ver toda a pequena aldeia de Grutas, cheia de vida e movimento sob o véu constante da fumaça das forjas e as fundições mais abaixo. Esse véu tinha desaparecido agora, queimado até o fundo pelo fogo do dragão; toda a aldeia estava aberta ao brilho leve, sem calor do sol de inverno, um quadriculado de ruínas e ossos.

Jenny olhou a seu redor, os edifícios da Ladeira com terror, como se lhe tivessem dado um golpe no estômago; logo, quando se deu conta da razão pela que reconhecia o lugar, a impressão deixou passo ao horror e o desespero.

Era o lugar onde tinha visto o John moribundo na imagem da tigela de água no norte.

Fazia adivinhação antes, mas nunca com tanta exatidão. A precisão do que tinha visto a destroçava..., cada pedra, atoleiro e parede ruída era a mesma; recordava a forma em que via a linha ameaçadora dos escarpados escuros contra o céu e até os desenhos dos ossos da aldeia, lá embaixo. Sentia-se alagada por uma necessidade urgente de trocar algo..., de derrubar uma parede, cavar um buraco, limpar os arbustos no lábio da Ladeira onde se inclinava para a aldeia, algo que fizesse que o lugar não fora como o tivesse visto. E, entretanto, em seu coração, sabia que fazer isso não trocava nada e tinha medo de que se trocava algo, isso fizesse ao lugar mais e não menos parecido ao que tinha visto.

Os lábios lhe paralisaram ao dizer:

—Este é o único lugar da cidade a esta distância das Portas? —Já sabia o que lhe responderia Gareth.

—Tem que sê-lo, pelo aroma dos curtumes. Já vêem que não se construiu nada por aqui perto. Até os tanques e depósitos de água ficaram nessas rochas ao norte e não aqui onde estão as melhores vertentes.

Jenny assentiu com apatia, olhando para as grandes rochas ao norte da aldeia, as rochas que ele estava assinalando. Toda sua alma gritava: «Não, não!»

De repente se sentiu tola e desesperada, pouco preparada, vencida do começo e incrivelmente ingênua. Fomos uns parvos, pensou com amargura. Matar o primeiro verme foi uma tolice, uma fraude. Nunca devemos ter presumido disso, nunca devemos pensar que podíamos fazê-lo de novo. Zyerne tinha razão. Zyerne tinha razão.

Olhou John, que tinha desmontado Vaca e estava de pé sobre o lábio rochoso da Ladeira no lugar em que o solo caía bruscamente para o vale, mais abaixo e olhava para outro lado, a outra ladeira do lado das Portas. O frio cobriu os ossos de Jenny como uma sombra vasta, alada, sobre o sol e ela aproximou brandamente de John. Ele falou sem olhá-la.

—Suponho que posso fazê-lo. O Templo de Sarmendes está a meio quilômetro pela Grande Passagem, se Dromar me dizia a verdade. Se Osprey e eu vamos a toda velocidade, deveríamos poder apanhar ao dragão na Sala do Mercado, justo detrás das Portas. E se for capaz de me ouvir no momento em que comece a galopar pela Ladeira, ainda posso apanhá-lo antes que saia ao ar. Terei espaço para brigar com ele na Sala do Mercado. É minha única possibilidade.

—Não — disse Jenny com calma. Ele a olhou com as sobrancelhas arqueadas—. Têm outra oportunidade se voltarmos para Bel. Zyerne pode te ajudar a atacá-lo por detrás, pelas covas. Seus feitiços lhe protegerão e meus não podem fazê-lo.

—Jen — Um mudo receio na expressão do rosto de John se abriu de repente no brilho branco dos dentes. Levantou as mãos para ajudá-la a desmontar enquanto meneava a cabeça com desaprovação. Ela não se moveu.

—Ao menos, convém-lhe te manter a salvo se quiser o dragão morto. O resto não é teu assunto.

O sorriso de John se fez mais amplo.

—Aí tem um bom argumento, amor — aceitou—. Mas não me parece que essa garota saiba cozinhar bem uns feijões. —E a ajudou a descer do cavalo.

O mau pressentimento que pesava sobre o coração de Jenny não diminuiu; mas cresceu na curta tarde. Disse a si mesma uma e outra vez, enquanto caminhava pelos círculos mágicos e acendia o fogo no centro para elaborar seus venenos, que a água era mentirosa; que adivinhava o futuro melhor que o cristal, mas que suas imagens eram menos confiáveis que as do fogo. Mas uma sensação de algo trágico e iminente pesava sobre seu coração e, quando a luz do dia diminuiu, pareceu-lhe que via no fogo sob a panela que fervia lenta a mesma imagem da água: a camisa de cota de malha de John rasgada em uma dúzia de lugares, os elos quebrados brilhantes de sangue escuro.

Fazia o fogo no extremo da Ladeira, onde o vento levaria a fumaça e os vapores longe do acampamento e do vale, e trabalhou toda a tarde enfeitando os ingredientes e o aço dos arpões. A senhora Mab lhe tinha aconselhado sobre os venenos mais poderosos que podiam afetar os dragões e como eram ingredientes que a maga não tinha em seu limitado depósito, Jenny os tinha comprado na rua dos Farmacêuticos no Mercado de Bel. Enquanto ela trabalhava, os dois homens exploraram a Ladeira, tiraram água do pequeno poço que havia a certa distância nos bosques para os cavalos — a casa fonte que tinha servido de curtumes tinha ficado esmagada como uma casca de ovo— e logo montaram o acampamento. John tinha muito pouco que dizer desde que Jenny lhe tinha falado no limite da Ladeira; Gareth parecia tremer com uma mescla de excitação e terror.

Jenny tinha ficado um pouco surpreendida de que John convidasse Gareth a unir-se a eles, embora tinha planejado lhe pedir que o fizesse. Tinha suas próprias razões para desejar que o moço estivesse com eles e essas razões tinham muito pouco haver com o desejo de Gareth de ver como se matava a um dragão, desejo que tinha expresso no começo da viagem do norte, mas não ultimamente. Jenny..., e sem dúvida também John sabiam que a partida dos dois teria deixado desprotegido Gareth na cidade de Bel.

Talvez Mab tivesse razão, pensou Jenny, enquanto apartava a cara do aroma horrível da fumaça e a secava com uma mão enluvada. Havia males piores que o dragão nessa terra..., morrer nas mãos dessa besta talvez pudesse ser um mal menor em certas circunstâncias.

As vozes dos homens chegaram a ela do outro lado do acampamento. Moviam-se, preparando o jantar. Jenny tinha notado que nenhum dos dois falava em voz muito alta quando estava perto do limite da Ladeira.

— vou consegui-lo — dizia John enquanto arrojava uma torta sobre a frigideira e olhava Gareth—. Como é a Sala do Mercado? Posso tropeçar com algo?

—Não acredito, se o dragão tiver estado entrando e saindo - disse Gareth depois de um momento—. É um salão muito grande, como disse Dromar; uns trezentos metros de profundidade e ainda mais comprido. O teto é muito alto, com chifres de rocha que penduram dele..., e cadeias também, que antes sustentavam centenas de abajures. O solo está nivelado e antes estava coberto de quiosques, toldos e postos de frutas e verduras; tudo o que se produzia no reino se vendia à Gruta nesse lugar. Não acredito que haja nada suficientemente sólido para resistir o fogo do dragão.

Aversin deixou cair a última torta na frigideira e se endireitou, secando-os dedos em um extremo de sua capa. Uma escuridão azul se descarregava sobre a Ladeira dos Curtidores. Desde seu fogo pequeno, Jenny via os dois homens delineados em ouro contra um fundo azul e negro. Não se aproximaram, em parte pelo aroma dos venenos, em parte pelos círculos mágicos que brilhavam brandamente no chão arenoso a seu redor. *A chave da magia é magia...*, Jenny sentia que os olhava de um lugar isolado em outro mundo, a sós com o calor do fogo, o aroma fedido das fumaças do veneno e o peso terrível dos feitiços da morte em seu coração.

John foi até o limite da Ladeira pela décima vez essa tarde. Através dos ossos destroçados de Grutas, olhava-o o olho negro de caveira das Portas. Placas de metal e lascas partidas de madeira queimada jaziam pulverizadas sobre as escadas de granito largas e não muito altas, que havia debaixo deles, apenas visíveis na luz aquática da lua de cera. A aldeia mesma jazia em uma lacuna de escuridão impenetrável.

—Não está tão longe — disse Gareth com esperança—. Inclusive se lhes ouça no momento em que cheguem ao vale, poderão chegar à Sala do Mercado a tempo.

John suspirou.

—Não estou tão seguro disso, herói. Os dragões se movem com rapidez, inclusive no chão. E o de lá embaixo é mau. Osprey não será muito rápido nem sequer num galope rápido. Tivesse-me gostado de explorar para ver qual era o caminho mais limpo, mas não é possível. O que posso esperar é que não haja portas de porões abertas ou poços privados daqui até as Grandes Levas.

Gareth riu brandamente.

—É estranho. Nunca tinha pensado nisso. Nas baladas, o cavalo do herói nunca tropeça no caminho à batalha com o dragão, embora os cavalos tropecem de vez em quando até nos torneios, onde o chão das pistas está alisado de antemão. Pensei que seria..., não sei... como em uma balada. Muito direto. Que viriam cavalgando desde o Bel, direto até aqui acima e logo abaixo, à Gruta...

—Sem deixar descansar o cavalo depois da viagem embora o levasse da rédea? Sem explorar o terreno? —Os olhos de John dançavam detrás dos óculos—. Não estranhou que os

cavaleiros do rei tenham morrido. —Suspirou—. O único que me preocupa é que se me atrasar, embora seja um pouco, vou ficar debaixo dessa coisa quando sair pelas Portas...

Logo tossiu, sacudindo o ar e disse:

—Merda! —Enquanto corria a tirar as tortas em chamas da frigideira. Com os dedos queimados, adicionou—: E o pior de tudo é que até o Adric cozinha melhor que eu...

Jenny deu as costas às vozes e à doçura da noite mais à frente do calor ardente do fogo. Enquanto afundava os arpões no líquido espesso e fedido da panela, o suor lhe pregou o cabelo comprido às bochechas e lhe correu pelos braços nus sob as mangas levantadas de sua capa até os punhos das luvas; o calor se pulverizava como um filme vermelho sobre os dedos de seus pés, nus como quase sempre que fazia magia.

Como John, sentia-se muito dentro de si mesmo, curiosamente separada do que fazia. Os feitiços de morte penduravam com um aroma desagradável no ar ao seu redor, e a cabeça e os ossos estavam começando a lhe doer pelo calor e o esforço da magia que estava tecendo. Os poderes que chamava a cansavam sempre, inclusive quando eram para algo bom; agora se sentia curvada por eles, exausta, e sabia que não tinha urdido nada bom com esse cansaço.

O Dragão Dourado voltou para sua mente de novo, o primeiro instante incrível em que o tinha visto cair do céu como um relâmpago de âmbar e tinha pensado: *«Isto é uma beleza.»* Recordava também o açougue que tinha ficado na ravina, os atoleiros fedorentos de ácido e veneno e sangue e o canto prateado, débil, que morria no ar tremente. Talvez eram só as fumaças que estava inalando, mas sentiu uma náusea súbita ante essa imagem.

Tinha matado Meewinks ou os tinha mutilado e os tinha deixado assim para que os comessem seus irmãos; recordava o cabelo gordurento e escorregadio do bandido sob seus dedos quando lhe tocou as têmporas nas ruínas. Mas não eram como o dragão. Eles tinham escolhido ser o que eram.

Como você.

E o que é você, Jenny Waynest?

Mas não pôde encontrar uma resposta.

A voz de Gareth chegou até ela do outro fogo.

—Essa é outra coisa que nunca nomeiam nas baladas, algo que quero lhes perguntar. Sei que soa tolo, mas..., como fazem para que não lhes rompam os óculos na batalha?

—Não os uso — replicou a voz de John com rapidez—. Se alguém o vê vir, já é muito tarde de todos os modos. E, além disso, fiz que Jen os enfeitiçasse para que não caiam ou se rompam quando sim o uso.

Ela os olhou na aura condensada dos feitiços de morte e extermínio de beleza que a rodeavam, a ela e a sua panela de veneno. A luz do fogo brilhou no metal da roupa de John;

brilhava contra o azul da noite como a marca de um fabricante estampada em ouro sobre um cilindro de veludo. Quase podia ouvir o sorriso alegre na voz de seu companheiro.

—Parece-me que se for me romper o coração amando a uma esposa maga, pelo menos posso tirar algum proveito.

Sobre o ombro da Parede de Nast pendurava a lua, um olho branco meio aberto, de cera, que ia por volta do quarto minguento. Com uma pontada como uma pua de metal afundada em seu coração, Jenny recordou que tinha sido assim em sua visão na água.

Em silêncio, abandonou-se de novo em seu círculo privado de morte, deixando fora esse outro mundo de amizade e amor e tolices, encerrando-se com os feitiços de ruína e desespero e forças que falham de repente. Era parte de seu poder dar a morte dessa forma e se odiava por isso, embora, como John, sabia que não tinha outra opção.

—Pensam que poderão fazê-lo? —perguntou Gareth. Frente a eles, as ruínas da aldeia quebrada estavam púrpuras e negras com as sombras da luz precoce. O fôlego do Osprey, o cavalo de batalha, era morno sobre a mão de Jenny que o levava da rédea.

—Terei que fazê-lo, não? — John controlou a cilha e saltou sobre os arreios. O reflexo frio do céu da manhã brilhava, escorregadio, sobre a graxa que Jenny fizera na noite anterior para que ele se protegesse a cara contra o ardor do fogo do dragão. A geada rangia na erva daninha sob os cascos de Osprey. Quão último tinha feito Jenny justo antes do amanhecer tinha sido afugentar as névoas que entravam dos bosques a cobrir o vale, e ao redor dos três, o ar estava claro e brilhante e as cores pardas do inverno se enfraqueciam de vida. Jenny se sentia fria, vazia e esgotada; tinha derrubado todos seus poderes nesses venenos. Doía-lhe violentamente a cabeça e se sentia suja, estranha e com a mente em guerra, como se fora duas pessoas separadas. Também havia se sentido assim, recordava-o, quando John cavalgou contra o primeiro dragão embora então não tivesse sabido a razão. Então, não sabia como seria a morte violenta dessa beleza. Temia por ele e sentia o desespero como uma pua em seu peito; só queria que o dia terminasse de uma forma ou outra.

Os anéis da parte posterior das luvas de malha de John rangeram com força quando se inclinou para que lhe desse os arpões. Eram seis, em uma aljava nas costas; o aço de seus extremos abertos brilhou com o fulgor da luz matinal, mas não sobre o negro tétrico que lhes cobria as pontas. O couro das asas era firme e duro sob as palmas dela. John tinha posto uma camisa de cota de malha sobre o colete com partes de metal e sua cara estava rodeada de um capuz do mesmo material. Sem os óculos e com o cabelo lanoso escondido sob o capuz, lhe viam de repente os ossos proeminentes; mostravam o que seriam seus rasgos em uma velhice que talvez nunca alcançasse.

Jenny sentiu que queria lhe falar, mas não lhe ocorreu nada que dizer.

Ele reuniu as rédeas em uma mão.

—Se o dragão sair pelas Portas antes que eu chegue, quero que vós dois usem essas pernas - disse com voz tranqüila— E vão para o mais longe que possam, quanto mais alto no escarpado, melhor. Se puderem, deixem ir os cavalos..., talvez o dragão os persiga primeiro. —Não adicionou que, para isso então, ele já estaria morto.

Houve um momento de silêncio. Logo, inclinou-se nos arreios e tocou os lábios de Jenny com os seus. Como sempre, ela os sentiu surpreendentemente suaves. Tinham falado pouco, inclusive de noite; cada um tinha se colocado em uma armadura de silêncio. Era algo que os dois entendiam.

Afastou-se, olhando para o vale, para olho escuro da Gruta e à coisa negra que o esperava ali dentro. Osprey moveu os cascos de novo; sentia os nervos da batalha no John. O espaço aberto de Grutas parecia de repente esticar-se até converter-se em quilômetros de planície enorme, quebrada. Para o olho de Jenny, cada parede derrubada era tão alta como tinha sido a casa uma vez. Cada porão aberto, um abismo infinito. Nunca cruzará a tempo, pensou.

Junto a ela, John se inclinou de novo, essa vez para acariciar o pescoço de Osprey e respirá-lo.

—Osprey, amigo — disse com suavidade—, não espante com isso agora.

Afundou suas esporas, e o rangido brusco dos cascos de aço, quando partiram, foi como a chispada de relâmpagos longínquos em um meio-dia de verão. Jenny deu dois passos para baixo pela ladeira solta, rochosa, depois dele, olhando o cavalo cinza e a forma escura de estanho do homem, que se afundavam através do labirinto de alicerces abertos, vigas sujas, água estancada de quem sabe a profundidade, e se deslizavam sobre montões de lascas de madeira chamuscada correndo para a boca aberta e negra das Portas. O coração de Jenny golpeou com dor em seu peito. Estendeu seus sentidos de maga para a Porta, tratando de ouvir. O ar frio parecia respirar com a mente do dragão. Em algum lugar nessa escuridão se ouvia o rangido escorregadio das escamas metálicas sobre a rocha...

Não havia forma de conjugar a imagem do dragão em seu cristal redondo, mas Jenny se sentou de repente onde estava sobre o lixo enegrecido e solta da ladeira e tirou o pedaço de cristal branco e sujo com cadeia do bolso de seu casaco. Ouviu que Gareth a chamava do topo da ladeira, mas não lhe devolveu nenhuma palavra nenhum olhar. Do outro lado do vale, Osprey saltou as ruínas partidas das portas destroçadas sobre os degraus de granito; sombras frias e azuis caíram sobre ele e sobre seu cavaleiro como uma capa quando a Porta os tragou.

Houve um fulgor e um raio quando a luz débil do sol tocou as facetas da jóia. Logo Jenny teve uma impressão confusa de paredes lavradas em pedra que poderiam ter contido ao palácio inteiro de Bel, um teto de caverna arrepiado de dentes de pedra dos quais penduravam as velhas

cadeias dos abajures em espaços aéreos vastos, cor cobalto..., soleiras negras que rasgavam as paredes; o maior de todos se abria para o outro extremo da sala...

Jenny uniu as duas mãos ao redor da jóia tratando de ver em suas profundidades, esforçando-se por passar além das cortinas de ilusão que tampavam ao dragão de sua vista. Pensou que via o brilho difuso da luz do sol sobre a cota de malha e viu como Osprey tropeçava sobre o lixo enegrecido de ossos chamuscados e moedas esquecidas e postes meio queimados que cobria o chão. Viu que John o tirava do tropeção e viu o brilho do arpão em sua mão... Logo algo saltou das portas interiores, como um jorro de água que salpicava viscoso sobre a cinza seca do chão, elevando-se em uma cortina de fogo.

Houve uma escuridão no cristal e nela, dois abajures de prata acesas.

Nada se movia ao redor de Jenny, nem o movimento frio do ar da manhã, nem a luz do sol que lhe enfraquecia os tornozelos dentro das botas de couro de cervo onde descansavam seus pés sobre a ladeira atalho de cascalho e erva daninha, nem o aroma ventoso da água e a pedra que chegava debaixo, nem os ruídos pequenos dos cavalos inquietos, mais acima. Entre suas duas mãos, os limites do cristal pareciam arder em luz branca, mas o coração da pedra estava escuro; através dessa escuridão, só chegavam imagens fragmentárias..., uma sensação de algo que se movia e era vasto e escuro, a curva móvel do corpo de John quando arrojava o arpão e os giros nebulosos da fumaça cegadora.

De alguma forma soube que Osprey tinha morrido pela cauda do dragão. Teve uma visão breve de John de joelhos, os olhos vermelhos e afundados pelos vapores ácidos que enchiam a sala, tratando de apontar outra vez. Algo como uma asa de negrume o cobriu. Jenny viu chamas de novo e, como uma imagem estranha, separada, três arpões que jaziam como um espantalho destroçado no meio de uma lacuna de barro enegrecido e fumegante. Algo dentro dela se converteu em gelo; só havia escuridão e movimento na escuridão, e logo John de novo; o sangue saía das rupturas de sua cota de malha, e ele olhava uma forma imensa de sombra brilhante com a espada na mão.

O negrume tragou o cristal. Jenny se deu conta de que lhe tremiam as mãos e o corpo lhe doía com uma dor que irradiava de uma semente geada sob seu esterno; a garganta, um montão de cabos retorcidos. Pensou cegamente, *John*, e o recordou entrando com indiferença graciosa e grandes pernadas refeitório de Zyerne, a armadura de exotismo e desafio protegendo o das garras de sua anfitriã; recordou o brilho da luz do dia de outono sobre seus óculos quando estava fundo até os tornozelos no lixo dos porcos no forte, estirando as mãos para ajudá-la a desmontar.

Não podia conceber o que seria a vida sem esse sorriso rápido, triangular.

Logo em algum lugar de sua mente o ouviu, chamando-a: *Jenny...*

Encontrou-o no chão, justo um pouco mais à frente do final do trapezóide de luz que passava através do vasto quadrado das Portas. Tinha deixado a Lua fora; a égua movia a cabeça com medo pelo aroma acre do dragão que permeava todo esse extremo do vale. O coração de Jenny pulsava com tanta força que lhe pareceu que ia vomitar; em todo o caminho pelas ruínas de Grutas tinha esperado que a forma negra do dragão surgisse das Portas.

Mas nada tinha acontecido. O silêncio dentro da escuridão era pior do que podia ter sido qualquer som.

Depois do brilho do vale, as abóbadas azuis da Sala do Mercado pareciam quase negras. O ar estava cheio de vapores que disseminava a pouca luz que havia. Os aromas apanhados lhe queimavam os olhos e a enjoavam, mesclados com a fumaça do fogo e o mau aroma pesado da escória envenenada. Até com a vista de maga, levou-lhe um momento acostumar-se à penumbra. Logo, decompôs-se, como se o sangue que se pulverizava por toda parte tivesse saído de seu corpo e não do de John.

John jazia com a cara escondida por seu braço levantado, o capuz de malha jogado para trás e o cabelo que havia debaixo tingido de sangue nos lugares em que o dragão parecia haver o arrancado de tudo. O sangue corria em um fio comprido de cor vermelha por detrás, pelo lugar por onde John se arrastou quando terminou a briga junto ao cadáver do Osprey, como um caminho pegajoso para o vulto escuro, vasto do dragão.

O dragão estava quieto como uma montanha brilhante de facas de obsidiana. Em posição supina, era um pouco mais alto que a cintura dela, uma serpente negra e brilhante de perto de doze metros de comprimento, velada na fumaça branca de seus venenos e no negrume de sua magia com os arpões cravados como dardos. Tinha uma pata estendida para John, como se tivesse tratado de alcançá-lo e rasgá-lo com as últimas forças e a grande pata jazia como uma mão de esqueleto em um atoleiro de sangue negro. A atmosfera parecia pesada, cheia de um canto doce, claro, que Jenny pensou que estava tanto dentro de sua cabeça como fora. Era uma canção com palavras que não entendia; uma canção sobre as estrelas e o frio e o êxtase de um mergulho largo na escuridão. Era uma toada meio familiar como se Jenny já tivesse ouvido antes uma frase, fazia muito tempo e a levasse após em seus sonhos.

Logo, o dragão Morkeleb levantou a cabeça e, por um segundo, ela o olhou aos olhos.

Eram como abajures, um caleidoscópio branco, cristalino, frio e doce e ardente como o centro de uma chama. Deu-se conta com uma sensação brutal e intensa de que estava olhando os olhos de um mago como ela. Era uma inteligência estranha, limpa e cortante como um pedaço de vidro negro. Havia algo terrível e fascinante nesses olhos; a canção na mente de Jenny era como uma voz que lhe falava em palavras que ela quase compreendia. Sentia que ali, dentro dela, alguém chamava a fome que sempre a tinha consumido.

Com um movimento desesperado, tirou seus pensamentos dali e desviou o olhar.

Nesse momento, compreendeu a razão pela que as lendas advertiam que nunca podia olhar a um dragão nos olhos. Não era só porque o dragão podia tomar uma parte da alma e paralisar a sua vítima enquanto a destroçava.

Era porque ao escapar desse olhar, a gente deixava uma parte da gente mesmo afundada nessas profundidades de cristal e de gelo.

Deu meia volta para fugir, para deixar esse lugar e esses olhos muito sábios, para escapar dessa canção que murmurava sua harmonia dentro dos ossos do que a olhava. E teria fugido, mas seu pé embainhado na bota roçou algo ao dar a volta. Olhou então para baixo, ao homem que jazia a seus pés e viu pela primeira vez que suas feridas ainda sangravam.

10

—Não é possível que se esteja morrendo! —Gareth terminou de pôr um montão de ramos recém cortados junto ao fogo e se voltou para Jenny, com súplicas nos olhos. Como se ela, com o poder que ficava em sua mente paralisada, pudesse fazer verdade esse desejo, pensou Jenny.

Sem falar, inclinou-se para tocar a cara fria como o gelo do homem que jazia com a capa e a pele de urso, bem perto das chamas trementes.

Tinha sabido que tudo terminaria assim quando aceitou John pela primeira vez. Não deveria ter cedido nunca à travessura desses olhos castanhos. Deveria havê-lo afastado dela e não ceder a essa parte débil de si mesma que murmurava:

—Quero um amigo.

Ficou de pé, sacudiu as saias e colocou a capa ao redor do casaco de couro de ovelha. Gareth a olhava com olhos de cão assustado e ferido; seguiu-a para o montão de pacotes ao outro lado do fogo.

Ela poderia ter tido amantes. Sempre há quem quer dormir com uma maga pela novidade ou a sorte que dizem que traz. Por que o tinha deixado ficar até a manhã e tinha falado com ele como se não fora um homem e um inimigo que desviaria sua alma apesar de que já então o sabia? Por que lhe tinha deixado tocar seu coração tanto como seu corpo?

A noite estava imóvel; o céu, escuro salvo pelo disco branco da lua deprimida. Sua luz fria quase não delineava os ossos quebrados do povo vazio lá embaixo. Um tronco se acomodou no fogo moribundo; a faísca de luz tocou uma mancha vermelha sobre os elos retorcidos da cota de malha de John e brilhou, pegajosa, sobre a palma de uma mão abrasada. Jenny sentiu que todo seu corpo era uma só ferida aberta de dor.

Trocamos o que tocamos, pensou. Por que tinha deixado que ele a tocasse? Ela tinha sido feliz, só com sua magia. *A chave da magia é magia...*, deveria ter completado com esse preceito do começo. Tinha sabido inclusive que ele era um homem capaz de dar sua vida para ajudar os outros, inclusive a outros que não conhecia.

Se tivesse esperado Zyerne...

Afastou a idéia dela com violência amarga, sabendo que a magia de Zyerne podia ter salvado John. Tinha querido chorar todo o dia, não só de dor, mas também de raiva ante si mesma por todas as escolhas do passado.

A voz de Gareth, débil e suplicante como a de um menino, quebrou seu círculo de ódio a si mesmo.

—Não há nada que possam fazer?

—Fiz o que posso — replicou ela com cansaço—. Lavei-lhe as feridas e as fechei e pus feitiços de cura sobre elas. O sangue do dragão é um veneno em suas veias e perdeu muito sangue.

—Mas tem que haver algo... —No brilho leve do fogo, ela se deu conta de que o moço tinha estado chorando. Ela tinha a alma fria agora, e seca como a pele de John.

—Já o perguntaste sete vezes desde que escureceu — disse—. Está além de minhas habilidades..., além dos poderes das drogas que tenho, além de meus poderes mágicos.

Tratou de dizer-lhe a ela mesma: inclusive se não o tivesse amado, inclusive se não lhe tivesse dado o tempo que tinha para o estudo, teria sido assim.

Teria podido salvá-lo se não lhe tivesse dado todas essas horas; se tivesse passado todas essas manhãs meditando entre as pedras na solidão da cúpula da colina em lugar de estar falando com ele em sua cama?

Ou só teria sido um pouco mais deprimente como pessoa, um pouco mais louca, um pouco pior de si mesma, um pouco mais como Caerdinn?

Não sabia e a dor era quase tão grande como a dor de pensar que em realidade sabia.

Mas só tinha seus pequenos poderes, feitiços escritos de uma runa por vez, com paciência, em um pensamento que crescia lentamente. Deteve sua mente, acalmou-a como fazia quando queria fazer magia, e se deu conta de que não poderia curá-lo. O que podia fazer por ele então? O que havia dito Mab, ao falar de curas?

Passou as mãos pelo comprido cabelo, tirando o da cara e o pescoço. Doíam-lhe os ombros intumescidos; não tinha dormido em duas noites e seu corpo se ressentia.

—Quão único podemos fazer é seguir esquentando pedras e as pôr a seu redor — disse finalmente—. Temos que mantê-lo quente.

Gareth engoliu seco e se arranhou o nariz.

—Só isso?

—por agora, sim. Se parecer um pouco mais forte pela manhã, talvez possamos movê-lo. — Mas sabia em seu coração que John não viveria até a manhã. Como o eco de um sussurro, a visão da tigela de água voltou para ela, um pesadelo amargo de esperança faltada.

Gareth se ofereceu trememente.

—Há médicos em Halnath. Policarpio, em primeiro lugar.

—E um exército ao redor de seus muros. —A voz de Jenny soava fria em seus próprios ouvidos—. Se ainda está vivo pela manhã... Não queria que te arriscasse a estar perto de Zyerne uma vez mais, mas pela manhã acredito que deveria montar a Martelo de Batalha e voltar para Bel.

Gareth pareceu assustar-se ante a menção do nome de Zyerne e ante a idéia de ter que enfrentá-la sozinho, mas assentiu. Jenny notou, interessada em uma parte distante de sua alma esgotada, que depois de ter procurado o heroísmo toda sua vida, Gareth não retrocedia ante ele embora talvez o temesse. Jenny seguiu falando.

—Vá para casa dos gnomos e busca à senhora Mab. Talvez as drogas dos gnomos estejam apanhadas na Gruta, mas... —A voz se interrompeu. Logo repetiu em voz baixa—: As drogas dos gnomos.

Como agulhas e alfinetes sobre um membro intumescido, com a dor da esperança renovado como uma onda súbita de agonia. Jenny murmurou:

—Gareth, onde estão os mapas de John?

Gareth a olhou piscando sem compreender, muito preocupado nesse momento com seu medo ante Zyerne para dar-se conta do sentido das palavras da maga. Logo de um salto, a esperança encheu seu rosto, e deixou escapar um grito que talvez se ouvisse até Bel.

—Os Lugares de Cura! —gritou, passou-lhe os braços pelo pescoço e a levantou do chão—. Sabia! —gritou, com toda sua jovem rabugice—. Sabia que vocês poderiam encontrar uma forma! Poderão...

—Não sabe nada. —Ela brigou para liberar-se, zangada com ele por expressar o que já estava movendo-se em suas próprias veias como um gole comprido de conhaque barato. Passou correndo junto ao moço e quase voou até o John, enquanto Gareth, que se bamboleava como um grande boneco, começava a revolver o acampamento em busca dos mapas.

Se havia algo pior que a dor do desespero, pensou Jenny, era a dor da esperança. Ao menos o desespero descansa. Agora o coração lhe golpeava como um martelo enquanto tirava da frente de John o cabelo avermelhado, quase negro contra a carne sem sangue. A mente de Jenny corria por diante, pensando nas drogas das que tinha falado Mab: líquidos destilados para deter e fortalecer o batimento do coração do coração, que era quase um fio agora; ungüentos para curar a pele; e filtros para atuar contra o veneno e lhe devolver o sangue que tinha perdido. Haveria livros de feitiços também, pensou ela, escondidos nos Lugares de Cura, palavras com as quais atarem a alma ao corpo até que o corpo mesmo pudesse recuperar-se. Encontraria-as, disse-se com desespero, devia as encontrar. Mas sabia o que havia em jogo e o peso desse conhecimento pulsava sobre seu coração como uma pedra enorme. Durante um momento, sentiu-se tão cansada que quase desejou que John estivesse morto porque então já não teria que seguir lutando e já não haveria a ameaça do fracasso.

Tomou as mãos geladas e se deixou ir um momento para as regiões exteriores do transe de cura enquanto murmurava o nome interior de John. Mas era como se chamasse no extremo de um pendente pela que ele já tinha baixado fazia já muito...: ninguém respondeu.

Mas havia algo mais. Em seu transe, chegou para ouvi-lo, um toque suave de som que lhe retorceu o coração de medo..., o roce das escamas na pedra, o tremor de uma música estranha.

Abriu os olhos; descobriu que estava tremendo, que tinha frio.

O dragão estava vivo.

—Jenny? —Gareth chegou, elegante, a seu lado, as mãos cheias de pedaços sujos de papiro quebrado—. Os encontrei, mas..., mas os Lugares de Cura não estão aqui. —Tinha os olhos cheios de preocupação detrás dos óculos torcidos, partidos—. Procurei...

Jenny os tirou das mãos com dedos que tremiam. À luz do fogo, conseguiu distinguir passagens, cavernas, rios, todos marcados com a mão rúnica, forte, de Dromar e os lugares em branco, sem marcas, sem nomes. É assunto dos gnomos.

A fúria a encheu por completo e arrojou os mapas ao chão.

—Maldito seja Dromar e todos seus segredos — murmurou com raiva—. Claro! Os Lugares de Cura são o coração da Gruta, isso pelo que todos eles juram!

—Mas... —gaguejou Gareth com debilidade—, mas podem encontrá-los de todos os modos?

A fúria se moveu dentro do corpo de Jenny, fúria de esperanças não cumpridas, primeiro pelo medo e agora pela teimosia de um gnomo. Fúria, como rocha líquida caindo através das gretas do cansaço sobre sua alma.

—Nessa toca? —perguntou. Durante um momento, a raiva, o cansaço e a idéia do dragão a dominaram, rasgaram-na. Quase gritou para que o raio quebrasse a terra.

Como Zyerne, disse-se a si mesmo, lutando por acalmar-se. Fechou os punhos, um ao redor de outro e apertou os lábios contra eles enquanto desejava que passassem o medo e a raiva; quando passaram, não ficou nada. Era como se o grito não pronunciado tivesse queimado tudo nela e deixado só um poço de calma escura e antinatural, um universo de profundidade.

Gareth ainda a olhava, os olhos suplicantes. Ela disse com calma:

—Talvez. Mab falou do caminho. Talvez possa lhe encontrar uma lógica. —Mab também lhe havia dito que um passo em falso a condenaria à morte por fome, vagando na escuridão.

Sabia o que John lhe houvesse dito como resposta:

—Pela Avó de Deus, Jen, o dragão te comerá antes que possa morrer de fome.

Pode-se confiar em John, pensou ela, para me fazer rir em um momento como este.

Ficou de pé, com o frio nos ossos. Sentia-se cem anos mais velha. Caminhou para os pacotes de novo. Gareth a seguiu arrastando os pés, envolto em sua capa carmesim para esquentar-se e falando de uma coisa e outra, ao azar; encerrada em seu estranho momento de calma, Jenny apenas o escutava.

Só quando ela colocou sua grande bolsa no ombro e levantou sua alabarda, Gareth pareceu sentir o silêncio.

—Jenny — disse duvidoso, tomando-a do bordo da capa—. Jenny, o dragão está morto, verdade? Quero dizer, esse veneno fez efeito, não? Tem que ser assim ou não teria podido tirar o John dali dentro.

—Não — disse Jenny com calma. Perguntou-se um pouco sobre o silêncio estranho que sentia em seu interior; tinha tido mais medo ao escutar aos Murmuradores nos bosques de Wyr que agora, frente ao dragão. Começou a caminhar para a escuridão das ruínas sombrias. Gareth correu e tomou pelo braço.

—Mas..., quero dizer..., quanto tempo...?

Ela meneou a cabeça.

—Muito, certamente muito. —Pôs a mão sobre o pulso do moço para separar dela. Agora que tinha tomado uma decisão, queria fazer o que tinha pensado embora soubesse que não o obteria. Gareth engoliu seco, a cara magra preocupada e tensa na leve luz rubi do fogo.

—Irei - se ofereceu, tremendo—. Diga-Me o que tenho que procurar e eu...

Durante um instante, a risada ameaçou destruindo a difícil decisão de Jenny..., não é que fora rir dele, mas sim da galanteria tola que o forçava, como o herói de uma balada, a tomar o lugar dela. Mas ele não teria entendido que ela o amava por esse oferecimento apesar de quão absurdo era; e se ria, começaria a chorar e sabia que não podia dar o luxo de uma debilidade como

essa. Assim que ficou nas pontas dos pés e empurrou os ombros dele para baixo para lhe beijar a bochecha suave, magra.

—Obrigado, Gareth - murmurou—. Mas eu vejo na escuridão e você não, e sei o que procuro.

—A sério - insistiu ele, obviamente esmigalhado entre o alívio e a compreensão de que em realidade, ela estava mais preparada para fazê-lo, uma vida inteira de educação cavalheiresca e um desejo muito real de protegê-la de qualquer dano.

—Não - disse ela com amabilidade—. Só cuida de que John esteja quente. Se não voltar... — A voz lhe quebrou com o conhecimento do que lhe esperava..., a morte nas garras do dragão ou a morte nos túneis. Pôs força em suas palavras—. Faz o que te pareça melhor, mas não tente movê-lo muito logo.

A recomendação era inútil e ela sabia. Tratou de recordar as palavras do Mab sobre os labirintos escuros da Gruta e lhe escaparam da mente como escapa a água de um punho crispado, deixando só a lembrança das rodas brilhantes de diamante, os olhos abertos e vigilantes do dragão. Mas tinha que tranquilizar Gareth; e enquanto John respirasse, sabia que nunca poderia ficar sem fazer nada no acampamento.

Apertou a mão de Gareth e se afastou dele. Colocou-se bem a capa sobre os ombros, voltou-se para os caminhos sombrios do vale e para o vulto escuro da Parede de Nast que se elevava ameaçador, contra um céu baixo e negro. Quão último viu de John foi o brilho do fogo moribundo que delineava a forma de seu nariz e seus lábios contra a escuridão.

Muito antes de chegar às Grandes Leva da Gruta, Jenny já era consciente do canto. Enquanto cruzava as pedras cristalizadas das ruínas, sangradas de toda sua cor diurna pela água débil da luz da lua, sentia-o ali, com ela: fome, desejo e beleza que aterrava, além de sua capacidade de compreensão. O canto interrompia o cuidadoso quebra-cabeça que estava tratando de armar com suas lembranças fragmentárias dos comentários do Mab sobre os Lugares de Cura, quebrava inclusive seus temores por John. Parecia flutuar a seu redor no ar e, entretanto, sabia que só ela o ouvia; tremia-lhe nos ossos até a ponta dos dedos. Quando se deteve frente às Portas, com o negrume da Sala do Mercado frente a ela e sua própria sombra, uma mancha difusa sobre os restos sujos, cheios de sangue no chão, o canto era poderoso, quase infinito.

Não havia som, mas seu ritmo falava com o sangue de Jenny. Imagens trancadas que ela não podia sentir de tudo nem compreender por completo se retorciam em sua consciência: nós de lembranças, de escuridão estrelada que o sol nunca havia tocado, do cansaço contente de um amor físico cujos modos e motivos eram estranhos para ela, e de matemática e relações curiosas entre coisas que ela nunca tinha pensado em relacionar. Era mais forte e muito distinto do canto

que tinha enchido a ravina quando o Dragão Dourado de Wyr jazia ali, moribundo. Havia uma força nele, uma força empilhada de anos vividos em plenitude e de esquemas apanhados através de abismos incognoscíveis de tempo.

O dragão era invisível na escuridão. Ela ouviu o roce suave de suas escamas e adivinhou que estava deitado frente às portas interiores da Sala do Mercado, as que levavam a Grande Passagem e logo à Gruta. Logo, os abajures chapeados dos olhos do animal se abriram e pareceram brilhar brandamente na luz refletida da lua e na mente de Jenny o canto fluiu e fortaleceu suas cores no vórtice de um núcleo duro e branco. Nesse núcleo se formaram as palavras.

Veio procurar remédios, mulher maga? Ou essa arma que leva é algo que quer acreditar suficiente para terminar o que seus venenos fazem muito lentamente para seus desejos?

As palavras eram quase imagens, música e formas criadas tanto pela alma de Jenny como pela dele. Doeriam-me, pensou ela, se as deixassem baixar muito.

—vim a procurar remédios — respondeu; a voz fez um eco contra a pedra aflautada do teto cheio de pontas—. O poder dos Lugares de Cura tem muito renome.

Sabia. Havia um grupo de gnomos que cuidava do lugar ao que levavam a todos os feridos. A porta era baixa, mas eu chegava como um lobo que ataca um grupo de coelhos. Comi durante muitos dias, até que se foram todos. Também faziam venenos ali. Envenenaram os cadáveres, como se acreditassem que eu não veria a morte que manchava a carne. Esse deve ser o lugar que buscas.

Como o dragão falava parcialmente em imagens, Jenny viu também os caminhos escuros para o lugar, como um sonho que se recorda pela metade na mente. Sua esperança cresceu e fixou as imagens em seus pensamentos..., fragmentos muito pequenos, mas talvez suficientes para lhe servir de ajuda.

Com sua vista de maga, distinguia-o estendido frente a ela junto às portas na escuridão. Tirou-se os arpões da garganta e o ventre e agora jaziam pulverizados ao redor com seu sangue, no barro de cinza e sujeira do chão. As escamas bicudas de suas costas e seus flancos estavam murchos agora; as pontas brilhavam levemente no reflexo suave da lua. As cadeias pesadas de espinhos que cuidavam sua coluna e as juntas de suas pernas ainda eram afiadas como armas. As asas enormes jaziam pregadas com cuidado ao longo dos flancos e também essas juntas estavam armadas com espinhos. A cabeça era o que mais fascinava Jenny, larga e magra, parecida com a de um pássaro, a forma escondida sob uma máscara de placas de ossos. Desde essas placas crescia um molho vasto de escamas parecidas com cintas, mescladas com pedaços de couro peludo

e o que pareciam crescimentos de samambaias e plumas; suas antenas largas, delicadas, com as pontas redondas, brilhantes de água, estavam apoiadas contra o chão ao redor de sua cabeça. Jazia como um cão, o queixo entre as patas dianteiras; mas os olhos que queimavam os de Jenny eram os olhos de um mago que, ao mesmo tempo, era um animal.

Farei um trato contigo, mulher maga.

Ela sabia, com premonição congelada, mas nada de surpresa, o que ele ia oferecer lhe e seu coração se acelerou, embora não sabia se era por medo ou por uma estranha esperança. Disse:

—Não. —Mas sentia dentro dela, como um desejo proibido, a idéia de impedir que morrera algo tão formoso, tão poderoso. Ele era o mal, disse-se o sabendo, acreditando-o em seu coração. E, entretanto havia algo nesses olhos chapeados que a atraía, uma canção de fogo negro e latente cuja música entendia.

O dragão moveu um pouco a cabeça sobre a curva poderosa de seu pescoço. O sangue caiu das cintas sujas de sua juba.

Acaso crie que você, embora seja uma maga que vê na escuridão, poderá encontrar os caminhos dos gnomos?

As imagens que encheram sua mente eram de escuridão, de labirintos úmidos e infinitos no mundo clandestinamente. O coração de Jenny pareceu afundar-se de medo ao vê-los, ao compreendê-los; as poucas imagens do caminho para os Lugares de Cura, as palavras fragmentárias do Mab, converteram-se entre seus dedos em pedrinhas com as que um menino acredita que matará leões. Mas disse:

—falei com um deles sobre esses caminhos.

E, disse-te a verdade? Os gnomos não têm fama de dizê-la com respeito ao coração da Gruta.

Jenny recordou os lugares vazios nos mapas do Dromar. Mas replicou:

—Nem os dragões.

Por debaixo do cansaço e a dor, sentiu como o dragão se divertia com sua resposta, como um vaso de água fria no calor.

O que é a verdade, mulher maga? A verdade que vêem os dragões não é agradável aos olhos dos homens apesar quão incomodamente compreensível que possa ser para seus corações. Você sabe.

Jenny se deu conta de que ele sabia que ela estava fascinada. Os olhos de prata a atraíam; a mente do dragão tocou a dela, como um sedutor tocaria sua mão, e ela soube que compreendia que ela não se afastaria desse roçar. Fez um esforço para afastar seus pensamentos dele, aferrou-se às lembranças de John e de seus filhos contra o poder que a chamava como um murmúrio da noite amorfa. Com um grande esforço, arrancou seus olhos dos dele e se voltou para afastar-se.

Mulher maga crie que esse homem pelo que arrisca os ossos de seu corpo viverá mais que eu?

Ela se deteve. A ponta de suas botas tocava o limite do tapete de luz de lua que jazia sobre solo empedrado. Logo, voltou-se de novo para olhar o dragão, desesperada e rasgada. A luz débil lhe mostrou os atoleiros de sangue que se secavam sobre grande parte do chão, o aspecto desacordado da pele do dragão, e se deu conta de que a última pergunta tinha querido golpear sua debilidade e seu desespero em um intento por cobrir as que ele também sentia.

Disse, com calma:

—Há uma possibilidade.

Sentiu a raiva no movimento da cabeça do dragão e a dor que o perfurou ao fazê-lo.

E te atreverá a apostar nisso? Apostará a que, embora os gnomos hajam dito a verdade, será capaz de seguir o caminho correto através de suas tocas, espiral dentro de espiral, escuridão dentro de escuridão, até encontrar o que necessita a tempo? Cure-me, mulher maga e te guiarei com minha mente, mostrarei-te o lugar que buscas.

Durante um tempo, ela só olhou o vulto comprido de escuridão brilhante, a juba escura de cintas ensangüentadas e os olhos como metal azeitado girando ao redor da escuridão eterna. O dragão era uma maravilha que não se parecia com nada que ela tivesse visto uma sombra Espinosa e suave das pontas agudas das asas nas costas até o pico de corno de seu nariz. O Dragão Dourado que tinha matado John nas colinas de Wyr, varridas pelo vento, tinha sido um ser de sol e fogo; este era um fantasma de fumaça da noite, negro e forte e velho como o tempo. Os espinhos de sua cabeça cresciam até serem chifres fantásticos e retorcidos, suaves e frios como o aço; suas garras dianteiras tinham a mesma forma que as mãos de um ser humano, salvo que havia dois polegares em lugar de um. A voz que falava na mente de Jenny era firme, mas ela via como a debilidade arrastava cada linha do grande corpo e sentia o tremor leve do último rastro da força que brigava por seguir mostrando poder frente a ela.

Disse:

—Não sei nada sobre curar dragões.

Os olhos chapeados se estreitaram, como se lhe tivesse pedido algo que ele não tinha pensado dar. Durante um momento, olharam-se um ao outro na escuridão da cova. Ela era consciente de John e do tempo..., ao longe, como algo urgente em um sonho. Mas deixou seus pensamentos na criatura que jazia frente a ela e na escuridão salpicada de diamantes dessa mente estranha que lutava com a sua.

Logo, de repente, o corpo brilhante teve uma convulsão. Ela sentiu, através dos olhos de prata, a dor que percorria as cordas de aço dos músculos do animal como um grito. As asas se estiraram inverificado, as garras se estenderam em um espasmo terrível enquanto o veneno trocava de lugar nas veias. A voz na mente de Jenny murmurou:

Vê.

E nesse mesmo momento, seus pensamentos se alagaram de lembranças de um lugar no qual nunca tinha estado. Imagens vagas encheram sua mente de uma escuridão tão vasta como a noite que havia fora, uma escuridão cheia de uma selva de árvores de pedra que murmuravam o eco de cada fôlego, de extratos de rocha de poucos metros de largura cujos tetos se perdiam na escuridão distante e de murmúrios de água infinita debaixo da rocha. Sentiu uma vertigem de terror como em um pesadelo, mas também uma estranha sensação de *déjà vu*, como se já tivesse percorrido esse caminho.

Compreendeu que era Morkeleb e não ela o que o tinha feito; as imagens mostravam a rota dos Lugares de Cura, o verdadeiro coração da Gruta.

O corpo espinhoso e negro frente a ela se retorceu em outro paroxismo de angústia, a grande calda golpeou como um látigo contra a rocha da parede. A dor se via agora nos olhos de prata e o veneno avançava no sangue do dragão. Logo, o corpo caiu frouxo, um ruído seco de chifres e espinhos como um esqueleto que cai sobre um piso de pedra e de uma grande distancia ouviu murmurar de novo:

Vê.

As escamas estavam elevadas como uma manta de navalhas na agonia; tremendo, alisaram-se de novo ao longo dos flancos enfraquecidos. Jenny reuniu sua coragem e seguiu adiante; sem dar-se tempo para pensar o que estava fazendo, subiu sobre a colina do flanco de ébano, que lhe chegava à cintura e bloqueava o caminho para o Grande Túnel. A coluna era como um cerco de espadas, que se elevava, rígido, do flanco, e era muito difícil pisar sobre ele. Jenny levantou sua saia, pôs uma mão sobre um pilar de pedra da porta para sustentar-se e saltou mal sobre os espinhos, com medo de que uma nova convulsão a jogasse entre as patas traseiras.

Mas o dragão estava quieto. Jenny sentia só os ecos da mente do animal na sua própria, como um brilho leve de luz longínqua.

A escuridão da Gruta se estendia frente a ela.

Caso pensasse nelas, as visões que tinha visto se retiravam de sua mente. Mas descobriu que se limitava a caminhar para diante, como se tivesse passado antes por esse lugar, seus pés a levavam sozinhos. Lembranças sonhadas lhe murmuravam sobre coisas que tinha visto, mas às vezes o ângulo da visão era distinto, como se estivesse as olhando de acima.

Os níveis superiores da Gruta eram secos, esculpidos pelos gnomos seguindo os gostos dos seres humanos. A Grande Passagem, de nove metros de largura e pavimentação com granito negro, gasto e erodido pelos rastros de incontáveis gerações de pés, tinha as paredes cobertas de pedra atalho para cobrir as irregularidades da forma; havia estátuas sujas que jaziam como ossos pulverizados na escuridão e davam testemunho do aspecto clássico do lugar em seu apogeu. Em meio da brancura fragmentada dos membros de mármore havia ossos reais e com eles os Marcos de bronze retorcido e o vidro quebrado dos grandes abajures que uma vez tinham pendurado do teto, todos amontoados contra as paredes, como folhas em uma boca-de-lobo, arrastados pelo passado do dragão. Até na escuridão, a vista de maga de Jenny lhe mostrou os lugares chamuscados pelo fogo em que o azeite derramado se acendeu com o fôlego do dragão.

Mais abaixo, o lugar já tinha o aspecto dos lugares dos gnomos. As estalactites e as colunas já não estavam esculpidas nos pilares retos que gostavam os filhos dos homens, a não ser em forma de árvores com folhas ou bestas ou coisas grotescas que podiam ser qualquer das duas coisas; muitas vezes, cada vez com mais frequência, tinham-lhes deixado sua forma original de água lhe surgiam. Os cursos de água retas, bem terminados dos níveis superiores, deixavam lugar cheio de cantos mais abaixo; em alguns lugares, a água caía diretamente, quinze, trinta metros de um teto muito longínquo como um pilar vivente ou rugia para a escuridão através de condutos com forma de caveira de gárgula. Jenny passou por cavernas e sistemas de covas que tinham sido transformadas nas moradias vastas e interconectadas dos grandes clãs e famílias dos gnomos, mas em outros lugares encontrou habitações suficientemente grandes para conter toda a aldeia de Grutas, onde as casas e os palácios se construíram como estruturas separadas, seus espirais e atalhos estranhos, indistinguíveis dos bosques de estalactites que formavam grandes selvas sobre as bordas das lacunas e rios como de ônix lustrados.

E através desse reino silenciosos de maravilha não viu nada exceto a ruína e a decadência e o rastro rangente do dragão.

Havia sapos brancos em todas as partes, brigando com os ratos sobre os restos podres de comida guardada ou de cadáveres de mais de um mês; em alguns lugares, o fedor do que tinha

sido quilogramas e quilogramas de queijo, carne ou verduras era quase irrespirável. Os vermes brancos, sem olhos, dos poços mais profundos, cujos nomes apenas se podiam adivinhar pelos relatos de Mab, deslizavam-se para ouvi-la aproximar-se ou se escondiam detrás das caveiras queimadas pelo fogo ou as vasilhas quedas de prata cascata pulverizadas pelas habitações.

À medida que baixava, o ar se fazia mais frio e mais úmido, a pedra cada vez mais escorregadia sob as botas; o peso da escuridão era demolidor. Enquanto caminhava pelos túneis sem luz, compreendeu que Mab tinha razão; sem guia, nem sequer ela, com olhos que podiam brocar a maior escuridão, teriam encontrado o caminho para o coração da Gruta.

Mas o encontrou. O eco estava na mente do dragão e levantava ressonâncias estranhas em sua alma, uma lâmina de sentimentos e consciência cuja natureza a assustava, porque não a compreendia. Junto às portas do coração, Jenny sentiu a aura de cura que flutuava quieta no ar e o fôlego leve de um poder antigo.

Nessa série de cavernas, o ar era quente cheirava à cânfora e especiarias secas; os vermes e o aroma podre de carne abandonada tinham desaparecido. Passou pelas portas à caverna de teto abobadado no centro, onde as estalactites pálidas como fantasmas se olhavam na escuridão oleosa de um atoleiro central e se perguntou pelo poder do feitiço que mantinha essa tibieza curativa não só contra o frio nos abismos da terra, mas também durante tanto tempo depois de que tivessem morrido os que a tinham conjurado.

A magia ali era grande na verdade.

Permeavam todo o lugar; enquanto passava cautelosamente pelas habitações de meditação, de sonhos, de descanso, Jenny a sentia como uma presença viva, mais que como uma detenção dos feitiços de morte. Às vezes, a sensação era tão forte que olhava sobre seu ombro e dizia à escuridão:

—Há alguém aí? —Embora sua razão soubesse que não encontraria a ninguém. Mas como com os Murmuradores no norte, seus sentidos discutiam com sua razão; uma e outra vez estendia seus sentidos através desse lugar escuro, com o coração lhe pulsando de esperança e de medo..., não sabia bem qual dos dois. Mas não tocava nada, nada que não fora escuridão e as gotas da água que caíam eternamente dos dentes pendentes das pedras.

Havia uma magia vivente ali, uma magia que murmurava para si mesmo na escuridão... E como o toque de uma coisa horrível sobre a pele, Jenny sentiu o mal.

Tremeu e olhou a seu redor, nervosa de novo. Em uma habitação pequena, encontrou os remédios que procurava linha de frascos de vidro e jarras com plugues desse tipo de artigos de mármore verde e branco que faziam os gnomos em quantidade. Leu as etiquetas na escuridão e guardou algumas em sua bolsa; trabalhava com rapidez, em parte por uma sensação cada vez mais grande de inquietação e em parte porque sentia que o tempo lhe escapava e que a vida de John se retirava como uma maré que se acaba.

Não morrerá, disse-se com desespero, *não depois de tudo isto...*, mas em seus anos de curadora tinha chegado muito tarde a muitas camas para acreditar isso. Entretanto, sabia que as drogas talvez não seriam suficientes. Com rapidez, olhando sobre seu ombro enquanto se movia de habitação em habitação escura e silenciosa, começou a procurar os lugares interiores do poder, as bibliotecas onde os gnomos deviam guardar os livros e os cilindros de magia que faziam o verdadeiro coração da Gruta, conforme acreditava ela.

Suas botas faziam um ruído aquático sobre os chãos escorregadios e até esse pequeno ruído lhe retorcia os nervos. Como em todos os lugares habitados por gnomos, os chãos das habitações nunca estavam a um só nível: formavam uma série de terraços; até as câmaras menores tinham dois ou mais. E enquanto procurava a sensação fantasmal de que a vigiavam se fez mais forte nela, até que começou a ter medo de passar por outras portas, como se esperasse que alguma coisa má a atacasse brilhando na escuridão. Sentia um poder maior que nunca tivesse encontrado antes..., mais forte que o de Zyerne, mais forte que o do dragão. Mas não encontrou nada, nem esse mal que lhe espreitava, silencioso, nem nenhum libero de poder pelo qual pudesse transmiti-la magia ao longo dos anos entre os gnomos magos... Somente ervas, anatomias ou catálogos de enfermidades e curas. Apesar de seu medo e sua inquietação, sentia curiosidade...; Mab havia dito que os gnomos não tinham Linhas, mas o poder tinha que transmitir-se de algum modo. Assim que se obrigou a procurar, mais e mais dentro, os livros que pudessem conter esse poder.

O cansaço estava começando a debilitá-la como uma enfermidade lenta. A última noite de guarda e a noite anterior a essa pesavam nos ossos e sabia que teria que abandonar a busca. Mas sua consciência, de sua própria debilidade, de sua falta de poder, levou-na mais dentro, para o coração proibido da Gruta, procurando, desesperando-se, isso que talvez pudesse encontrar antes de voltar para a superfície ou fazer o que pudesse com o que já tinha.

Passou por uma porta para um lugar escuro que respondia com um eco a sua respiração.

Antes havia sentido frio, mas agora isso parecia nada; nada comparado com o medo que lhe congelava o coração.

Ficou de pé no lugar que tinha visto na tigela de água, nas visões da morte de John.

Impressionou-a porque tinha chegado inesperadamente. Tinha esperado encontrar um arquivo ali, um lugar de ensino, porque lhe parecia que esse era o coração e o centro dos lugares em branco nos mapas ambíguos de Dromar. Mas através da selva atada de estalactites e colunas, só viu uma escuridão vazia que cheirava levemente à cera de centenas de velas que caíam como coisas mortas nos nichos da rocha. Não havia ninguém vivo ali, mas sentiu de novo a sensação do mal e caminhou com cuidado para diante, para os espaços vazios de negrume, para o altar de pedra disforme.

Pôs as mãos sobre uma pedra tão negra que era quase azul, suave como o sabão. A seus olhos, o lugar estava cheio de murmúrios secretos, mas agora só havia silêncio. Durante um momento, redemoinhos negros se agitaram em sua mente, murmúrios incipientes de visões fragmentárias, mas passaram como uma colina sobre o chão, sem deixar sequer o gosto de um sonho.

Entretanto, foi como se levassem o último de sua força e sua vontade; sentiu-se amargamente cansada e de repente, muito assustada no lugar. Embora não ouvisse nada, voltou-se com o coração pulsando no peito com tanta força que quase podia ouvir seu eco desesperador na escuridão. Ali estava o mal, em alguma parte..., agora sabia. Sentia-o perto dela, tão perto que quase parecia pendurar-se de seu ombro. Colocou a bolsa sobre o ombro e se afastou rapidamente como um ladrão através da escuridão escorregadia do salão de baile dos gnomos, procurando os caminhos que levavam fora da escuridão, de volta para o ar, mais acima.

A mente de Morkeleb a tinha guiado ao abismo, mas agora não sentia seu toque. Seguiu as marcas que tinha feito, runas que só ela poderia ver, riscadas sobre as paredes com o dedo indicador. Enquanto subia pelas gretas e as escadas de pedra âmbar, perguntou-se se o dragão estaria morto. Uma parte dela esperava que o estivesse, pela gente dessas terras, pelos gnomos e pelo Senhor da cidadela; uma parte dela sentia a mesma dor que havia sentido de pé junto ao cadáver do dragão na ravina de Wyr. Mas havia algo nessa dor que a fazia esperar ainda mais que o dragão estivesse morto, por razões que não queria pensar muito.

A Grande Passagem estava escura como as vísceras da Gruta um pouco antes, sem sequer a pequena luz da lua que se deslizou antes de iluminá-lo; mas até na mais profunda escuridão, o ar era distinto aqui, frio mas seco e movediço, totalmente diferente do guarda quieto, pensativo do coração da Gruta.

Sua visão de maga lhe mostrou a forma escura, ossuda do corpo do dragão que jazia atravessada frente às portas, com as espadas afiadas de sua coluna levantadas e lhe apontando. Quando se aproximou, viu afundado que estava a pele de escamas sobre a curva dos ossos.

Por mais que escutasse, não ouvia nenhum murmúrio em sua mente. Mas a música que parecia encher a Sala do Mercado ainda tinha ecos ali; era leve e penetrante, com tremores dourados de som moribundo.

Estava inconsciente... , morria, pensou ela. *Crie que esse homem pode viver mais que eu?* Tinha-lhe perguntado.

Jenny desembrulhou a capa dos ombros e apoiou as dobras sobre as facas cortantes da coluna do dragão. O fio passou pelo tecido e a rasgou; adicionou a pele de cordeiro pesada de sua jaqueta e, tremendo frio que cortava as mangas leves de sua camisa, apoiou o pé sobre o maior dos espinhos. Agarrou-se outra vez no poste da porta para sustentar-se, balançou-se e saltou por cima. Durante um instante, balançou-se sobre a anca, sentiu a suavidade elegante dos ossos sob as

escamas de aço e o calor suave que irradiava do corpo do dragão; logo, saltou. Ficou de pé um instante, escutando com os ouvidos e a mente.

O dragão não se moveu. A Sala do Mercado jazia frente a ela, azul negra e marfim com a luz débil das estrelas que parecia tão brilhante depois da noite total sob a terra. Embora a lua se pusesse, cada vasilha, cada abajur pendente parecia cheia de brilho aos olhos de Jenny, cada sombra como tinta derramada. O sangue se secava embora o lugar ainda estivesse impregnado desse aroma. Osprey ainda estava tendido em um atoleiro manchado de escuridão, rodeado de arpões brilhantes. A noite parecia muito velha. Uma rajada leve de vento lhe trouxe o aroma da fumaça de madeira do fogo na Ladeira dos Curtidores.

Como um fantasma, Jenny cruzou a sala, tremendo no frio morto. Só quando chegou na noite aberta dos degraus, começou a correr.

Ao amanhecer, sentiu que a mão de John se curvava um pouco, apertando a sua.

Fazia duas noites tinha formado os feitiços de morte, tecendo uma aura de veneno e ruínas e os círculos desses feitiços ainda jaziam na terra no extremo da Ladeira. Não tinha dormido mais que uma hora a noite anterior a essa, em algum lugar do caminho para Bel, aconchegada entre os braços de John. Agora, a fumaça vagabunda do fogo não muito vivo era uma mancha de seda cinza no ar pálido da manhã e ela se sentia gelada e estranha, como se lhe tivessem lixado a pele até deixar todos os nervos expostos. E, entretanto, estava estranhamente tranqüila.

Fazia tudo o que podia lenta, meticulosamente, passo por passo, seguindo as instruções que recordava da senhora Mab como se o corpo que conhecia tão bem fora o de um desconhecido. Tinha-lhe dado os filtros e as drogas como faziam os gnomos, mediante uma agulha oca cravada nas veias e tinha posto cataplasmas nas feridas para tirar delas o veneno do sangue do dragão. Tinha esboçado as runas de cura onde as marcas das feridas cortavam os atalhos da vida no corpo de John, as tocando com o nome interior, o segredo da essência de seu homem entristecido nos feitiços. Tinha-o chamado com paciência, muitas vezes, com o nome que conhecia a alma dele, mantendo seu espírito em seu corpo com toda a força da magia que ela podia reunir, até que as drogas fizessem efeito.

Não tinha esperado ter êxito. Quando o fez, estava tão exausta que já não sentia nem dor nem alegria: era incapaz de pensar em nada que não fritara o movimento leve da caixa dessas costelas e esses olhos enegrecidos que seguiam as imagens dos sonhos de John.

Gareth disse com suavidade:

—Curará-se?

E ela assentiu. Olhou ao jovem príncipe fraco que se agachava a seu lado, junto ao fogo e lhe impressionou seu silêncio. Talvez a cercania da morte e o cansaço infinito da noite o havia posto sério. Tinha passado as horas da noite esquentando pacientemente pedras e as pondo ao redor do corpo de John como Jenny lhe tinha pedido que fizesse enquanto ela percorria a Gruta... Uma tarefa aborrecida e necessária, a que, ela estava segura, devia o fato de que John estivesse vivo quando ela voltou do ninho do dragão.

Lentamente, com os ossos machucados e doloridos, Jenny se tirou o peso escarlate da capa de John. Sentia-se acabada e cheia de dor e só queria dormir. Mas ficou de pé; sabia que havia algo mais que devia fazer, muito pior que tudo o que tinha feito antes. Foi, tropeçando, até sua bolsa de drogas e tirou as folhas castanhas de tabat que sempre levava consigo, folhas secadas ao sol para que tomassem a consistência do couro. Cortou dois em pedaços, as pôs na boca e mastigou.

A amargura retorcida das folhas era suficiente em si mesmo para despertá-la, sem falar das outras propriedades. Já as tinha mastigado antes essa noite, contra o cansaço que tinha tratado de dominá-la enquanto trabalhava. Gareth a olhou com medo, a cara larga frouxa, débil, dentro do marco disperso de seu cabelo de pontas verdes e Jenny pensou que devia estar tão cansado como ela. Linhas que antes tinham existido só como traços breves de expressões passageiras estavam agora bem marcadas em seu rosto, do nariz até os extremos da boca e ao redor dos olhos quando tirou os óculos quebrados para esfregar as pálpebras..., linhas que se aprofundariam e se fixariam em sua maturidade e sua velhice. Jenny passou as mãos pela nuvem solta do cabelo e se perguntou que aspecto tinha sua própria cara agora e que aspecto teria depois de que fizesse o que sabia que devia fazer.

Começou a pôr as drogas dentro da bolsa.

—Aonde vai?

Encontrou uma das capas de John e a envolveu ao redor de seu corpo, com os movimentos lentos pelo cansaço. Sentia as malhas esgotadas, usados, como um pedaço de tecido gasto, mas a força inquieta das folhas de tabat já corria por suas veias. Sabia que teria que tomar cuidado, porque o tabat era como um agiota; emprestava, mas tinha o costume de pedir devolução com interesses justo no momento em que um não podia dar o luxo de lhe pagar. O ar úmido parecia frio em seus pulmões; tinha a alma transida e confusa.

—A cumprir uma promessa — disse.

O moço a olhou com receio em seus olhos ansiosos cinzas enquanto ela colocava no ombro a bolsa uma vez mais e partia através do silêncio da névoa da cidade ruínosa para as Portas da Gruta.

—Morkeleb?

A voz de Jenny se dissipou como um fio de bruma na quietude da Sala do Mercado. Fora, o vapor e a sombra azul da manhã cobriam o vale e a luz ali dentro era cinza e doentia. Frente a ela, o dragão parecia um vestido de seda negro abandonado e sua forma seguia sendo os mesmos só pelos ossos. Uma asa estendida, onde tinha cansado depois das convulsões a noite anterior; as largas antenas, frouxas entre as cintas da juba. No ar ainda havia um canto leve, um canto que chamava o coração de Jenny.

Tinha-lhe dado o caminho através da Gruta, pensou; o que lhe devia era a vida de John. Tratou de dizer que essa era a única razão pela qual ela não queria que essa beleza terrível morresse.

Sua voz ressonou entre as torres de marfim suspenso do teto.

—Morkeleb!

O murmúrio tocou na mente de Jenny, e soube que ele a tinha ouvido. Uma antena delicada, como de caranguejo, moveu-se de repente. As pálpebras dos olhos de prata se abriram uns centímetros. Pela primeira vez, Jenny viu a delicadeza dessas pálpebras, manchados com suaves tinturas de verde e violeta dentro do negrume. Olhou nas profundidades brancas que escondiam em parte e teve medo, mas não medo por seu corpo; sentiu outra vez os ventos cruzados do presente e o futuro se acaso, levantando-se através dos abismos da dúvida. Jenny chamou à calma nela, como chamava as nuvens ou os pássaros dos espinheiros e se sentiu bastante surpreendida ante a firmeza de sua própria voz.

—me dê seu nome.

A vida se moveu nele de novo, um calor de ouro que Jenny sentiu através do canto no ar. Fúria e resistência; resistência amarga até o final.

—Não posso te salvar sem saber seu nome — disse ela—. Se for dos limites de sua carne, necessito algo para te chamar de novo.

A raiva fundida surgiu ainda através da debilidade e a dor. Ela recordou ao Caerdinn que lhe dizia:

—Salva a um dragão, faz-o seu escravo.

Naquele tempo, ela não conhecia ninguém que pudesse desejar salvar a vida de uma criatura como essa nem a razão pela qual fazê-lo poria algo tão grande dentro do alcance do poder do salvador. Serpente pela cabeça; pelo pescoço, cavalo...

—Morkeleb! —Ela se adiantou, esquecendo o medo que lhe tinha, talvez pela raiva e o medo de que morrera, talvez só pelas folhas de tabat, e pôs as mãos pequenas sobre a pele suave ao redor dos olhos. As escamas ali eram mais pequenas que a ponta de uma agulha. A pele parecia seda seca sob sua mão, palpitante de vida cálida. Sentiu outra vez essa sensação, metade medo, metade respeito, a sensação que se sente ao dar um passo por um caminho que não deve transitar-se, e se perguntou se não seria melhor e mais sábio dar meia volta e deixá-lo morrer. Sabia o que era o dragão. Mas agora que o havia meio doido, agora que tinha cuidadoso nesses olhos de diamante, tivesse-lhe resultado mais fácil deixar sua própria vida.

No fulgor do canto dentro de sua mente, uma toada só pareceu desprender do resto, como se o fio que unia os nós complexos das muitas harmonias tivesse tomado de repente outra cor. Ela o reconheceu em seguida em sua totalidade, a partir dos poucos fragmentos truncados que Caerdinn tinha assobiado para ela em um jardim um dia do verão. A música mesma era o nome do dragão.

Escapava-lhe entre os dedos, suaves como cintas de seda; agarrou-a e começou a trançá-la em seus feitiços, tecendo-a como uma toga de cristal ao redor da alma moribunda do dragão. Através das voltas da música, Jenny viu a entrada às massas estreladas, profundas da mente interna do animal e de seu coração e sob a luz tremente que havia ali, pareceu-lhe ver os atalhos que devia tomar para curar esse corpo.

Havia trazido com ela as drogas da Gruta, mas agora se deu conta de que eram inúteis. Os dragões se curavam a si mesmos e um a outro só através da mente. Às vezes, nas horas que seguiram, sentiu-se aterrorizada por essa cura; outras, só exausta, esgotada além de tudo o que tivesse experimentado ou imaginado antes, até na larga noite anterior. Seu cansaço cresceu, alagou seu corpo e seu cérebro em uma agonia cada vez maior, enquanto ela brigava para arrastar do outro lado de uma barreira, a força vasta, nebulosa que atirava dela para a outra força por cima dessa mesma fronteira. Não era o que ela tinha pensado fazer, porque não tinha nada que haver curando seres humanos ou animais. Jenny conjurou as últimas reservas de seu poder, cavando

em busca de forças esquecidas na medula dos ossos para brigar pela vida do dragão e pela própria. Aferrar-se às cordas dessa vida enorme lhe roubou toda sua fortaleza e ainda mais; e em uma espécie de delírio, compreendeu que se ele morria, ela morreria com ele, tão enredada estava sua essência nas meadas estreladas da alma do dragão. Alcançou ao ver algo do futuro, pequeno e claro como uma imagem em seu cristal redondo: se ela morria, John morreria no mesmo dia e Gareth duraria um pouco menos de sete anos, como um tronco seco cavado lentamente pelos poderes pervertidos de Zyerne. Jenny voltou a vista e se aferrou à força pequena (mas firme como uma rocha) pelo que sabia: os feitiços do velho Caerdinn e sua própria meditação larga na solidão das pedras de Colina Gelada.

Duas vezes chamou o Morkaleb por seu nome, atando sua música aos feitiços que tinha aprendido tão laboriosamente, runa por runa, esforçando-se por ficar atada a sua vida com a lembrança das coisas familiares: as formas das folhas do novelo, a genciana e a unha de cão, os rastros da lebre sobre a neve e as toadas selvagens, vagabundas tocadas com a flauta de John nas noites do verão. Sentiu a força do dragão que se movia e o eco de seu nome que retornava para ela.

Não recordava ter dormido depois. Mas despertou com o calor da luz do sol sobre o cabelo. Através das portas abertas da Gruta, via a cara ameaçadora dos escarpados manchados de ouro e zinabre pela luz inclinada da tarde. Voltou a cabeça e viu que o dragão se moveu e dormia também, as grandes asas pregadas outra vez e o queixo sobre as patas dianteiras, como um cão. Nas sombras, era quase invisível.

Ela não via se respirava ou não, mas se perguntou se alguma vez o tinha feito. Respiravam os dragões?

Alagou-a uma quietude especial que a tampou como areia fina como a seda. Quão último ficava das folhas de tabat se queimou em suas veias e esse cansaço se adicionava ao resto. Limada, seca, consumida, só queria dormir outra vez, hora detrás hora, dias se era possível.

Mas sabia que não podia fazê-lo. Tinha salvado ao Morkaleb, mas não se enganava acreditando que isso lhe permitiria dormir a salvo em sua presença, uma vez que ele tivesse recuperado algo de sua força. Riu com um fio distante de humor ante si mesmo; Ian e Adric, pensou, gabariam-se ante todos os meninos da aldeia dizendo que sua mãe podia dormir no ninho de um dragão..., isso, se é que alguma vez retornava para contar-lhes. Os ossos lhe doíam com o mais mínimo movimento. O peso da roupa e o cabelo penduravam nela como uma cota de malha quando ficou de pé.

Cambaleou até as Portas e ficou ali de pé, um instante, recostada contra o granito talhado e primitivo do vasto pilar; a liberdade do ar seco, vivo, tocou-lhe a cara. Voltou a cabeça, olhou de novo sobre seu ombro e encontrou os olhos abertos do dragão. Essas profundidades olharam as suas um segundo, flores cristalinas de branco e prata, como poços brilhantes de raiva e ódio. Logo, fecharam-se de novo. Ela saiu das sombras por volta do fulgor da tarde.

Tinha o corpo e a mente intumescidos enquanto caminhava de volta através de Grutas. Tudo parecia estranho e trocado; a sombra de cada pedra e cada erva daninha, uma coisa de significado novo e desconhecido para ela, como se durante anos tivesse caminhado quase às cegas e só agora se desse conta. Ao norte da cidade, subiu pelas rochas até os tanques de água, lacunas profundas e negros atalhos sobre os ossos da montanha, com o sol brilhante sobre suas superfícies opacas. Despiu-se e nadou embora a água estivesse muito fria. Depois ficou estendida um comprido momento sobre sua roupa, sonhando quem sabe o que. O vento roçou suas costas e suas pernas nuas como pequenos rastros de passos e o baile do sol trocou na lacuna quando as sombras se arrastaram sobre a água negra. Jenny sentiu que lhe tivesse gostado de chorar, mas estava muito cansada para isso.

Ao cabo de um momento, levantou-se, vestiu-se de novo e voltou para acampamento. Gareth estava dormindo, sentado com os joelhos recolhidos e a cara apoiada sobre os braços cruzados, perto das cinzas brilhantes do fogo.

Ajoelhou-se junto John e lhe tocou as mãos e a cara. Pareciam mais mornos embora não detectava nada de sangue superficial sob a pele leve, loira. Entretanto, as sobrancelhas e o montão avermelhado da barba já não pareciam tão escuros. Tendeu-se a seu lado, o corpo contra o do homem debaixo das mantas e dormiu.

Na calidez adormecida do despertar, Jenny ouviu murmurar John:

—Acreditei que foi você que me chamava. —Seu fôlego era só um toque leve contra o cabelo dela. Jenny piscou e terminou de despertar. A luz tinha trocado de novo. Vinha a alvorada.

—O que? —disse ela e se sentou, sacudindo o cabelo da cara. Ainda se sentia mortalmente cansada, mas estava faminta. Gareth estava de joelhos junto ao fogo, despenteado e sem barbear com os óculos escorregando pela ponta do nariz, fazendo tortas na frigideira. Ela notou que as arrumava melhor do que tinha podia John em toda sua vida.

—Pensava que nunca íeis despertar - disse Gareth.

—Eu também o pensava, herói - murmurou John. Sua voz estava muito fraca para chegar muito longe, mas Jenny a ouviu e sorriu.

Ficou de pé com esforço, voltou a subir a saia sobre a camisa enrugada, atou o espartilho e colocou as botas enquanto Gareth punha água para ferver sobre os carvões para o café, um gole negro e amargo muito popular na corte. Enquanto o moço procurava mais água do riacho nos bosques além da destruída casa da fonte, Jenny agarrou um pouco de água fervida para renovar as cataplasmas de John e benzeu a simplicidade das curas dos seres humanos; o aroma das ervas logo encheu a pequena clareira entre as ruínas com o aroma quente, estranho do gole negro. John

dormiu de novo, inclusive antes que Jenny tivesse terminado com a vendagem, mas Gareth procurou alguns pães e mel e se sentou com o Jenny junto ao fogo do café da manhã.

—Não sabia o que fazer, foi-se tanto tempo —disse ele com a boca cheia de torta—. Pensei em lhe seguir, que talvez necessitava ajuda, mas não queria deixar John sozinho. Além disso - adicionou com um sorriso—, nunca me arrumei para lhes resgatar de nada até agora.

Jenny riu e disse:

—Fez bem.

—E a promessa?

—Cumpri-a.

Ele deixou escapar o fôlego com um suspiro e inclinou a cabeça como se livrasse de um grande peso. Depois de um momento, disse com acanhamento:

—Enquanto lhes esperava, fiz uma canção..., uma balada. Sobre a morte de Morkeleb, o Dragão Negro da Parede de Nast. Não é muito boa...

—Não serve — disse Jenny com lentidão, e se lambeu o mel dos dedos—. Morkeleb não está morto.

Ele a olhou com os olhos muito abertos, como aquela vez em que John lhe havia dito que tinha matado o Dragão Dourado de Wyr com uma tocha.

—Mas pensei..., a promessa não foi John..., de matá-lo se... Se John não podia?

Ela meneou a cabeça e a nuvem escura de seu cabelo se enredou no velo sujo do pescoço de sua jaqueta.

—Minha promessa foi a Morkeleb — disse —, e lhe prometi que o curaria.

Ficou de pé e caminhou até onde estava John, deixando atrás Gareth que a olhava com uma surpresa incrédula, espantada.

Passou um dia antes que Jenny voltasse para a Gruta. Ficou perto do acampamento, cuidando de John e lavando a roupa..., uma tarefa mundana, mas necessária. Para sua surpresa, Gareth lhe ajudou trazendo água do riacho sem falar muito. Sabendo que necessitaria sua força, Jenny dormiu muito, mas seus sonhos foram inquietantes. Suas horas de vigília estavam carregadas da sensação de que a vigiavam. Disse-se que isso era só porque Morkeleb, ao despertar, devia ter estendido sua consciência pelo vale e provavelmente sabia onde estavam, mas certo conhecimento estranho que tinha adquirido nos labirintos da mente do dragão não lhe permitia acreditá-lo de tudo.

Dava-se conta de que Gareth também a vigiava, sobre tudo quando acreditava que ela não se dava conta.

Também notava outras coisas. Nunca tinha sido tão consciente dos caminhos e as voltas do vento e das atividades insignificantes dos animais nos bosques que a rodeavam. Encontrou-se presa de contemplações estranhas e de um estranho conhecimento de coisas antes insuspeitadas: como cresciam as nuvens e por que o vento corria como o faz, como sabem os pássaros o caminho ao sul e por que, em alguns lugares do mundo, em certo momento, podem ouvir-se vozes que falam com clareza no ar vazio. Tivesse-lhe gostado de acreditar que essas mudanças a assustavam porque não os compreendia, mas o certo era que a razão de seu medo era que os entendia.

Enquanto dormia pela tarde, ouviu que Gareth falava disso John e os viu e os escutou através das profundidades de seus sonhos alterados.

—Ela o curou - ouviu murmurar Gareth e era consciente do príncipe junto à cama de peles de urso e capas em que jazia John—. Acredito que lhe prometeu fazê-lo em troca de que ele a deixasse passar para procurar as drogas.

John suspirou e moveu um pouco uma mão enfaixada sobre seu peito.

—Talvez tivesse sido melhor que me deixasse morrer.

—Acredita...? —Gareth engoliu seco, nervoso e jogou um olhar para o Jenny como se soubesse que ainda dormia, ela o ouvia—. Crie que a enfeitiçou?

John ficou calado por um momento, olhando os abismos de céu sobre o vale e pensando. Embora o ar estivesse quieto abaixo, grandes ventos rasgavam a atmosfera por cima, reunindo enormes massas de nuvens cinza como o carvão, cegadoramente brancas, contra os flancos fracos das montanhas. Finalmente, disse:

—Acredito que se houvesse outra mente controlando a sua, eu me daria conta. Ou eu gosto de me adular pensando assim. Dizem que nunca terá que olhar aos olhos de um dragão para que não possa realizar seus feitiços. Mas ela é forte.

Voltou a cabeça um pouco e olhou o lugar em que estava estendida Jenny, tratando de enfocá-la com seus olhos míopes e castanhos. A pele nua aos lados das vendagens de seus braços e peito estava lívida de golpes e semeada de pequenas cicatrizes onde os elos quebrados da cota de malha se arrastaram sobre ela.

—Quando sonhava com ela, não parecia quão mesmo estando acordada. Quando delirava, sonhei com ela..., e era como se agora fora mais ela mesma, não menos. —Suspirou e olhou Gareth—. Antes estava ciumento dela, sabe? Não de outro homem, a não ser ciumento dela mesma, dessa parte dela que não me daria nunca..., embora saiba Deus para que o quisesse eu então. Quem foi que disse que o ciúme é o único vício que não dá nenhum prazer? Mas isso foi o primeiro que tive que aprender sobre ela e talvez o mais difícil que tenha aprendido jamais sobre algo...: que ela é dela mesma e que o que me dá, dá-me isso porque me quer dar isso e, portanto é mais precioso. Às vezes, uma mariposa vem sentar-se em sua mão aberta mas se a fechar, de uma forma ou outra, a mariposa..., e sua decisão de estar ali, vão.

Dali, Jenny se deixou ir a sonhos mais profundos, sonhos da escuridão terrível do Ylferdun e da magia profunda que havia sentido escondida nos Lugares de Cura. Como se houvesse uma grande distancia, viu seus filhos, seus meninos, a quem nunca tinha querido conceber e tinha dado a luz só para John, mas a quem amava de uma maneira inquieta, sem querer e com um coração desesperadamente dividido. Com sua vista de maga, via-os sentados em sua cama com cortinas na escuridão enquanto o vento arrojava neve contra as paredes da torre; não dormiam, contavam-se contos sobre a forma em que seu pai e sua mãe matariam ao dragão e voltariam com caravanas e caravanas de ouro.

Despertou quando o sol tinha baixado três quartos no céu para a crista aguda do escarpado. O vento tinha trocado; agora todo o vale cheirava a neve e a agulhas de pinheiro das altas ladeiras. O ar nas sombras inclinadas e cambiantes era frio e úmido.

John estava dormindo, envolto em todas as mantas e capas do acampamento. Ouvia-se a voz de Gareth nos bosques perto da pequena fonte de pedra, cantando toadas desafinadas e românticas sobre a paixão, para prazer dos cavalos. Jenny se moveu em seu silêncio habitual. Atou-se o espartilho, colocou as botas e a jaqueta de couro de ovelha. Pensou em comer algo, mas decidiu que não. A comida quebraria sua concentração e sentia que necessitava cada fio de força e capacidade que pudesse reunir para estar alerta.

Deteve-se por um momento e olhou a seu redor. A velha sensação desagradável de que a vigiavam voltou para ela, como se uma mão lhe tocasse o cotovelo. Mas também sentia o tinido leve do poder de Morkeleb na parte posterior de sua mente e sabia que a força do dragão voltava muito mais rapidamente que a do homem que quase tinha matado.

Teria que atuar e atuar agora e a idéia lhe enchia de medo.

—*Salva a um dragão, faz-o seu escravo* — havia dito Caerdínn. Jenny era consciente agora da pequenez de seus próprios poderes e isso a aterrorizava, sobre tudo porque sabia contra o que teria que medi-los. Ou seja, que ao final assim era como tinha pagado pelo amor de John, disse-se, com ironia. Tinha-o pago com uma batalha que não podia esperar ganhar. Involuntariamente, outra parte dela pensou que ao menos não era a vida de John a não ser a dela mesma a que estaria em jogo e meneou a cabeça maravilhada pelas tolices do amor. Com razão sempre se advertia aos poderosos contra o amor, pensou.

E quanto ao dragão, tinha a sensação, quase o instinto, pelo que devia fazer, uma sensação estranha a ela e, entretanto, terrivelmente clara. Pulsava-lhe o coração quando escolheu uma capa suja e rasgada da pilha sob a qual jazia John. As brisas leves jogaram com as bordas quando a colocou sobre os ombros; suas cores se desvaneceram entre os tons mudos da erva daninha e a pedra quando caminhou em silêncio até o limite da Ladeira uma vez mais e tomou o atalho que levava a Gruta.

Morkeleb já não estava na Sala do Mercado. Jenny seguiu seu aroma através das portas interiores maciças e com o passar da Grande Passagem, um aroma que era acre, mas não desagradável, muito diferente do fedor ardente e metálico de seus venenos. Os ecos leves dos passos da maga eram como água longínqua que gotejasse silenciosa nas abóbadas da passagem. Sabia que Morkeleb os ouviria sentado sobre seu ouro na escuridão. Pensou que até ouviria o batimento de seu coração.

Como havia dito Dromar, o dragão tinha seu ninho no Templo de Sarmendes, umas centenas de metros abaixo pela passagem. O Templo tinha sido construído para os filhos dos homens e, portanto o tinham esculpido em forma de habitação e não de cova. Das portas recamadas de ouro e marfim, Jenny olhou a seu redor; seus olhos perfuraram a escuridão absoluta e viram como as estalactites que se elevavam do solo a tinham sido esculpidas como pilares e como se construíram paredes para dissimular a forma irregular da rocha original da caverna. Solo estava alisado em um só nível; a estátua do deus, com sua lira e seu arco, tinha sido esculpida em mármore nas pedreiras reais do Istmark, igual ao altar com suas grinaldas esculpidas. Mas nada disso podia ocultar o tamanho do lugar, nem a grandeza enorme, irregular de suas proporções. Sobre essas paredes classicamente modestas se arqueava o teto, um labirinto de cristal e sentiu que punha no lugar a marca de um pouco fabricado pela natureza e timidamente convertido em lar pelo homem.

O aroma do dragão era mais espesso, embora estivesse limpo de podridão e lixo. Em seu lugar, chão estava cheio de ouro, todo o ouro da Gruta, pratos, vasilhas sagradas, relicários de Santos e semi-deuses esquecidos amontoados entre os pilares e ao redor das estátuas; pequenas vasilhas cosméticos que cheiravam a bálsamo, candelabros com tremores de pérolas que pendiam como folhas de álamo no vento da primavera, taças com borde que brilhavam com o fogo escuro das jóias, uma estátua votiva de Salernesse, Senhora das Bestas, de um metro de altura e em ouro maciço... Todas as coisas que os gnomos ou os homens tinham fabricado nesse metal suave e brilhante tinham chegado até aqui dos túneis mais longínquos da Gruta. O chão era como uma praia com as moedas envoltas que se esparramaram das bolsas rasgadas e através de todo isso, via-se o brilho da escuridão do chão como água reunida em poços sobre a areia.

Morkeleb estava estendido sobre o ouro, as vastas asas pregadas aos flancos do corpo, as pontas cruzadas sobre a cauda, negro como o carvão e quase brilhante, os olhos de cristal como abajures na escuridão. O canto doce, terrível, que Jenny tinha sentido com tanta força tinha desaparecido, mas o ar vibrava ao redor do dragão com música inaudível.

—Morkeleb — disse ela com suavidade e a palavra murmurou de volta para ela da selva de espinhos brilhantes por cima de sua cabeça. Jenny sentiu os olhos de prata sobre ela e procurou, a provas, no labirinto negro dessa mente.

Por que ouro? Perguntou. Por que os dragões desejam o ouro dos homens?

Não era o que tinha pensado lhe dizer e sentiu que algo mais se movia por debaixo da irritação enroscada e os receios do dragão.

Parece-te que é teu assunto, mulher maga?

Assunto meu me diz, a mim que voltei aqui para te salvar a vida? Tivesse sido melhor para mim e para ti que te deixasse morrer.

Por que voltou então?

Havia duas respostas. A que lhe deu foi:

Porque ficou entendido que se você me dava o caminho até o coração da Gruta, eu te curaria e te daria a vida. Mas nessa cura, você me deu seu nome, Morkeleb o Negro.

E o nome que disse em sua mente era a cinta de música que era o verdadeiro nome do dragão, sua essência; e viu que ele se encolhia para ouvi-lo.

Dizem: «Salva um dragão, faz-o seu escravo, e por seu nome fará o que eu te peça.»

A onda de fúria contra ela foi como uma onda escura e ao longo dos flancos do dragão as escalas afiadas como facas se levantaram um pouco, como o cabelo de um cão que se arrepiava. Ao redor deles no negrume do Templo, o ouro parecia sussurrar, levando nele a colina da raiva do dragão.

Sou Morkeleb o Negro. Não sou nem serei escravo de nada nem de ninguém, e a menos que nada de uma mulher humana, seja maga ou não. Eu não cumpro os desejos de ninguém, só meus.

O peso amargo dos pensamentos estranhos caiu sobre o Jenny, com mais força que a escuridão. Mas os olhos dela eram os olhos de um mago, olhos que viam na escuridão; sua mente tinha um tipo de fulgor iluminado que não tinha estado ali antes. Não lhe tinha medo agora; uma força estranha que não tinha sabido que possuía se movia em seu interior. Murmurou a magia do nome do dragão como tivesse formado as notas sobre sua harpa, em toda sua complexidade de

nós, e o viu encolher-se um pouco outra vez. Suas garras afiadas como navalhas se moveram um pouco sobre o ouro.

Por seu nome, Morkeleb o Negro, repetiu ela, fará o que eu te peça. E por seu nome, digo-te que não fará mal algum, nem John Aversin nem ao príncipe Gareth, nem a nenhum ser humano enquanto esteja no sul. Quando estiver forte para empreender a viagem, deixará este lugar e voltará para seu lar.

A ira se desprende das escamas como um calor e se refletiu de novo para ele sobre o ouro cheio de murmúrios. Jenny sentiu nela o orgulho de ferro dos dragões e seu desprezo para a humanidade e também a dor furiosa de Morkeleb ao ver-se separado do tesouro que tinha conquistado fazia tão pouco. Durante um momento, as almas dos dois se encontraram e se travaram em luta, retorcendo-se juntas como serpentes que brigam pelo triunfo. A maré de sua nova força cresceu no Jenny, maior e mais segura cada vez, como se tirasse vida do combate mesmo. O terror e a excitação a alagaram como as folhas de tabat, só que isto era muito mais forte, e deixou de lado a preocupação pelas limitações de seu corpo e brigou contra o dragão em sua mente, retorcendo a cadeia brilhante de seu nome verdadeiro.

Sentiu o fluxo de sua raiva venenosa, mas não o deixou ir.

Se me matas, arrastarei-te comigo para a morte, pensou ela. Porque embora me mate não soltarei seu nome.

A força que estava quebrando os tendões da mente de Jenny retrocedeu, mas os olhos do dragão seguiam fixos nos dela. Os pensamentos de Jenny se alagaram de imagens e lembranças pela metade, como as visões do coração da Gruta; coisas que não compreendia, coisas aterrorizantes, perturbadoras em sua qualidade alheias. Sentiu a vertigem descendente do voo na escuridão; viu montanhas negras que faziam sombras, desertos vermelhos que o vento não tocava dos começos do tempo, desertos habitados por aranhas de cristal que viviam do sal. Eram lembranças de um dragão, lembranças que a confundiam, levavam-na para um lugar onde a mente dele se fecharia sobre a dela como uma armadilha, e ela se aferrou com força às coisas de sua própria vida que conhecia bem e a sua lembrança da música do velho Caerdinn, que assobiava a toada inconclusa do nome verdadeiro de Morkeleb. Nessa toada enroscou seus próprios feitiços de esgotamento e rendição, mesclando-os com o ritmo do coração do dragão, esse ritmo que tinha aprendido tão bem na cura. Assim sentiu uma vez mais que a mente dele se retirava da sua.

A raiva do animal era como a ameaça do céu tormentoso que se amontoava ao redor de Jenny; ele se elevava junto a ela, ameaçador, como uma nuvem que leva o raio em seu seio. Logo, sem aviso, atacou-a como uma víbora, uma garra de ossos finos levantado para golpeá-la.

Não o fará, disse ela enquanto o coração lhe encolhia de terror e todos seus músculos lutavam por empreender a fuga... Não poderia atacá-la porque ela tinha seu nome e ele sabia... Tinha-o salvado; tinha que obedecê-la... A mente de Jenny se aferrou à música do nome quando as garras descenderam. O vento do ataque lhe moveu o cabelo e as folhas de sabre passaram a menos de meio metro de sua cara. Olhos brancos a olharam, muito abertos, brilhantes de ódio, a raiva do dragão golpeou contra ela como uma tormenta.

Logo, ele se acomodou de novo lentamente sobre sua cama de ouro. O aroma de sua derrota no ar era como o da madeira cheia de vermes.

Preferiu me dar seu nome do que morrer, Morkeleb.

Jenny tocou a música de seu nome e sentiu como o poder cada vez mais grande que havia nela murmurava no ouro contra o poder dele.

Irá destas terras e não voltará.

Durante um momento mais, sentiu sua raiva, seu rancor e a fúria de seu orgulho humilhado. Mas havia algo mais no brilho congelado e precioso de seu olhar, a idéia de que não podia desprezar a essa mulher. Disse com calma:

Não entende?

Jenny meneou a cabeça. Olhou ao seu redor outra vez no templo, os arcos escuros empilhados até muito acima com mais ouro do que ela tivesse visto nunca antes, um tesouro mais fabuloso que qualquer outro na terra. Teria comprado todo Bel e as almas da maioria dos homens que viviam ali. Mas talvez porque ela não sentia muita atração para o ouro, teve que perguntar de novo.

Por que ouro, Morkeleb? Foi o ouro o que te trouxe aqui?

Ele baixou a cabeça de novo e a pôs entre as patas, e ao redor deles o ouro vibrou com o murmúrio do nome do dragão.

Foi o ouro e os sonhos do ouro, disse. Sentia-me insatisfeito, contudo; o desejo crescia em mim quando dormia. Não compreende, mulher maga, o amor que sentem os dragões pelo ouro?

Ela voltou a menear a cabeça.

Só que o desejam, como os homens.

Uma luz rosada e vermelha brilhou nas janelas do nariz do dragão quando espirrou com desprezo.

Os homens... Disse com suavidade. Não entendem o ouro; não entendem o que há nele e o que pode chegar a ser. Vêem aqui, mulher maga. Ponha sua mão sobre mim e escuta com minha mente.

Ela duvidou. Pensava que podia ser uma armadilha, mas sua curiosidade de maga a levou para diante. Caminhou sobre as pilhas irregulares, cheia de anéis, pratos e candelabros para pôr a mão de novo sobre a pele, debaixo do grande olho do dragão. Como antes, era cálida, nada parecida com a pele de um réptil e suave como a seda. A mente dele tocou a dela como uma mão firme na escuridão.

Em milhares de vozes susurrantes, ouviu como o ouro recolhia a música do nome do dragão. Os matizes fundidos do pensamento se magnificaram e se fizeram mais ricos, distintos, como perfumes sutis perfuraram seu coração com beleza. Jenny pareceu que podia identificar cada peça de ouro dentro dessa câmara enorme por seu som separado e diferente e ouvir a curva da gaita de uma vasilha, as vozes doces de cada uma das moedas, de cada fivela e o tinido doce encerrado no coração de cristal de cada jóia.

Sua mente, em contato com a do dragão, dobrou-se de prazer e quase de dor pela carícia dessa doçura impressionante enquanto os ecos despertavam ressonâncias e respostas. Lembranças de crepúsculos cor pomba na colina que era seu lar a chamaram com a alegria profunda das noites de inverno passadas sobre as peles de urso frente ao fogo de Forte Alyn, com o John e seus filhos a seu lado. Uma felicidade sem nome a percorreu de ponta a ponta quebrando as defesas de seu coração enquanto a intensidade da música crescia e sabia que Morkeleb sentia o mesmo nas profundidades quiméricas de sua mente.

Quando a música se desvaneceu, deu-se conta de que tinha fechado os olhos e tinha as bochechas cheias de lágrimas. Olhou a seu redor e embora a habitação estivesse tão negra como antes, pensou que a lembrança da canção do dragão estava no ouro ainda e que uma leve luminosidade permanecia no metal a pesar do silêncio.

Depois de um momento, disse:

É por isso que os homens dizem que o ouro de um dragão está envenenado. E outros dizem que traz sorte..., mas é que está carregado de desejos e de música, e até os parvos o sentem nos dedos.

Assim é, murmurou a voz do dragão em sua mente.

Mas os dragões não podem tirar o ouro da terra, nem trabalhá-lo. Só os gnomos e os filhos dos homens.

Somos como as baleias que vivem no mar, disse ele, civilizações sem aparelhos. Vivemos entre a rocha e o céu em nossas ilhas nos oceanos do norte. Fazemos o ninho em pedras que têm ouro, mas é impuro. Só com o ouro puro se pode fazer esta música. Entende agora?

Compartilhar esse conhecimento tinha quebrado algo entre os dois e ela já não tinha medo dele. Sentou-se perto da curva ossuda de seus ombros e tomou uma taça de ouro do tesouro. Enquanto lhe dava voltas em suas mãos, sentiu que poderia havê-la reconhecido entre outras doze idênticas. Seu som era claro e individual em sua mente; o eco da música do dragão se aferrava a ela como a lembrança de um perfume. Viu a precisão com que estava formada a taça, depurada e muito polida; as asas, pequenas damas com grinaldas torcidas no cabelo que caía como um riacho sobre o corpo da taça; microscopicamente finas, as flores podiam reconhecer-se: eram lírios de esperança e rosas de desejos satisfeitos. Morkeleb tinha matado ao dono dessa taça, pensou Jenny para si mesmo, só pela música incrível que podia fazer com o ouro. Entretanto, seu amor pela música tinha tão pouco que ver com a beleza da música mesma como o amor que Jenny sentia por seus filhos com o aspecto agradável e de aparência agradável dos dois (qualidade que sem dúvida alguma tinham, pensou ela).

Como soube que isto estava aqui?

Crie que nós, que vivemos centenas e centenas de anos, não conhecemos as idas e vindas dos homens? Onde constroem suas cidades e com quem comercializam e no que? Sou velho, Jenny Waynest. Até entre os dragões, minha magia se considera grande. Nasci antes que viéssemos a este mundo; posso cheirar o ouro nos ossos da terra e seguir seu caminho por quilômetros, como você segue a água subterrânea com um ramo de castanho. As gretas de ouro da parede chegam à superfície como os grandes salmões do norte que se elevam fora da água para desovar.

As palavras do dragão falavam na mente de Jenny, e na mente teve uma visão breve, distante da Terra, como a viam os dragões, estendida como um tapete salpicado de púrpura e verde e castanho. Viu a pele esverdeada dos bosques de Wyr, as formas imensamente delicadas, como de nuvem, das taças dos altos carvalhos, frágeis e cheias de fios pelo inverno, e viu como, para o norte, desapareciam e as substituíam os dentes primitivos, agudos dos pinheiros e os abetos. Viu as pedras cinza e brancas das nuas Terras de Inverno, manchadas de todas as cores do arco íris com líquenes e musgos no verão e viu como as formas grandes, dos salmões de um metro de comprimento se moviam sob as águas dos rios, e sob a sombra azul, deslumbrante, das asas do dragão. Durante um instante, foi como se pudesse sentir o ar a seu redor, agarrando-a e sustentando-a como a água; seus correntes e contracorrentes, suas mudanças do calor ao frio.

Logo, sentiu que a mente dele se fechava a seu redor, como os dentes de uma armadilha. Durante um instante, ficou encerrada na escuridão sufocante, uma escuridão que nem sequer os olhos de um mago podiam penetrar. O horror lhe esmagou. Não podia mover-se nem pensar; sentia só o prazer ácido do dragão ao seu redor e debaixo dela, abrindo-se de repente, um desespero sem fundo.

Logo, como lhe tinha ensinado Caerdinn, como tinha feito ao curar John, como fazia sempre dentro dos limites de sua magia pequena, obrigou a sua mente a acalmar-se e começou a trabalhar runa por runa, nota por nota, concentrando-se com toda sua mente só em um elemento em particular. Sentiu como a raiva do dragão a sufocava como um mar quente de noites, mas abriu uma greta de luz ali como um martelo e dentro dessa greta pôs a música do nome do dragão, convertida em espada por seus feitiços.

Sentiu que a mente do dragão se encolhia e se rendia. Então, pôde ver de novo e se encontrou, sobre seus pés, entre pilhas de ouro que lhe chegavam até os joelhos com a enorme forma negra que retrocedia furiosa por diante. Esta vez, ela não o deixou ir: arrojou sua própria raiva e sua vontade atrás dele, jogando com a música de seu nome e tecendo-o nos fogos que podiam queimar sua essência.

Todos os feitiços de ruína e dor que tinha posto no veneno alagaram sua mente; mas, como a fúria que tinha sentido ante os bandidos no cruzamento de caminho fazia já tantas semanas, sua raiva não tinha ódio e não lhe oferecia sustento para entrar em sua mente. Ele retrocedeu, e a grande cabeça baixou até que as cintas da juba varreram as moedas com um tinido deslizante.

Envolta em uma raiva de magia e fogo, Jenny disse:

Não me dominará, Morkaleb o Negro..., nem com seu poder nem com seus truques. Eu te salvei a vida e fará o que te peça. Por seu nome, irá e não voltará para o sul. Ouve-me?

Sentiu que o dragão resistia e pôs toda sua vontade e sua força e seus novos poderes contra ele.

Como o corpo de um lutador, sentiu como a raiva escura, sulfúrica, deslizava-se debaixo da pressão de sua vontade; afastou-se quase instintivamente e o encarou. Agachava-se contra a parede como uma cobra vasta, negra como a tinta, com todas as escamas brilhantes de raiva.

Ela o ouviu murmurar:

Ouçó-te, mulher maga.

E ouviu, na voz fria, a ressonância não só de sua fúria enlouquecida ao ver-se humilhado, mas também da surpresa que sentia pelo fato que ela tivesse podido fazê-lo.

Jenny se voltou sem dizer nenhuma palavra e saiu do templo para a praça de luz difusa que se abria na habitação exterior da Gruta, ao final da Grande Passagem, e para as Grandes Leva mais à frente.

Quando Jenny subiu os degraus da Gruta, estava tremendo de cansaço e de um ataque de sentido comum que lhe dizia que deveria ter estado aterrorizada. Entretanto, sentia muito pouco medo de Morkeleb, inclusive depois de seus truques e de sua raiva. Doía-lhe o corpo - o poder que tinha usado contra ele tinha sido muito mais do que seu corpo estava acostumado a sustentar — mas tinha a cabeça clara e alerta, sem que o cansaço lhe esmagassem o que sentia cada vez que abusava de seus poderes. Dava-se conta até a ponta dos dedos da profundidade e a grandeza da magia do dragão e também de sua própria força contra ele.

O vento da noite lhe açoitou a cara. O sol se afundou detrás da crista aguda da cadeia do oeste e embora ainda houvesse luz no céu, a Gruta jazia no fundo de um lago de sombras. Jenny se sentiu consciente de muitas coisas que passavam no vale; a maioria delas tinha pouco haver com os assuntos dos dragões ou da humanidade: o canto de um só grilo sob uma pedra queimada, a sacudida de uma cauda de esquilo que fugia de seu casal e os vôos dos pinzones que procuravam o ninho para a noite. Onde o caminho dava voltas para baixo ao redor de uma pilha suja de ruínas que alguma vez tinha sido uma casa, viu o esqueleto de um homem deitado na erva daninha, com a bolsa de ouro que aferrava ao morrer aberta em duas e as moedas cantando brandamente no lugar onde tinham descansado entre as costelas.

Deu-se conta, de repente, de que alguém mais tinha entrado no vale.

Era parecido a um som, mas não se ouvia. O sentido da magia chegou até ela como a fumaça em uma mudança de vento. Ficou imóvel entre os arbustos secos de retama; os fios frios da brisa que baixava dos matagais jogaram em sua capa. Havia magia no vale, sobre o escarpado. Ela ouvia o roce e o ranger da seda contra as agulhas caídas das faias²², o ruído surpreso da água que se deixava cair no crepúsculo da montanha e a voz de Gareth detida em um nome...

Jenny se levantou a saia e começou a correr.

O aroma do perfume de Zyerne parecia estar por toda parte no bosque. A escuridão tinha começado a reunir-se sob as árvores. Ofegando, Jenny saltou sobre as rochas brancas para a clareira junto à fonte. Uma larga experiência nas Terras de Inverno lhe tinha ensinado a mover-se em um silêncio absoluto, inclusive quando corria; e, portanto, s princípio, nenhum deles que estavam perto do pequeno poço notou sua chegada.

Levou-lhe um momento para ver Zyerne. Viu Gareth em seguida, de pé, congelado, frente ao poço. A água derramada molhava as agulhas das faias entre seus pés; um balde meio vazio se balançava sobre o limite da rocha junto ao poço. Gareth não o olhava; Jenny se perguntou se notava algo do que acontecia seu redor.

Os feitiços de Zyerne enchiam a pequena clareira como a música que se ouve nos sonhos. Até ela, mulher, cheirava o calor perfumado do ar que alargava o frio mais abaixo no vale e sentia a necessidade movendo-se em sua pele. Nos olhos de Gareth havia uma espécie de loucura e suas mãos tremiam com os dedos fechados, atados em punhos, frente à cintura. Sua voz era um murmúrio mais desesperado que um grito quando disse:

—Não.

—Gareth. —Zyerne se moveu e Jenny a viu: parecia flutuar como um fantasma no crepúsculo entre os abedules ao final da clareira —. Por que fingir? Sabe que seu amor por mim cresceu tanto como o meu por ti. É como fogo em sua pele; o sabor de sua boca em meus sonhos me atormentou dia e noite...

²² Árvore européia alta e ramosa

—Enquanto te deitava com meu pai?

Ela meneou a cabeça e moveu o cabelo, um gesto pequeno, característico e tirou as mechas da suave frente. Era difícil ver o que tinha posto na penumbra..., algo branco e frágil que fazia ondas pequenas com os movimentos do vento, algo pálido como os abedules. Levava o cabelo solto nas costas como o de uma menina; e, como uma menina, vinha sem véu. Os anos pareciam haver-se desvanecido de seu corpo, apesar da jovem que tinha parecido antes. Parecia uma menina da idade de Gareth, a menos que, como Jenny, alguém a olhasse com os olhos de um mago.

—Gareth. Nunca me deitei com seu pai — disse Zyerne com suavidade—. Claro que decidimos fingir que o fazíamos para guardar as aparências na corte..., mas inclusive se ele tivesse querido, duvido que eu tenha podido fazê-lo. Tratou-me como a uma filha. Foi você a quem eu queria, você...

—Isso é mentira! —A boca de Gareth parecia seca de calor febril.

Ela estendeu as mãos e o vento levantou o tecido leve de suas mangas para trás desde seus braços quando deu um passo para a clareira.

—Já não podia seguir esperando. Tinha que vir, saber o que te tinha passado..., estar contigo...

Ele soluçou.

—Não te aproxime! —Tinha a cara torcida em uma careta de algo que era quase dor.

Ela se limitou a sussurrar:

—Quero-te...

Jenny apareceu da sombra escura do atalho e disse:

—Não, Zyerne. O que quer é a Gruta.

Zyerne deu meia volta com brutalidade. Sua concentração se quebrou, como Morkeleb tinha tratado de quebrar a de Jenny. A sensualidade extravagante que tinha gotejado no ar se sacudiu e desapareceu com um ruído audível. De repente, Zyerne pareceu mais velha: já não era essa menina virgem que podia acender a paixão de Gareth. O moço caiu sobre seus joelhos e cobriu a cara com as mãos, o corpo sacudido por soluços secos.

—Isso é o que sempre quis, verdade? —Jenny tocou o cabelo de Gareth para consolá-lo e ele lhe passou os braços pela cintura e se aferrou a ela como um homem que se afoga abraça a um pau na água. Era estranho, mas Jenny não tinha medo de Zyerne agora nem da força maior da magia da jovem. Agora lhe parecia ver Zyerne de outro modo e quando se encararam, estava pronta e tranqüila. Zyerne deixou escapar uma gargalhada zombadora.

—Assim este era o moço que não queria tirar a amante a seu pai? Teve-os aos dois para ti, não é certo, puta, do norte? Tempo mais que suficiente para enredá-lo em seus fios.

Gareth se soltou de Jenny e ficou de pé, tremendo de raiva. Embora Jenny visse que ainda estava aterrorizado, enfrentou-se à feiticeira e lhe gritou, ofegando:

—Mentira!

Zyerne riu outra vez, com um som feio, como tinha feito no jardim perto das habitações do rei. Jenny disse somente:

—Ela sabe que é mentira. Para que vieste, Zyerne? Para lhe fazer Gareth o que fez a seu pai? Ou para ver se por fim está livre o caminho para entrar na Gruta?

A boca da feiticeira se moveu, sem sentido e desviou o olhar sob os olhos frios de Jenny. Logo riu, mas a brincadeira da risada estava manchada de dúvidas.

—O que parece foi para arrumar uns assuntos com seu precioso Vencedor de Dragões...

Uma semana, um dia antes, Jenny teria respondido à brincadeira com medo pela segurança de John. Mas sabia que Zyerne não se aproximou dele. Sabia que se tivesse havido uma magia assim, tão perto, haveria-o sentido..., até teria ouvido as vozes, não importa o baixo que falassem e de todos os modos, John não podia escapar. Um sempre se ocupa primeiro dos inimigos.

Viu que a mão de Zyerne se movia e sentiu a natureza do feitiço ao mesmo tempo em que cheirava a lâ chamuscada de suas saias que já começavam a fumar. Seu feitiço contrário foi rápido e duro, conjurado com a mente e o gesto mínimo da mão mais que com o trabalho difícil que tinha necessitado antes. Zyerne retrocedeu, cambaleando-se, as mãos sobre os olhos, totalmente por surpresa.

Quando levantou a cabeça de novo, seus olhos estavam lívidos de raiva, amarelos como os do diabo, a cara transformada pela fúria.

—Não pode me apartar da Gruta — disse em uma voz tremente—. É minha, será minha. Tirei os gnomo dali. Quando tomar, ninguém, mas ninguém poderá contra mim e meu poder...

Agachou-se, tomou um molho de folhas velhas e frutos e a massa que havia entre seus pés e as jogou em Jenny. No ar, acenderam-se e cresceram enquanto ardiam: uma fogueira enredada que Jenny afastou de si com um feitiço que quase tinha ignorado que sabia. Os troncos ardentes se pulverizaram por todos os lados, como rios de fogo amarelo na penumbra azul, troncos que se acenderam em meia dúzia de lugares nos que tocaram a erva daninha seca. Dobrada como uma lebre sobre seus rastros, Zyerne escapou para o atalho que levava ao vale. Jenny saltou atrás dela e suas suaves botas alcançaram em três passadas de distância coberta pelos sapatos precários de corte que levava a jovem.

Zyerne se retorceu sob as mãos de Jenny. Era mais alta que ela, mas não tão forte fisicamente, a pesar do esgotamento de Jenny; durante um instante os olhos delas estiveram centímetros uns dos outros; o olhar amarelo, penetrante como uma bola de fogo no azul.

Como o golpe de um martelo, Jenny sentiu o impacto de uma mente na sua, feitiços de dor e espanto que aferravam e retorciavam seus músculos, totalmente diferentes do peso e a força vivente da mente do dragão. Deteve-os não tanto como outros feitiços como com a força de sua vontade. Arrojou as palavras mágicas de volta contra Zyerne, e ouviu que a jovem amaldiçoava em um

ataque de fúria como uma boca-de-lobo que estala. Umas unhas lhe rasgaram os pulsos enquanto ela procurava de novo os olhos amarelos com os seus. Segurou os cachos sedosos de Zyerne com um punho como uma rocha e a obrigou a olhar. Era a primeira vez que encarou com a força de outro mago em fúria, não em calma e lhe surpreendeu quão instintivo era nela o ato de procurar a essência..., como tinha procurado a de Gareth e Mab a dela, não só para compreender, mas também para dominar com a compreensão, para não dar nada de sua própria alma em troca. Teve uma visão instantânea de algo horrível e pegajoso como um novelo que se busca aos que são o suficientemente parvos para aproximar-se, os restos erodidos de uma alma, como o corpo morto e animal da mente da jovem.

Zyerne gritou quando sentiu que despiam os segredos de seu ser e o poder estalou no ar entre as duas, um fogo ardente que as rodeou em um redemoinho de força dilaceradora. Jenny sentiu que caía um peso sobre ela, um negrume como a mente do dragão mas maior, a sombra de algum poder destruidor, lhe esmagava, como um oceano de anos incontáveis. A fez pôr de joelhos, mas se sustentou, desprezando os dores agudos, inquietos que lhe rasgavam a pele, a agonia terrível de seus músculos, o fogo e a escuridão, enquanto brocava a mente de Zyerne com a sua, como uma agulha branca de fogo.

O peso da sombra se desvaneceu. Jenny sentiu que os nervos e a vontade de Zyerne se quebravam e voltou a ficar de pé. Separou o corpo da moça do seu com todas suas forças. Zyerne se deixou cair sobre o pó do atalho, o cabelo negro pendurando em uma corrente sobre o vestido branco, as unhas sujas que tinha rasgado o pulso de Jenny, o nariz cheio de líquido e o pó com muco contra sua cara. Jenny ficou de pé ao seu lado, ofegando, com todos os músculos doloridos pelo impacto torcido dos feitiços da outra mulher.

—Vai-te embora —disse, com a voz tranqüila mas com todo o poder nas palavras—. Vai-te para Bel e não volte a tocar Gareth.

Soluçando de fúria, Zyerne ficou de pé como pôde. A voz lhe tremia.

—Você, puta fedorenta! Ninguém me separará da Gruta! É minha, digo-te; e quando for, demonstrarei-lhe isso. Juro-o pela Pedra: quando tiver a Gruta, esmagarei-te como a uma barata, porque isso é o que é! Já verá! O mostrarei a todos! Não têm direito a me apartar dela!

—Sal daqui — disse Jenny brandamente.

Zyerne a obedeceu, soluçando; reuniu seu vestido branco e cansado e se afastou tropeçando pelo caminho que levava a torre do relógio. Jenny ficou ali um comprido momento, olhando-a. O poder que tinha conjurado para proteger se desvaneceu lentamente, como o fogo sob as cinzas, escondido até que o necessita de novo.

Só quando Zyerne desapareceu de sua vista, Jenny se deu conta de que não deveria ter podido fazer o que tinha feito..., nem aqui nem na Gruta.

E então compreendeu o que tinha passado quando havia penetrado na mente do dragão.

A magia do dragão estava viva em sua alma como uma marca de ferro no ouro. Deveria havê-lo sabido antes; se não tivesse estado tão esgotada, pensou que talvez o houvesse sentido. Sua compreensão, como a de Morkeleb, alargou-se até encher o vale e assim, até quando dormia, sentia as coisas que passavam a seu redor. Um tremor lhe percorreu o corpo e sacudiu seus ossos com terror e curiosidade, como se acabasse de conceber de novo e algo vivo e estranho estivesse crescendo dentro dela.

A fumaça dos bosques lhe mordeu o nariz e os olhos e umas quebras de onda brancas lhe disseram que Gareth tinha conseguido extinguir as chamas. Em algum lugar, os cavalos relinchavam aterrorizados. Sentiu-se esgotada e cheia de dor, o corpo inteiro dobrado pelas câibras dos poderosos feitiços, as bonecas partidas onde as tinham esmigalhado as unhas de Zyerne. Começou a tremer e a nova força se afastou sob o impacto da impressão e do medo.

Uma rajada de vento distinto moveu as árvores a seu redor como uma asa gigante. O cabelo revooou em sua cara e olhou para cima. Por um momento, não viu nada. Era algo que tinha ouvido dizer: que os dragões, apesar de seu tamanho e suas cores gritantes, podiam ser mais difíceis de ver a luz do dia que um camundongo em meio dos arbustos. Agora Morkeleb parecia dobrar-se saindo da penumbra, uma forma vasta de ébano e seda negra, olhos de cristal e prata como pequenas luas na escuridão.

Notou que meu poder se acabava, pensou ela com desespero, recordando a forma em que ele a tinha atacado antes. O peso terrível, sombrio dos feitiços de Zyerne ainda estava ali, em seus ossos; sentiu que foram quebrar se tratava de conjurar o poder para defender-se do dragão. Envolta em um cansaço que quase chegava até as náuseas, voltou-se para olhá-lo e endureceu sua mente outra vez para defender do ataque.

E enquanto o fazia, deu-se conta de que ele era formoso, flutuando um momento como um barril pequeno negro, leve no ar.

Logo, a mente dele tocou a dela e a última dor dos feitiços de Zyerne desapareceu.

O que te passa, mulher maga? Perguntou-lhe ele. São só palavras más como as que se gritam as mulheres no mercado.

O dragão baixou ao atalho frente a ela, dobrou suas asas grandes com uma articulação estranha e cheia de graça e a olhou com os olhos de prata no crepúsculo. Disse:

Você o entende.

Não, replicou ela. Acredito que sei o que passou, mas não o entendo.

Ora.

Na penumbra cinza e úmida sob as árvores, Jenny viu como as escamas dos flancos do animal se moviam levemente como o cabelo de um gato zangado.

Acredito que sim, entende. Quando sua mente estava na minha, minha magia te chamou e o dragão que há em ti respondeu essa chamada. Não conhece seu próprio poder, mulher maga? Não sabe o que poderia ser?

Com uma vertigem fria que não era medo de tudo, Jenny o compreendeu e logo desejou não ter compreendido.

Ele sentiu como a mente dela se fechava e a irritação fumegou desde seu corpo como uma espuma branca de névoa.

Entende, disse de novo. Estiveste em minha mente e sabe o que seria ser dragão.

Jenny disse: *Não, não a ele a não ser a esse fio musical de fogo em sua mente que se convertia em riacho de repente.*

Como em um sonho, apareceram imagens que sentia que tinha conhecido uma vez e logo tinha esquecido, como a alta liberdade do voo. Viu a terra perdida lá abaixo entre as nuvens e ao seu redor havia uma eternidade de vapores cujo silêncio absoluto se quebrava só com o brilho de suas asas de dragão. Como de uma altura imensa, viu o círculo de pedra em Colina Gelada, o pântano abaixo como um pedaço quebrado de vidro sujo e a pequena casa de pedra como uma larva, aberta para deixar sair à mariposa que tinha dormido dentro. Disse:

Não tenho o poder para trocar minha essência.

Eu sim - murmurou a voz entre as visões de sua mente. - Tem a força para ser dragão quando tiver aceitado essa forma. Senti-a em ti quando lutamos. Estava furioso então porque me vencia um ser humano. Mas você pode ser mais que humana.

Ela meneou a cabeça enquanto olhava para cima o esplendor escuro da forma angulosa do dragão.

Não me perei assim em seu poder, Morkeleb. Não posso deixar minha forma sem sua ajuda nem poderia depois voltar para ela. Não me tente.

Tentar-te? - Disse a voz de Morkeleb. - Não há tentação que venha de fora do coração. E quanto a voltar..., o que é como humana Jenny Waynest? Desprezível, queixosa, como todos os teus uma pulseira do tempo que apodrece o corpo antes que a mente tenha podido ver outra coisa que uma só flor de todas as enche do Cosmos. Para ser maga deve ser maga e vejo em sua mente que luta pelo tempo para fazer embora seja isso. Para ser dragão...

—Para ser dragão - disse ela em voz alta, para obrigar a sua mente a escutar—, só tenho que te dar o controle a ti. Não me perderei dessa forma na mente de um dragão e a magia de um dragão. Não conseguirá que te deixe ir desse modo.

Sentiu que a força pressionava contra as portas fechadas de sua mente, logo se afrouxou e ouviu o rangido resistente das escamas do dragão quando sua larga cauda golpeou o pasto seco com raiva. Os bosques escuros voltaram outra vez a seus olhos; as visões estranhas se afastaram como a névoa que se afina ante o sol. A luz se ia com rapidez ao redor dos dois, todas as cores sangravam das samambaias e os brejos dispersos. E como se seu negrume tomasse os matizes mais suaves da noite, o dragão era quase invisível agora, sua forma fundida nos fios leitosos de névoa que tinham começado a velar os bosques e nas linhas negras, abruptas dos ramos mortos e os troncos queimados. Em algum lugar do penhasco, sobre ela, Jenny ouviu que Gareth a chamava.

Descobriu que estava tremendo, não só pelo cansaço ou pelo frio penetrante que a envolvia. A necessidade nela era terrível..., ser o que sempre tinha querido ser, ter o que sempre tinha querido desde que tinha quatorze anos, feia e maldita com sua terrível necessidade. Tinha provado a força do fogo do dragão e o gosto se deixava ir, doce, em sua boca.

Posso te dar isso, disse a voz em sua mente.

Ela meneou a cabeça, essa vez com mais violência.

Não. Não trairei os meus amigos.

Amigos? Os que lhe atam à pequenez por sua própria conveniência de mortais? O homem que te tira a essência de sua alma porque quer seu jantar? Aferra a essas pequenas alegrias porque tem medo de provar as grandes, Jenny Waynest?

O dragão tinha razão quando dizia que não há tentação que não venha do coração. Ela sacudiu o cabelo sobre seus ombros e conjurou toda a força que ficava contra a escuridão salpicada de estrelas que parecia chamá-la da medula de seus próprios ossos.

Aparte-te de mim, disse-lhe ao dragão. Vai-te e volta para as ilhas do norte que são seu lar. Canta suas canções à rocha de ouro e às baleias e deixa tranquilos para sempre aos filhos dos homens e aos gnomos.

Como se tivesse golpeado um tronco negro que, ao romper-se, revelasse o fogo vivo que guardava dentro, voltou a sentir a onda da raiva do dragão. O retrocedeu, o corpo arqueado contra o céu que se desvanecia. O arame e a seda escura de suas asas tremeram quando disse:

Assim seja então, mulher maga. Deixo-te o ouro da Gruta..., toma o que queira. Minha canção está ali. Quando chegar a velhice, a velhice cujo gelo mortal já começou a sentir em seus ossos, apura ouro contra seu coração e recorda a oportunidade que perdeu.

Elevou-se sobre sua anca, a forma compacta de serpente elevando-se sobre ela enquanto reunia a seu redor o brilho da magia no ar. Asas negras se abriram contra o céu, ameaçadores, e ela viu o brilho de teimosia de seus flancos, a suavidade de sua pele de bebê do ventre de veludo, ainda marcada pelas bocas feias, enrugadas das feridas do arpão. Logo se afastou para o céu. O grande golpe de suas asas o levantou. Ela sentiu a magia que girava ao seu redor, um redemoinho de feitiços, o rastro estrelado de um cometa invisível. Os últimos raios da luz do dia tocaram suas asas quando se elevou por cima da sombra azul do escarpado. Logo, desapareceu.

Jenny o viu partir com o coração desolado. Todo o bosque parecia carregado com o aroma da madeira úmida e queimada e o aroma terrestre e sombrio da fumaça morta. Deu-se conta lentamente de que o limite de sua saia estava molhado. Tinha estado ajoelhada sobre o atalho úmido. Tinha as botas molhadas e os pés frios. Um cansaço sem limites a arrastava abaixo pelo esforço que tinham feito seus músculos para deter os feitiços de Zyerne e também pelas palavras que lhe havia dito o dragão depois de que ela rechaçasse sua oferta.

Como dragão, já não teria podido dominá-lo nem lhe teria interessado apartar da Gruta. Era por isso que lhe tinha devotado a liberdade esplêndida e apavorante dessa forma bela? Diziam que os dragões não apanhavam com mentiras a não ser com a verdade e ela sabia que ele tinha lido bem os desejos de sua alma de maga.

—Jenny? —Um Gareth sujo, sujo de fuligem, chegou correndo até ela pelo atalho. Aos ouvidos de Jenny, acostumados à voz do dragão, a do moço soava metálica e falsa—. Estão bem? O que passou? Vi o dragão... —tirou os óculos e procurava um lugar limpo em sua camisa furada,

gasta, para esfregá-los; sem muito êxito, claro. Contra a sujeira de sua cara, as lentes tinham deixado dois círculos brancos, como uma máscara, nos quais piscavam nus seus olhos cinza.

Jenny meneou a cabeça. Sentia-se cansada até as lágrimas, quase incapaz de falar. Ficou ao seu lado quando ela começou a subir lentamente pelo atalho da Ladeira.

—Zyerne escapou?

Ela o olhou assustada. Depois do que tinha passado entre ela e Morkeleb, quase tinha esquecido Zyerne.

—Se..., foi. Mande-i-a embora. — Parecia ter acontecido fazia dias.

—Mandou-a embora? —ofegou Gareth, confundido.

Jenny assentiu, muito cansada para explicar. Ao pensar nisso de novo franziu o cenho enquanto algo se movia em sua mente. Mas só perguntou:

—E você?

Ele apartou a vista e avermelhou de vergonha. Parte de Jenny suspirou exasperada ante sua estupidez, tão pequena depois da força da sedução maior do dragão; mas parte dela recordou o que era ter dezoito anos e ser presa dos desejos incontroláveis do corpo. Tocou o braço ossudo sob o tecido enrugado da manga para consolá-lo.

—É um feitiço — disse —. Nada mais. Todos nos tentamos... —Separou-se dela o eco da lembrança das palavras do dragão—. E o que está enterrado muito abaixo em nossos corações não é o que deve usar-se para nos julgar, a não ser o que fazemos com isso. Ela usa feitiços para te atrair, para te dominar como faz com seu pai.

—Sei. —Gareth suspirou e levantou o balde do solo enlameado para afundá-lo outra vez no poço. Movia-se com dificuldade, pela tensão nos músculos e pelo esforço, mas não se queixou como tivesse feito fazia tempo. Procurou a taça de lata no bordo do poço e a afundou na água do balde para dar-lhe Jenny; percebeu a umidade, como de gelo entre seus dedos.

Ela se deu conta com surpresa de que não tinha comido nem bebido nada do café da manhã. Não tinha tido tempo e se sentia velha e esgotada quando tomou a taça de mãos de Gareth.

—Mandou-a embora e nada mais? —perguntou Gareth de novo—. E se foi? Não se converteu em um falcão...?

—Não. —Jenny levantou a vista enquanto se dava conta do que lhe incomodava sobre os fatos da tarde—. Morkeleb... —deteve-se; não queria falar do que lhe tinha falado Morkeleb.

Mas ainda assim, pensou, não poderia ter tomado a forma do dragão sem sua ajuda. Os poderes dele tinham entrado nos dela, mas de todos os modos seguia sendo uma maga primitiva e pequena. E Zyerne...

—Venci-a — disse com lentidão—. Mas se pode trocar de forma como você diz..., se tiver esse tipo de força..., não poderia havê-lo feito, embora meus poderes cresceram.

Esteve a ponto de dizer: «*ainda com os poderes do dragão em mim*», mas as palavras se travaram em seus lábios. Sentia os poderes movendo-se dentro dela como um menino alheio no ventre do destino e tratou de deixar de lado a idéia desses poderes e do que podiam significar. Levou a taça aos lábios, mas se deteve sem tomar a água e olhou de novo a Gareth.

—bebeste um pouco de água do poço? —perguntou.

Olhou-a, surpreso.

—Todos estamos bebendo dela faz dias — disse.

—Esta noite, quero dizer.

Ele olhou a seu redor na clareira e a suas próprias mangas molhadas.

—estive muito ocupado atirando água. Não bebi - disse—. Por quê?

Ela passou a mão pela boca da taça. Da mesma forma em que as coisas são visíveis para um mago na escuridão, viu o brilho viscoso e verde na água.

—Está má? —perguntou ele preocupado—. Como podem se dar conta?

Ela derrubou a taça e a água caiu ao chão.

—Onde estava Zyerne quando chegou a clareira?

Ele meneou a cabeça, sem entender.

—Não me lembro. Foi como um sonho... —Olhou a seu redor, embora Jenny soubesse que a clareira, empapado e pisoteado na penumbra triste, parecia muito diferente do lugar suave de doçura encantada que houve fazia uma hora. Finalmente disse—: Acredito que estava sentada onde estão você agora, sobre o limite do poço.

Morkeleb havia dito: *Acreditam que não posso ver a morte que mancha a carne. E era Dromar o que havia dito que era impossível envenenar aos dragões?*

Jenny torceu o corpo e moveu as mãos sobre a superfície do balde que tinha tirado Gareth. O fedor da morte subiu para seu rosto e ela retrocedeu horrorizada, enojada, e a água se converteu em sangue entre seus dedos.

—Mas por quê? —De cócoras frente ao fogo, Gareth se voltou para olhar John, que jazia em seu ninho de mantas, peles de urso e capas—. Pelo que ela sabia, tinham matado a seu dragão. — Gareth desembrulhou o papel no que havia trazido o café desde Bel, decidiu que não valia a pena preocupar-se com medir e o jogou na vasilha de água que fervia sobre o fogo—. Não sabia que Jenny era uma ameaça para ela. Por que nos envenenar?

—Adivinhemos — disse John, apoiando-se com muito cuidado sobre um cotovelo e colocando os óculos sobre a cara suja, sem barbear—. Para nos impedir de voltar para Bel com a notícia de que o dragão estava morto antes de que ela pudesse fazer com que seu pai acabasse com os gnomos com alguma acusação inventada. Por isso ela sabe, o dragão está morto..., quero dizer, não pode havê-lo visto em um cristal ou uma tigela de água, mas nos viu vivos e alegres e a dedução é mais bem óbvia.

—Suponho que sim. —Gareth desenrolou as mangas recolhidas e pendurou outra vez a capa sobre os ombros. A manhã era fria e nebulosa e o suor que o cobria depois do esforço de limpar a casa do poço perto do acampamento nos curtumes em ruínas estava secando.

—Duvido que tenha querido envenenar a ti — seguiu John —. Se tivesse te querido morto, nunca teria te esperado.

Gareth se ruborizou.

—A ela não só não convém que morra: se morrer perde tudo.

O moço franziu o cenho.

—por quê? Quero dizer, entendo que queira me ter sob seu poder para que não a ameace, do mesmo modo que quis tirar Policarpio de cena. E se lhes matasse a vós dois, necessitaria-me como testemunha de seu conto de que o dragão ainda está na Gruta, ao menos até que tirasse de cima os gnomos. —Respirou com amargura e estendeu as mãos machucadas para o fogo—. Provavelmente nos usaria, a mim e a Sérvio como testemunhas para dizer que em realidade ela matou o dragão. Isso justificaria que meu pai lhe desse a Gruta. —Suspirou, a boca tensa de desilusão—. E pensei que Policarpio estendendo um arame sobre uma cerca soava como o pior da perfídia. —Acomodou a frigideira sobre o fogo, a cara fraca parecia muito mais velha do que tinha sido na palidez de junco das chamas do dia.

—Bom — disse John, com amabilidade—, não é só isso, Gar. - Olhou Jenny, sentada nas sombras da soleira limpa da casa do poço, mas ela não disse nada. John voltou a olhar Gareth—. Quanto crie que vai durar seu pai com Zyerne viva? Não sei o que lhe estão fazendo esses feitiços, mas reconheço a um moribundo quando o vejo. Tal como estão as coisas, apesar de todo seu

poder, é só uma amante. Necessita da Gruta como base para seu poder e como fortaleza que a torne independente do rei e necessita o ouro da Gruta.

—Meu pai o daria — disse Gareth com suavidade—. E suponho que eu sou o plano de contingências em caso..., em caso de que ele morra, verdade? —Jogou com as tortas que se fritavam brandamente na frigideira—. Então tinha que destruir a Policarpio, independentemente do fato de que ele tratasse de me advertir contra ela. A cidadela é o caminho traseiro à Gruta.

—Bom, nem sequer por isso. —John voltou a recostar-se e cruzou suas mãos sobre o peito—. Queria livrar-se de Policarpio porque ele é o herdeiro alternativo.

—Herdeiro alternativo de quem? —perguntou Gareth, intrigado—. De mim?

John meneou a cabeça.

—Do filho de Zyerne.

O horror que cruzou a cara do moço foi mais profundo que o medo à morte, pensou Jenny com a falta de paixão que havia sentido essa manhã e a noite anterior, que o medo de que o subjugassem os feitiços da maga. Parecia chateado com essa idéia, como se fora a violação de um escuro tabu. Passou um comprido momento antes que pudesse responder.

—Querem dizer..., um filho de meu pai?

—Ou teu. Não importaria muito de quem, sempre que se parecesse com a família. —Com as mãos enfaixadas e uma em cima da outra, John olhou sem ver o moço enquanto Gareth, confuso, distante, tirava a comida do fogo com movimentos automáticos. Ainda com essa voz amável, normal, como se falasse do tempo, seguiu dizendo—: Mas já vê, depois de todo este tempo sob os feitiços de Zyerne, seu pai talvez não possa conceber um menino. E Zyerne necessita um se for seguir regendo o reino.

Jenny apartou a vista, pensando no que representaria ser esse menino. A mesma onda de náuseas que tinha sentido Gareth a dominou agora porque sabia o que lhe faria Zyerne a qualquer filho dele. Não se alimentaria com ele como se alimentou com o rei e com Sérvio; mas o educaria deliberadamente como um inválido emocional, dependente dela e de seu amor para sempre. Jenny tinha visto como se fazia isso, tinha visto homens e mulheres que o faziam e sabia o tipo de homem ou mulher que surgia desses meninos sufocados. Mas inclusive nesses casos, a distorção tinha sido por alguma necessidade no coração do pai ou da mãe, e não um pouco pensado para manter-se no poder.

Pensou em seus próprios filhos e no amor absurdo que sentia por eles. Talvez os tivesse abandonado, pensou com uma fúria súbita contra Zyerne, mas inclusive se não os tivesse amado, inclusive se os tivesse concebido em uma violação, nunca lhes teria feito isso. Era algo que lhe tivesse gostado de pensar-se incapaz de acreditar em ninguém. Que alguém fora capaz de lhe fazer isso a um menino inocente...; mas em seu coração sabia como se fazia.

A raiva e a náusea se moveram nela como se tivesse sido testemunha de uma sessão de tortura.

—Jenny?

A voz de Gareth a separou de seus pensamentos. O moço estava a uns passos dela, olhando-a com olhos suplicantes.

—ficará melhor, verdade? —perguntou, com dúvidas—. Meu pai, quero dizer... Quando Zyerne se vá Ou..., matem-na..., será como antes?

Jenny suspirou.

—Não sei — replicou em voz baixa. Sacudiu sua mente da letargia que a dominava, um cansaço de espírito tanto como a dor do corpo que lhe tinham deixado os feitiços de Zyerne. Não era só que tivesse abusado de seus novos poderes, não só que seu corpo não estivesse acostumado a sustentar as terríveis exigências da magia do dragão. Agora se dava conta de que até suas percepções estavam trocando, de que não era só a magia a que tinha trocado nela pelo toque da mente do dragão. *O dragão que há em ti*, havia dito Morkeleb..., e Jenny estava começando a ver na forma em que via um dragão.

Ficou de pé com o corpo endurecido, cambaleou-se um pouco contra o poste levantado da casa do poço, fisicamente seca e muito débil. Tinha vigiado durante a noite, perguntando-se se estava esperando Zyerne embora soubesse em seu coração que a encantada não voltaria e que não era em realidade a ela a quem esperava. Logo, disse:

—Não são os feitiços que lhe fazem mal. Zyerne é um vampiro, Gareth..., não de sangue como os Murmuradores, mas sim da essência da vida. Ontem à noite vi em seus olhos sua essência, sua alma: uma coisa pegajosa e devoradora, sim, mas uma coisa que tem que alimentar-se para seguir vivendo. A senhora Mab me falou de um dos feitiços dos Lugares de Cura que pode salvar a vida de um homem moribundo tomando um pouco da energia de vida dos que consentem em dá-la. Faz-se muito poucas vezes e só em casos de grande necessidade. Estou segura de que isso é o que ela fez com seu pai e com Sérvio. O que não entendo é por que o necessita, seus poderes são tão grandes que...

—Sabe — interrompeu John—, diz-se nas Histórias do Dotys..., ou talvez é no Terencio..., ou é no Elucidus Lapidarus...

—Mas o que podemos fazer? —rogou Gareth—. Deve haver algo! Poderia voltar para Bel e deixar que Dromar saiba que os gnomos podem voltar a ocupar a Gruta. Isso lhes daria uma base forte para...

—Não — disse Jenny—. A força de Zyerne na cidade é muito grande. Depois disto, estará te esperando, olhando os caminhos com o cristal. Interceptaria-te muito antes que chegasse ao Bel.

—Mas temos que fazer algo! —O pânico e o desespero estavam em sua voz—. Onde podemos ir? Policarpio nos daria refúgio na cidadela...

—vais dizer lhe às tropas do exército que estão ao redor dos muros que quer uma reunião em privado com ele? —perguntou John, que tinha esquecido por completo suas dúvidas sobre os clássicos.

—Há caminhos para Halnath pela Gruta.

—E uma porta muito linda e muito fechada no final, suponho, ou os túneis selados com pólvora para manter longe ao dragão..., inclusive se Dromar os tivesse posto em seus mapas. Já olhei isso em Bel.

—Maldito seja — começou Gareth com raiva e John fez um gesto para que se calasse com uma torta na mão.

—Não posso culpá-lo — disse logo. Contra os castanhos trocados e os brejos da capa manchada de sangue dobrada sob sua cabeça, sua cara ainda estava pálida, mas tinha perdido essa terrível cor giz. Por trás dos óculos, seus olhos castanhos estavam brilhantes e alerta—. É um pássaro ardiloso e velho esse gnomo e conhece Zyerne. Se ela não conhecia já o lugar em que os caminhos da cidadela se unem aos principais da Gruta, ele não ia pôr essa informação sobre um papel que ela poderia roubar. Entretanto, Jen talvez possa nos guiar.

—Não. —Jenny o olhou de onde estava sentada com as pernas cruzadas junto ao fogo enquanto afundava sua última parte de torta no mel—. Embora veja na escuridão, não posso encontrar os caminhos sem ajuda. E quanto a que você venha, se te levantar antes de uma semana, vou pôr te um feitiço de invalidez.

—Trapaceira.

—Pensa em mim. —Jenny se limpou os dedos sobre a borda de sua capa—. Morkeleb me guiou até o coração da Gruta. Nunca poderia ter encontrado sozinha.

—Como era? —perguntou Gareth depois de um momento—. O coração da Gruta. Os gnomos juram por ele...

Todos a uma, os cavalos levantaram a cabeça assustados do pasto duro, cristalizado. Martelo de Batalha relinchou com suavidade e lhe responderam, claro, leve, das névoas que flutuavam sobre ao limites dos bosques que rodeavam o vale de Grutas. Uns cascos golpearam o cascalho e uma voz de moça chamou de longe:

—Gar? Gar, onde está?

—É Trey. —Gareth levantou a voz para gritar—. Aqui!

Houve um som enlouquecido do cascalho em queda, e as névoas brancas se solidificaram na forma escura de um cavalo e um cavaleiro de véus úmidos. Gareth caminhou até o limite do chão alto da Ladeira para tomar a brida do corcel pintado de Trey quando chegou tropeçando sobre a última costa, a cabeça baixa de cansaço e cheia de suor apesar do dia gelado. Trey, teimosa nos arreios, parecia só um pouco melhor que ele, a cara raspada como se tivesse cavalgado através de ramos no bosque e com os cabelos compridos com mechas soltas púrpura e branca.

—Gar, sabia que tinha que estar bem. —deslizou-se dos arreios aos braços do príncipe—. Dizem que viram o dragão..., que a senhora Jenny o tinha encantado..., sabia que tinha que estar bem.

—Estamos bem, Trey - disse Gareth com dúvidas, franzindo o cenho ante o terror e o desespero da voz da moça—. Dir-se-ia que cavalgaste de um puxão.

—Tinha que fazê-lo — ofegou ela. Sob os farrapos rasgados de seu vestido branco de corte, tremiam-lhe os joelhos e se aferrou ao braço de Gareth para manter-se de pé; tinha a cara sem cor sob o que ficava da maquiagem—. Vim a lhes buscar! Não entendo o que está acontecendo, mas têm que partir daqui... Sérvio... —deteve-se o dizer o nome de seu irmão.

—O que acontece Sérvio? Trey, o que está passando?

—Não sei! —exclamou ela. Lágrimas de desdita e esgotamento lhe encheram os olhos e as tirou com impaciência, deixando linhas leves de pintura azul sobre as bochechas redondas—. Há uma multidão que vem para aqui. Sérvio é o líder...

—Sérvio? —A idéia do elegante e preguiçoso Sérvio incomodando-se em ser o líder de algo era absurda.

—vão matar-te, Gar... Ouvi-lhes dizê-lo! A ti, à senhora Jenny, e ao senhor Aversin...

—O que? Mas, por quê? —Gareth se confundia mais e mais.

—Acredito que o que importa é quem - disse John, levantando-se de novo sobre suas mantas.

—Esta..., esta gente, trabalhadores sobre tudo..., artesãos e fundidores de Grutas que ficaram sem trabalho, os que dão voltas pela Ovelha na Lama todo o dia. Há guardas de palácio com eles e acredito que vêm mais..., e não sei por que! Tratei de lhe fazer dizer algo lógico a Sérvio, mas era como se não me ouvisse, como se não me conhecesse... Deu-me uma bofetada..., e nunca me tinha batido, Gar, não desde que fomos meninos...

—nos diga - disse Jenny com calma, tomando a mão da moça, fria como um pássaro morto dentro da sua, cálida, áspera—. Começa pelo princípio.

Trey engoliu seco e esfregou os olhos de novo, as mãos trementes de cansaço pelo cavalgar de vinte quilômetros. A capa ornamental que levava sobre os ombros era um traje para usar dentro de uma mansão, seda branca e pele leitosa, desenhado para cuidar das correntes de ar de um salão de baile, não do frio fedido de uma noite nebulosa como a última. Trey tinha os largos dedos vermelhos e esquartejados entre os diamantes.

—Estivemos dançando — começou ela com dúvidas—. Era depois de meia-noite quando apareceu Zyerne. Parecia estranha..., pensei que tinha estado vomitado, mas eu a tinha visto pela manhã e então parecia bem. Chamou Sérvio e se foram a um momento junto à janela. Eu... —um pouco de cor voltou para suas bochechas muito pálidas—. Arrastei-me para escutá-los. Sei que é de muita má educação, desagradável, mas depois do que falamos quando foi, não pude deixar de

fazê-lo. Não era para passar intrigas — adicionou com ânsias—. Tinha medo por ele e tinha tanto medo porque nunca tinha espiado antes e não sou tão boa como Isolda ou Merriwyn.

Gareth parecia um pouco impressionado com essa franqueza, mas John riu e deu uns tapinhas à ponta dos sapatos cheios de pérolas da menina para consolá-la.

—Perdoar-lhe-emos desta vez, céu, mas não descuide assim sua educação. Dá-te conta de aonde te leva isso, verdade?

Jenny lhe deu uma patada sem força sobre o ombro que não estava ferido.

—E depois? —perguntou.

—Ouvi-a dizer: *«Tenho que conseguir a Gruta. Tenho que destruí-los e deve ser agora, antes que saibam os gnomos. Não devem entrar ali.»* Segui-os pela porta que dá ao Mercado; foram até a Ovelha na Lama. O lugar ainda estava cheio de homens e mulheres; todos bêbados e discutindo uns com outros. Sérvio entrou correndo e lhes disse que tinha ouvido que vós os tínheis traído que os tinham vendido a Policarpio; que tinham o dragão sob os feitiços da senhora Jenny e que íeis enviá-lo contra Bel; que íeis ficar lhes com o ouro da Gruta e que não o dariam a eles, seus verdadeiros donos. Mas nunca foram seus verdadeiros donos..., sempre foi dos gnomos, ou dos mercados ricos de Grutas. Tratei de dizer a Sérvio... —Sua mão vermelha pelo frio se apoiou em sua bochecha, para apagar a lembrança de um bofetão—. Mas todos gritavam que iam matar lhes e recuperar seu ouro. Todos estavam bêbados..., Zyerne fez que o taberneiro trouxesse mais jarras de vinho. Disse que ia reforçar a partida com o guarda do palácio. Todos gritavam e faziam tochas e conseguiam armas. Eu corri aos estábulos do palácio e consegui Pês lindos... —Acariciou o pescoço pintado do cavalo e sua voz se fez de repente muito débil—. E logo cheguei aqui. Cavalguei o mais rápido que pude..., tinha medo do que me passariam e me apanhavam. Nunca tinha cavalgado de noite...

Gareth tirou a grossa capa carmesim e a pôs sobre os ombros quando viu que cada vez tremia mais.

—Assim têm que sair daqui... —terminou ela.

—Isso é o podemos fazer. —John tirou a pele de urso de seu corpo—. Podemos defender a Gruta.

—Podem cavalgar até lá? —perguntou Gareth preocupado enquanto lhes alcançava a roupa de couro com placas de ferro.

—vou colocar-me a sérios problemas se não poder, herói.

—Trey?

A moça levantou a vista de sua tarefa de recolher as coisas do acampamento quando ouviu que Jenny dizia seu nome.

Jenny foi lentamente até onde estava ela e tomou pelos ombros enquanto a olhava aos olhos durante um momento. Procurou muito dentro e Trey se sacudiu com um grito de alarme que

fez que Gareth chegasse correndo até onde estavam as duas. Mas até o fundo, sua alma era a de uma jovem..., não sempre confiável, ansiosa por gostar dos outros, ansiosa por amar e ser amada. Não havia mancha nela e sua inocência retorceu o coração de Jenny.

Logo Gareth esteve ali, abraçando Trey com indignação.

O sorriso de Jenny era torcido, mas amável.

—Lamento-o - disse—. Tinha que me assegurar.

Pelas caras assustadas dos dois jovens, deu-se conta de que não lhes tinha ocorrido que Zyerne tivesse podido usar a forma de Trey..., ou própria Trey.

—Venham — disse - Provavelmente não temos muito tempo. Gar ponha John sobre um cavalo. Trey ajuda-o.

—Sou perfeitamente capaz de... —começou John, irritado.

Mas Jenny já não o ouvia. Em algum lugar em meio das névoas dos bosques meio queimados sob a cidade, sentiu movimentos, a chegada de vozes furiosas no silêncio bordado de geada das árvores enegrecidas. Estavam chegando e estavam chegando com rapidez..., quase podia vê-los na curva justo debaixo das ruínas caídas da torre do relógio. Voltou-se para outros.

—Parte! —disse—. Rápido, quase estão sobre nós!

—Como...? —começou Gareth.

Ela agarrou a bolsa de drogas e a alabarda e saltou sobre o lombo de Lua.

—Agora! Gar, leva ao Trey contigo. John vai embora, maldição! —Porque ele voltou, quase caindo dos arreios de Vaca, para ficar junto a ela. Gareth jogou n Trey sobre o lombo de Martelo de Batalha em um vôo de saias desfeitas; Jenny quase podia ouvir o eco dos cascos no atalho, mais abaixo.

Sua mente se expandiu, reunindo os feitiços e até esse pequeno esforço a dobrava em dois. Apertou os dentes pela dor enquanto reunia as névoas que se dispersavam já sob o brilho pálido do sol que as queimava..., seu corpo ainda não se recuperou do dia anterior. Mas não havia tempo para nada mais. Teceu uma capa com o frio e a umidade para cobrir todo o vale de Grutas; como um desenho secundário em uma capa, riscou os feitiços de desorientação, de *dejá vu*. Enquanto o fazia, os cascos e as vozes furiosas, incoerentes se aproximavam cada vez mais. Soavam nos bosques nebulosos ao redor da Ladeira e perto da porta do vale..., Zyerne devia lhes haver dito aonde dirigir-se. Jenny fez girar a Lua e a golpeou com força nas costelas ossudas e a égua branca se lançou pela baixada rochosa em um desdobramento magro de patas para as Portas da Gruta.

Jenny se uniu aos outros no redemoinho de névoas do vale. Tinham diminuído a velocidade quando a visibilidade desapareceu; ela os levou ao meio galope sobre os atalhos que conhecia tão bem. Maldições e gritos, atenuados pela névoa, chegavam por detrás, da Ladeira. As névoas frias se enredavam sobre o rosto de Jenny e acariciavam os cachos negros de seu cabelo. Sentia como desapareciam os feitiços que mantinham a névoa em seu lugar à medida que ela se afastava da

Ladeira, mas não se atrevia a usar a força de vontade que necessitava para mantê-los ali depois de partir. Doíam-lhe os ossos pelo esforço pequeno de conjurá-los; sabia que necessitaria toda sua força para a batalha final.

Os três cavalos subiram os degraus de granito. Da escuridão do arco da porta, Jenny se voltou para ver como a multidão brigava ainda contra a névoa cada vez mais aberta, uns cinquenta ou sessenta, de todas as classes e posições, mas sobre tudo trabalhadores sem recursos. O uniforme do grupo de guardas do palácio se destacava como manchas espectrais no cinza. Jenny ouviu os gritos e os juramentos. Perdiam-se em um território que conheciam fazia anos. Não durará muito, pensou Jenny.

Lua se assustou e relinchou pelo aroma do dragão e do sangue velho dentro da penumbra vasta da Sala do Mercado. O cadáver de Osprey tinha desaparecido, mas o lugar ainda cheirava a morte, e todos os cavalos o sentiam. Jenny deslizou do lombo alto de sua égua e lhe acariciou o pescoço, logo lhe murmurou que ficasse perto em caso de necessidade e deixou que baixasse de novo os degraus.

Os cascos golpearam detrás dela sobre as pedras sujas e chamuscadas. Jenny se deu meia volta e viu John, cor cinza sob a barba, ainda sustentado de algum modo sobre a arreios de Vaca. Estudava o vale com sua falta de expressão de sempre.

—Está Zyerne ali? —perguntou e Jenny meneou a cabeça.

—Talvez a feri muito. Talvez, ficou no palácio para reunir mais forças.

—Sempre gostou que outros matassem por ela. Quanto tempo durará seus feitiços?

—Não muito - disse Jenny com dúvidas—. Temos que mantê-los longe da porta, John. Caso forem às Grutas, muitos conhecem os primeiros níveis da Gruta. Há quatro ou cinco formas de sair da Sala do Mercado. Se retrocedermos, estaremos rodeados.

—Sim. —Ele se arranhou o flanco do nariz com preocupação—. E que tal se os deixamos entrar? Poderíamos nos esconder..., uma vez que chegue ao templo de Sarmendes com tudo esse ouro, não acredito que queiram perder energia nos buscando.

Jenny duvidou um momento e logo meneou a cabeça.

—Não — disse—. Se isso daí fora uma multidão comum, diria que sim, mas Zyerne quer que nos matem. Se não puder quebrar minha mente nem vencê-la com magia, não vai dar-se por vencida até que destrua meu corpo. Há suficientes para seguir nos perseguindo e não podemos levar um cavalo pelos túneis mais profundos; sem um cavalo, não poderemos te mover o suficientemente rápido para evitá-los. Apanhariam-nos em algum lugar fechado e nos assassinariam. Não, se formos nos defender, tem que ser aqui.

—De acordo - assentiu—. Podemos te ajudar?

Ela havia tornado sua atenção para a multidão furiosa de figuras que se moviam entre as ruínas pálidas. Disse sobre seu ombro:

—Não pode nem ajudar a ti mesmo.

—Já sei - aceitou ele com voz tranqüila—. Mas não é o que te perguntei, céu. Olhe... — Assinalou. —Esse tarado de lá acaba de ver o caminho. Aqui vêm. Ah, se forem como formigas...!

Jenny não disse nada, mas sentiu que um calafrio lhe percorria o corpo ao ver como o riacho de atacantes se alargava até converter-se em rio.

Gareth ficou junto aos dois, com Martelo de Batalha da brida. Jenny murmurou algo ao grande cavalo e o deixou solto sobre os degraus. Sua mente já estava voltando-se sobre si mesma, procurando a força nas profundidades exaustas de seu espírito e seu corpo. John, Gareth e a moça fraca vestida nos farrapos brancos de um traje de corte e obstinada no braço de Gareth estavam transformando em meros espectros para ela à medida que sua alma se afundava em espiral em um só vértice interno; como a loucura que vem depois de dar a luz, nada existia exceto ela mesma, seu poder e o que devia fazer.

Tinha as mãos apoiadas contra a rocha fria do pilar da porta e sentia que tirava fogo e força da rocha e da montanha que havia sob seus pés e sobre sua cabeça..., tirava-os do ar e da escuridão que a rodeavam. Sentiu que a magia se movia em suas veias como um redemoinho dominado de relâmpagos comprimidos. Seu poder a assustou porque sabia que era maior que o que podia tolerar seu corpo e, entretanto não podia pôr Limites a esses feitiços. Era assim com os dragões, sabia, mas seu corpo não era o de um dragão.

Viu John que levava Vaca para longe, como se estivesse assustado; Gareth e Trey já tinham retrocedido. Mas sua mente estava fora na luz pálida dos degraus, olhando para baixo, as Grutas, contemplando em um ócio sem tempo aos homens e mulheres que corriam pelas paredes derrubadas das ruínas. Viu cada um com a exatidão fria dos olhos de um dragão, não só a forma em que estavam vestidos, mas também a composição de suas almas através da pele. Viu Sérvio com clareza, apurando-os com uma espada na mão, a alma frágil como a madeira atacada pelas térmites.

Os primeiros corredores chegaram ao solo quebrado e poeirento da praça, frente às portas. Como o salto de um inseto em uma parede, ouviu protestar Gareth:

—O que podemos fazer? Temos que ajudá-la! —Enquanto isso, ela, sem paixão, reunia o fogo em suas mãos.

—Baixa isso — disse a voz de John, fraco de repente— Prepare para correr..., pode esconder nos túneis durante um tempo se nos vencerem. Aqui estão os mapas...

A multidão estava já sobre os degraus. O ódio incoerente se elevou ao redor de Jenny como uma maré tormentosa. Ela levantou as mãos com toda a força da rocha e a escuridão afundando-se em seu corpo, a mente relaxada no puxão em lugar de lutar contra ele.

A chave da magia é magia, pensou. Sua vida começava e terminava em cada segundo isolado, cristalino de tempo de impacto.

O fogo cresceu no terceiro degrau, uma parede vermelha, completa, que consumia tudo. Ela ouviu os gritos dos que ficaram apanhados e cheirou a fumaça, a carne chamuscada, o tecido que ardia. Como um dragão, matava sem ódio, golpeando com crueldade e dureza, sabendo que devia matar ao primeiro golpe se queria que seu pequeno grupo sobrevivesse.

Logo fechou a ilusão das portas que fazia já muito tempo tinham deixado de existir no arco escuro. Apareceram como vidro desacordado de dentro, mas cada prego, cada viga e cada tirante estava esculpido com perfeição em ar encantado. Através deles viu os homens e as mulheres formando redemoinhos na base dos degraus, assinalando o que viam como as Portas renovadas da Gruta e gritando seu alarme, sua surpresa. Outros jaziam no chão ou se arrastavam indefesos, apagando as chamas de suas roupas com mãos enlouquecidas. Os que não tinham sido apanhados no fogo nem sequer se moveram para ajudá-los; ficaram de pé ao final dos degraus, olhando as portas e gritando com raiva de bêbados. Com a cacofonia dos gritos e os grunhidos dos feridos, o ruído era terrível e ainda pior que o ruído era o aroma da carne chamuscada. Entre todos outros, Sérvio Clerlock, de pé, olhava as portas com os olhos comidos pela fome.

Jenny retrocedeu, decomposta de repente quando quão humano havia nela descobriu o que tinha feito o dragão em sua alma. Tinha matado antes para proteger sua vida ou as dos que amava. Mas nunca nessa escala e o poder que tinha a impressionava na mesma medida em que lhe tirava forças.

O dragão que há em ti respondeu, havia dito Morkeleb. Ela se sentia doente de horror ao comprovar a verdade de suas palavras.

Retrocedeu, tropeçando e alguém a sustentou..., John e Gareth, que pareciam um par de bandoleiros não muito eficazes, sujos e quebrados e incongruentes em seus óculos. Trey, com a capa suja de Gareth ainda posta sobre sua seda branca manchada de barro e seu cabelo púrpura e branco pendurando em cachos assimétricos sobre a cara cor da cera, tomou uma taça de lata de seu caixa adornada com pérolas, encheu-a de água da garrafa que havia sobre os arreios de Vaca e a tendeu.

—Não os deterá por muito tempo — disse John. Uma névoa de suor lhe cobria a cara e os orifícios do largo nariz estavam marcados pela dor que lhe causava o só esforço de manter-se de pé—. Olhe, aí está Sérvio procurando apoio para um segundo intento. Estúpido choroso. —Jogou um olhar para Trey e adicionou—: O lamento. —Ela só meneou a cabeça.

Jenny se liberou e caminhou sem equilíbrio até o limite da sombra da porta. Sua cabeça estava torcida de cansaço e sentia náuseas. As vozes dos homens e a sua própria quando falou, soavam chatas e irreais.

—E o conseguirá.

No lugar sob as portas, Sérvio corria aqui e lá entre os homens, passando sobre os corpos queimados dos moribundos, gesticulando e assinalando para as portas. Os guardas do palácio não

pareciam muito decididos, mas os trabalhadores do Mercado se estavam reunindo a seu redor, escutando e passando botas de vinho entre eles. Levantaram os punhos fechados contra a Gruta e Jenny disse:

—Como os gnomos, eles também sabem o que é a pobreza.

—Sim, mas por que nos culpam por ela? —objetou Gareth, indignado—. Por que culpam aos gnomos? Os gnomos são ainda mais vítimas que eles.

—Seja como for — disse John, inclinado sobre o pilar de pedra da Porta—, aposto que estão dizendo uns aos outros que o ouro da Gruta lhes pertence por direito. É o que lhes disse Zyerne e obviamente acreditam e estão dispostos a matar por isso.

—Mas é uma tolice!

—Não tanto como apaixonar-se por uma maga, e todos o temos feito — replicou John com alegria. Apesar de seu cansaço, Jenny riu—. Quanto tempo pode lutar contra eles, amor?

Algo no som da voz de John fez que ela se voltasse a olhá-lo com rapidez. Embora tivesse desmontado de Vaca para ajudá-la, era óbvio que não podia manter-se de pé só e tinha a pele cinza. Um momento depois uns gritos abaixo chamaram a atenção de Jenny; mais à frente da fumaça que ainda se torcia sobre os degraus, viu os homens que se formavam em uma linha rasgada, a loucura do ódio sem sentido em todos os olhos.

—Não sei — disse ela com suavidade—. Todo poder deve pagar-se. Manter a ilusão das Portas me tira mais forças. Mas nos dá um pouco de tempo e quebra um pouco a vontade deles se pensarem que terão que as jogar abaixo.

—Duvido que esses tenham inteligência até para pensar nisso. —Ainda inclinado sobre o pilar, John olhou o sol inclinado sobre a praça, mais fora—. Olhe, aí vêm.

—Atrás — disse Jenny. Doíam-lhe os ossos só de pensar em voltar a tirar poder deles e da pedra e do ar a seu redor—. Não sei o que pode passar sem Limites.

—Não posso retroceder amor; se me solto desta parede, caio-me.

Através da forma ilusória das Portas, Jenny os viu vir, atravessando o lugar à carreira para os degraus. A magia veio com mais lentidão, arrancou do coração arrasado de seu ser...; sua alma se sentia acabada com o esforço. As vozes cresceram mais abaixo em um crescente enlouquecido no que as palavras «ouro» e «morte» se arrojavam como espadas de madeira na raiva do ataque que começava. Jenny olhou a Sérvio Clerlock ou o que ficava de Sérvio Clerlock, em algum lugar em meio dos outros, seu traje de corte rosado como uma concha entre as tinturas sangue e ouro dos guardas do palácio. Sua mente se enfocou, como a mente de um dragão; todas as coisas se fizeram claras para ela e distantes, impessoais como imagens em um cristal de adivinhação. Chamou à raiva branca do dragão como a um trovão e encheu os degraus de fogo, não frente a eles desta vez, a não ser sob seus pés.

Quando o fogo estalou na pedra nua, uma náusea terrível a sacudiu, como se nesse segundo se abriu suas veias. O chiado dos homens, apanhados na agonia do fogo, golpeou-lhe os ouvidos como uma mão que dá uma bofetada, como essa cor cinza que ameaçava afogando seus sentidos; o calor se elevou a seu redor e logo se afundou, deixando detrás um frio como o da morte.

Jenny os viu cambalear-se e tropeçar, arrancando-as roupas em chamas da pele chamuscada. Lágrimas de dor e de debilidade corriam pela cara de Jenny pelo que tinha feito, embora soubesse que a multidão os tivesse esmigalhado aos quatro mil pedaços, embora desta vez tinha sabido de antemão que podia conjurar o fogo. A ilusão das Portas parecia tênue como uma borbulha de sabão ao redor dela..., como seu corpo mesmo, leve e volátil. Jenny cambaleou e John chegou tropeçando para sustentá-la. Levou-a para trás e a apoiou sobre o pilar no que ele se recostou antes; durante um momento, os dois se aferraram à pedra; não tinham forças nem para estar de pé.

Os olhos de Jenny se esclareceram algo. Viu homens que corriam pelo lugar aterrorizados, furiosos, enlouquecidos de dor; e a Sérvio que corria atrás deles sem pensar nas queimaduras que lhe cobriam a mão e o braço, gritando.

—O que fazemos agora, amor?

Ela meneou a cabeça.

—Não sei — murmurou—. Parece-me que vou deprimir.

O braço dele se fez mais forte em sua cintura.

—Ah, faz-o — disse com entusiasmo—. Sempre quis te pôr a salvo em meus braços.

A risada reviveu Jenny e isso era o que ele tinha querido, sem dúvida. Ela se separou do pilar enquanto chegavam Gareth e Trey, os dois doentes e assustados.

—Poderíamos correr à Gruta? —perguntou Gareth, procurando nos mapas de um bolso interno e deixando cair dois ao fazê-lo—. À cidadela, quero dizer.

—Não — disse Jenny—. Expliquei a John que se deixarmos a Sala do Mercado, rodearão-nos; e como temos que levar John, não podemos ir mais rápido que eles.

—Eu poderia ficar amor — disse John com calma—. Poderia ganhar tempo para vós.

—O tempo que demoraríamos para levantar-se depois de te haver desfeito nas escadas não serviria de muito - replicou ela, sarcástica.

—Um de nós pode tratar de ir — sugeriu Trey com acanhamento—. Policarpio e os gnomos na cidadela devem conhecer o caminho dali. Eles poderiam voltar e procurar o resto. Tenho umas velas em minha bolsa e um pouco de giz para marcar o caminho, e não sirvo de nada aqui...

—Não — objetou Gareth, brigando com valor contra seu medo a túneis escuros—. Irei eu.

—Nunca encontrariam o caminho — disse Jenny—. Já estive na Gruta. Gareth. Acredite-me, não é algo que se possa dominar com giz e velas. E, como diz John, a porta no final do caminho deve estar fechada de todos os modos, e isso se não a fecharam.

Mais abaixo, podia ouvir-se vagamente a voz de Sérvio. Gritava que a Porta não era real, que era só um truque de maga e que todo o ouro que se perdeu era deles por direito. A gente começava a gritar:

—Morte aos ladrões! Morte aos amigos dos gnomos!

Jenny inclinou a cabeça contra a pedra do pilar; uma barra de luz solar caiu através da Porta ao seu redor e ficou estendida como um tapete pálido sobre o lixo negro de fogo da Sala do Mercado. Perguntou-se se Zyerne havia sentido assim alguma vez quando conjurava as reservas profundas de seus poderes sem pôr Limites..., se havia sentido impotente ante a raiva dos homens.

Duvidava-o. Quando a gente era impotente, aprendia algo.

Tudo poder deve pagar-se. Zyerne nunca tinha pagado.

Perguntou-se, só por um momento, como fazia a encantada para obtê-lo.

—O que é isso?

Para ouvir a voz de Trey, abriu os olhos de novo e olhou para onde assinalava a moça, a luz que enchia o vale brilhava com força sobre algo que estava perto da torre do relógio. Jenny escutou com cuidado e conseguiu distinguir o som dos cascos e as vozes e sentiu o clamor distante da raiva e o ódio irracionais. Contra a cor marfim apagado das pedras da torre, a erva daninha da colina parecia pálida como uma trepadeira; entre eles, a metade dos guardas da companhia do palácio brilhava como um montão de papoulas de estufa. O sol punha fogo em suas armas.

—Ah — disse John—. Reforços.

Sérvio e um pequeno grupo de homens corriam subindo pelos escombros e os juncos para a nova companhia; as moscas se reuniam aos montões sobre as feridas sem atender o cortesão. Pequenos, na distância, Jenny viu mais e mais homens sob a sombra da torre, o cobre brilhante das lanças e as couraças, o vermelho das cristas dos cascos como sangue derramado contra as cores caladas das rochas. O cansaço mordida como veneno os ossos de Jenny. Sentia a pele como uma ferida aberta, teimosa; através dela, sentia como a ilusão das portas se desvanecia no ar à medida que o poder se secava e morria nela.

—Vós três vão detrás das portas da Grande Passagem. Gar, Trey..., levem John. Fechem as portas de dentro. Ali há polias e correias.

—Não seja tola. —John se aferrava ao poste da porta junto a ela para manter-se de pé.

—Não seja parvo você. —Não tirava os olhos do exame de homens na praça.

—Não vamos deixar — disse Gareth—. Ao menos, eu não. Trey leva John...

—Não — insistiram Trey e o Vencedor de Dragões ao mesmo tempo. Todos se olharam e as arrumaram para sorrir levemente.

—Ou todos ou nenhum, amor.

Ela se voltou bruscamente para olhá-los, os olhos brilhando pálidos com a frieza cristalina dos do dragão.

—Nenhum de vós pode me ajudar em nada contra tantos. John e Trey, quão único conseguirão é que lhes matem imediatamente. Gareth... —Os olhos de Jenny se cravaram nos do moço como uma lança de geada—. Talvez não lhe matem. Talvez tenham outras instruções de Zyerne. E eu possivelmente tenha forças para um feitiço mais. Isso pode lhes dar um pouco de tempo. A inteligência de John talvez lhes mantenha com vida um pouco mais na Gruta; e necessitam a vontade de Trey. Agora, fora.

Houve um curto silêncio e nesse tempo, ela sentiu os olhos de John sobre os seus. Era consciente dos homens que se aproximavam do vale; sua alma gritava para livrar-se desses três aos que amava enquanto ainda havia tempo. Foi Gareth o que falou.

—Realmente criem que poderão lhes impedir de entrar pela Porta outra vez? Inclusive aos homens de..., de meu pai?

—Isso acredito — mentiu Jenny, que sabia que não tinha força nem para acender uma vela.

—Então de acordo, amor — disse John com suavidade—. Vamos. —Tomou a alabarda de Jenny para usá-la como fortificação; ficou de pé com isso, apoiou uma mão sobre a nuca de Jenny e a beijou. Tinha a boca fria, os lábios suaves apesar da dureza da barba de cinco dias.

Quando seus lábios se separaram, seus olhos se encontraram, e ela sentiu que John sabia que lhe estava mentindo.

—Vamos, meninos — disse ele—. Não jogaremos o ferrolho até que seja absolutamente necessário Jenny.

A linha de soldados descia pelo labirinto de alicerces partidos e pedras tostadas. Uniram-se aos homens e mulheres das Grutas, esses que tinham arrojado lixo à senhora Mab na fonte, recordou Jenny.

Armas caseiras, além de lanças e espadas. No brilho da luz do dia, tudo parecia duro e afiado. Cada tijolo, cada viga das casas era independente nos sentidos nus de Jenny como um trabalho de um carpinteiro, cada matagal de erva daninha e fibra de erva, clara e individual.

O ar cor âmbar levava o fedor de enxofre e carne queimada. Como um fundo longínquo para os gritos furiosos de exortação e delírio, elevava-se o uivo dos feridos e, de vez em quando, vozes que gritavam:

—Ouro..., ouro...

Quase não sabem para que servem, havia dito Morkeleb.

Jenny pensou em Ian e Adric e se perguntou brevemente quem se ocuparia deles, e se, sem o amparo de John e a dela, chegariam a adultos nas Terras de Inverno. Logo suspirou e se adiantou das sombras da luz. O sol pálido a empapou, uma mulher pequena, fraca, morena, só, no arco vasto da Porta desfeita. Os homens a assinalaram, gritando. Uma rocha saltou sobre os degraus, a uns metros. O sol era quente e agradável na cara de Jenny.

Sérvio gritava como um histérico:

—Ataquem! Ataquem agora! Matem a essa bruxa cadela! É nosso ouro! Desta vez apanharemos a essa puta..., ataquem...

Os homens começaram a correr para os degraus. Ela os olhou chegar com um sentimento curioso de distanciamento total. Os fogos da magia do dragão a tinham secado por completo..., uma última armadilha de Morkeleb, pensou com ironia, uma vingança final por havê-lo humilhado. A multidão se curvou como uma onda que vai romper sobre as vigas caídas e os painéis das folhas desfeitas da porta; o sol, brilhante sobre o aço das armas que levavam nas mãos.

Logo, uma sombra cruzou a luz do sol..., como a de um falcão, mas imensamente maior.

Um homem olhou para cima, assinalou ao céu e gritou. Jenny elevou a cabeça. A luz dourada caía translúcida, através da negra extensão dos ossos e as veias negras das asas cobertas de pele, brilhava sobre os espinhos que salpicavam os vinte metros de seda silenciosa e salpicados de ouro cada corno, cada cinta da juba lustrosa.

Ela viu como o dragão fazia um círculo, cavalgando sobre sua esteira como uma águia vasta e só muita atrás em sua consciência, ouviu os uivos aterrorizados dos homens e os relinchos agudos e enlouquecidos dos cavalos dos guardas. Chiando e tropeçando no lixo, os atacantes da Gruta deram meia volta e fugiram, caindo sobre seus mortos e deixando para trás as armas em sua fuga desesperada.

O vale estava quase vazio quando Morkeleb aterrissou sobre os degraus destróçados da Gruta.

O sol se pôs. Ecos de seu brilho se atrasavam ainda sobre os limites canela do escarpado. Depois da luz do fogo e o negrume da Sala do Mercado, onde se podia ouvir Gareth e Trey falando com suavidade junto à pequena luz que tinham alimentado, a frieza do vento nos degraus era refrescante. Jenny passou as mãos cansadas pelo cabelo e o frio de seus dedos foi um alívio contra sua cabeça dolorida.

A grande forma de um negro brilhante, que jazia como uma esfinge sobre o primeiro degrau voltou a cabeça para ela. No brilho refletido do fogo da Sala, Jenny viu os compridos limites do crânio parecidos com um pássaro, o giro da juba de cintas e o brilho dos pompons de água que pareciam tremer sobre as duas antenas.

A voz dele era suave em sua mente.

Necessito sua ajuda, mulher maga.

O que?

Era a última coisa que pudesse esperar do dragão. Perguntou-se com pouca lógica se teria ouvido bem, embora com os dragões essa pergunta fosse estúpida.

Minha AJUDA? Minha ajuda?

Uma fúria amarga brotou do dragão como uma fumaça ácida: fúria por ter que pedir ajuda a um ser humano, fúria por necessitar ajuda, fúria por admiti-lo, inclusive ante si mesmo. Mas em sua mente bem protegida, Jenny sentiu outras coisas: um cansaço que se parecia com o dela e o frio fio do medo.

Por meu nome, jogou-me deste lugar, disse ele. Mas há outra coisa, algo que está além de meu nome, que me chama de novo.

Como uma jóia, uma das antenas com ponta redonda tremeu no vento.

Como os sonhos insatisfeitos que me trouxeram primeiro a este lugar, não me deixa descansar. É um desejo como o desejo pelo ouro, mas pior. Atormentou-me enquanto voava para o norte; convertia-se em dor e eu só conseguia alívio quando voltava a voar para o sul. Agora todas as torturas de minha alma e meus sonhos se centram nesta montanha. Antes que você entrasse em minha mente, não era assim..., eu ia e vinha como queria e nada, exceto meu próprio desejo de ouro, podia me fazer voltar. Mas esta dor, este desejo do coração, é algo que nunca havia sentido, nunca

até agora em todos meus anos; é algo que não conhecia até que sua cura me tocou por dentro. Não é teu, porque você me ordenou partir. É uma magia que não entendo, distinta da magia dos dragões. Não me deixa descansar, não me dá trégua. Penso constantemente neste lugar, embora, por meu nome, mulher maga, é contra meu desejo que volto.

Sentou-se sobre as ancas e se deitou como às vezes se deitam os gatos, os membros dianteiros e os ombros como uma esfinge, mas as pernas estendidas sobre o primeiro degrau. O corpo espinhoso de sua cauda golpeava leve, a ponta cheia de garras.

Não é o ouro, disse. O ouro me chama, mas nunca com uma loucura como esta. Está além de minha compreensão, como se me estivessem arrancando a alma de raiz. Odeio este lugar porque agora é um lugar de derrota e desgraça para mim, mas o desejo de estar aqui me consome. Nunca havia sentido isto antes e não sei o que é. Vem de ti, mulher maga? Sabe o que é?

Jenny ficou em silêncio um momento. Sua força voltava pouco a pouco, e se sentia já menos débil e frágil que antes. Sentada sobre os degraus entre as garras do dragão, tinha a cabeça dele por cima da sua, as cintas leves, acetinadas de sua juba lhe acariciando o rosto. Agora ele olhou para baixo e ao olhá-lo, Jenny se encontrou com um olho cristalino.

É um desejo como os que sentem os seres humanos, disse ela. Não sei por que razão pode possuir a ti, Morkeleb..., mas acredito que já é hora de que o averiguemos. Não é o único ao que a Gruta atrai como se estivesse possuído. Eu tampouco acredito que seja o ouro. Há algo na Gruta. Sinto muito. Noto-o em meus ossos.

O dragão meneou a grande cabeça.

Conheço a Gruta, disse. Era meu reino e meu domínio. Conheço cada moeda caída, cada pedaço de cristal. Ouvi o ruído de todos os passos que fugiam para a cidadela, e o deslizar do peixe cego e branco através das águas, muito abaixo. Digo-te que não há nada na Gruta exceto água, pedra e o ouro dos gnomos que dorme na escuridão. Não há nada ali que pudesse me atrair desse modo.

Talvez, disse Jenny.

Logo, em voz alta, chamou na caverna cheia de ecos as suas costas:

—Gareth! John! Trey!

O dragão levantou a cabeça com indignação quando ouviu os passos suaves deslizando-se dentro. Como uma fala sem palavras, Jenny sentiu o estalo agudo do orgulho e a raiva de Morkeleb porque ela chamava a outros seres humanos ao conselho e se deu conta de que tinha vontades de lhe pegar no nariz como a seu gato quando roubava comida de entre os dedos.

Ele sentiu o brilho refletido de sua irritação porque se agachou e o queixo estreito baixou para descansar sobre os ganchos de ferro de ossos largos de uma garra dianteira. Além das espadas de sua coluna, Jenny viu golpear a ponta da grande calda.

Os outros três saíram da cova; Gareth e Trey levavam John entre os dois. Tinha dormido um pouco; tinha descansado e lhe via melhor que antes. Os feitiços de cura de Jenny estavam sortindo efeito. Levantou a vista para a forma negra do dragão e Jenny sentiu que os olhos dos dois se encontravam e se deu conta de que Morkeleb lhe falava, embora não ouviu o que lhe disse.

—Bom, de todos os modos saiu bem, não é certo? Obrigado — replicou John em palavras.

Seus olhos se olharam durante um momento. Logo, o dragão levantou a cabeça e a apartou com irritação. Observou com seu olhar frio e chapeado a cara de Gareth. Jenny viu que o jovem avermelhava de vergonha e confusão; não soube o que disse o dragão porque Gareth não respondeu.

Deitaram John com as costas contra o pilar de granito da porta, a capa dobrada sob os ombros. Seus óculos brilhavam à luz das estrelas, um pouco como o brilho dos olhos do dragão. Jenny se sentou nos degraus entre John e as garras do animal; Gareth e Trey, para proteger-se mutuamente, sentaram-se em frente, muito juntos, olhando maravilhados a forma franca, serpentina do Dragão Negro da Parede de Nast.

Um pouco depois, a voz de Jenny, chapeada, quebrada, rompeu o silêncio.

—O que há na Gruta? —perguntou—. O que é o que Zyerne quer desesperadamente? Tudo o que fez foi consegui-la..., seu domínio sobre o rei, seus intentos por seduzir Gareth, seu desejo de ter um filho, o sítio de Halnath e a chegada do dragão.

Ela não me conjurou, replicou Morkeleb, furioso. *Não pode fazê-lo. Não tem domínio sobre minha mente.*

—Está aqui, não é verdade? —disse John lentamente, e as garras metálicas do dragão arranharam a pedra enquanto sua cabeça girava com fúria.

—John! Morkeleb! —disse Jenny com severidade.

O dragão voltou a deitar-se com um assobio leve, mas as pontas de suas antenas tremiam de irritação.

—É possível que ela também se sinta conjurada por algo que há na Gruta?

Digo-te que não há nada ali, disse o dragão. *Nada, exceto pedra e ouro, água e escuridão.*

—Voltemos atrás um pouco então — disse John—. Não o que quer Zyerne na Gruta, a não ser simplesmente o que quer.

Gareth se encolheu de ombros.

—Ouro não. Já viram como vive. Poderia ter todo o ouro do reino se quisesse. Tem ao rei...

—Duvidou e logo seguiu falando com calma—. Se eu não tivesse ido ao norte, certamente me teria e muito provavelmente um filho para reinar durante o resto de sua vida.

—Antes vivia na Gruta - assinalou Trey—. Parece que desde que se foi esteve tratando de obter o controle sobre ela. Por que se foi? Os gnomos a expulsaram?

—Em realidade não — disse Gareth—. Quero dizer, não lhe proibiram formalmente entrar na Gruta até este ano. Até então, podia entrar e sair dos níveis superiores como qualquer outra pessoa de Bel.

—Bom, se ela sabe trocar de forma, quer dizer que podia ir aonde quisesse sempre que não se aproximasse dos magos — raciocinou John, acomodando suas lentes com um dedo indicador—. E o que passou faz um ano?

—Não sei - disse Gareth—. Dromar pediu a meu pai em nome do Senhor da Gruta que não deixasse a ela..., nem a qualquer outro filho de homem, em realidade...

—De novo, isso me parece uma precaução lógica contra alguém que pode trocar de forma.

—Talvez. —Gareth se encolheu de ombros—. Então não o pensei..., grande parte da impopularidade dos gnomos começou nesse instante, por essa norma. Mas falaram especificamente de Zyerne porque havia... —Procurou as palavras exatas em sua memória compendio treinada pelas baladas—... «profanado algo sagrado».

—Alguma idéia do que era?

O príncipe meneou a cabeça. Como John, parecia consumido, cansado; sua camisa, uma ruína flutuante de sujeira e buracos de faíscas; sua cara brilhando levemente com uma barba quase invisível de adolescente. Trey, sentada a seu lado, não estava muito melhor. Com seu espírito prático de sempre, tinha levado um pente em sua bolsa e se penteou o cabelo. Agora pendurava até além de suas coxas em mechas frisadas. O brilho suave de suas cores fantásticas se suavizou um pouco até converter-se em branco neve e violeta, como a pele de uma besta fabulosa contra o cabelo emaranhado da capa de Gareth.

—Profanar algo sagrado, uma «coisa» então - repetiu Jenny pensativa—. Não é a forma em que o disse Mab. Ela disse que Zyerne tinha envenenado o coração da Gruta..., mas o coração da Gruta é um lugar mais que um objeto.

—Sim? —perguntou John com curiosidade.

—Claro, estive aí. —O silêncio do lugar sussurrava em sua memória—. Mas quanto ao que quer Zyerne...

—Você é maga, Jen - disse John—. O que quer?

Gareth parecia escandalizado pela comparação, mas Jenny só o pensou um momento e logo disse:

—Poder. Magia. A chave da magia é magia. Meu desejo maior, esse pelo qual sacrificaria todo o resto, é aumentar minhas habilidades.

—Mas ela já é a maga mais poderosa desta terra — protestou Trey.

—Não, segundo Mab.

—Suponho que havia magos gnomos mais poderosos na Gruta - disse John, interessado—. Se não, não teria necessitado chamar a Morkeleb.

Ela não me chamou!

A cauda do dragão voltou a golpear como a de um gato.

Não pode fazê-lo. Seu poder não é tão grande.

—Alguém tem um poder assim - fez notar John—. Antes que acabasse com a Gruta e os magos que havia nela, os gnomos eram bastante fortes para manter Zyerne longe. Mas morreram todos ou ao menos os mais fortes...

—Não - disse Isso Jenny é o que me intriga. Mab disse que ela mesma era mais forte que Zyerne em algum momento no passado. Isso quer dizer que Mab está mais débil ou Zyerne mais forte.

—É possível que o poder do Mab se debilitasse de alguma forma ao aparecer Morkeleb? — John jogou um olhar ao dragão—. Seria possível que sua magia diminuísse ante a de outro?

Não sei nada da magia dos humanos, nem da dos gnomos; replicou o dragão. Entretanto, entre nós, não se pode tirar magia de outro. É como lhe tirar seus pensamentos e deixá-lo sem nada.

—Essa é outra coisa - disse Jenny, cruzando os braços sobre os joelhos levantados—. Quando me encontrei com Zyerne ontem... Meus poderes cresceram, mas não deveria ter podido derrotá-la como o fiz. Ela pode trocar de forma..., deveria ter tido muita mais força que eu. —Olhou Gareth—. Mas não trocou de forma.

—Faz-o - protestou o moço—. Eu a vi.

—Ultimamente? —perguntou John, de repente.

Gareth e Trey se olharam.

—Da chegada do dragão? Ou, para dizê-lo com outras palavras, desde que não pode entrar na Gruta?

—Mas de todas as maneiras, é inconcebível - insistiu Jenny—. O poder não é algo que dependa de um lugar ou de uma coisa, igual ao conhecimento. O poder de Zyerne não pode diminuir e o de Mab tampouco. O poder está dentro de um, aqui, ou em Bel, ou nas Terras de Inverno, ou onde quer que esteja. É algo que se aprende, algo que alguém desenvolve... Todo poder deve pagar-se...

—Mas parece que Zyerne nunca pagou pelo seu - disse John. Seu olhar passou de Jenny ao dragão e logo depois de volta Jenny—. Diz que a magia dos gnomos é diferente. Há alguma forma em que ela tenha podido roubar poder, Jen? Em que pudesse estar usando algo ao que não tem direito? Estou pensando nisso que disse, que não sabe o que são os Limites... O qual é óbvio, porque chamou um dragão do que não pode livrar-se...

Ela não me chamou!

—Ela parece acreditar que o fez — assinalou John—. Ao menos segue dizendo que foi ela a que jogou aos gnomos da Gruta. Mas sobre tudo estou pensando nas rugas que há em seu rosto.

—Mas não tem rugas — objetou Trey, desconcertada por essa mudança brusca de tema.

—Justamente. Por que não as tem? Todos os magos que conheço: Mab, que não é tão velha para um gnomo; o velho Caerdinn, esse mago vagabundo, pequeno, louco que vinha às Terras de Inverno e você, Jen, as marcas do poder estão escritas em todos esses rostos. Embora não te envelheceu — adicionou rapidamente, com um interesse pela vaidade dela que fez sorrir Jenny.

—Tem razão - disse Jenny com lentidão—. Agora que o diz, não acredito que nunca tenha conhecido a um mago que fora tão..., tão agradável de aspecto. Talvez isso seja o que me preocupou primeiro. E Mab disse algo a respeito de que Zyerne roubou segredos. Zyerne mesma disse que quando conseguir entrar na Gruta terá poder para nos destruir a todos. —Franziu o cenho quando outro pensamento penetrou em sua mente—. Mas não tem sentido. Se crie que pode ter ganhado seu poder estudando artes dos gnomos..., metendo-se em lugares proibidos e lendo os livros de sua magia mais profunda, está equivocado. Eu procurei um livro assim nos Lugares de Cura e não encontrei nenhum.

—É estranho, não te parece? —murmurou John—. Mas quando diz que o poder não está relacionado com nada em particular, ao igual ao conhecimento..., o conhecimento se pode armazenar em um livro. Há alguma forma em que se possa armazenar poder? Um mago pode usar o poder de outro?

Jenny se encolheu de ombros.

—Ah, sim. O poder pode acumular grande como em profundidade; muitos magos podem enfocar seu poder todos juntos e dirigi-lo para um só feitiço que nenhum deles pode obter sozinho. Pode-se fazer cantando, meditando, dançando... —Deixou de falar quando a visão se elevou de novo em sua mente, a visão do coração da Gruta—. Dançando... —repetiu com suavidade, logo meneou a cabeça—. Mas de todos os modos, o poder está controlado pelos que o conjuram.

—Sério? —perguntou John—. Porque no Poliborus diz...

Morkeleb o interrompeu.

Mas se lhe proibiram chegar à Gruta, Zyerne não pode ter estado perto dele quando se elevou o poder que me enviou este desejo e me chamou de volta a este lugar. Nem pode ter estado perto da Gruta para conjurar os sonhos que me trouxeram aqui a primeira vez. E não há outros magos que tenham podido reunir-se para conseguir tal poder.

—Isso é o que estou tratando de te dizer! —interrompeu John—. No Dotys..., ou no Analecto do Poliborus ou talvez é no Elucidus Lapidarius...

—O que? —perguntou Jenny, totalmente consciente de que John era capaz de procurar a fonte de referência durante dez minutos no ninho de urraca de sua memória.

—Dotys..., ou Poliborus..., dizem que os magos podiam usar certo tipo de pedra para reunir o poder. Podia pôr poder nela, geração detrás geração, às vezes, ou podiam unir-se em um momento... E acredito que menciona o baile..., e quando necessitavam muito poder, para defender o reino ou derrotar a um dragão ou a um mal realmente poderoso, podiam conjurar o poder que já estava na pedra.

Olharam-se um a outro em silêncio, a maga e o príncipe, a moça e guerreiro e o dragão. John continuou.

—Acredito que o que os gnomos estavam resguardando, o que está ali no coração da Gruta, é um depósito de poder. —A voz de John era suave na escuridão de veludo—. E nesse caso, tudo o que tinha que fazer Zyerne era roubar a chave que guardava esse depósito. Foi aprendiz nos Lugares de Cura, isso não deve ter sido difícil.

—E se estiver mentalmente em contato com o poder, pode usá-lo de alguma forma, inclusive a distância —disse Jenny—. Eu o senti quando lutei com ela..., um poder que nunca havia sentido. Não um poder vivo, como Morkeleb, a não ser forte porque está morto e não lhe importa o que faz. Deve ser a força de todos seus atos, para trocar de forma e para enviar a maldição contra os gnomos, a maldição que te trouxe do norte, Morkeleb.

—Uma maldição que ainda tem força, ela queira ou não. —Os óculos de John brilharam à luz das estrelas e ele sorriu—. Mas não lhe deve ser fácil trabalhar a distância, a senhora Mab não

podia usá-lo contra Zyerne. Isso explicaria por que Zyerne tem tanta necessidade de conseguir a oportunidade de voltar para a Gruta.

E então? Perguntou Morkeleb com amargura. *Acaso seu inestimável Dotys ou seu sábio Poliborus falam de uma forma de combater a magia dessas pedras?*

—Bom - disse John, um sorriso de diversão nos extremos de sua boca—, essa foi a razão pela qual vim ao sul, sabe? Minha cópia do Elucidus Lapidarius não está completa. Nada do que há em minha biblioteca está completo. Por isso aceitei ser o Vencedor de Dragões para o rei, porque precisamos livros, precisamos conhecimentos. Quero estudar tudo o que possa, mas não é fácil.

Com o tamanho do cérebro humano, claro que não, replicou Morkeleb, que perdia o controle irracionalmente. *E não é mais sábio que Vencedor de Dragões!*

—Alguma vez disse que o fora - protestou John—. São só essas baladas, sabe?...

As garras rangeram de novo sobre as pedras. Jenny, exasperada com os dois, começou a dizer:

—Realmente vou ter que deixar que te coma esta vez...

Trey se apressou a interromper.

—Poderiam usar você a Pedra, senhora Jenny? Usá-la contra Zyerne?

—Claro! —Gareth saltou como um menino de escola sobre o degrau! Combater fogo com fogo.

Jenny ficou calada. Sentia que todos a olhavam: Trey, Gareth, John, o olhar de cristal do dragão volta para ela de cima. A idéia do poder se movia em sua mente como luxúria, o poder de Zyerne. A chave da magia é magia...

Viu a preocupação nos olhos de John e soube o que devia ser sua própria expressão. Isso tranqüilizou-a um pouco.

—No que está pensando?

Ele meneou a cabeça.

—Não sei amor.

Queria dizer que não ia interpor se na decisão que ela tomasse. Jenny interpretou bem seu olhar e disse com suavidade:

—Não usaria esse mal poder, John. Não me transformaria em algo como Zyerne.

A voz de John foi só para ela esta vez.

—Está segura?

Ela começou a lhe responder, logo se deteve. Aguda e clara, ouviu a voz da senhora Mab que dizia: Ela tomou os segredos de outros maiores que ela, profanou-os, sujou-os, envenenou o mesmo coração da Gruta... Recordou, também, essa sensação de poder pervertido que tinha brilhado na luz do abajur ao redor de Zyerne e do pobre Sérvio e a forma em que a tinha trocado o toque da mente do dragão.

—Não - disse finalmente—. Não posso estar segura. E seria estúpido mesclar com algo tão poderoso sem conhecer seus perigos, inclusive se pudesse chegar a adivinhar por mim mesma a chave que se usa para entrar.

—Mas é nossa única oportunidade de derrotar Zyerne - protestou Gareth—. Voltarão, sabem que o farão... Não podemos ficar neste poço para sempre.

—Poderíamos aprender o suficiente sobre a Pedra para que vocês pudessem evitar seus poderes de algum modo? —sugeriu Trey—. Parece-lhes que pode haver uma cópia desse não sei o que de que falaram na biblioteca do palácio?

Gareth encolheu de ombros. Sua sabedoria podia estender-se até o conhecimento de sete variantes menores da balada da Dama Guerreira e o Verme Vermelho do vale de Welder, mas era nula quanto a tudo o referente a escuras enciclopédias.

—Mas seguro que há uma em Halnath, verdade? —disse Jenny—. E se não conter essa informação, haverá gnomos que possam saber algo.

—Se nos disserem isso. —John se apoiou cuidadosamente um pouco mais acima contra o granito do pilar da porta; as poucas partes de sua camisa que não estavam enegrecidas pelo sangue, muito brancas na luz crescente da lua contra o brilho metálico das fivelas de sua roupa —. Os que são como Dromar não vão admitir que exista sequer. Já tiveram muitos problemas com seres humanos que controlam a Pedra e não posso dizer que não os compreenda. Mas aconteça o que acontecer — adicionou enquanto outros caíam uma vez mais do entusiasmo a uma reflexão desesperada —, nosso próximo movimento deve ser sair daqui. Como diz nosso herói, sabe que Sérvio e as tropas do rei voltarão. O único lugar que podemos ir é Halnath e talvez ali tampouco. São muito estreitas as linhas do lugar, Gar?

—São estreitas — disse Gareth, deprimido—. Halnath está construída sobre uma série de escarpados..., a cidade inferior, a cidade superior, a universidade e a cidadela por cima e a única forma de entrar é pela cidade inferior. Os espiões trataram de passar pelos escarpados ao lado da montanha e caíram e morreram. —Voltou a ajustá-los óculos quebrados—. E, além disso - continuou—, Zyerne sabe tanto como eu que Halnath é o único lugar onde podemos ir.

—Maldição. —John olhou Jenny, sentada contra as curvas estranhas dos ossos complexos do ombro do dragão—. Para ser algo que nunca foi meu assunto, isto piora por momentos.

—Eu poderia ir - aventurou Trey—. As tropas me reconheceriam ao menos. E poderia lhe dizer ao Policarpio...

—Nunca deixariam acontecer - disse John—. Não cria que Zyerne não sabe que está aqui, Trey; e não cria que te deixará ir porque é a irmã de Sérvio ou que Sérvio é capaz de enfrentar-se Zyerne e lhe pedir que te proteja, Zyerne não pode permitir que nenhum de nós chegue até os gnomos e lhes diga que o dragão se foi da Gruta.

Esse é o problema, justamente, disse Morkeleb, tenso. O dragão NÃO se foi da Gruta. Não o fará até que Zyerne seja destruída. E não ficarei aqui, assim, tranquilo, a ver como os gnomos fazem seu comércio desprezível com meu ouro.

—Seu ouro? —John levantou uma sobrancelha. Com um gesto rápido da mente, Jenny deteve de novo a Morkeleb.

Eles tampouco o permitiriam, disse ela, só para o dragão. Só seria questão de tempo o que sua desconfiança para os dragões ganhasse de novo e tratassem de te matar. Não..., temos que te liberar.

Liberar-me! A voz dentro da mente de Jenny era ácida como o aroma do vinagre. Liberar-me para me jogar como um mendigo à rua? O dragão moveu a cabeça e as largas escamas de sua juba chocaram brandamente umas com outras. Você me tem feito isto, mulher maga... Antes de que sua mente tocasse a minha, não estava preso a este lugar...

—Estava preso — disse Aversin com tranquilidade—. O que acontece é que antes que a mente de Jenny tocasse a tua não sabia. Tratou de ir antes?

Fiquei porque queria ficar.

—E o velho rei quer ficar com Zyerne, embora ela o esteja matando. Não, Morkeleb, ela conseguiu através de sua avareza, seu desejo pelo ouro, como conseguiu ao pobre pai do Gar através de sua dor e a Sérvio através de seu amor. Se não tivéssemos vindo, teria-te ficado aqui, preso com encantamentos a pensar sobre seu tesouro até que morrera... É só que agora sabe e antes não.

Isso é mentira!

Mentira ou não, disse Jenny, ordeno-te, Morkeleb, que logo que amanheça leve-me sobre a montanha até a cidadela de Halnath, para que possa fazer que Policarpio, o Senhor, leve a estes outros à segurança através da Gruta.

O dragão se levantou, tremendo de raiva. Sua voz golpeou na mente dela como um látego de prata.

Não sou sua pomba nem seu servo!

Jenny também estava de pé agora, olhando para cima, as profundidades brancas de seus olhos.

Não, disse, aferrando-se à cadeia de cristal do nome interno do dragão. É meu escravo por isso que me deu quando te salvei a vida. E por isso que me deu, digo-te que isso é o que fará.

Os olhos dos dois se travaram um com outro. Os outros três, sem ouvir o que acontecia nas duas mentes, viam e sentiam só a raiva ardente do dragão. Gareth tomou a Trey na mão e a levou para trás, para o refúgio da entrada; Aversin fez um movimento para levantar-se e depois se deixou cair com um gemido. Rechaçou, enfurecido, o intento de Gareth de pô-lo a salvo; seus olhos não se apartaram nem um momento da forma pequena, fraca da mulher que estava de pé frente à raiva fumegante da besta.

Jenny se deu conta de tudo isso, mas a distância, como um nota a malha de uma tapeçaria sobre o que se pintaram outras cores. Toda sua mente se enfocou com a exatidão do cristal contra a mente que se elevava como uma onda escura contra ela. O poder que tinha nascido nela pelo toque da mente do dragão se fortaleceu e ardeu, forçando ao Morkeleb a retroceder. Ela compreendeu que o nome dele era uma arma de muitos fios em suas mãos. Um segundo depois, Morkeleb voltou a sentar-se sobre suas ancas e logo retomou sua posição de esfinge.

Dentro da mente de Jenny, sua voz disse com suavidade:

Sabe que não me necessita para voar sobre as montanhas, Jenny Waynest. Conhece a forma dos dragões e sua magia. Já tem a magia.

Poderia ter a forma, replicou ela, porque você me ajudaria a fazê-lo para te liberar de minha vontade. Mas não me ajudaria a me tirar isso logo.

Olhar as profundidades dos olhos dele era como cair no coração de uma estrela.

Se você quisesse, eu o faria.

Ela tremeu como com o calor terrível da febre. Sentia a necessidade do poder, a necessidade de apartar-se de tudo o que a tinha separado disso no passado.

—Para ser mago deve ser mago — havia dito Caerdinn. E também havia dito—: Os dragões não enganam com mentiras, enganam com a verdade.

Jenny desviou o olhar dessas profundidades cósmicas.

Diz isso só porque se eu fosse dragão, deixaria de querer te dominar, Morkeleb o Negro.

Ele replicou:

Não somente por isso, Jenny Waynest.

E como um espectro, desvaneceu-se na escuridão.

Jenny não dormiu essa noite, embora ainda estivesse exausta pela batalha nas Portas. Sentou-se nos degraus, como quase toda a noite anterior, olhando e escutando..., disse-se a si mesmo que esperava aos homens do rei, mas sabia que não viriam. Sentia a noite com intensidade física, a luz da lua como um rebordo de prata fundida em cada lasca, cada greta sobre os degraus queimados, no quais que estava sentada, a lua que convertia em pedacinhos de branco cada broto nodoso de erva daninha no pó pisoteado da praça, lá abaixo. Já cedo, enquanto atendia John junto ao fogo na Sala do Mercado, os corpos dos assaltantes mortos tinham desaparecido dos degraus. Ela não sabia se era porque a Morkeleb incomodavam ou porque tinha tido fome.

Sentada na quietude geada da noite, meditou procurando uma resposta dentro de si mesma. Mas sua própria alma estava turva, dividida entre a grande magia que sempre tinha ficado um pouco além de seu alcance e as pequenas alegrias que tinha entesourado em seu lugar: o silêncio da casa em Colina Geada, a lembrança de umas Palmas pequenas que se aferravam às seu e John.

John, pensou e olhou atrás através do arco largo da Porta para o lugar onde ele estava deitado, envolto em peles de urso, junto ao brilho leve do fogo.

Na escuridão, Jenny desenhou sua figura, a forma compacta de ombros largos que se combinava de um modo tão estranho com a flexibilidade de galgo de seus movimentos. Recordava os temores que a tinha levado a Gruta a procurar drogas..., que a tinham levado a olhar pela primeira vez nos olhos de prata do dragão. Agora, como então, quase não podia pensar em anos de sua vida que não incluíram ou fossem incluir esse sorriso triangular.

Adric já o tinha, junto com a alegria e a metade ensolarada da personalidade rápida de John. Ian tinha sua sensibilidade, sua curiosidade irritante, insaciável e sua atenção. *Seus filhos*, pensou ela. *Meus filhos*.

Entretanto, a lembrança do poder que tinha conjurado para deter a multidão que queria linchá-los sobre esses mesmos degraus voltava para ela, a doçura e o terror e o êxtase. Seus resultados a tinham horrorizado e o cansaço desse poder ainda pendurava de seus ossos, mas o gosto que ficava era de triunfo: tinha-o dominado. Como podia ter perdido todos esses anos antes de começar? Perguntou-se. O toque da mente de Morkeleb havia entreaberto milhares de portas dentro de si mesma. Se agora lhe voltava às costas, quantas dessas habitações poderia explorar? A promessa da magia era algo que só alguém que nasceu mago pode entender; a necessidade, como uma luxúria ou uma fome, algo que só alguém que nasceu mago pode sentir. Havia uma magia que ela nunca tinha sonhado que podia fazer-se a partir da luz de certas estrelas, conhecimento não meio doido nas mentes escuras, eternas dos dragões e no canto das baleias no mar. A casa da colina que amava tanto voltou para ela como a lembrança de uma prisão estreita; a forma em que se aferravam as mãos pequenas em suas saias, a boca de um menino em seu peito, pareceram-lhe durante um momento só laços que lhe impediam de caminhar através dessas portas para o ar que se movia livre, fora.

Era isto que lhe acontecia: um encantamento de Morkeleb? Perguntou-se, envolvendo-se melhor no peso suave da pele de urso e olhando a escuridão régia e azul do céu sobre o escarpado do oeste. Era algo que ele tinha tirado das profundidades de sua alma para que deixasse as preocupações dos seres humanos e o liberasse do domínio da mente dela para sempre?

Por que disse «não somente por isso», Morkeleb, o Negro?

Você sabe tão bem como eu, Jenny Waynest.

Morkeleb tinha estado invisível na escuridão. Agora, a luz da lua que lhe salpicava as costas era como um tapete de diamantes e seus olhos de prata pareciam pequenas luas semicerradas. Ela não sabia quanto tempo fazia que estivesse ali; a lua tinha cansado, as estrelas se moviam. Sua chegada tinha sido como uma pluma na noite quieta.

O que lhes dá o tira de ti mesma. Quando nossas mentes estavam uma dentro da outra, vi a luta que te torturou durante toda a vida. Não entendo as almas dos homens, mas tem um brilho próprio, como ouro suave. É forte e bela, Jenny Waynest. Eu gostaria que te voltasse um de nós e vivesse conosco nas ilhas de rochas dos mares do norte.

Ela meneou a cabeça.

Não me voltarei contra os que amo.

Voltar-te contra eles?

A luz da lua que se afundava tingiu a juba de geada quando o dragão moveu a cabeça.

Não. Sei que nunca faria isso embora com o que te tem feito seu amor, o mereceriam. E quanto ao amor esse de que falas, não sei o que é..., não é coisa de dragões. Mas quando me vir livre dos feitiços que me atam aqui, quando voar ao norte de novo, vêm comigo. Isso é algo que tampouco havia sentido, nunca, este desejo de que seja um dragão para que possa estar comigo. E me diga, o que te importa se esse moço Gareth se converte em escravo da mulher de seu pai ou de uma mulher que ele mesmo escolha? O que te importa quem é dono da Gruta ou quanto tempo possa esta mulher Zyerne seguir corrompendo sua mente e seu corpo até que morra quando já não recordar o suficiente de sua própria magia para seguir vivendo? O que te importa se as Terras de Inverno as defendem um grupo de homens ou outro ou se ali tiverem livros para ler sobre os fatos de um terceiro? Todo isso não é nada, Jenny Waynest. Seus poderes são maiores.

Deixá-los agora seria como voltar-se contra eles. Necessitam-me.

Não lhe necessitam, replicou o dragão. Se as tropas do rei lhe tivessem matado sobre estes degraus, teria sido o mesmo para eles.

Jenny levantou a vista para olhá-lo, essa forma escura de poder, imensamente maior que o dragão que John tinha matado em Wyr e imensamente mais formoso. O canto dessa alma produzia ecos na mente dela, magnificados pela beleza do ouro. Obstinada à luz do dia que conhecia para lutar contra a chamada da escuridão, sacudiu a cabeça de novo e disse:

Não teria sido o mesmo.

Reuniu as peles a seu redor, levantou-se e baixou à Gruta.

Depois do fio do ar noturno, a grande caverna parecia fechada e cheirava a fumaça. O fogo moribundo arrojava estranhas faíscas cor âmbar contra o labirinto de Marfim das torres investidas que havia mais acima e brilhava levemente contra os extremos das cadeias rotas dos abajures que penduravam do negrume da abóbada. Sempre era assim, passar do ar da noite livre à quietude

pesada do interior, mas agora o coração lhe doía de repente, como se tivesse abandonado o ar livre e tivesse escolhido a prisão para sempre.

Dobrou a pele de urso, deixou-a junto ao fogo do acampamento e descobriu o lugar em que tinha estado apoiada sua alabarda contra os poucos pacotes que haviam trazido com eles do acampamento anterior. Em algum lugar da escuridão, ouviu um movimento, o som de alguém que tropeça sobre uma capa. Um momento depois, a voz de Gareth disse com suavidade:

—Jenny?

—Aqui estou. —endireitou-se, a cara pálida e as fivelas metálicas de sua jaqueta de couro de ovelha brilhantes na luz baixa do rogo.

Gareth parecia cansado e consumido em sua camisa, suas calças e uma capa manchada e enrugada, o menos parecido possível ao cortesão que era menos de uma semana, cuidadoso com seus mantos rosados e brancos. Mas também havia menos nele do jovem fraco e ansioso que tinha cavalgado para as Terras de Inverno em busca de seu herói, notou Jenny.

—Tenho que ir — disse ela com suavidade—. Vai amanhecer. Recolhe as armas que possa, em caso de que voltem os homens do rei e façam uma barricada detrás das portas interiores da Grande Passagem. Há coisas más na escuridão. Talvez lhes ataquem quando se acabar a luz.

Gareth tremeu com todo seu corpo e assentiu.

—Direi ao Policarpio como está a situação. Virá aqui para lhes buscar se não tiver feito estalar os caminhos pela Gruta. Se não chegar a Halnath...

O moço a olhou e as conclusões heróicas e simples de uma dúzia de baladas reverberaram em sua cara decomposta.

Ela sorriu, com a chamada do dragão em sua mente. Estirou-se para pôr uma mão sobre a bochecha seca dele.

—Cuida de John por mim.

Logo se ajoelhou e beijou os lábios e as pálpebras fechadas de John. Levantou-se, agarrou uma capa e sua alabarda e caminhou para o ar claro, cinza, que parecia água, do outro lado do arco escuro da Porta.

Enquanto passava pelo arco, escutou uma voz de camponês do norte que protestava atrás dela:

—Assim cuidar de John! Não é?

A luz diluía a escuridão e convertia o ar de veludo em seda. O frio cortava as mãos e a cara de Jenny, enchendo-a de uma sensação de alegria estranha e crescente. Os anfiteatros altos e os vales pendentes dos topos dentados da Parede estavam manchados de azul e lavanda contra o cinza carvão do céu; por debaixo dela, a névoa pendurava como lã saindo dos ossos da aldeia sombria. Durante um momento, sentiu-se sozinha e completa, não rasgada pelo poder ou o amor, respirando a sós o ar afiado da aurora.

Como uma mudança em sua percepção, deu-se conta da presença do dragão, deitado sobre o degrau mais baixo. Ao vê-la, ele se levantou e se estirou como um gato: do nariz para a cauda e as pontas trementes das asas; os espinhos e os chifres brilharam na penumbra cinzenta.

Envolve-te bem, mulher maga. Os ares superiores são frios.

Voltou a sentar-se sobre suas ancas e estirou a pata dianteira com cuidado. Fechou ao redor dela uma garra, como uma mão de trinta centímetros de largura na parte posterior: só osso envolto em músculo e acabamento de espinho e corno. As garras se dobraram com facilidade sobre a cintura de Jenny. Não lhe tinha medo; embora soubesse que era traiçoeiro, tinha estado dentro de sua mente e sabia que não a mataria. Entretanto, um espasmo de tremor passou por seu corpo quando a colocou contra seu peito, onde poderia estar fora da corrente de ar.

A sombra vasta das asas se estendeu contra a penumbra cor malva do escarpado que se elevava atrás deles e ela olhou rapidamente o chão uma só vez, uns cinco metros mais abaixo. Logo levantou a vista para cima, para as montanhas que rodeavam o vale e o olho branco, vigilante da lua sobre a crista escarpada do escarpado; em uns dias seria lua cheia e agora brilhava no ar do oeste como os abajures dos olhos do dragão.

Logo, o grande animal se lançou para cima e todo mundo pareceu cair de repente.

O frio cruzou a cara de Jenny e os dedos ossudos do dragão se fecharam ao redor de seu cabelo. Através da capa que a envolvia, sentiu o calor latente das escamas do dragão. Do céu, voltou a olhar a terra, o vale como um poço azul de sombras, as ladeiras da montanha que tomavam pouco a pouco a cor da aurora à medida que as tocava o sol, óxido e púrpura e todos os

matizes de castanho da areia mais branca ao tom profundo do café, todos bordados e recortados pela ponta escura das árvores. Os tanques da chuva ao norte de Grutas absorviam o novo dia como fragmentos de espelhos; quando o dragão passou sobre os flancos da montanha, em círculos cada vez mais altos, ela viu o salto brilhante dos riachos entre os pinheiros e os espinhos brancos de rocha estendidas para cima.

O dragão girou no espaço; as vastas asas procuraram o vento. Às vezes, rajadas de ar assobiavam entre os espinhos que defendiam a coluna do dragão, algumas não mais largas que um dedo, outras quase um cotovelo, afiadas como adagas. No vôo, o dragão parecia de seda e arame, mais leve do que alguém pensaria por seu tamanho, como se a carne e o músculo, como a mente e a forma dos ossos, fossem distintos em sua composição de qualquer outra coisa sobre a terra.

Este é o reino dos dragões, disse a voz de Morkeleb na mente de Jenny. É teu; só tem que estender a mão para agarrá-lo.

Na luz oblíqua nenhum dos dois deixava sombra sobre o chão, mas Jenny parecia que podia ver o rastro de seu passo escrita como a esteira de um navio no vento. Com a mente posta pela metade na do dragão, sentia as variações do ar, as correntes ascendentes e as térmicas, como se o vento mesmo fora de distintas cores. Com a consciência do dragão, viu outras coisas no ar: os atalhos de energia através da face do mundo, os rastros que viajavam de estrela a estrela, como linhas de força repetidas no corpo, cada vez menores e logo outra vez nos naipes que se jogam para ler a sorte ou nas runas ou na forma em que flutuam as folhas sobre a água. Via a vida em todas as partes, a vida das raposas brancas do inverno e as lebres nas linhas de neve interrompidas sob a capa leve de nuvens que havia mais abaixo e a vida das tropas do rei acampadas bem abaixo sobre o caminho, que gritavam e assinalavam a forma escura do dragão que passava por cima deles.

Cruzaram o flanco da montanha para o lado que dava ao sol. Adiante e para baixo, Jenny viu a ravina e a colina e a cidadela de Halnath, um conglomerado bicudo de rampas cinzas que se sobressaíam como o ninho de barro de uma andorinha sobre o ombro maciço de um escarpado de granito. Do pé do escarpado, a terra estava sulcada de ravinas cheias de bosques para a curva chapeada de um rio; a névoa se fundia com o azul da fumaça de lenha e velava assim as linhas dispersas de carpas e postos de guardas, cavalos atados em linhas e trincheiras cobertas de barro amarelo dos campos. Entre os muros e o acampamento havia um anel aberto de terra pisoteada, maltratada pela batalha e salpicada de armações queimada dos pequenos carros dos granjeiros que aninhavam ao redor dos muros de todas as cidades. Mais à frente, para o norte, as extensões verdes dos pântanos se desvaneciam sob um véu de brumas, as terras de cavalos e gado que eram a força e o feudo do Senhor de Halnath. Dos pântanos do rio, onde se expandiam as águas cor

estanho, um bando de garças pôs-se a voar entre os vapores leitosos, pequenas e claras como desenhadas por um lápis.

Ali. Jenny assinalou com sua mente para a fortaleza da cidadela alta. O pátio central que há ali. É estreito, mas suficiente para aterrissar.

O vento e seu comprido cabelo lhe golpearam os olhos quando o dragão girou.

Têm os muros defendidos, disse o dragão. Olhe.

Os homens corriam pelas rampas, assinalando e agitando os braços para as asas enormes que se moviam no ar. Jenny alcançou a ver catapultas montadas sobre as torres mais altas, todas de contrapeso com cubos que estalaram de repente em labaredas vermelhas e molas de suspensão enormes cujas pedras não podiam apontar a não ser ao céu.

Teremos que baixar, disse Jenny. Eu te protegerei.

Apanhando as pedras entre seus dentes, mulher maga?

Perguntou Morkeleb, sarcástico, enquanto girava para afastarem-se justo quando um arqueiro ansioso deixava ir as cordas, e um cubo cheio de combustível descrevia uma trajetória elíptica enquanto as chamas caíam como insígnias laranjas que se desvaneciam contra o brilho do novo dia.

Que amparo me pode dar você, um ser humano?

Jenny sorriu para si mesma enquanto olhava como o combustível se quebrava em colinas ardentes ao cair. Nenhum dos disparos deu sobre a cidade que havia sobre as ladeiras mais abaixo: sabiam de matemática esses defensores de Halnath e sabiam como aplicar à balística. Em realidade, Jenny supunha que devia ter estado aterrorizada de que a levassem tão alto sobre a terra que girava... se caía, cairia durante um bom trecho antes de morrer. Mas já fora por sua confiança em Morkeleb ou pela mente do dragão que a envolvia nos pensamentos dos que viviam nas correntes de ar, não tinha medo. Na realidade, quase sentia que, se caía, só teria que estender suas próprias asas, como fazia quando voava em sonhos.

Pequenas como brinquedos sobre as paredes da cidadela, as máquinas de defesa se moviam para lhes apontar. À distância, pareciam-se sobre tudo aos pequenos modelos de John.

E pensar que me impacientei quando me quis mostrar como disparava cada um.

Jenny sorriu, pela metade para Morkeleb, pela metade para si mesma.

Dobra para o norte, Morkeleb e voa para eles desde o penhasco. O problema com as máquinas sempre foi que só se requer o toque da mente de um mago para arruinar seu funcionamento.

Havia duas máquinas guardando o caminho que ela tinha escolhido: uma catapulta para lançar pedras e uma funda dirigida por uma mola. Ela havia já arrojado sua magia antes, conjurando imagens em seu interior para arruinar os fios dos arcos dos bandidos no norte e tinha feito que seus pés jogassem raízes quando corriam ou que suas espadas travassem em sua vagem. Tinha visto os mecanismos dessas armas nos modelos de John, assim não o encontrou difícil. As toras se enredaram na catapulta, travando os nós no lugar quando dispararam a corda. Com a consciência de um dragão, viu um homem que corria, assustado, ao longo dos muros. Em sua carreira atirou um cubo no mecanismo da funda e o arqueiro já não pôde apontar de novo. O dragão passou lentamente pelo campo de tiro da arma, guiado pelo toque da mente de Jenny na sua; e ela sentiu, como uma gargalhada de risada escura, a forma em que ele apreciava a facilidade com que ela tinha quebrado os aparelhos.

É pequena, mulher maga, disse o dragão, divertido, mas uma grande defensora de dragões, de todos os modos.

Jenny tirou o cabelo da cara e viu os homens nos muros, via-os agora. Foram de uniforme, com as capas negras e ondeantes dos universitários, algumas estampadas com as armas do rei e obviamente agarradas de prisioneiros ou mortos. Fugiram em todas as direções quando o dragão se aproximou, exceto um homem alto, ruivo e fraco como um espantalho em sua capa negra e esfarrapada, que agitava algo que parecia um telescópio..., um tubo de metal sustentado sobre um tripode. As paredes se aproximaram. No último momento, Jenny viu arpões junto ao homem e em lugar de vidro na boca do tubo, o brilho de uma ponta de metal.

O defensor solitário tinha uma lasca acesa na mão; tinha-a fundo em um dos cubos de combustível. Estava-os olhando quando baixavam e afinava a pontaria.

Pólvora, pensou Jenny; os gnomos têm que ter trazido muita das minas.

Recordou os abortados experimentos de John com foguetes.

A cena se precipitou para eles até que cada pedra chamuscada da parede e cada remende sobre o vestido esfarrapado do estudioso pareceu estar ao alcance das mãos de Jenny. No momento em que o homem baixou a lasca ao cubo de combustível, Jenny usou sua mente para extinguir a chama, como se tivesse soprado uma vela para apagá-la.

Logo abriu os braços e gritou com toda sua voz.

—ALTO!

Ele se deteve na metade do movimento com o arpão que tinha tirado da pilha que havia a seu lado preparado já sobre o ombro, embora Jenny via pela forma em que o sustentava que nunca tivesse podido lançar um e que não lhes tivesse acertado. Inclusive a essa distância, viu a maravilha, curiosidade e delícia na cara fraca. Como John, pensou, era um verdadeiro estudioso, fascinado com qualquer sucesso estranho, embora levasse a morte em suas asas.

Morkeleb se deteve no ar e o movimento de seus músculos fez uma onda contra as costas de Jenny. Todos os homens tinham fugido do pátio comprido e estreito da cidadela e das paredes a seu redor, exceto esse defensor. O dragão pendurou um instante como um falcão que ataca, logo se posou, delicado como uma semente de dente de leão, sobre a parede do poço sombrio do pátio. Os grandes calcanhares traseiros aferraram a pedra enquanto o comprido pescoço e a cauda faziam contrapeso e ficou ali, agachado, como um grande pássaro até que pôs Jenny, de pé, sobre a rampa.

Ela se cambaleou, os joelhos débeis pela impressão, todo o corpo tremente de excitação e de frio. O jovem alto, ruivo, com o arpão ainda na mão, adiantou-se pelo caminho de pedra, a túnica negra torcida pelo vento sob uma cota de malha de um tamanho impressionante. Embora atuasse com cautela, Jenny se deu conta pela forma em que olhava a Morkeleb que poderia haver-se sentado a estudar o dragão durante horas; mas havia uma compostura de homem da corte na forma em que ofereceu sua mão Jenny.

Levou-lhe um momento recordar que tinha que falar com palavras.

—Policarpio de Halnath?

Ele pareceu surpreso e desconcertado para ouvir seu nome.

—Sou eu. —Como com Gareth, necessitava-se mais que dragões ou bandidos para que Policarpio esquecesse o que lhe tinham ensinado; fez uma reverência muito acreditável tipo Morte do Cisne a pesar do arpão. Jenny sorriu e lhe estendeu as mãos.

—Sou Jenny Waynest, amiga de Gareth.

—Sim, há um depósito de poder no coração da Gruta. —Policarpio, Senhor da cidadela de Halnath e doutor em Filosofia Natural, cruzou as mãos largas e magras detrás das costas e se deu

meia volta dos arcos em ponta das janelas para olhar a seus hóspedes resgatados, um grupo bem estranho—. É o que quer Zyerne; o que sempre quis, desde que soube o que era.

Gareth levantou a vista dos restos de uma comida escassa pulverizados sobre as singelas pranchas enceradas da mesa de trabalho.

—por que não me disse isso?

Os olhos brilhantes e azuis pestanejaram, olhando-o.

—O que podia te dizer? —perguntou Policarpio—. Até faz um ano nem sequer estava seguro. E quando o estive... —Seu olhar passou para o gnomo que estava sentado à cabeceira da mesa, pequeno e curvado e muito velho, os olhos como vidro pálido e verde sob a juba larga de cabelo branco, leitoso—. Sevacandrozardus, Balgub na língua dos homens; irmão do Senhor da Gruta morto nas garras do dragão, proibiu-me falar disso. Não podia trair sua confiança em mim.

Detrás das altas janelas se viam as torres da cidadela inferior, a universidade e a aldeia mais abaixo; a luz do sol era amarela como manteiga do verão, embora os edifícios de mais abaixo já estivessem envoltos na sombra da montanha enquanto o sol se afundava detrás dos grandes ombros de pedra. Sentada no limite do colchão em que jazia John, Jenny escutava em silêncio as vozes que discutiam. Doía-lhe o corpo de desejos de dormir e a mente lhe pedia quietude, mas sabia que não teria nenhuma das duas coisas. Nem as palavras do conselho improvisado nem a lembrança da viagem de volta através da Gruta com Policarpio e os gnomos para resgatar aos outros tinham apagado de seus pensamentos a lembrança incrível do voo do dragão.

Sabia que não devia deixar que essa lembrança a dominasse. Que devia concentrar-se mais em sua alegria porque todos estavam a salvo, ao menos no momento, e preocupar-se mais pelo intercâmbio de informação com o Senhor e por formular planos para enfrentar-se à Pedra e a Zyerne. Entretanto, o voo e lembrança da mente do dragão a tinham sacudido até os ossos. Não podia tirar-se essa intoxicação selvagem do coração.

O velho gnomo era o que estava falando.

—Sempre esteve proibido falar da Pedra aos estranhos. Depois de que nos demos conta de que a menina Zyerne tinha ouvido falar dela de algum modo e que tinha espiado os que a usavam e tinha aprendido a chave, meu irmão, o Senhor da Gruta, fez ainda mais forte a proibição. A Pedra foi o coração da Gruta da noite dos tempos, a fonte de poder de nossos Curadores e magos e tem feito tão grande nossa magia que ninguém se atrevia a assaltar a Gruta do Ylferdun. Mas sempre soubemos também o perigo que entranhava: que os desejosos de poder pudessem usá-la para seus fins. E assim aconteceu.

Jenny se arrancou de seus pensamentos para perguntar:

—Como souberam que ela a tinha usado? —Como outros, banhou-se e estava vestida como eles na túnica negra e gasta dos sábios da universidade, muito grande para ela e atada à cintura com força. O cabelo, ainda úmido do banho, pendurava-lhe sobre os ombros.

Os olhos claros do gnomo se acenderam.

—Para tirar poder da Pedra, deve haver uma devolução. A Pedra dá poder aos que o buscam, mas lhes pede algo em troca. Os que estávamos acostumados a usá-la, eu, Taseldwyn, a que vós conhecem como Mab e outros, sentimos a falta de equilíbrio. Logo se corrigiu, ou pareceu corrigir-se. Fiquei tranqüilo. —Meneou a cabeça e as opalas que salpicavam seu cabelo branco brilharam na luz difusa da larga habitação—. Mab não.

—O que é o que pede em troca a Pedra?

Durante um momento, o olhar do gnomo a tocou, lendo nela como tinha feito Mab, o grau do poder que tinha. Logo, disse:

—Poder por poder. Todo poder deve pagar-se, já seja do próprio espírito ou do depósito de outros. Nós, os Curadores, dos quais sou o chefe, estávamos acostumados a dançar para a Pedra, para concentrar nossa magia e dá-la como alimento à Pedra, para que outros pudessem tirar de sua força e não dar em troca nada de suas essências de vida..., a mulher, Zyerne, não sabia como fazer a devolução de magia à Pedra, nem sequer entendeu que tinha que fazê-la. Nunca lhe ensinaram como usá-la, só tinha espiado e roubado até que aprendeu e que acreditou que era seu segredo. Quando não lhe deu nada à Pedra em troca do poder que tirou dela, a Pedra começou a comer de sua essência.

—E para alimentar essa essência - disse Jenny com suavidade, compreendendo de repente o que tinha visto à luz do abajur da habitação de Zyerne—, perverteu os feitiços de cura que podiam tirar da essência de outros para curar a alguém muito doente. Bebeu, como um vampiro, para substituir o que lhe estavam tirando.

Na pálida luz da janela, Policarpio disse:

—Sim. —E Gareth afundou a cabeça entre as mãos—. Assim como ela pode tirar da magia da Pedra à distância, a Pedra saca de seu corpo de mulher também. Alegro-me —adicionou Policarpio, com o tom da voz trocado agora— de ver que ainda está bem, Gar.

Gareth levantou a cabeça com desespero.

—Tratou de te usar a ti?

O Senhor assentiu a cara fraca de raposa cheia de amargura.

—E quando não a deixei aproximar-se e obriguei a ti a fazer o mesmo, voltou-se para Sérvio, o mais próximo que podia atacar. Seu pai... —Procurou as palavras mais amáveis que lhe ocorreram—. Seu pai já não lhe servia de muito naquele tempo.

O punho do príncipe golpeou a mesa com uma violência que assustou a todos, sobre tudo a ele mesmo. Mas não disse nada, e, além disso, havia pouco que dizer, ou que ninguém pudesse lhe dizer a ele. Depois de um momento, Trey se levantou do camastro do canto, onde tinha estado estendida como uma menina disfarçada com as abas de sua túnica negra, e se aproximou dele e pôs as mãos sobre os ombros.

—Há alguma forma de destruir Zyerne? —perguntou a moça olhando através da mesa ao pequeno gnomo e ao alto professor que se situou a seu lado.

Gareth se voltou a olhá-la, surpreso; como homem que era nunca tinha suspeitado a forma violenta e prática em que podiam pensar as mulheres.

—Não com o poder que tem através do rei e através da Pedra — disse Policarpio— Acreditem, já o tinha pensado, embora soubesse que podia ter-me envolto em uma acusação de assassinato por isso. —Um sorriso leve passou por seu rosto—. Mas de todos os modos terminaram me acusando...

—E o que lhes parece destruir a Pedra então? —perguntou John, que havia tornado a cabeça de onde estava deitado de barriga para cima sobre um colchão de patas altas. Até o pouco que tinha podido comer parecia lhe haver feito bem. Em sua túnica negra, parecia como um corpo ao que se está velando, lavado e atendido e alegre com seus óculos sobre a ponta do largo nariz—. Estou seguro de que poderíamos encontrar um bom Vencedor de Pedras em alguma parte...

—Nunca! —A cara enrugada de noz do Balgub ficou lívida—. É a fonte das artes de cura dos gnomos! A fonte da força da Gruta! É nossa...

—Lhes vai servir de bem pouco se Zyerne lhe puser as mãos em cima — assinalou John—. Duvido que possa romper todas as portas que puseram detrás nosso quando vínhamos pela Gruta, mas se as tropas do rei as arrumam para conquistar a cidadela, isso não terá muita importância.

—Se Jenny pudesse dirigir a Pedra... —sugeriu Gareth.

—Não! —disseram Balgub e Jenny ao mesmo tempo. Todos os que estavam na habitação larga e fria de pedra, em que trabalhava o Senhor, todos, incluindo John, olharam com curiosidade à maga de Wyr.

—Nenhum ser humano a tocará outra vez — insistiu o gnomo com fúria aguda—. Já vimos o mal que conduziu. É para os gnomos, só para nós.

—E eu não a tocaria embora me deixassem. —Jenny levantou os joelhos e as pôs perto de seu peito e cruzou os braços sobre elas; Balgub, apesar de seus protestos, parecia ofendido por seu rechaço do tesouro maior da Gruta—. Segundo Mab, a Pedra mesma está profanada. Seus poderes, os feitiços dos que a usam estão manchados pelo que tem feito Zyerne.

—Isso não é verdade. —A cara tensa e pequena do Balgub se afirmou em uma expressão de sissudez—. Mab segue dizendo que os poderes da Pedra se tornaram imprevisíveis e sua influência negativa para as mentes de quem a usa. Pelo coração da Gruta, sei que não é assim e o hei dito, uma e outra vez. Não vejo como...

—depois de alimentar-se com essência humana em lugar de feitiços controlados, seria uma tolice acreditar que não se tornou imprevisível — disse John, com sua afabilidade de sempre.

A voz aguda do gnomo se fez depreciativa.

—O que pode saber um guerreiro dessas coisas? Um guerreiro alugado para matar o dragão que, além disso - adicionou sarcástico—, obviamente fracassou no intento.

—O que teriam pensado se «obviamente» tivesse tido êxito? —perguntou Gareth, acalorado—. Teria às tropas do rei atacando através da Gruta neste instante.

—Moço. —John se estirou com paciência para tocar o ombro do enfurecido príncipe—. Não nos ponhamos nervosos. Sua opinião não me faz mal algum e lhe gritar não vai trocá-la

—As tropas do rei nunca teriam encontrado o caminho através da Gruta, inclusive se as portas estivessem abertas — grunhiu Balgub—. E agora as portas estão fechadas; se for necessário as faremos estalar com pólvora. Temo-la pronta a metros da última porta.

—Se Zyerne os guiasse, encontrariam o caminho sem problemas — replicou Policarpio. Os elos da cota de malha muito grande que usava sobre sua capa rangeram levemente quando cruzou os braços—. Conhece o caminho ao coração da Gruta com perfeição. Como todos viram, dali até as portas subterrâneas da cidadela, é quase um atalho reto. E quanto que a Pedra não tenha sido afetada pelo que lhe pôs dentro... —Olhou as costas encurvadas e a cabeça redonda e branca do gnomo que se sentou na cadeira esculpida junto a ele—. É o único Curador que escapou do dragão e veio para cá, Balgub — disse —. Agora que o dragão já não está na Gruta, usaria a Pedra?

A boca larga se esticou e os olhos verdes não olharam os azuis do Senhor.

—Isso pensava - disse Policarpio com suavidade.

—Não acredito que Mab tenha razão - insistiu Balgub com teimosia —. De todos os modos, até que ela, eu e os outros Curadores de Bel a examinemos, não deixarei que a toquem para bem ou para mau. Se fosse salvar a cidadela ou afastar Zyerne, arriscaria-me a usá-la, antes que deixá-la nas mãos dela. — Pequenas e brancas como dois camarões da cova, sem cor, suas mãos cheias de anéis de pedra de lua se fecharam uma sobre a outra sobre a mesa manchada de tinta—. Juramos que Zyerne nunca voltará a ter o uso da Pedra. Todos os gnomos e todos os homens... — Jogou um olhar, pela metade e uma ordem, pela metade e uma pergunta, ao Senhor, e Policarpio inclinou a cabeça levemente—. Todos neste lugar morreremos antes que deixar que ela ponha uma mão sobre o que busca.

—E considerando o que serão seus poderes se o faz - adicionou Policarpio, com o raciocínio distante de um estudioso—, certamente morreríamos de todos os modos.

—Jen?

Jenny se deteve na soleira da improvisada habitação de hóspedes que tinham atribuído a ela e John. Depois das rampas submetidas ao vento, o lugar cheirava a fechado, como a Sala do Mercado na noite anterior. Os perfumes mesclados do papel poeirento e as cobertas de couro dos livros armazenados ali se fundiam com os das capas mofadas dos almofadões de palha que

estavam com a mesma palha dentro há muito tempo; depois dos aromas de pasto e água do vento do leste, esses aromas faziam que o cheiro fora pior. As formas encurvadas das pilhas de livros junto a duas paredes e o andaime ilusório de prateleiras de cilindros de pergaminhos que cobria a terceira lhe fizeram pensar no estudo repleto de John, lá no norte; muitos dos volumes que tinham sido colocados ali para fazer lugar para os refugiados apanhados pelo lugar, estavam fora de seu lugar e já mostravam sinais das mãos de John. Este estava de pé entre as duas luzes altas das janelas em ponta; era visível só como uma dobra branca de manga de camisa e um brilho de vidro redondo na penumbra.

—Não deveria estar fora da cama - lhe disse Jenny.

—Não posso estar de barriga para cima para sempre. —Através da fadiga, sua voz era alegre—. Tenho a sensação de que nos vão pôr nessa postura em um futuro próximo e preferiria estar de pé esta vez. —ficou em silêncio um momento, olhando a silhueta dela na soleira um pouco mais clara. Logo prosseguiu—: E uma mulher que não dormiu mais que uma hora ou duas durante três noites já não tem muito que dizer a respeito. O que acontece, Jen?

Como um dragão, pensou ela, tem uma forma de ser que faz impossível lhe mentir. Assim não disse: «o que acontece o que?», mas sim se passou a mão com cansaço sobre o cabelo e cruzou a habitação até onde estava ele.

—estiveste tratando de não falar comigo... —disse John—; não é que tenhamos tido muito tempo em realidade, reconheço-a. Não me parece que esteja zangada comigo, mas percebo seu silêncio. Tem que ver com seu poder, não é certo?

Tinha o braço ao redor do ombro de Jenny, a cabeça dela sobre a dureza de rocha de seu peito, meio descoberto pela fina camisa de musselina. Deveria ter sabido que John o perceberia, pensou Jenny.

Assim assentiu incapaz de pôr em palavras o redemoinho que tinha tido toda a noite na mente, do voo do dragão e da noite anterior. Tinha estado caminhando pelas rampas de pôr-do-sol, como se pudesse ganhar com os pés à opção que a tinha espreitado fazia dez anos.

Morkeleb lhe tinha devotado o reino dos dragões, os caminhos tecidos no ar. Todos os poderes da terra e o céu, pensou agora, e todo o tempo do mundo. A chave da magia é magia; a oferta era a resposta a todos os desejos frustrados de sua vida.

—Jen — disse John com suavidade—, nunca te quis dividida, rasgada. Sei que nunca te há sentido completa e não queria te fazer isso. Tratei não fazê-lo.

—Não foi você. —Fazia quase cem anos, ou assim lhe parecia agora, havia-se dito a si mesmo que era sua própria escolha e assim tinha sido..., a escolha entre não fazer nada e deixar estar as coisas como estavam, ou fazer algo. E como sempre, sua mente retrocedia ante a opção.

—Sua magia tocou — disse ele—. Dou-me conta, vejo o que está fazendo.

—Chama-me — replicou ela—. Se a abraço, não acredito que queira deixá-la depois, embora possa. É tudo o que sempre quis e o que vale para mim, tudo o que tenho.

Havia-lhe dito um pouco parecido fazia já tempo, quando os dois eram muito jovens. Em seu desejo de posse e em seu ciúme, lhe tinha gritado então:

—Em troca, você é quanto único eu tenho ou quero ter!

Agora seus braços se apertaram um pouco mais contra o corpo dela, e Jenny sentiu que era tanto para consolar a sua dor quanto para consolar a dele, embora soubesse que as palavras que ele havia dito aquela noite não eram menos certas agora.

—Você é a que deve escolher, amor — disse ele—. Sempre escolheste. Tudo o que me deste, foi livremente. Não te reterei. —A bochecha de Jenny estava apertada contra o peito dele e sentiu o pequeno movimento do sorriso quando John adicionou—: Tampouco poderia, claro está...

Foram até o colchão de palha e o montão de mantas, a única comodidade que podia oferecer a cidadela sitiada de Halnath. Além das janelas, a umidade brilhava sobre as piçarras negras das casas de madeira mais abaixo; o fio da boca-de-lobo era um colar de diamantes sob a luz da lua. Nos acampamentos dos sitiadores soavam os sinos para os ritos de meia-noite de Sarmendes, Senhor dos pensamentos mais sábios do dia.

Sob o calor das mantas, o corpo de John era familiar contra o de Jenny, tão familiar como a velha tentação de deixar acontecer às oportunidades de poder puro por outro dia mais. Jenny se dava conta perfeitamente bem, como sempre, de que lhe era menos fácil pensar com clareza nos braços de John. Mas ainda estava ali quando finalmente conseguiu dormir e descendeu pelo caminho de sonhos ambíguos que não lhe ofereceram uma solução.

Como um dragão, em seus sonhos ela tinha notado muitas coisas; havia sentido como ele despertava e ficava quieto um momento, apoiado sobre o ombro junto a ela, olhando-a dormir; sentiu também como John se levantava e se vestia, a tarefa lenta e dolorosa de colocar a camisa, as calças e as botas e a forma em que as vendagens tiravam da pele o meio curar de cortes e abrasões sobre suas costas e seus flancos. Logo, John tinha pegado a alabarda dela a modo de fortificação, tinha-a beijado com doçura e partiu.

Cansada ainda, Jenny ficou quieta entre o montão de mantas e almofadões de palha e se perguntou aonde teria ido e por que razão sentia medo agora ao perguntar-lhe

O medo parecia flutuar no ar com as escuras nuvens de tormenta que se levantavam sobre as verdes extensões ao norte da Parede de Nast. Havia uma cor lívida e estranha na luz que caía através das estreitas janelas, uma sensação de mal próximo que tirava o fôlego, uma sensação que invadia os sonhos de Jenny...

Os sonhos, pensou, confusa. O que tinha sonhado?

Parecia-lhe recordar Gareth e o Senhor Policarpio caminhando pelos muros altos da cidadela, os dois vestidos com as túnicas negras e soltas dos estudantes, falando com a velha facilidade de sua amizade interrompida.

—Tem que admitir que foi uma calúnia muito convincente —estava dizendo Policarpio.

—Não tinha por que acreditar isso com tanta facilidade — replicou Gareth com amargura.

Policarpio sorriu e tirou uma luneta de cobre de um bolso de seus vestidos muito amplos. Logo desdobrou as seções unidas para observar o céu.

—vais ser Pontífice Máximo algum dia, primo, assim necessita prática em acreditar em coisas ridículas — disse e logo, olhou para o caminho que levava ao sul, como se não pudesse acreditar no que via.

Jenny franziu o cenho e recordou os matagais nebulosos de seu sonho.

O rei, pensou, era o rei cavalgando pelo caminho para os acampamentos dos sitiadores que rodeavam a cidadela. Mas havia algo que não estava bem na forma alta, rígida e a cara como de máscara, cavalgando na luz sulfurosa da tormenta. Um efeito do sonho?, perguntou-se. Ou era que os olhos eram em realidade amarelos..., os olhos de Zyerne?

Preocupada, sentou-se na cama e colocou a roupa. Havia uma tigela de água em um canto da habitação, perto da janela. A superfície da água refletia o céu como um pedaço de vidro defumado. A mão de Jenny passou sobre a água; a seu conjuro, viu Morkeleb, tendido no pequeno pátio superior da cidadela, um quadrado de pedra que não tinha nada dentro, exceto umas poucas macieiras ressecadas e um abrigo de madeira que alguma vez tinha guardado equipe para jardinagem e agora, como todos outros refúgios da cidadela, estava cheio de livros deslocados. O dragão estava estirado como um gato à luz pálida do sol; os pompons adornados de suas antenas

se moviam de um lado para outro como se cheirassem o tumulto no ar e junto a ele, sobre o único banco de granito do pátio, estava John.

O dragão estava falando.

Por que essa curiosidade, Vencedor de Dragões? Para saber mais de nós a próxima vez que coloca-te a matar a um?

—Não — disse John—. Só para conhecer melhor aos dragões. Tenho mais limitações que você, Morkeleb..., por um corpo que se gasta e morre antes que a mente tenha visto a metade do que quer ver, por uma mente que se passa a metade de seu tempo fazendo o que na realidade não queria fazer em favor de outros aos que tem que cuidar. Tenho tanto desejo, tanta cobiça de conhecimento como Jenny, como você pelo ouro, talvez mais porque sei que tenho que tomar o conhecimento enquanto possa e onde possa.

O dragão respirou com desprezo; as aletas de seu nariz bordadas de veludo tremeram e mostraram uma onda superficial de correntes mais profundas de pensamento; logo, desviou a cabeça. Jenny sabia que devia sentir surpresa ao poder conjurar a imagem de Morkeleb na tigela de água, mas não se surpreendeu; embora não tivesse podido pô-lo em palavras, só na compreensão da fala dos dragões, sabia por que antes tinha sido impossível e agora não. Pensava que quase tivesse podido conjurar a imagem de Morkeleb e a de tudo o que lhe rodeava, sem a água.

Durante um tempo ficaram calados, o homem e o dragão, e as sombras das cabeças de tormenta com ventres azuis se moveram sobre eles para reunir-se sobre as alturas da cidadela. Morkeleb não era igual na água que cara a cara, mas era outra diferença que só podia expressar um dragão. Um vento que vinha em outra direção sacudiu os ramos das árvores, que pareciam coroas, e umas poucas rajadas de chuva tocaram a pavimentação do pátio debaixo deles. Ao final do pátio, Jenny via a porta pequena e pouco chamativa, fácil de defender, que levava às salas da Gruta. Não era larga, porque o comércio entre a Gruta e a cidadela quase estava limitado a livros e ouro; em geral, a maior parte das trocas tinha sido só conhecimento.

Por quê? Perguntou Morkeleb finalmente. Se, como diz, a tua é uma vida limitada pelos problemas do corpo e os perímetros estreitos do tempo, se desejas o conhecimento como nós desejamos o ouro, por que lhe dá o que tem, a metade de tudo o que tens, a outros?

A pergunta se elevou como uma baleia desde profundidades insuspeitadas e John ficou calado um momento antes de responder.

—Porque é parte do que é ser um ser humano, Morkeleb. Temos tão pouco..., compartilhamo-lo entre nós para que valha a pena o ter. Fazemos o que fazemos porque as consequências de não nos preocupar com fazê-lo seriam piores.

A resposta tocou alguma corda na alma do dragão, porque Jenny sentiu, inclusive através da visão distante, o estalo radiante de sua irritação. Mas os pensamentos do dragão baixaram de novo a suas profundidades e ficou quieto, quase invisível contra as cores da pedra. Só suas antenas seguiram movendo-se, inquietas, como se o redemoinho do ar as incomodasse.

Uma tempestade elétrica? Pensou Jenny, preocupada de repente. No inverno?

—Jenny? —Ela levantou a vista com rapidez e viu Policarpio de pé sobre a alta fresta da porta. Primeiro não soube por que, mas tremeu quando viu que a luneta de cobre que tinha usado no sonho pendurava de seu cinto—. Não queria despertar..., sei que não dormistes muito...

—O que acontece? —perguntou ela, que ouvia a preocupação na voz dele.

—É o rei.

O estômago de Jenny se encolheu como se saltou um degrau na escuridão; o medo de seu sonho se endureceu nela, terrivelmente real de repente.

—Disse que se escapou de Zyerne..., que queria refúgio aqui, que sobre tudo queria lhe falar com o Gar. foram-se juntos...

—Não! —gritou Jenny, horrorizada, e o jovem filósofo a olhou, surpreso. Ela se levantou de um salto e colocou a bata que tinha estado usando antes, com violência, sem esperar; logo se ajustou com força o cinturão—. É uma armadilha!

-O que...?

Ela o empurrou para passar, enquanto recolhia as mangas muito largas sobre as mãos; o ar frio e o aroma do trovão a tocaram quando saiu ao exterior e começou a correr pelas altas escadas estreitas. Ouvia Morkeleb que a chamava, leve e confusa a voz com a distância; o dragão a esperava no pátio de acima, as escamas meio levantadas brilhando inquietas na luz doentia da tempestade.

Zyerne, disse ela.

Sim. Acabo de vê-la, caminhando com seu príncipe para a porta que vai à Gruta. Estava disfarçada do velho rei..., já tinham passado pela porta quando eu o disse a Aversin. É possível que o príncipe não soubesse, como me disse Aversin? Sei que os humanos se enganam uns aos outros com as ilusões de sua magia, mas até seu próprio filho e seu sobrinho ao que ele criou podem ser tão estúpidos como para não ver a diferença entre o que vêem e o que conheceram?

Como sempre, suas palavras chegaram como imagens à mente de Jenny: o velho rei inclinado, murmurando, apoiado no ombro de Gareth para sustentar-se enquanto caminhavam pelo pátio estreito para a porta da Gruta; o olhar de pena, repulsão involuntária e culpa terrível nos olhos do moço..., que sentia asco e não sabia por que.

O coração de Jenny começou a golpear com força.

Sabem que o rei esteve doente, disse. Sem dúvida Zyerne contava com que eles desculpassem qualquer falha na memória. Irá à Pedra para tirar poder e pagará com a vida de Gareth. Onde está John? Tem que...

Foi atrás deles.

O QUE? Como um dragão, a palavra surgiu só como uma fonte ardente de raiva e de incredulidade. *Vai morrer!*

Certamente o vencerão, disse Morkaleb com cinismo.

Mas Jenny não ficou a esperar. Já estava correndo pelas estreitas escadas para o pátio inferior. Os paralelepípedos do solo eram desiguais e estavam muito gastos, com as pequenas lentejoulas da chuva passageira brilhando sobre eles como contas de prata sobre uma malha complexa; a dureza da rocha lhe machucou os pés na carreira para a porta pouco visível.

Rechaçou com força as palavras do dragão.

Espere-me aqui. Se chegar à Pedra, terá todo o poder..., nunca poderei vencê-la como antes. Deve agarrá-la quando sair...

É a Pedra o que me ata aqui, replicou a voz amarga do dragão em sua mente. Se a alcançar, o que te faz pensar que poderei fazer outra coisa que sua vontade?

Sem responder, Jenny abriu a porta de um golpe e se lançou pelas salas escuras das vísceras da terra.

Tinha-as visto na manhã anterior, quando passou por elas com os gnomos que tinham ido procurar John, Gareth e Trey do outro lado da Gruta. Havia várias habitações que se usavam para o comércio e os negócios e logo um depósito, cujas paredes estavam esculpidas até três quartos de sua altura no osso vivo da montanha. As janelas, muito acima sob os tetos abobadados, deixavam

passar uma luz sombria e azul em que Jenny viu as largas portas da Gruta, fechadas e ajustadas com bronze e cobertas com barras maciças e travas de ferro.

Essas portas ainda estavam fechadas, mas a porta pequena, apenas do tamanho de um homem, estava aberta. Do outro lado, só escuridão e o aroma frio da rocha, a água e a podridão. Jenny subiu a túnica, subiu sobre o batente largo e seguiu adiante, os sentidos estendidos mais à frente, como um dragão, os olhos procurando as runas de prata que tinha escrito nas rochas no dia anterior para marcar o caminho.

A primeira passagem era larga e alguma vez tinha sido agradável: com fonte e pilares ao longo de suas paredes. Agora, algumas estavam sujas, outras entupidas pelos meses de abandono; o musgo as cobriam e a água corria brilhante pelas paredes e pela pedra sob os pés de Jenny e se deslizava, fria, por seus tornozelos. Enquanto caminhava, sua mente examinava a escuridão adiante; voltou pelo caminho que tinha feito no dia anterior e se deteve uma e outra vez para escutar. O caminho passava perto dos Lugares de Cura, mas não através deles; em algum lugar, teria que dobrar e procurar por passadiços sem marcar.

Assim sentia o ar, procurando o som vivo da magia que marcava o coração da Gruta. Tinha que estar mais abaixo, pensava, abaixo e a sua esquerda. A mente voltava uma e outra vez às palavras do Mab sobre um passo em falso e a morte por fome nos labirintos escuros. Se perdia, disse-se, Morkeleb poderia ouvi-la e guiá-la...

Mas não se Zyerne alcançava a Pedra, pensou de repente. O poder e o desejo da Pedra estavam afundados na mente do dragão. Se Jenny se perdia, e Zyerne alcançava a Pedra e obtinha o controle sobre o Morkeleb, não voltaria a ver a luz do dia.

Apressou-se; passou pelas portas que se fecharam para defender a cidadela da Gruta, todas abertas agora por Gareth e o que ele supunha que era o rei. Junto à última delas, viu os sacos de pólvora que tinha falado Balgud, essa defesa final em que tinha posto tanta fé. Mais à frente havia uma bifurcação de caminhos, e ela se deteve de novo sob um arco esculpido como uma boca monstruosa, com estalactites de marfim na careta de uma gengiva enrugada de granito cor salmão. Seu instinto lhe dizia que esse era o lugar..., dois túneis saíam do principal, os dois para baixo, os dois à esquerda. Um pouco mais abaixo no mais próximo, junto ao ruído da água que saía de um cano quebrado, uma pegada úmida marcava a pedra que descia em uma ladeira levantada.

John, adivinhou ela, porque o rastro era de um pé que se arrastou um pouco. Mais adiante por esse mesmo caminho, viu a marca de uma bota mais seca, mais estreita e de forma distinta. Viu os rastros de novo, seca até ser apenas uma mancha de umidade nos primeiros degraus de uma escada estreita que se retorcia como um atalho subindo uma colina semeada de enormes cogumelos de pedra em uma caverna cheia de ecos, além das mansões de alabastro negro dos gnomos, para uma porta estreita em uma parede. Jenny escreveu uma runa junto à porta e seguiu

adiante, através de uma greta na rocha cujas paredes podia tocar com os braços estendidos, sempre para baixo, para as vísceras da terra.

No peso cansativo da escuridão, viu o tremor leve de uma luz amarela.

Não se atreveu a chamar; seguiu adiante sem ruído. O ar era mais morno ali, antinatural nesses abismos úmidos; sentiu as vibrações sutis da magia viva que rodeava a Pedra. Mas agora havia algo insalubre no ar, como o primeiro aroma da podridão na carne envelhecida ou o verde lívido que seus olhos de dragão tinham visto na água envenenada. Compreendeu então que Mab tinha razão e Balgud estava equivocado. A Pedra estava suja. Os feitiços que se fabricaram com sua força se deterioravam lentamente, pervertidos pelos venenos destilados pela mente de Zyerne.

Ao final de uma habitação triangular do tamanho de uma dúzia de celeiros, encontrou uma tocha que se extinguía perto do pé de uma escada de degraus muito planos. A porta de ferro ao final estava entreaberta e sem travar e atravessado na soleira estava John, inconsciente, enquanto as lesmas do lixo o tocavam já a cara e as mãos.

Mais à frente, na escuridão, Jenny ouviu a voz de Gareth que gritava:

—Basta! — E o murmúrio malvado, doce da risada de Zyerne.

—Gareth — respirou a voz suave—, alguma vez creste de verdade que poderia me deter?

Sacudida agora com um frio que parecia cristalizar-se na medula de seus ossos, Jenny correu para diante, ao coração da Gruta.

Viu-os, através do bosque de pilares de alabastro, sob as sombras nervosas da tocha de Gareth que se sacudia sobre a ponta branca de pedra que bordeava a pista de baile aberta. A cara do moço parecia branca como a de um morto contra a túnica de estudante que usava, negra, gasta; os olhos lhe brilhavam com o terror de pesadelo de cada sonho, cada encontro com a amante de seu pai e o conhecimento de sua própria debilidade aterrorizante. Na mão direita tinha a alabarda que John tinha estado usando como fortificação. John devia lhe haver avisado que quem o acompanhava era Zyerne antes de cair, pensava Jenny. Ao menos Gareth tem uma arma. Mas se era capaz de usá-la ou não era outro problema.

A Pedra parecia brilhar no centro da pista de baile, de ônix, afundada na escuridão brilhante com uma luz doentia de cadáver que lhe era própria. A mulher que havia frente a ela estava radiante, formosa como a Morte que dizem que caminha no mar em épocas de tormenta. Parecia mais jovem que nunca aos olhos de Jenny, com a fragilidade virginal de uma menina que era ao mesmo tempo uma armadura contra o desespero de Gareth e uma arma para rasgar sua carne se não sua alma. Mas até nessa forma delicada havia algo nauseabundo nela, como um doce envenenado..., uma sensualidade esmagada, corrupta. Um vento que Jenny não sentia parecia levantar o suave cabelo escuro de Zyerne e as mangas da camisa frágil e branca que era tudo o que levava. Jenny se deteve no limite da clareira do bosque de pedra e se deu conta de que estava vendo Zyerne como tinha sido antes, quando apareceu pela primeira vez nesse lugar, uma menina

nascida para ser maga que tinha deslocado por esses corredores sem luz procurando poder como ela o tinha procurado no norte chuvoso; tratando, como ela, de sobrepor-se a sua maneira à falta desse poder.

Zyerne riu; a boca doce se partiu para mostrar pérolas de dentes.

—É meu destino — murmurou e as mãos pequenas acariciaram o brilho negro azulado da Pedra—. Os gnomos não tinham direito a guardá-la para eles. Agora é minha. Estava escrito que seria minha desde o começo do mundo. Como você.

Estendeu as mãos e Gareth sussurrou:

—Não. —Tinha a voz débil e se desesperada enquanto o desejo lhe mordida a carne.

—O que é esse *não*? Está feito para mim, Gareth. Feito para ser rei. Feito para ser meu amor. Feito para ser o pai de meu filho.

Como um fantasma em um sonho, Zyerne se deslizou para ele sobre o negrume azeitado da grande pista. Gareth a ameaçou com a tocha, mas ela só voltou a rir e nem sequer retrocedeu. Sabia que ele não tinha o intenção de tocá-la com a chama. Ele caminhou de lado com a alabarda na mão, mas Jenny via que tinha a cara coberta de suor. Tremia-lhe todo o corpo quando procurou a última força que ficava para cortá-la quando se aproximasse o suficiente..., lutando por manter a decisão de fazê-lo contra o desejo de arrojá-la arma e apertá-la entre seus braços.

Jenny se adiantou da clareira de alabastro em um brilho de luz azul de magia e sua voz cortou o ar palpitante como uma faca que rasga um tecido.

—ZYERNE! —gritou e a feiticeira girou em redondo, os olhos amarelos como os de um diabo com forma de gato no brilho branco da luz, como a outra vez, nos bosques. O feitiço que tinha jogado sobre Gareth desapareceu, e nesse instante, lhe arrojou a alabarda com todas suas forças.

Zyerne fez o feitiço de separação quase com desprezo e a arma chiou e rangeu sobre o piso de pedra. Logo ela se voltou de novo para Gareth e levantou a mão, mas Jenny se adiantou —a raiva girava a seu redor como fumaça de lenha e fósforo— e enviou contra Zyerne uma tocha de fogo que surgiu, fria, da palma de sua mão.

Zyerne a arrojou longe e a sua caiu, assobiando sobre o chão negro. Os olhos amarelos arderam com luz de mau.

—Você — murmurou—, disse-te que conseguiria a Pedra e te disse o que faria contigo quando a tivesse, cadela ignorante. Vou apodrecer teus ossos pelo que me fez.

Um feitiço de invalidez e ruína golpeou como um raio no ar fechado da caverna e Jenny se acovardou. Sentia que todas suas defesas se encurvavam e se torciam. O poder que empunhava Zyerne era como um peso; a sombra vasta que Jenny havia sentido antes se converteu agora no peso da terra apoiado no lugar de seu corpo em que o poder a tinha golpeado. Jenny arrojou esse peso longe de si e se deslizou escapando; mas durante um segundo ficou sem forças para nada mais. Um segundo feitiço a golpeou e um terceiro, que lhe mordeu os músculos e os órgãos do

corpo, fumegando no limite de sua túnica. Jenny sentiu que algo se quebrava em seu interior e mordeu o gosto do sangue em sua boca; a cabeça lhe pulsava, ardia-lhe o cérebro e todo o oxigênio do mundo era insuficiente em seus pulmões. Baixo esses golpes terríveis, já não podia fazer outra coisa que defender-se; não podia arrancar de si mesmo um contra feitiço, nada que detivera a briga. E todo o tempo, sentia a forma em que se teciam os feitiços de morte: perversões inchadas e terríveis do que ela mesma tinha tecido alguma vez, que voltava como uma vingança a esmagá-la com suas próprias palavras. Sentiu a mente de Zyerne cheia do poder da Pedra, cavando como uma agulha negra de dor na sua; sentiu as garras de uma essência envenenada e viciosa que procurava seu consentimento.

E por que não?, pensou ela. Como a lama negra de pústulas que estalam, todo seu ódio de si mesma flutuou à luz. Tinha matado a outros mais fracos que ela, tinha odiado a seu professor, tinha usado a um homem que a amava para seu prazer e tinha abandonado aos filhos de seu corpo, tinha abandonado seu direito de nascimento ao poder por medo e por preguiça. Seu corpo gritava e sua vontade para resistir as agonias cada vez maiores a debilitava frente à investida ardente da mente. Como podia esperar vencer o mal de Zyerne quando ela mesma era mal sem sequer a desculpa da grandeza de Zyerne?

A raiva lhe golpeou como a chuva gelada das Terras de Inverno e reconheceu o que lhe passava: era um feitiço. Como um dragão, Zyerne enganava com a verdade, mas era um engano de todos os modos. Levantou a vista e viu essa cara perfeita, malvada sobre a sua, os olhos amarelos cheios de fogo e satisfação. Levantou os frágeis pulsos enquanto os ossos das mãos lhe ardiam como os de uma velha em uma noite de inverno; mas forçou suas mãos a fechar-se.

Grandeza? Gritou sua mente, dividindo-se de novo através da névoa de dor e feitiço. Só você te vê grande, Zyerne. Sim, sou má e débil e covarde, mas, como um dragão, sei o que sou. Você é uma criatura de mentiras, de venenos, de medos pequenos e mesquinhos e isso é o que te matará. Não importa se eu morrer ou não, Zyerne; você será a que trará sua própria morte a seu corpo, não pelo que faz, mas sim pelo que é.

Sentiu que a mente de Zyerne retrocedia ante essas palavras. Com um movimento furioso, Jenny quebrou o domínio brutal daquela mente sobre a sua. Nesse momento, alguém lhe separou as mãos. De joelhos, olhou para cima, através do matagal de seu cabelo e viu como a cara da encantada ficava lívida. Zyerne uivou:

—Você! Você... —Com uma obscenidade dilaceradora, o corpo inteiro da maga se envolveu nos farrapos de calor e fogo e poder. Jenny, que se deu conta de repente que o perigo era mais contra seu corpo que contra sua alma, jogou-se no chão e rodou para apartar-se dela. Na mescla formada redemoinhos de calor e poder havia uma criatura que Jenny nunca tinha visto antes,

horrível, disforme, como se uma barata gigante das grutas se cruzou com um tigre. Com um grito rouco, a coisa se jogou sobre Jenny.

Jenny rodou para apartar do toque das patas, afiadas como navalhas. Ouviu que Gareth gritava seu nome, mas não com terror como tivesse feito fazia um tempo, e pela extremidade do olho, viu-o lhe jogar a alabarda às mãos pelo chão escorregadio como o vidro. Ela agarrou a arma bem a tempo para deter o segundo ataque. O metal da folha rangeu sobre as mandíbulas terríveis enquanto o peso enorme da coisa jogava Jenny contra a Pedra negra azulada. Logo, a coisa se voltou e retrocedeu sobre seus rastros como tinha feito Zyerne essa noite na clareira do bosque e em sua mente, Jenny pareceu ouvir a voz distante de quão encantadora uivava:

—Já verá! Todos o verão!

A coisa se escorreu pela selva de alabastro, procurando os túneis negros que levavam a superfície.

Jenny começou a levantar-se para segui-la e caiu aos pés da Pedra. O corpo lhe doía em cada membro, cada músculo; sentia a mente massacrada pela crueldade rasgadas dos feitiços de Zyerne, sangrava ainda por sua própria aceitação do que era. A mão, que agora via sobre o punho da alabarda, já não parecia parte dela, embora para sua surpresa via que estava ainda na ponta do braço e unida a seu corpo; os dedos castanhos estavam cheios de cortes, algum ataque que nem sequer tinha sentido em seu momento. Gareth se inclinava sobre ela com a tocha molhada na mão.

—Jenny, despertem, por favor, Jenny. Não quero ir atrás disso sozinho.

—Não — conseguiu murmurar ela e tragou sangue. Algum instinto lhe disse que a lesão que havia em seu interior se fechou, mas se sentia chateada e seca. Tratou de ficar de pé e caiu. Vomitou. Sentiu que as mãos do moço a sustentavam apesar de que tremiam de medo. Depois, vazia e gelada, perguntou-se se deprimiria e se disse a si mesma que não devia fazê-la parva.

—vai procurar a Morkeleb — murmurou e se levantou de novo, como pôde o cabelo negro lhe pendurando sobre a cara—. O poder da Pedra domina o dragão. E poderá reger sua mente como não pôde reger a minha.

Ficou de pé de tudo. Gareth a ajudou com tanta suavidade como podia e lhe levantou a alabarda.

—Tenho que detê-la antes que saia das cavernas. Venci sua mente. Enquanto os túneis ponham um limite a seu tamanho, talvez possa vencer seu corpo. Fique aqui e ajuda John.

—Mas... —começou Gareth. Ela se soltou de suas mãos e se afastou para a soleira escura em uma carreira interrompida por tropeções.

Mais à frente da soleira, os feitiços de confusão e perda se teciam na escuridão. As runas que tinha esboçado enquanto seguia John já não estavam ali e durante uns momentos, a escuridão sutil da magia de Zyerne encheu sua mente e a afogou. De repente, todos esses caminhos velados pareciam iguais. O pânico subiu à garganta de Jenny, pareceu-lhe ver a imagem

de si mesmo vagando para sempre na escuridão; logo, a parte dela que tinha encontrado o caminho nos bosques das Terras de Inverno, disse: *Pensa; pensa e escuta*. Deixou sair a magia de sua mente e olhou a seu redor na escuridão; com seu instinto de mulher dos bosques, tinha cuidado dos caminhos enquanto marcava as runas, tinha visto como se viam as coisas ao vir do outro lado. Estendeu seus sentidos através do domínio fantasmagórico de pedra esculpida, escutando os ecos que se cruzavam uma e outra vez no negrume. Ouviu o murmúrio quase mudo da voz de John que falava com Gareth das portas que os gnomos tinham pensado assegurar e o roce agudo de quitina suja em algum lugar, mais adiante. Sua consciência se fez mais profunda e ouviu os vermes das covas que escorregavam, fugindo assustados de um verme maior. Logo, começou a perseguição com rapidez.

Havia dito a Morkeleb que cuidasse a porta exterior. Esperava que o dragão tivesse tido o sentido comum de não fazê-lo, mas isso importava pouco na realidade. O poder da Pedra estava em Zyerne..., desse poder tinha tirado as reservas mais profundas de sua força, sabendo que, quando tivesse que pagar por isso, teria muitas vidas ao seu dispor para fazê-lo. O poder da Pedra estava na mente de Morkeleb, mais forte agora que quando essa mente e a de Jenny se haviam conectado. Com o dragão como escravo de Zyerne, a cidadela se renderia e a Pedra seria de Zyerne para sempre.

Jenny se apressou ainda mais. Trotou e sentiu que o movimento lhe quebraria os ossos. Seus pés nus salpicavam ao caminhar sobre a água das cavernas; soavam como um tamborilar suave entre as formas ameaçadoras da escuridão de pedra calcária; Jenny sentia as mãos congeladas ao redor do punho da alabarda. Não sabia quanta vantagem lhe levava Zyerne nem quão rápido podia viajar essa abominação em que se converteu. Zyerne não tinha poder sobre ela, mas Jenny tinha medo de encontrá-la e ter que medir seu corpo contra esse outro corpo monstruoso. Uma parte de sua mente pensou com acuidade que John deveria ter estado a cargo disso e não ela; encarregar-se dos monstros não era sua especialidade. Sorriu com amargura. Mab tinha razão: havia outros males nessa terra, além dos dragões.

Passou por uma ladeira de cogumelos de pedra, um arco de dentes como adagas grotescas. O coração lhe pulsava com força e o corpo congelado lhe doía com a ruína que Zyerne tinha conjurado nele. Correu junto aos ferrolhos e as barras nas que os gnomos tinham posto tanta fé, consciente de que chegava muito tarde.

Na penumbra azul dos arcos sob a cidadela, encontrou móveis cansados e pulverizados por toda parte e se obrigou a ir mais rápido com a força do desespero. Viu um reflexo da luz febril do dia através de uma soleira; o fedor do sangue a golpeou no nariz quando tropeçou e ao olhar para baixo, viu o corpo decapitado de um gnomo em um lago de sangue morno a seus pés. A última habitação da parte inferior da cidadela era um matadouro. Homens e gnomos jaziam ali e sobre a soleira que dava para fora: os vestidos negros empapados em sangue; o ar fechado da habitação

emprestava pelo sangue coagulado que tinha salpicado as paredes e até o teto. Desde atrás da soleira lhe chegaram os gritos e o fedor de carne queimada; tropeçando através do massacre, Jenny gritou: *Morkeleb!* Arrojou a música do nome do dragão como uma soma no vazio. A mente do dragão tocou a sua e o peso terrível da Pedra os afogou aos dois.

A luz brilhou nos olhos de Jenny. Subiu sobre os corpos da soleira e ficou de pé, piscando um instante no pátio inferior enquanto olhava a seu redor as pedras chamuscadas e cobertas com um barro seco de sangue. Frente a ela se agachava a criatura, maior e imensamente mais horrenda à luz do dia cinza e tormentoso, metamorfoseada em algo que era como uma formiga com asas, mas sem a graça compacta de uma formiga. Serpente, escorpião, vespa, era todo horrível, mas nada em si mesmo. A risada e o uivo que encheu sua mente era a de Zyerne. Era a voz de Zyerne a que ouviu, chamando a Morkeleb como tinha chamado Gareth e o poder da Pedra: um nó cada vez mais ajustado na mente do dragão.

Morkeleb estava agachado e imóvel contra a rampa mais longínqua do pátio. Tinha os espinhos e escamas levantadas para a batalha, mas à mente de Jenny não chegava outra coisa que uma agonia dilaceradora. O peso terrível, sombrio da Pedra rasgava a mente do animal, um poder construído geração após geração, fermentado em si mesmo e dirigido por Zyerne contra o dragão, conjurando-o, lhe exigindo que cedesse. Jenny sentiu que a mente do dragão era um nó de ferro contra a ordem imperiosa e sentiu o momento em que o nó se fissurava.

Voltou a gritar: *Morkeleb!*, e se lançou, mente e corpo, para ele. As mentes dos dois se uniram e se fundiram. Através dos olhos do dragão, viu a forma horrível da criatura e compreendeu a maneira em que ele tinha reconhecido Zyerne através de seu disfarce: a forma da alma da feiticeira era inconfundível. Por outra parte, lateralmente, Jenny era consciente de que isso era verdade para cada um dos homens e os gnomos que se escondiam detrás das soleiras e o amparo das torres; via as coisas como as vê um dragão. A força da Pedra golpeava contra a mente de Jenny e, entretanto, não tinha poder sobre ela, nenhum domínio sobre o que fazia. Através dos olhos de Morkeleb, viu a si mesma que ainda corria para ele (em certo modo, para si mesma) e viu como a criatura se voltava para golpear rápido esse farrapo pequeno de ossos e cabelo envolto em negro, que ela reconhecia de uma forma distante como seu próprio corpo.

Sua mente estava dentro da do dragão: um escudo contra o domínio ardente da Pedra. Como um gato, o dragão golpeou e a criatura que tinha sido Zyerne se voltou para enfrentar-se à ameaça inesperada. Metade em seu próprio corpo, metade no de Morkeleb, Jenny se meteu sob o ventre saliente, inchado, do monstro que se elevava enorme, perto dela e lhe afundou a alabarda. Quando a folha cortou a carne fedorenta, ouviu a voz de Zyerne em sua mente, lhe gritando as obscenidades de *puta malcriada* que os gnomos tinham recebido pela promessa de poder que viam nela. Logo, a criatura recolheu seus membros desmantelados debaixo de seu corpo e se jogou para o céu. Por cima de sua cabeça, Jenny ouviu o rugir quente do trovão.

Seu contra feitiço bloqueou o raio que tivesse cansado sobre o pátio um instante depois; usou um feitiço de dragão, como esses que usam os que percorrem os caminhos do ar para voar em meio das tormentas. Morkeleb estava junto a ela; a mente de Jenny o protegia da Pedra enquanto o corpo do dragão a protegia da força maior de Zyerne. Com as mentes entrelaçadas, não necessitavam palavras. Jenny levantou as unhas de ponta de faca das patas dianteiras do dragão e ele a levou até suas costas; ela se apertou, incômoda, contra as pontas de lança que guardavam sua coluna. Voltaram a ouvir o trovão e a falta de fôlego terrível do ozônio. Jenny arrojou um feitiço para desviar esse raio, e o fogo — canalizado, como o viu ela, através da criatura que flutuava no ar lívido como uma bolsa de pus à deriva sobre a cidadela— golpeou a arma tubular para disparar arpões sobre a rampa. A arma explorou em uma estrela ardente de chama e ferro quebrado e os dois homens que levavam outra catapulta para disparar ao monstro deram meia volta e fugiram.

Jenny compreendeu então que Zyerne tinha conjurado a tormenta, tinha-a chamado com seus poderes através da Pedra desde muito longe e a magia da Pedra lhe dava o poder de dirigir o raio para fazê-lo cair quando quisesse e onde quisesse. Essas eram suas armas para destruir a cidadela: a Pedra, a tormenta e o dragão.

Tirou o cinturão e o usou para atar-se ao espinho de meio metro que tinha a diante. Não lhe serviria de muito se o dragão ficava de barriga para baixo em vôo, mas impediria que caísse de lado e isso era tudo o que podia esperar no momento. Sabia que seu corpo estava exausto e ferido, mas a mente do dragão a elevou de si mesma e de todos os modos, não tinha opção. Fechou-se como uma ostra ante a dor e arrancou os Limites de sua cabeça e de sua carne.

O dragão se jogou no céu com violência para a coisa que o esperava mais acima.

O vento os rasgou, esbofeteando as asas de Morkeleb de modo que o dragão teve que girar de repente para impedir que o ar o esmagasse contra a torre mais alta da cidadela. De cima, a criatura cuspiu uma chuva de muco ácido, de cor verde e fedorento, que tocou as mãos e a cara de Jenny como veneno e fez rastros fumegantes de corrosão sobre o aço das escamas do dragão. Furiosa, tratando de manter a mente concentrada contra a agonia de dor, que a sacudia, Jenny enviou sua vontade às nuvens e a chuva começou a cair, lavando o ácido e cegando-a pela metade com sua fúria. A cabeleira negra pendurava pegajosa contra os ombros de Jenny quando o dragão girou no vento e ela ouviu como o raio voltava a canalizar-se da criatura que voava frente a eles. Aferrou-o com a mente e o jogou de volta. Estalou em algum lugar entre as dois combatentes e o golpe rasgou os ossos de Jenny como uma martelada. Tinha esquecido que não era um dragão e que sua carne era mortal.

Logo, a criatura caiu sobre eles; suas asas grossas chiavam como as de um inseto. O peso fez rodar o dragão no ar e Jenny teve que aferrar-se aos espinhos de ambos os lados por debaixo das folhas afiadas, mas de todos os modos se cortou os dedos. A terra rodou e girou debaixo deles, mas os olhos e a mente de Jenny apanharam a criatura que voava mais acima. Seu aroma era impressionante, e da massa lhe poluem sua pele, saía uma cabeça como um tubarão que mordida as juntas maciças das asas do dragão enquanto o redemoinho de feitiços do mal tragava e rasgava tudo ao redor dos três, machucando as duas mentes unidas.

Um líquido amarelo como o sangue dos deuses estalou na boca da criatura quando mordeu os espinhos das uniões das asas. Jenny golpeou os olhos, humanos e grandes como punhos, dourados e cinzas: os olhos de Zyerne. A folha da alabarda rasgou a carne e entre as capas separadas da ferida brotaram outras cabeças como um matagal de víboras no sangue derramado, rasgando a túnica negra e a pele de Jenny com bocas que chupavam, furiosas. Com amargura, lutando contra uma sensação de horror de pesadelo, Jenny voltou a cortar; as mãos gretadas que se cobriram de barro. A metade de sua mente conjurava do fundo da alma do dragão os feitiços de cura contra os venenos que sabia que tinha guardados nessas sujas mandíbulas.

Quando golpeou o outro olho, a criatura os soltou. A dor das feridas de Morkeleb e as suas próprias rasgaram Jenny quando ele girou para o céu e então, soube que ele também sentia a queimadura na pele machucada da mulher. A cidadela caiu atrás deles, como em um abismo. A chuva as empapava como água de um cubo. Jenny levantou a vista e viu o brilho mortífero, púrpura, dos raios guardados no limite dos travesseiros negros das nuvens, tão perto sobre suas cabeças. A pressão da alma de Zyerne sobre a dos dois diminuiu quando a encantada reuniu seus próprios feitiços, feitiços de naufrágio e ruína contra a cidadela e seus defensores.

As névoas velaram as dobras ascendentes da terra que havia debaixo deles, a fortaleza de brinquedo e a esmeralda e a piçarra úmidas das colinas perto do riacho branco do rio. Morkeleb fez um círculo, os olhos de Jenny dentro dos seus, olhando tudo com uma calma clara incrível. O raio caiu frente à Jenny e ela viu, como se a tivessem desenhado em linhas finas e negras frente a ela, a explosão de outra catapulta sobre as rampas. O homem que a tinha estado enrolando caiu sobre o parapeito e se derrubou com limpeza sobre o escarpado.

Logo o dragão dobrou as asas e se deixou cair. Com a mente dentro da de Morkeleb, Jenny não sentia medo, obstinada aos espinhos enquanto o vento rasgava o cabelo molhado e a túnica ensangüentada, empapada de chuva e pega a seu corpo e a seus braços. A mente de Jenny era como a de um falcão que se deixa cair para o ataque. Viu, com um prazer preciso, o corpo embolsado, amassado que era seu branco e sentiu a alegria do impacto que chegaria só quando o dragão cravasse as garras...

O impacto quase a jogou de sua posição precária sobre a coluna do dragão. A criatura se retorceu e se curvou no ar, logo girou baixo eles e aferrou com uma dúzia de bocas o ventre e flancos de Morkeleb e não lhe importaram nem os espinhos nem o golpe brutal da cauda do dragão. Algo rasgou as costas de Jenny; voltou-se e mutilou a cabeça de um tentáculo de serpente que a tinha atacado, mas sentiu que o sangue fluía de sua ferida. Seus esforços para fechar essa ferida foram nulos e lentos. Os dois pareciam ter cansado em um vértice de feitiços e o peso da força da Pedra os tragava, tratando de desatar o nó fechado de suas mentes.

Já não sabia o que era magia humana e o que, era magia do dragão; só sabia que as duas brilhavam, ferro e ouro, em uma arma fundida que atacou o corpo e a alma de Zyerne. Jenny

sentia o cansaço cada vez maior de Morkeleb e seu próprio enjôo enquanto lá abaixo, giravam, loucos, as paredes e os escarpados com dentes de rocha da Parede de Nast. Quanto mais cortavam e rasgavam a criatura fedorenta, horrível, tantas mais bocas e tentáculos cresciam das feridas e tão mais forte se aferravam aos dois. Jenny já não tinha mais medo que o que sente uma besta em um combate com outro da mesma espécie, mas sim sentia o peso crescente da coisa à medida que se multiplicava e se fazia maior e mais poderosa enquanto os dois corpos entrelaçados lutavam na chuva enfurecida.

O final, quando chegou, foi surpreendente, como o impacto de um pau. Jenny sentiu um rugido terrível em alguma parte da terra lá abaixo, surdo e tremente através de sua consciência concentrada em um só objetivo e, além disso, exausta; logo, mais claramente, ouviu uma voz como a de Zyerne que gritava, uma voz multiplicada mil vezes através dos feitiços que a sufocavam até que entrou como uma tocha no cérebro de sua inimizade com o eco terrível de uma dor indescritível.

Como a passagem de um segmento de sonho a outro, Jenny sentiu que os feitiços que os rodeavam se extinguíam e que a carne e o músculo flácido que os aferravam se precipitavam para o chão. Algo brilhou entre os dois combatentes e, logo caiu através do ar cheio de chuva para as cristas molhadas dos tetos da cidadela. Jenny se deu conta de que esse bater as asas de cabelo castanho e vestido branco que se lançou para baixo era Zyerne.

Logo, sentiu que o dragão se lançava de novo, como antes, como um falcão, rastreando o corpo que se derrubava com os precisos olhos de cristal e acolhendo-o no ar com a exatidão de um menino que joga gudes.

Cinzas como o carvão pela chuva, as paredes do pátio da cidadela se elevaram ao redor dos três. Homens, mulheres e gnomos tinham subido às rampas, o cabelo pego à cabeça pelo estalo das nuvens que ninguém estava emprestando a mais mínima atenção. Uma fumaça branca saía da porta estreita que dava à Gruta, mas todos os olhos estavam levantados para o céu, para a forma negra que se lançava como um prumo.

O dragão se balançou um momento sobre o largo de vinte metros de suas asas, logo estendeu três de suas delicadas patas para tocar o chão. Com a quarta, pôs Zyerne sobre a pedra cheia de atoleiros do chão do pátio e o cabelo negro se estendeu a seu redor sob a chuva persistente.

Jenny se deslizou do lombo do dragão e soube em seguida que Zyerne estava morta. A boca e os olhos estavam abertos. Distorcida pela raiva e o terror, a cara era agora afiada e ardilosa, gravada pela preocupação constante e o vício a irritações mesquinhas.

Tremendo de cansaço, Jenny se recostou contra a curva do ombro do dragão. Lentamente, suas mentes se afastaram. O limite de brilho e cor que parecia rodeá-lo todo se desvaneceu da

vista de Jenny. As coisas vivas tinham corpos sólidos outra vez, em lugar de fantasmas imateriais de carne através dos quais brilhavam as formas das almas.

Milhares de dores a assaltaram: os de seu corpo e os da ruína nua e fedido de sua mente. Deu-se conta do sangue que lhe pegava a bata rasgada às costas e lhe corria pelas pernas até os pés nus; deu-se conta da escuridão de seu coração, a escuridão que tinha aceitado em sua batalha com Zyerne.

Obstinada às escamas bicudas para sustentar-se, baixou a vista para a cara aguda, branca, que olhava para cima com os olhos muito abertos dos atoleiros golpeados pela chuva. Uma mão humana lhe sustentou o cotovelo e viu Trey junto a ela; o cabelo frívolo e tingido, pego pela chuva ao redor da cara pálida. Estava perto. Jenny nunca tinha visto ninguém aproximar-se assim de Morkeleb, exceto ela mesma, claro. Um momento depois, lhes uniu Policarpio, um braço envolto em umas ataduras provisórias e o cabelo vermelho queimado pelo primeiro ataque da criatura contra a porta.

O vento branco ainda subia da porta da Gruta. Jenny tossiu e os pulmões lhe doeram com as fumaças acres. Todos os que estavam no pátio tossiam; era como se a Gruta mesma estivesse em chamas.

Chegaram mais tosse de dentro. Na soleira sombria se materializou duas figuras, a mais baixa recostada sobre a mais alta. Desde caras manchadas de carvão, dois pares de óculos brilharam, brancos na luz pálida.

Um momento depois saíram da fumaça e a sombra ao silêncio surpreso da multidão que os esperava no pátio.

—Calculei mal a quantidade de pólvora — se desculpou John.

Desde que John e Gareth destruíram a Pedra, passaram muitos dias antes que Jenny começasse a recuperar-se da batalha sustentada por abaixo e por cima da cidadela.

Tinha lembranças brumosas dos dois homens contando a Policarpio como tinham rastreado o caminho para trás, para a habitação junto às portas em que os gnomos tinham deixado os sacos com pólvora e uma lembrança vaga de Morkeleb agarrando-a entre as garras quando caiu e levando-a, como um gato, para o pequeno refúgio do pátio superior. Mais clara era a lembrança da voz de John, que proibia a outros irem atrás deles.

—Necessita uma cura que nós não podemos lhe dar - lhe ouviu dizer Gareth—. Deixa-a.

Jenny se perguntou como tinha sabido isso, mas claro, John a conhecia muito bem.

Morkeleb a curou como curam os dragões, guiando o corpo com a mente. O corpo de Jenny se curou com rapidez: os venenos se queimaram e desapareceram de suas veias, feridas vermelhas, abertas pelas bocas da criatura se fecharam e deixaram cicatrizes feias, redondas, do tamanho de uma palma. Como as feridas das batalhas com os dragões no corpo de John, ela as levaria pelo resto de sua vida.

A mente de Jenny se curou com mais lentidão. As feridas da batalha com Zyerne seguiram abertas. A pior era a consciência de ter abandonado o direito ao poder que tinha desde seu nascimento, não a causa do destino que lhe tinha negado a habilidade nem das circunstâncias que a tinham afastado da educação necessária, a não ser por causa de seu próprio medo.

São teus com apenas estender a mão, havia dito Morkeleb.

Ela sabia que sempre tinha sido assim.

Voltando a cabeça das sombras do abrigo cheio de livros, via o dragão, deitado no débil sol do pátio, uma cobra negra com a cabeça esculpida e levantada, as antenas inquietas, escutando o vento. Sentia a alma raspada e manchada com a mente e a alma do dragão e a vida enredada nas cordas de cristal do ser de Morkeleb.

Uma vez lhe perguntou por que se ficou na cidadela a curá-la.

A Pedra está destruída..., os laços que atavam a este lugar já não existem.

Sentiu que a raiva enroscada dentro do ser do dragão se movia um pouco.

Não sei, mulher maga. Não poderia haver curado a ti mesma..., eu não queria verte ferida para sempre.

As palavras estavam manchadas não só com raiva, mas também com a lembrança do medo e com uma espécie de vergonha.

Por quê? Perguntou-lhe ela. Disse muitas vezes que os assuntos da humanidade não são nada para os dragões.

As escamas do dragão rangeram levemente ao levantar-se e logo, com um murmúrio seco, acomodaram-se de novo. Os dragões não mentem, mas ela sentiu que a massa da mente dele se fechava para ela.

E não o são. Mas desde que me curou e compartilhou comigo a canção do ouro na Gruta, hei sentido mover-se em mim coisas que não compreendo. Meu poder despertou o poder em ti, mas não sei o que é isso que há em ti que despertou seu reflexo em mim porque não é coisa de dragões. Deixou-me sentir a garra da Pedra enquanto voava para o norte, um desejo e uma dor que antes era só meu próprio desejo. Agora, por isso, não quero verte machucada, não quero que morra como morrem os humanos. Quero que venha comigo ao norte, Jenny; quero que seja um dragão com o poder que sempre procurou. Quero-o tanto como quis sempre o ouro da terra. Não sei por que. E não é isso o que você também quer?

Mas Jenny não lhe respondeu.

Muito antes que pudesse levantar-se, John se arrastou pelos degraus até o pátio superior para vê-la, sentou-se junto a ela no estreito colchão improvisado em seu pequeno refúgio, passou-lhe a mão pelo cabelo como estava acostumado a fazer no forte nessas noites que ela devia passar com ele e com seus filhos. Falava de coisas sem importância: da forma em que se desmantelavam os exércitos do lugar e da volta dos gnomos à Gruta, dos atos de Gareth e da coleção de livros que se levariam ao norte; não lhe pedia nada: nem palavras nenhuma decisão nem um pensamento. Mas lhe parecia que o toque de suas mãos era mais amargamente doloroso que todos os feitiços de ruína de Zyerne.

Tinha tomado sua decisão, pensou, fazia dez anos quando se encontraram pela primeira vez, e havia tornado a tomá-la todos os dias após. Mas havia outra opção e sempre a tinha havido. Sem voltar a cabeça, sentia os pensamentos que se moviam detrás das profundidades diamantinas dos olhos vigilantes de Morkeléb.

Quando John se levantou para ir-se, ela pôs uma mão sobre a manga de sua capa negra e gasta.

—John — disse com calma—. Fará algo por mim? Envia uma mensagem a Mab e lhe peça que escolha os melhores livros de magia que conheça, dos gnomos e dos homens, para levá-los ao norte.

Ele a olhou um momento, ali, tendida sobre a palha do estreito colchão que tinha sido já por quatro noites sua cama solitária, o cabelo negro e descuidado pendurando sobre a brancura de sua camisa.

—Não preferiria escolhê-los você, amor? Ao fim você é a que vai usá-los.

Ela meneou a cabeça. As costas de John davam para a luz do pátio aberto e ela não via seus rasgos a contraluz; queria estirar a mão e tocá-lo mas por alguma razão não podia fazê-lo. Em uma voz fria como a prata, explicou:

—A magia do dragão está em mim, John; não é coisa de livros. Os livros são para o Ian, quando conhecer seus poderes.

John não disse nada por um momento. Ela se perguntou se ele também teria notado isso em seu filho maior.

—Não estará ali para lhe ensinar? —perguntou finalmente John com voz débil.

Ela sacudiu a cabeça.

—Não sei John — murmurou—. Não sei.

Ele fez um movimento para lhe apoiar a mão no ombro e ela disse:

—Não. Não me toque. Não o faça mais difícil para mim.

Ficou de pé um momento frente a ela, olhando-a nos olhos. Logo, obediente, voltou-se em silêncio e abandonou o refúgio.

Quando chegou o dia fixado para a partida para o norte da cidadela, ela ainda não tinha tomado uma decisão. Era consciente do olhar de John quando ele pensava que ela não o estava observando; consciente de seu próprio agradecimento para ele por não usar a única arma que ele sabia que poderia fazê-la ficar com ele: nunca lhe falou dos filhos. Mas pelas noites, também era consciente da figura de cobra negra do dragão, brilhante à luz da lua sobre o pátio superior ou girando no céu negro com as frias estrelas do inverno tremendo sobre seus espinhos, como se tivesse pirado através do coração da galáxia e voltado com toda sua luz pulverizada sobre o corpo.

A manhã da partida era clara, embora muito fria. O rei cavalgou desde Bel para despedi-los, rodeado por uma tropa de cortesãos que olhavam John com medo e respeito, como se estivessem perguntando como se atreveram a burlar-se dele e por que ele não os tinha matado a todos. Também estavam Policarpio e Gareth e Trey, agarrados da mão como dois meninos de escola. Trey fazia tingir de novo seu cabelo, dourado e borgonha, e teria sido impressionante se tivesse penteado no estilo elaborado da corte em lugar de em duas tranças simples como as de uma menina sobre as costas.

Haviam trazido com eles uma larga fileira de cavalos e mulas, carregadas com fornecimentos para a viagem e também os livros que John tinha arriscado tão alegremente a vida. John se ajoelhou frente ao velho esvaído, vago, alto, e lhe agradeceu e lhe jurou fidelidade enquanto Jenny, vestida em sua capa descolorida, como uma nortenha, ficava de pé de um lado; ela se sentia curiosamente longe de todos eles enquanto observava como o rei revisava uma e outra vez os rostos de quão cortesãos o rodeavam com o ar de alguém que procura a outro mas já não recorda bem a quem.

O rei disse John:

—Já vão? Mas não foi ontem que lhes apresentaram?

—Será um comprido caminho até casa, senhor. —John não mencionou a semana que tinha passado esperando a permissão do rei para combater ao dragão..., era evidente que o velho recordava muito pouco das semanas anteriores, se é que recordava algo—. É melhor que vá antes que venham as nevadas fortes.

—Ah. —O rei assentiu vagamente e se voltou inclinado sobre os braços de seu alto filho e seu sobrinho, Policarpio. Depois de um passo ou dois, deteve-se com o cenho franzido como se algo estivesse surgindo de sua memória e se voltou para Gareth—. Este Vencedor de Dragões..., matou ao dragão depois de tudo, verdade?

Não havia forma de lhe explicar tudo o que tinha passado nem como a lei havia tornado a ser imposta no reino, salva da forma correta, assim Gareth disse simplesmente:

—Sim.

—Bem — disse o velho, assentindo sua aprovação com debilidade—. Bem.

Gareth lhe soltou o braço; Policarpio, como Senhor da cidadela e anfitrião, levou-o para descansar e os cortesãos partiram atrás dele como uns cardumes de peixes ornamentais de cores brilhantes. Três figuras pequenas, encurvadas se separaram deles; as batas de seda rangeram nos ventos congelados que desciam do céu novo e suave.

Balgub, o novo senhor da Gruta do Ylferdun, inclinou a cabeça; com a tensão de quem não tem por costume expressar-se em palavras, deu as graças para lorde Aversin, Vencedor de Dragões, embora não disse por que.

—Bom, não podia dizê-lo, não lhes parece? —fez notar John enquanto os três gnomos saíam do pátio seguindo a corte do rei. Só a senhora Mab tinha cuidado de Jenny e lhe tinha piscado os olhos um olho. John continuou—: Se viesse e me dissesse: *«Obrigado por fazer estalar a Pedra»*, isso seria admitir que estava equivocado quanto que Zyerne podia envenená-la.

Gareth, que ainda estava de pé com a mão de Trey entre as suas, riu com força.

—Sabem? Acredito que o admite em seu coração, embora talvez nunca nos perdoe de tudo por havê-la destruído. Ao menos, trata-me bem no conselho..., o qual vale à pena porque vou ter que conviver com eles durante muito tempo.

—Sim? —Um fulgor de intenso interesse dançou nos olhos de John.

Gareth ficou em silêncio um momento, tocando a ponta dura de seu punho, sem olhar John. Quando voltou a levantar a vista, tinha a cara cansada e triste.

—Pensei que seria outra coisa — disse—. Pensei que depois de que Zyerne morrera, estaria bem. E está melhor, sério. —Falava como um homem que trata de convencer a si mesmo de que uma estátua remendada é tão formosa como antes de romper-se—. Mas está..., está tão esquecido. Badegamus disse que não recorda decretos que tem feito de um dia a outro. Quando estive em Bel, fizemos um conselho, Badegamus, Balgub, Policarpio, Dromar e eu, para decidir o que vamos fazer; logo eu digo a papai que o faça... Ou lhe recordo que isso era o que ia fazer e ele finge que o recorda. Sabe que está esquecido que embora não recorda muito bem por que. Às vezes, se acorda na noite e grita o nome de Zyerne ou o de minha mãe. —A voz do jovem se deteve um segundo, inseguro—. Mas, e se alguma vez se recupera?

—E se alguma vez se recupera o que? —replicou John com suavidade—. O reino será teu de todos os modos algum dia, herói. —voltou-se e começou a ajustar as cilhas das mulas, preparando-as para a caminhada para baixo pela cidade para tomar o caminho do norte.

—Mas não agora! —Gareth o seguiu; as palavras formavam nuvens brancas no frio da manhã—. Quero dizer..., nunca terei tempo para mim... Faz meses que não trabalho em nenhuma poesia, que não trato de completar essa variante sulina da balada de Amasse Dama Guerreira...

—Haverá tempo, mais adiante. —O Vencedor dos Dragões fez uma pausa, a mão sobre o pescoço arqueado de Martelo de Batalha, o presente que Gareth lhe tinha feito ao partir—. Será mais fácil mais adiante quando os homens venham a ver-te diretamente a ti e não a seu pai.

Gareth meneou a cabeça.

—Mas não será o mesmo.

—É que alguma vez é o mesmo?

John se moveu pela linha de cavalos e mulas, ajustando cilhas, controlando as tiras que sujeitavam os pacotes de livros: volumes de cura, as obras de Anacetos sobre demônios maiores e menores, o *Doador do Fogo* de Luciardo, livros sobre engenharia e sobre a lei, escritos por gnomos e por homens. Gareth o seguiu em silêncio enquanto digeriria a idéia de que ele era agora, em realidade, era o Senhor de Bel, com as responsabilidades do reino - para as quais o tinham preparado academicamente sob o título mental de «algum dia»— lançadas de repente sobre seus ombros, que não as queriam. Como John, pensou Jenny com lástima, teria que deixar de lado a busca do conhecimento, esse verdadeiro amor, e dedicar-se ao que devia, a seu povo. Só poderia voltar para essa busca de tanto em tanto. A única diferença era que seu reino estava em paz e que John era um ano menor quando o peso caiu sobre ele.

—E Sêrvio? —perguntou John com gentileza, olhando para Trey.

Ela suspirou e as arrumou para sorrir.

—Ainda pergunta por Zyerne — disse com suavidade—. Realmente a amava, sabem? Sabe que está morta e trata de fingir que recorda que morreu como eu lhe disse, caindo de um cavalo... Mas é estranho. Está mais amável agora. Nunca será considerado burro, é obvio, mas já não é tão rápido nem tão inteligente e acredito que fere menos a outros. Ontem lhe caiu uma taça durante o almoço..., está muito torpe agora, e até se desculpou comigo. —Houve certa careta em seu sorriso, talvez para cobrir as lágrimas—. Recordo que antes não só me tivesse culpado, mas também teria conseguido que eu me culpasse.

Ela e Gareth tinham estado seguindo John pela linha de bestas, com as mãos ainda unidas; as saias rosadas da moça, brilhantes contra o cinza estanho da manhã congelada. Jenny, de pé, longe, escutava suas vozes, mas sentia como se estivesse vendo-os através de um vidro: eram parte de uma vida da qual estava pela metade separada, a que não tinha que voltar caso decidisse. E todo o tempo, sua mente escutava o céu, ouvia com estranha claridade as vozes do vento ao redor das torres da cidadela, procurando algo...

Viu o olhar de John, e viu como a preocupação cavava uma linha entre suas sobrancelhas; algo se retorceu e ardeu em seu coração.

—Têm que ir? —perguntou Gareth, com dúvida, e Jenny, que sentia como se lhe tivessem lido o pensamento, levantou a vista, mas era John a quem falava o príncipe—. Não poderiam ficar comigo um tempo? Levará um mês para preparar as tropas para o norte... Poderiam ter um lugar no conselho. Não..., não posso fazer isto sozinho.

John meneou a cabeça, inclinado sobre o lombo da mula Clivy.

—Já está fazendo-o sozinho, herói. E quanto a mim, tenho meu próprio reino que atender. Já estive fora muito tempo, em realidade. —Olhou Jenny como lhe perguntando algo, mas ela desviou o olhar.

O vento se agitou ao redor dos dois, correntes cruzadas moveram a capa e o cabelo de Jenny como o bater as asas de um pássaro gigante. Ela levantou a vista e viu a forma do dragão que descia do céu cinza cobalto da manhã.

Deu as costas à caravana reunida no pátio sem dizer uma palavra e correu para a escada estreita que levava aos muros. A forma escura pendurava como um barril pequeno negro sobre o vento, a voz suave era uma canção na mente de Jenny.

Por meu nome, ordenou-me que me fora, Jenny Waynest, disse ele. Agora que você vai, eu também parto. Mas por seu nome, peço-te que me siga. Vêem comigo às ilhas dos dragões nos mares do norte. Vêem comigo e seja um de nós, agora e para sempre.

Ela sabia em seu coração que essa era a última vez que o dragão o pediria. Se ela o rechaçava agora, essa porta nunca voltaria a abrir-se. Ficou de pé, detida um momento entre as

rampas e o céu prateado. Sentia John que subia as escadas atrás dela, a cara sem vida, os óculos alagados da luz clara da manhã; sentia, através dele, aos dois meninos que esperavam na torre em ruínas de Forte Alyn..., meninos que tinha dado a luz sem intenção de criar, meninos que deveria ter amado ou muito mais ou muito menos, pensou agora.

Mas mais que eles, sentia o dragão, flutuando como uma cinta contra o olho remoto e branco da lua diurna. A música de seu nome tremia em seus ossos; o ferro e o fogo de seu poder lhe marcavam a alma.

Para ser mago, deve ser mago, pensou. A chave da magia é a magia.

Voltou-se e viu o John, de pé sobre o chão cheio de raízes entre as macieiras sem folhas, detrás dela. Mais à frente, viu a caravana de cavalos no pátio, Trey e Gareth sustentando as bridas dos animais que relinchavam e se elevavam em duas patas ao aroma do dragão. Durante um momento, a lembrança do corpo de John e sua voz a dominaram, a força lhe esmagou os músculos e a curiosa suavidade desses lábios, o roce frio de uma manga de couro e a fragrância do corpo mesclada com o aroma mais prosaico da fumaça de lenha e de cavalos que permeava sua capa gasta.

Também sentia o amor e o desespero dos olhos de John. Viu como a esperança se desvanecia neles. Sorriu-lhe.

—Vá, se tiver que fazê-lo, amor - disse com suavidade—. Disse que não trataria de te deter e não o farei. Sei há dias.

Ela meneou a cabeça e quis falar, mas não pôde emitir nem um som. O cavalo negro se agitou sob o vento das asas do dragão. De repente, deu as costas aos homens e correu para os muros detrás dos quais a esperava o dragão no ar.

Sua alma saltou primeiro, tirando poder do vento e da corda de cristal e do pensamento que Morkeleb lhe arrojava, para lhe mostrar o caminho. Os elementos que rodeavam sua essência trocaram e Jenny lançou a forma que tinha conhecido desde sua concepção e conjurou outra forma diferente. Consciente pela metade sentiu que estendia os braços contra o vento enquanto avançava do limite da construção, sentiu o vento no cabelo negro e comprido quando saltou para fora sobre a larga caída de pedra e abismo e vazio. Mas sua mente já se elevava para os picos distantes das nuvens, a lua, o dragão.

Sobre as paredes, depois dela, sentiu murmurar Trey:

—É formosa...

Contra a lua diurna que desaparecia, a luz cada vez mais forte da manhã se enredou na seda branca de suas asas desdobradas e brilhou como um tapete salpicado de diamantes ao longo da armadura pálida e da coluna e o flanco do dragão branco.

Mas mais que tudo isso, Jenny sentiu John, o Vencedor de Dragões de baladas e lendas, o John que a olhava. Lágrimas silenciosas lhe corriam pela cara quieta. Ela fez um círculo no céu que a esperava, como uma mariposa liberada por sua mão. Logo, John deu as costas aos muros e caminhou para o pátio onde o esperavam os cavalos. Tomou a rédea de mãos de Gareth, que se tinha ficado mudo de assombro, montou sobre Martelo de Batalha e cavalgou sob a porta da cidadela para tomar o caminho do norte.

18

Voaram juntos para o norte pelos caminhos tecidos no ar.

Toda a Terra jazia aos pés de Jenny, marcada com as largas sombras azuis da manhã, o brilho poderoso da água dos riachos e as facas de gelo das geleiras. Viu as formas do mar, com suas correntes verde e violeta, suas grandes profundidades cinza e a espuma de encaixe branco sobre a superfície; e as do ar, sempre em movimento. Todas as coisas eram para ela como as vê um dragão, uma rede de magia e anos que cobria a Terra e a unia ao universo cantor em uma malha cristalina de tempo.

Aninharam entre os altos picos da Parede de Nast, ao final dos ossos partidos do mundo, olhando para o este sobre as gargantas nas quais as ovelhas selvagens saltavam como moscas de rocha em rocha, por cima de quedas impressionantes de riachos verdes e bosques nos que a umidade cobria todas as árvores sobre as primeiras colinas para os pântanos, onde viviam os que juravam fidelidade ao Professor. Ao oeste, Jenny via mais à frente da geleira, que jazia como um rio detido de verde e branco através das gargantas cinza e atalhos dos escarpados, além das rochas desérticas e frias, o rio Selvagem que brilhava como uma folha de seda castanha sob o vapor de suas próprias névoas e, nos bosques nus que se elevavam junto a suas ribeiras, distinguiu as torres nas pontas dos pés da casa de Zyerne entre as árvores.

Como um dragão, via através e adiante no tempo; e como um dragão, não sentia paixão ante o que via.

Era livre para ter o que sempre tinha desejado..., não só o poder, que o toque da mente de Morkeleb lhe tinha dado a sua alma, mas também a liberdade para buscá-lo além da prisão mesquinha do trabalho dos dias.

Sua mente tocou esse conhecimento e brincou com ele, admirando-se por sua beleza e sua complexidade. Era seu agora, como o tinha sido sempre. Já ninguém lhe pediria que pospusesse suas meditações para caminhar quilômetros e quilômetros a pé sobre as colinas ventosas e ajudar a dar a luz a um menino; já não passaria as horas que necessitava para o estudo do poder, afundada até os tornozelos na água congelada de um pântano, procurando ovos de rã para o reumatismo do Muffle, o ferreiro.

Já não teria que dividir seu tempo (nem sua alma) entre o amor e o poder.

Ao longe, sua vista de dragão distinguia a caravana de cavalos que fazia seu caminho de formiga ao longo das colinas e para os bosques. Sua vista de cristal era tão clara que podia identificar a cada uma das bestas da linha: a égua branca Lua, os ruanos Estúpidos, Vaga e o baio Martelo de Batalha; também viu o brilho de uns óculos e o fulgor do metal das fivelas de um espartilho velho e cheio de remendos.

Para ela, John não era mais que os primeiros centímetros da cinta interminável de anos de um dragão. Como os bandidos e os desventurados Meewinks, como seus filhos, seguiria seu próprio caminho através das formas labirínticas do tempo cada vez mais escuro. Seguiria com suas lutas por seu povo e com seus experimentos teimados com sai de rocha e globos de ar quente, seus modelos de molas de suspensão e sua busca de sabedoria popular sobre os porcos. Um dia, pensou Jenny, agarraria um bote e navegaria sobre as perigosas águas da enseada do Elsbouch para procurar as ruínas do mole submerso e ela não estaria esperando sobre as pedras redondas da praia de cascalho... Cavalgaria para a casa sob as pedras altas de Colina Geada e ela não estaria de pé na soleira.

Com o tempo, sabia até essas lembranças se desvaneceriam. Via dentro de si mesma agora, como tinha visto nas almas de outros. A de Trey recordava-a bem, tinha sido como uma lacuna clara, com lugares planos e brilhantes e profundidades insuspeitadas. A de Zyerne, como uma flor envenenada. A sua própria alma a via também como a uma flor cujas pétalas se foram convertendo em ferro nas pontas, mas cujo coração ainda estava suave e sedoso. Com o tempo seria toda de ferro, formosa até tirar o fôlego de vida para sempre..., mas já não seria uma flor.

Ficou muito quieta nas rochas, imóvel a não ser pelo tremor das antenas adornadas que procuravam as cores do vento.

Isso era ser um dragão, disse-se a si mesmo, ver as formas de todas as coisas do silêncio do céu. Era ser livre. Mas a dor ainda caía de algum lugar dentro dela..., a dor da opção, da perda e

dos sonhos que tinham nascido mortos. Teria chorado, mas não havia nada nos dragões que fora capaz de chorar. Disse-se que era a última vez que teria que sentir essa dor ou o amor que o causava. Por essa imunidade tinha procurado os caminhos do céu.

A chave da magia é magia, pensou. E toda a magia, todo o poder, eram seus agora.

Mas muito intimamente, outra voz perguntou: *para que?* Lá longe, sentia Morkeleb, que caçava as grandes ovelhas com chifres entre as rochas. Como um morcego negro de ponta de aço, passava sem mais som que sua sombra sobre os campos de neve, envolto nas cores do ar para cair sobre as gargantas, escondido dos olhos estúpidos, nervosos de sua presa no brilho enganoso de sua magia. A magia era o osso dos ossos dos dragões, o sangue de seu sangue; a magia do cosmos tingia tudo o que percebiam e tudo o que eram.

E, entretanto, se pensava bem, essa magia era estéril; não procurava nada que não fora ela mesma, como a de Zyerne.

Zyerne pensou Jenny. A chave da magia é magia. Por essa magia, Zyerne tinha sacrificado aos homens que a amavam, ao filho que tivesse dado a luz, e finalmente, a sua própria humanidade..., igual Jenny!

Caerdinn estava equivocado. Apesar de sua luta para aperfeiçoar suas artes, não tinha sido outra coisa que um velho amargurado, egoísta, o final de uma Linha que falhava porque procurava a magia só por amor à magia mesmo. A chave da magia não era a magia; era seu uso; não era ter, a não ser dar e fazer..., amar e ser amado.

E em sua mente surgiu a imagem de John, sentado junto a Morkeleb no pátio superior da cidadela. *Como temos tão pouco, compartilhamo-lo entre nós para que valha a pena o ter..., as conseqüências de não preocupá-lo suficiente por fazer o que fazemos seriam piores...*

Tinha sido John todo o tempo, pensou Jenny. Não o problema, a não ser a solução.

Uma sombra fez um círculo sobre ela e Morkeleb descendeu brilhante sobre as rochas ao seu lado. O sol estava quase fundo no horizonte ao oeste e arrojava o brilho da luz azul da geleira sobre seu corpo negro, como uma brilhante capa de chamas.

O que acontece, mulher maga?

Morkeleb devolva-me ao que fui, disse ela.

As escamas de Morkeleb se arrepiaram e ela sentiu a punção de sua raiva na mente.

Nada pode voltar a ser o que foi, mulher maga. Sabe. Meu poder estará contigo para sempre e não pode apagar-se de sua mente o conhecimento do que é ser um dragão.

Ainda assim, disse ela. Apesar disso, prefiro viver como uma mulher que foi um dragão que como um dragão que uma vez foi mulher. Sobre os degraus da Gruta, matei com fogo como arbusto um dragão; e como um dragão, não senti nada. Não quero me voltar assim, Morkeleb.

Ora, disse Morkeleb. O calor saía das mil navalhas de suas escamas, dos largos espinhos e da seda pregada de suas asas. Não seja tola, Jenny Waynest. Todo o conhecimento dos dragões, todo seu poder é teu e todo o tempo do mundo. Esquecerá logo os amores da terra e estará curada. O diamante não pode amar à flor porque a flor vive um dia e logo desaparece. Você é um diamante agora.

A flor morre, disse Jenny com suavidade. Mas viveu. O diamante não pode fazer nenhuma das duas coisas. Não quero esquecer e a cura me converterá no que nunca quis ser. Os dragões têm todo o tempo do mundo, Morkeleb, mas nem os dragões podem fazer retroceder o fluxo dos dias nem voltar por ele e encontrar o tempo que perderam. Deixe ir.

Não! A cabeça do dragão girou os olhos brancos brilhantes, a larga juba ardendo ao redor da base de seus muitos chifres.

Desejo-te, mulher maga, mais do que desejei o ouro. É algo que nasceu em mim quando sua mente tocou a minha, como minha magia nasceu em ti. Agora que te tenho, não te deixarei ir.

Ela uniu as ancas sob seu corpo e se jogou na vertigem do ar, as asas brancas procurando o vento. Ele se jogou atrás dela, baixando os escarpados cinzas e as quedas de água da Parede de Nast no vento; e as sombras se perseguiam uma à outra sobre as gretas de neve, tintas de azul com a vinda da noite. Agitavam-se como falcões cinza sobre a escuridão da pedra e o abismo. Mais à frente, o mundo estava quieto, atapetado com o brilho do outono, vermelho e ocre e castanho; e das árvores sem folhas dos bosques perto do rio, Jenny via elevar um só fio de fumaça, longe, sobre o vento da noite.

A brancura da lua cheia lhe acariciou as asas; as estrelas através de cujos caminhos secretos tinham chegado os dragões à Terra uma vez e pelos quais voltariam um dia, giravam como uma rede de luz em seus caminhos estendidos mais acima. A vista de dragão de Jenny descobriu o acampamento nos bosques e uma figura sozinha, muito pequena, que arrancava pacientemente omeletes queimadas da frigideira com os livros de um pacote estendidos a seu redor.

Ela girou sobre a fumaça, invisível nas cores do ar e sentiu a escuridão de uma sombra que girava sobre ela.

Mulher maga, disse a voz do dragão em sua mente, isto é realmente o que quer?

Ela não respondeu, mas sabia que, como dragão, ele podia sentir o movimento e as formas de sua mente. Sentiu como Morkeleb se assombrava ante o que via e logo sentiu sua raiva contra ela e também contra algo dentro de si mesmo.

Finalmente o dragão lhe disse:

Desejo-te, Jenny Waynest, mas mais que a ti, desejo que seja feliz e isso não o entendo..., não te quero cheia de dor. E logo, ouviu a raiva que lhe atacava como um látego de nove caudas. Você me tem feito isto!

Lamento-o, Morkeleb, disse ela com suavidade. O que sente é o amor dos seres humanos e é um pobre pagamento pelo poder que me deu o toque de sua mente. Isso é o que aprendi primeiro quando ameí John..., tanto a dor como o fato de senti-lo é melhor que não ser capaz de sentir.

Esse é a dor que te empurra? Perguntou ele.

Sim, disse ela.

Uma raiva amarga soou na mente de Morkeleb como o eco longínquo do ouro que tinha perdido.

Vá-te, então, disse e ela desceu pelo ar, uma coisa de vidro e pontas e ossos, invisível na escuridão suave, cheia de fumaça. Sentiu que o poder do dragão a rodeava com calor e magia e a dor brilhou em seus ossos de maga. Apoiou-se na dor que lhe fundia o corpo como antes se apoiou no vento do voo.

Logo, houve só cansaço e dor. Ajoelhou-se a sós na escuridão dos bosques de outono, com o frio da noite lhe mordendo as feridas recém curadas nas costas e os braços. Através do cinza e o branco dos troncos das árvores, via o brilho vermelho do fogo e cheirava os aromas familiares da fumaça de lenha e os cavalos; os tons chorosos da flauta soavam leves, no ar. O limite brilhante de cor se desvaneceu de todas as coisas; a noite era crua e nebulosa, sem cor, muito fria. Jenny tremeu e se ajustou o casaco de couro de ovelha sobre os ombros. A terra parecia úmida onde a tocavam os joelhos através das saias gastas.

Apartou a cauda escura, enredada de seu cabelo e olhou para cima. Além da copa nua das árvores via o dragão que voava em círculos, somente no oco sonoro do céu vazio.

Sua mente tocou a dele, com um agradecimento maior que todas as palavras. A dor a alagou, uma dor de feridas profundas, e isso e a raiva ante a idéia de poder sentir essa dor.

É um presente cruel o que me deste, mulher maga, disse ele. Porque me separaste que minha espécie e destruístes o prazer de minhas velhas alegrias; minha alma está marcada por este amor, embora não entendo o que é e, como você, nunca poderei voltar a ser o que tinha sido.

Lamento-o, Morkaleb, disse-lhe ela. Modificamos o que tocamos, seja a magia, o poder ou outra vida. Há dez anos teria ido contigo. Mas toquei John e ele me tocou.

Como um eco em sua mente, ouviu a voz de Morkaleb.

Que seja feliz então, mulher maga, com a escolha que fez. Não entendo suas razões porque não é coisa de dragões, mas claro, na realidade agora eu tampouco sou um dragão.

Ela sentiu, viu que ele se desvanecia voando de retorno para o norte vazio. Durante um momento, passou sobre o disco branco da lua, seda esquelética, logo desapareceu. A dor fechou a garganta de Jenny, a dor dos caminhos que nunca tomaram, das portas que nunca abriram, das canções que não cantaram..., a dor humana das opções. Ao liberá-la, o dragão também tinha elegido o que era e o que seria em diante.

Mudamos o que tocamos, pensou ela. E nisso, supunha ela, John — e a capacidade de amar e de preocupar-se com o que John tinha lhe dado— era e seria para sempre, o Vencedor de Morkaleb.

Suspirou e ficou de pé, intumescida, sacudindo as folhas e ramos da saia. As notas agudas, doces da flauta ainda soavam na brisa da noite, mas nelas foi também o aroma da fumaça e o das omeletes que começavam a queimar-se. Passou a capa sobre o ombro e começou a subir pelo atalho para a clareira.

Fim

Barbara Hambly nasceu em San Diego (Califórnia, USA) e se educou na Califórnia, com um breve parêntese de um semestre em New South Wales (Austrália). Especializou-se em História Medieval na Universidade do Riverside (Califórnia), onde obteve um máster em dita especialidade. Também esteve um ano na Universidade de Burdeos. Desde 1978 é cinturão negro de karate, esporte que descobriu durante sua época universitária.

Sua obra adquiriu grande relevância no seio da nova fantasia aparecida nos anos oitenta. Deu-se a conhecer com uma narração de grande êxito popular, que compõe a série conhecida como The Darwath Trilogy, formada pelo THE TEME OF THE DARK (1982), THE WALLS OF AIR (1983) e THE ARMIES OF DAYLIGHT (1983), que narra o entrecruzamento de um mundo fantástico com a Califórnia do século XX. Com AS SENHORAS DO MANDRIGYN (The Incline of Mandrigyn, 1984, previsto em NOVA fantasia) abordou o tema das mulheres guerreiras com um êxito tal que, uns anos mais tarde, publicou uma curiosa continuação titulada THE WITCHES OF WENSHAR (1987).

Uma de suas obras mais interessantes é VENCER AO DRAGÃO (Dragonsbane, 1986) que aborda com grande ímpeto e certa ironia o tema da magia e a luta contra os dragões em um ambiente medieval.

THE SILENT TOWER (1986) e THE SILICON MAGE (1988) compõem uma única narração, fruto também do entrecruzamento de um mundo mágico com a Califórnia dos hackers informáticos do século XX, o que tem feito que seja considerada mais propriamente ficção científica.

Em uma de suas últimas obras, THOSE WHO HUNT THE NIGHT (1988), trata o tema do vampirismo e também se interessou pela recreação literária de lendas clássicas como a Da Bela e a Besta, (BEAUTY AND THE BEAST 1989), esta vez como novelización de uma série televisiva.